

JANUARIO CICCÒ

NOTAS DE UM
MEDICO DE
PROVINCIA

(Critica medico-social)



Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte

DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO

ANTONIO SOARES FILHO

EMPRESA GRAPHICA EDITORA - PAULO, PONGETTI & CIA.
AVENIDA MEM DE SA, 67 - 78 - RIO - 1928

Respectfully Ack. Contents for
Memorandum on
January 21st 1899.

REFLEXÕES

En science, le mot critique n'est point synonyme de dénigrement; critiquer signifie rechercher la vérité en separant ce qui est vrai de ce qui est faux; en distinguant ce qui est bon de ce qui est mauvais.

Claude Bernard.

I

Estou muito certo da inutilidade das paginas que se seguem; fio, entretanto, que em critica scientifica, vale menos aquillo que se não diz. Uma narrativa aproveita, ás vezes, pelo conceito moral que encerra; um episodio abre margem a commentarios burlescos, ou firma principios de moral social. Um estudo nunca é esteril, e a critica aproveita-lhe pelo menos a idéa.

O que se vae ler não é bem um estudo, mas um apanhado de conceitos, entre episodios e observações,

colhidos na arduissima tarefa de um medico de provincia, que ha vinte e um annos arrasta o doce sacrificio de “ver” doentes, e ri da fraqueza humana.

Quando cursamos as escolas, a nossa mentalidade cria uma natureza simples e malleavel, moldando-se ás illusões que borbulham na fogosa imaginação dos nossos vinte annos. E então a vaidade annuncia-se rompendo as difficuldades que se antolham na vida de outros, que já sonharam as mesmas irresponsabilidades, promettendo cada um de nós a cura de todos os casos clinicos e rindo dos que não conseguiram a resurreição.

O “adeus” ás vetustas corporações scientificas, onde não aprendemos talqualmente as lições das suas varias disciplinas, nem assimilamos os conceitos philosophicos dos seus illustres professores, é bem uma lagrima que se deixa molhando os dias que se foram e certamente o inicio das desillusões que amarguram a existencia do clinico.

A tarefa que me coube é a de quantos abraçaram a profissão de curar; não sei, porém, si egual foi a hostilidade. Deus sabe a lucta que se travou entre o meu amor proprio e a minha vontade, e bem haja a paciencia que me deu a coragem de resistir.

A vida real o medico, aquella que se inicia quando se transpõem as velhas Faculdades, é a mais amarga das que poderia imaginar.

O primeiro sonho do medico tem, talvez, alacridade de festas; passam-lhe como num kaleidoscopio todas as alegrias idas, as aventuras sapidas, os vãos

de gloria. Habitudo aos sonhos da vigilia de outr'ora, tudo lhe sorri: a Fortuna ameiga-lhe os cabellos, as Fadas o enamoram com princezas. A noite passa, e a alvorada acorda-o com um claro de sol novo, dissipando-lhe o lusco-fusco do passado. Vem-lhe a hora da primeira consulta, após a longuissima espera do primeiro doente.

Por um defeito immanente no ensino medico no Brasil, entulhado de programmas e sem recursos para a exemplificação, sem laboratorios nem hospitaes, o joven doutor em sciencias medico-cirurgicas conhece apenas pelos livros algumas doenças que teve tempo de passar para as provas de habilitação, e nem uma porque houvesse procurado diagnosticar, pondo em pratica desde os auxilios da anamnese aos recursos da therapeutica.

Sem esse convivio á borda dos leitos, ouvindo historias dissemelhantes, mas muitas vezes com a mesma natureza morbida e origem unica; sem a constante observação de todos os dias, inquirindo e perquirindo, meditando e comparando, ninguem é capaz de, sem sobresaltos no coração, encarar o primeiro doente, impassivel e confiante. Um jovem clinico contou-me o seu primeiro martyrio: chamado á tarde para soccorrer um enfermado de poucas horas, quasi se não manteve de pé, tal a emoção que o dominára. O questionario que fez, as indagações que promoveu e o exame a que procedeu no seu primeiro cliente, de nada valeram para o diagnostico. Parou-lhe o raciocinio, e si receitou alguma coisa, já se não

lembra. Sabe apenas que, á noite, nos seus aposentos, esperou novas do paciente. Não dormiu: o cantar do gallo o inquietava; ao ladrar do cão sentia approximar-se alguém; o sibilar do vento nas frestas parecia pronunciar-lhe o nome. Teve allucinações, e ao levantar-se regorgitou bilis.

A probidade medica induz a esse mêdo, não porque lhe faltassem meios, nem habilidade de forjar um diagnostico qualquer, mas pela incerteza de encontrar no seu primeiro caso uma das molestias do programma passado na escola e a sua ignorancia e o insuccesso do tratamento estabeleceriam juizo definitivo para o grande publico, que é soberano nos seus julgamentos.

Cabe aos professores das nossas escolas grande parte nessa dubitação do joven medico; levam elles os poucos mêses do curso procurando nas enfermarias a raridade dos casos clinicos para exhibirem as suas qualidades de discursadores, em detrimento do que é vulgar, do que se encontra a cada passo, pondo em serias difficuldades o noviço da profissão, que num simples ataque de hysteria vae procurar o Babinski.

Ninguém ignora mais as coisas do que o grande publico, mas ninguém escapa ás suas perversidades. Passava certa vez um joven medico pelas immedições de uma pharmacia, onde uma multidão commentava uma morte subita. Chamado por um dos curiosos, difficilmente o medico conseguiu “ver” o cada-

ver; e porque não poudes dar a causa mortis, toda aquella gente subscreveu a burrice do doutor.

E' assim o seu julgamento.

A nossa vaidade de doutorar os filhos sem lhes consultar as tendencias, provocou a plethora das incapacidades, em detrimento da riqueza nacional, deixando os nossos campos incultos e empobrecidos, e d'ahi parte o conceito concedido pelo povo aos Knocks modernos.

Conheço uma creatura arrastando difficuldades, em cuja alma de artista fluctua uma fulguração, que á falta de especialização torvelinha no marasmo de uma profissão ingrata.

Não ha na historia demonstração de que a herança haja feito partilha do talento entre os descendentes do genio; a evolução humana tem contribuido de todo modo para o aperfeiçoamento das qualidades innatas á especie, e á medida que se desenvolvem as aptidões, o engenho cerebral aguça a intelligencia neste ou noutro sentido, aperfeiçoando os attributos de cada um. E' possivel a um sapateiro de profissão montar um relógio, e fal-o-á talvez com acerto, contando com o tempo para lhe regular os ponteiros.

Na esphera da intelligencia não basta a vontade para vencer.

A escola, o apprendizado e o exemplo são elementos de grande monta para a especialização; mas do mesmo educandario sahemos sabios e ignorantes. O artista que levou dias a fio modelando as obras

que a escultura copia hoje nos muzeus, e nas quaes parece só faltar a alma para a verdadeira humanização, “seria incapaz de escrever as phantazias de Wagner”.

O genio é obra do acaso, um mysterio medrado quasi sempre no meio da humildade. O homem vulgar é que é o producto normal, indo aos tropeços pela vida á fóra e despreoccupado tanto de si que nem vê a sombra do ridiculo que o acompanha. Faz elle a maioria, quasi a totalidade dos seres pensantes; e no turbilhão da lucta pelos meios de subsistencia forja posições, urde intrigas, mente á sua propria consciencia, tregeita-se ás vantagens do lucro indebito, hostiliza e acoberta uma falsa modestia com os seus esgares de lobo civilizado.

O homem normal, sem herança morbida nem taras, ainda não veio á terra. Os disturbios da genese accentuam falhas no synchronismo organico, reflectindo-se ora no systema da corticalidade, e creando typos inadaptaveis, ora travando a physiologia deste ou daquelle outro systema, creando o hypo-funcional.

A selecção, em especie, seria o refinamento de qualidades, atravez a diluição millenaria de gerações; e o caldeamento de typos superiores deveria quintessenciar o homem, creando o hypercivilizado; mas “a propria essencia degenera, de começo pelas predisposições e por fim pela desharmonia, isto é, pelo conjuncto de defeitos hereditarios ou adquiridos, trazendo novas aptidões morbidas”.

Lombroso vê nas prisões e na sociedade o criminoso e o criminaloide, e por causas ennumera os factores communs ás cardiopathias e ás degenerações. Ora, a syphilis, o alcoolismo, os vícios elegantes e ainda mais a miseria sob todas as formas, fizeram o homem contemporaneo com uma mentalidade tal, que se lhe desvirtuaram todos os traços de normalidade.

Taine chamou “a saúde do nosso espirito, como a saúde dos nossos órgãos um bello accidente”. E, na verdade, quem se julgasse tão bellamente accidentado e pudesse estudar as acções humanas nas suas mais exquisitas exteriorizações, veria talvez que a saúde cerebral pede meças á normalidade, tal a sua multifaria desvirtuação.

Sabe-se que a selecção faz a elite e desta adveem as capacidades. Ora, a selecção pede a proliferação da especie, e na modernidade do momento, em que todos batem palmas ao neo-malthusianismo, de par com factores morbidos que minguam as possibilidades de hygidez, o indice mental desce na proporção da fallencia individual.

As causas degenerativas excedem á nossa previsão; e si é certo que até as proprias estações agem differentemente sobre psychismo, o calor, por exemplo, fomentando revoluções e assassinatos, onde está o homem hygido, vindo de uma ancestralidade morbida, andrajosa de taras, heranças, vícios e maus costumes, em cuja estrutura cerebral as impressões cavam alterações profundas e ás vezes irreparaveis?

Por sua vez, e para confirmar, sabe-se que as raças altamente civilizadas perdem, por fim, os seus caracteristicos physio-psychicos, tecendo nevropathias e degenerações do proprio typo, voltando a especie á primitividade dos ascendentes, si não á morte da propria raça.

II

Não sou dos que pensam que o homem já atingiu o gráo maximo de civilização e começa a descer numa vertigem de ave ferida; não, e até lá sonharão muitos seculos de gerações a famosa cubiça da senescencia.

A universalidade dos conhecimentos actuaes não nos informa com segurança si hontem foi maior a cultura humana; e não indagarei aqui si o mundo teve civilização mais adeantada do que esta, na qual o homem morre, em media, aos 45 annos; não investigarei si os preceitos de Hippocrate, ha longuissimos annos divulgados, caracterizam ainda agora restos de uma cultura involuida até a epocha do pae da medicina actual; não discutirei si a prehistoria esconde no impenetravel de cidades desaparecidas ou de ilhas abysmadas a quintessencia da Sabedoria. O que todos sentem neste seculo de odio universal é que a civilização de ha tres mil annos tem ainda agora segredos que a nossa cultura não

desvendou; que as artes de outr'ora continuam ofuscando tudo quanto se tem construido até hoje; que a sciencia do hontem millenario alicerçou principios irremoviveis e sobre os quaes assentamos as nossas affirmações; que a medicina, apparelhada hoje de installações custosas, confirma pelos seus laboratorios as sentenças hippocraticas, proferidas sem o auxilio dos raios X e do ultra-microscopio; que a sciencia medica vive na esphera das hypotheses, quando a luz da experimentação nada elucida e tudo é penumbra; que a vida em si está presa a um simples fio de ar num complexo de funcções.

E porque esse egoismo de pretendermos ser os unicos de visão clara, si nos falta ainda tanta luz para vermos melhor?

Indague-se da historia de todos os tempos, quer decifrando hieroglyphos, interpretando parabolos, ou traduzindo textos, e ter-se-á o liame que nos prende áquellas civilizações, legando aos nossos dias os proventos da sabedoria antiga. Aqui e alli um encadeamento logico abre caminho ás maiores conquistas do seculo actual, e outras vezes sente-se o homem nivelado á mentalidade das gerações remotas.

Hippocrate descreveu a forma terçã do paludismo e determinou-lhe a natureza nos "maus ares dos pantanos"; e de lá aos nossos dias a sciencia hodierna descobriu-lhe o protozoario, estudou-lhe a evolução na anophelina, o seu giro no organismo humano, as desordens no synchronismo organico, as

lesões anatomo-clínicas e as alterações physio-pathológicas; descobriu-lhe o específico, mas de balde procura remover entraves, si lesões parenchymatosas reflectem no endocrinismo e desequilíbrio vital.

O cancer foi conhecido desde os começos da vida, e a paleontologia regista o esteo-sarcoma entre os males que attingiram os viventes da prehistoria; e ainda hoje um mundo de trevas esconde a etiopathogenia dos neoplasmas.

O celebre Luiz XI escreveu ao prior da NOTRE DAME DE SALLES, a conselho do charlatanismo da epocha, pedindo rogar áquella Santa os beneficios da febre quártã, pelas virtudes de curar a epilepsia, de que soffria o salafrario. Os seculos passaram, e a cura do mal comicial continúa uma grande interrogação. E mercê do nosso adeantamento, confrontamo-nos hoje com a Edade Media, tomando-se a terçã benigna para curar a paralyisia geral.

O ouro potavel dos tempos alchimicos circula agora no sangue de quasi todos os adoentados febris, e li algures a sua applicação intersticial nas neoplasias do seio.

A endocrinotherapia, vivida pobremente nos tempos de Claude Bernard e resurgida por Brown Séquard, dormiu longos annos de indifferenças; e si nos reportarmos a edades anteriores, encontraremos a pratica de preceitos scientificos vinculados na pedra, cujo empirismo não pede meças ás razões da sciencia de hoje.

O calor da formosa israelita Abisag de Sunam foi o efflúvio vitalizante que os servidores de David encontraram para a velhice do seu senhor; e ainda é crença entre alguns povos que as creanças não devem dormir com os velhos, que lhes tiram o vigor e a mocidade, como entre os Gregos e Romanos de priscas eras acreditava-se que a halito das virgens tinha poder rejuvenescente.

Os medicos de 1700 firmaram principio de que naquelle halito havia certa materia prima em estado de pureza capaz de infundir calor e vida. Em torno de todos estes problemas, só o instincto de conservação, o mêdo da morte tem levado a humanidade a essa sofrega inquietação pelo dia derradeiro e menos pela juventude nas suas multiplas manifestações.

A eternidade que os Egypcios sonharam, conservando a forma humana para a promettida resurreição, lembra a lucta que se trava a cada instante no mundo e que se succede desde a morte de Caim, sem o remedio para os males terminaes, quer se conseguisse o "orvalho do céu" promettido por Izacc a seus dois filhos, ou o elixir que se preparou na Edade Media com o sangue, cuja força promettia levantar os moribundos na hora extrema.

A hemotherapia multiseccular, usada por Luiz XI, que mandou, prestes a expirar, sacrificar um pobre homem para beber-lhe o sangue, certo de que lhe voltariam os nefastos dias de concupiscencia, teve larga fama no conceito da sciencia antiga, como entrou agora na pratica dos nossos recursos thera-

peuticos, si não para rejuvenescer, pelo menos para supprir o deficit intra-globular; e taes promessas offerece que se transfunde o sangue na hora final. e dizem que a resurreição justifica o seu emprego, como se o injecta para a cura de varias molestias, cujas razões scientificas se baseiam no mesmo empirismo de eras remotissimas, attingindo os seus resultados ás raiaes do milagre humano.

Não indaguemos demais a historia para recordarem-se empiricos aphorismos, cujos textos não explicam os ancestraes da medicina, nem hemos dito a ultima sentença na hora que passa.

O endocrinismo é neste instante o substracto da propria vida, de cujo synchronismo depende a physiologia, a todo instante á mercê da concepção dos experimentalistas.

E', não ha duvida, outro modo de se lutar contra as effrações do metabolismo, procurando-se jular disequilibrios, que ameaçam a vida. E, na verdade, é tão seductora a troca que se estabelece entre o trabalho dos diversos orgãos, cada um fabricando um producto para lançal-o na torrente circulatoria, que por sua vez o leva á intimidade de aparelhos ou systemas, para a synergia intra-globular, que rareia por enquanto uma controversia firmada em razões seguras de contestação. Todavia o insuccesso da endocrinotherapia vem antes firmar descredito na extração dos hormos, que negar a relação vital das secreções internas; e oxalá possamos enriquecer a sciencia com a verdade que se promette ao equilibrio

funcional da mysteriosa organização viva, dando-se-lhe o necessario para a estabilização da hygidez. Por enquanto falham as promessas, e á medida que os industriaes da endocrinotherapia enriquecem, continúa na perspectiva de melhores dias a velha humanidade, tão infantil nas suas crenças, acreditando tanto nos amuletos quanto na fallaz doutrinação das bullas que reclamam os opos e theriágas.

Este chaos, esta confusão e esta incerteza trahem a verdade scientifica, fazem a desconfiança, nivelam principios oppostos, mystificam, tornando a arte de curar uma seára onde todos pontificam multiplos credos. Salva-nos a certeza, porém, de que não é a sciencia a fallida, mas os seus interpretes, a quem falta a verdadeira intuição da mais difficil e da mais admiravel sciencia, cujo objectivo anda pelas alturas de uma divindade.

Abordando-se mais de perto a endocrinologia, sente-se a incerteza da finalidade, ainda que o principio director paire acima do desanimo dos experimentalistas.

Lendo-se Dartigues, no seu livro sobre "La Greffe de Revitalisation Humaine", calcado nos processos do famigerado Voronoff, colhe-se a mesma incerteza quando elle se refere a essa queixa humana contra a velhice antecipada.

Prêza como está a vida a esse equilibrio entre a secreção dos hormonios e a sua intromissão na physio-pathologia, modificando a cerebralidade humana e a sua plastica, fica-se pasmo como as para-

thyroides, por exemplo, quasi microscopicas, exercam papel tão preponderante na physiologia, de cuja diminuição de potencial advenha para o organismo uma queda bulhenta ou a desharmonia final.

Para Dartigues a directriz capaz de redimir o homem da immensa culpa de uma vida breve, cifra-se na cultura physica, myogenica e plastica, na desintoxicação organica e na endocrinotherapia compensadora, sendo a velhice a resultante da sedentariedade, da insufficiencia de exercicios e, em particular, do exaggero do trabalho intellectual; a intoxicação produzida pela superalimentação improporcional, trabalhando a arterio-sclerose e por vezes o exaggero do trabalho physico agindo sobre o psychismo, entendendo que “o homem deve durar com saúde, força e intelligencia”, productos da synergia interglandular, isto é, dessa elaboração vital de principios, cuja fabricação se inclúe no segredo do mel das abelhas, secretado por um mysterioso trabalho da machina humana, e cujo desregramento importa na anarchia dos systemas endocrinogenos, quer se exceda a glandula no seu afan, quer diminúa o seu producto de elaboração.

A glycogenia foi prevista por Claude Bernard, como funcção hormopoietica do figado e desconhecida dos observadores d’antanho; e ninguem ha hoje que possa negar a preponderancia daquella funcção no metabolismo, vindo provar o valor no synchronismo vital.

Para manter esse rythmo endocrinogeno, seria mais justo apurar as qualidades dos elementos, refinar o material para as futuras elaborações, cuidando-se de proteger a biogenese humana, assegurando á especie as mirificas premunições da senescencia, do que enveredar a gente pela chimiotherapia, de resultados ás vezes inseguros, nefastos outras, apesar das provas de exito num crescido numero de observações.

Pretender curar o basedowismo, concertar a acromegalia, effeito da hypertrophia do lobulo da hypophyse, ou o nanismo, resultante da insufficiencia daquelle lobulo, pela hormotherapia; curar a deficiencia renal pela renina; tratar o addisonnismo pelos extractos organicos; promover a secreção lactea pelo hormo-hypophysario, ou peor ainda, pelo extracto placentario; imaginar a cessação dos vomitos incorciveis da gestação pelo sôro hormocietico, se me afigura tentativa superior aos nossos conhecimentos actuaes, dada a nossa ignorancia sobre a regularização intima do trabalho endocrinogeno, do qual depende a harmonia do conjuncto; e essa segurança do rythmo está presa a quantidades precisas e á força nascente do producto elaborado e tangido pela circulação á vida do complexo organico, o que jamais a industria conseguirá.

Em endocrinologia nem o cerebro é autonomo, precisando do auxilio das diversas glandulas para a normalização da vida superior.

A experimentação dos physiologistas extirpan-

do a hyroide ou outra qualquer glandula, prova apenas a importancia dos seus hormonios na vida cerebral; mas ninguem ainda conseguiu, de facto, curar a cachexia estrumipriva, sendo impotente a vasta therapeutica e nenhumamente capaz o homem de promover na substancia viva essa reacção chimio-biologica mantenedora da integridade bio-dynamica.

Os sabios deste seculo veem provando, dia a dia, á luz das experiencias e dos factos, sempre e cada vez mais, a grandeza da nossa ignorancia, quando pretendemos dominar a vida, refreando os seus desequilibrios, ou prolongando os seus dias á custa das seducções das bullas que exalçam virtudes therapeuticas de productos glandulares, cujo poder miraculoso incide na esphera da suggestibilidade do povo, que tambem vê no curandeiro o milagre do restabelecimento de funcções ha annos supprimidas, apenas com algumas gottas dagua adulçorada.

As minhas homenagens á sciencia medica attingem os limites supremos; as graças concedidas á humanidade, desde Pasteur aos mais novos investigadores, de cujos trabalhos nasceu quasi toda a pathologia actual; a somma de beneficios, o legado precioso que os governos adquiriram de taes estudos, organizando a defeza collectiva contra a morte nas epidemias de outr'ora e nas endemias actuaes, erigindo um templo unico para todos os povos adorarem a mesma deusa, fazendo da Hygiene a redemptora da humanidade, bastam como o maior penhor da civilização contemporanea.

III

Os trabalhos de Gley abriram novos horizontes á physiologia, surprehendendo manifestações da dynamica intra-cellular, no que se fere ao endocrinismo; e argamassada nas mesmas theorias, a endocrinotherapie deu azas á cirurgia, levando o espirito sonhador de Serge Voronoff ás observações que illustram o seu "Querente trois greffes du singe á l'homme". E partindo das affirmações de Brown Séquard á endocrinotherapie destes dias, pode observar as transformações plasticas dos eunuchos e eunuchoides, levando as suas experiencias ao restabelecimento de funcções apagadas ou extinctas, integrando o systema pluriglandular pelo enxerto equivalente.

Discipulo daquelle illustre sabio, Dartigues encarga-se de provar á saciedade a verdade endocrinogena, como factor de revitalização, firmando na hormotherapie cirurgica o grande elemento para a senescencia. Todavia estabelece elle a coadjuvação physica e a desintoxicação organica, constituindo assim uma trindade salvadora.

Atravez das paginas do "La Greffe de Revitalisation humaine", Dartigues põe-se em contacto com a natureza, analisa os factores que apressam a morte do homem e proclama os seus direitos á longevi-

dade, calcados nos principios directores da eugenia, da hygiene e do enxerto.

Parecerá a quantos lerem a obra de Dartigues que o notavel escriptor promette a mocidade aos velhos e envelhecidos, apenas com a homeogreffa, cujo harmonio bastaria para o equilibrio fundamental da vida, attribuindo á glandula sexual a faculdade de excitar o trabalho do complexo endocrinogeno.

A attitudo dos velhos animaes das suas celebres experiencias, como o bode taciturno das provas do seu livro, indifferente ao mundo de amor que lhe offereciam as companheiras de campina, bem como a do carneiro entristecido, tempos depois tornando-se ambos alegres e fecundos, mais edosos e mais moços, após o enxerto revitalizador, reafirmam o poder do harmonio na synergia organica, pondo em certo equilibrio a vida das outras glandulas, sem comtudo garantir a longevidade, o sonho e a cubiça da humanidade.

Passando áquellas experiencias ao homem, em velhos de 73 annos, gastos e alquebrados, readquiriram elles mocidade notavel, melhorando as suas aptidões e funcções. Mas nas provas acima, em animaes e no homem, nem Voronoff nem Dartigues fizeram referencia ás outras glandulas de secreção interna, como não nos disseram o estado do coração e dos outros órgãos dos revitalizados; donde se poderá concluir que o harmonio sexual bastará para manter relativa virilidade em alguns casos, sem as prerogativas da mocidade, ficando em primeira linha a phy-

siotherapia e a desintoxicação, postas em plano secundario por Dartigues, como elementos seguros de longevidade.

Não ha duvida que a transformação operada nos eunuchos, na plastica e nas aptidões, os resultados que a pecuaria aufere da desvirilização dos animaes de consumo não escondem o poder formidavel do hormonio sexual na estatica animal, podendo-se pelo enxerto transformar decahidos organismos em validas actividades.

Deixemos sem resposta as arguições sobre a hypo ou hyper-funcção das outras glandulas; ponhamos á margem a incidencia dos infinitamente pequenos na desharmonia organica; esqueçamos que as taras e heranças cançam e malformam a especie, para nos louvarmos na cirurgia, que já “curou” o myxoedema com o enxerto da pituitaria, conforme nol-o diz o Dr. Dartigues, e na esperança de que tudo dependa da extratificação dos hormonios.

Até agora nem a hormotherapie, nem a vasectomia conseguiram abalar as experiencias da cirurgia do rejuvenescimento Voronoffeano, talvez pelo pseudo-empirismo que ainda domina a sciencia endocrinologica, referentemente ao modo de preparação dos hormonios, sacrificados por agentes physicos, pela indeterminação da glandula soffredora e incerteza das quantidades precisas para o metabolismo.

O que não admite duvidas é que a homeogreffa continúa abrindo luz a conquistas mais efficientes, porque já fez as suas provas a revitalização, sendo

lamentavel que o homem, a dador por excellencia, seja o mais sujo dos animaes, tornando a homogeffe inacessivel, pelos perigos de transmissão de varias molestias.

Si a organotherapia, bem como a heterogreffe não acudirem á humanidade nos seus sonhos de longevidade, a “mocidade” dos velhos será uma conquista apenas dos afortunados, pagando-se pela homeogreffe o preço excessivo de um anthropoide.

Por enquanto, restam-nos como elementos de combate á presenilidade vivermos com a natureza, sob arvores e céu, colhendo fructos e nos banhando em sol; aprendendo com a animalidade a desintoxicação pelo movimento e pela força; aproveitando os conhecimentos humanos para manter-se um nivel de saúde constante e duradouro; preparando-se a mentalidade infantil para o dominio das paixões, ensinando-se-lhe os principios directores da sua regencia; cultivando-se a creança na escola com o interesse da successão, dando-se-lhe todos os conhecimentos dignos da especie; mostrando-lhe os perigos immanentes na natureza humana; instruindo-a no principio bazico da felicidade terrena, que é a saúde do espirito em corpo são; cultivando-a no doce amor da fraternidade, para dar aos pobres da Escriptura um quinhão de bondade; incutindo-lhe nalma a grande verdade de Deus, creando o homem para a feitura do Bem; iniciando-a nos credos da Hygiene, a força mais titanica dos conhecimentos humanos e por si só capaz dos milagres da perpetuidade. E não

por essa instrucção que se distribúe agora á infancia dos nossos dias, estuante de prosaismo esteril, ministrada pelas incapacidades doutoraes, e ainda menos pelos methodos de combate ás causas da nossa decadencia physica, guindando-se á direcção de collectividades os cegos mentaes, que bem aproveitados dariam, talvez, soffríveis graxeiros.

A educação sanitaria, cujos preceitos deveriam constituir assumptos de leituras e provas escolares, de par com os varios prolegomenos da cultura humana, iniciando-se a creança na sciencia da vida, ao em vez desse suplicio heteroclito de se lhe embotar a razão com o papaguear de arengas poeticas e queixumes de amor, seria o caminho mais curto á longevidade, levando uma existencia saudavel a extremos de seculos.

MEDICOS E CHARLATÃES

O medico, no seio de sua familia, é o mais sabio dos doutores, exceptuando aquelle de proxima cidade, que foi julgado inferior a um jumentinho que pastava no pateo do engenho, quando um cliente pedira informação de sua capacidade ao pae do celebre doutor. Tirante aberração de tal gemma, cada um de nós é oraculo na familia; e embora a legislação brasileira não se tenha occupado da responsabilidade do filho como medico assistente do proprio pae, a ethica medica aconselha declinar para outro profissional a assistencia aos seus. Entretanto, tantas vezes ao pobre medico se deparam situações difficeis, que assume um dia a direcção de um tratamento na sua propria casa; e quem já o fez em caso grave bem pode avaliar de quantos martyrios se enchem as horas, que custam a passar, e como são longas as noites á cabeceira dum pae, duma querida mãe, uma esposa amantissima, uma filha idolatrada.

Si já as tive, e quantas! Ainda me lembro da primeira vez em que me vi atado ao posto do sacrificio,

velando madrugadas inteiras uma longa molestia, gemendo a dôr commum, sentindo talvez mais do que o paciente e aprendendo sobre tudo a ser reverente ao soffrimento humano, e não rir jámais das amarguras alheias.

O “Jornal dos Clinicos”, de 30 de Janeiro de 1926, publicou o notavel discurso do sabio professor Dr. João Garcêz Fróes, proferido na solemnidade da collação do gráo dos doutorandos daquelle anno, no qual o insigne mestre traça a vida profissional do medico com illuminuras de um quadro de artista, firmando os principios basicos de suas attribuições na sociedade, concitando ao mesmo tempo os seus jovens discipulos a trilharem brilhantemente a mais nobre das profissões, sabendo cumprir o mais sagrado dos deveres.

Seja-me licito, falando do notavel mestre, e antes de commentar as suas palavras, render-lhe aqui as mais sinceras homenagens á sua vasta cultura medica e tributar-lhe os meus agradecimentos pela orientação que me traçou, quando seu alumno, de 1903 a 1906, de cujas lições sirvo-me desde que transpuz as portas da velha Faculdade de S. Salvador e que tanto bastaram para a construcção da clinica que consolidei nos meus vinte e um annos de exercicio.

E agora deixem-me dizer dos deveres de que não quiz falar o mestre, tratando de nós mesmos, pondo desnuda a nossa alma, expondo as nossas falhas, os nossos defeitos e a nossa bondade.

A' parte o sacrificio do "vilipendiado medico da roça", como nos classificou o Dr. Fróes, "em cujo saber ninguem quer acreditar", e a todo instante assediado pelos trabalhos da polyclinica; sem hora certa para o somno, nem vagares para cuidar da sua pessoa, assume elle compromissos multiplos com a sociedade, sem direitos á reciprocidade dos deveres.

Quando a saúde publica periclita, ou as condições de um cliente em evidencia se agravam, os olhos da sociedade chispam interrogações de todos os lados e ninguem perdôa nem cala si a cidade foi tomada por uma epidemia, ou si a morte terminou os dias do cliente afamado.

Lembro-me quando Carlos Seidl, á frente da Saúde Publica Federal, em 1919, porque não foi possível evitar em parte alguma a invasão da gripe epidemica, teve de se defender pela imprensa official das accusações que o povo e a classe medica levantaram contra a sua administração, terminando por se demittir do cargo que vinha occupando com o mesmo brilho dos seus antecessores.

Pela mesma conta corre a morte do cliente de destaque social, depois de ter o seu medico assistente empregado todos os recursos a seu alcance para restituil-o á actividade, sacrificando muitas vezes a sua propria saúde; e são, de ordinario, os collegas os incumbidos da difamação que se espalha, celere, pela cidade ou aldeia, de que a morte do notavel cidadão foi resultante dum erro de diagnostico.

Quantas vezes tenho ouvido censurar-se um me-

dico por culpas que lhe não cabem, e por quantas terei sido accusado, depois da lucta que travei com a molestia terrivel?

Andava eu no primeiro anno de clinica de aldeia. Durante o meu modestissimo curso de medicina, consegui a admissão interina no internato de cirurgião, cadeira do Dr. Pacheco Mendes, e a effectividade no de clinica medica, do Dr. Braulio Pereira.

Com uma certa inclinação para a cirurgia, sempre que se me offerecia ensejo assistia ás mais variadas intervenções cirurgicas praticadas no Hospital de Santa Izabel. Contando, pois, com uma certa orientação medico-cirurgica, pelo habito de lidar durante quatro annos com os doentes daquelles professores, e iniciando-me assim na vida publica, foi sem difficuldades que annunciei a pequena cirurgia, sendo uma polypotomia a minha primeira intervenção e, para satisfação intima, no meu proprio pae, de quem extrahi 22 polypos mucosos, em três secções.

Esta passagem commova-me, porque lembra os meus primeiros dias de medico sob o tecto amigo do meu pranteado pae, a quem devo tudo que sou e a quem a morte levou quando elle mais precisava de mim e eu delle.

Pelo exito daquella e de outras intervenções, muitos clientes se succederam, e ainda vive em Ceará-Mirim uma distincta senhora que durante dez annos soffreu as torturas de uma cephaléa, que zombou de toda a therapeutica.

Certa manhã recebi-a no meu consultorio; trazia

a impressão de quem acabara de chorar. Contára que não dormia; de pé ou deitada partia-se-lhe a cabeça; gemia os dias e velava as noites em dôr; alimentava-se soffrendo e cuidava do lar chorando. Procurára já recursos para o seu martyrio, e vinha por fim ouvir tambem o principiante para não exceptuar nenhum medico da provincia.

Ouvi-lhe toda a historia, examinei-lhe orgãos e sentidos, quando na fossa nasal esquerda percebi extranha hypertrophia da mucosa do corneto superior, cujo volume dava a impressão de um fibroma comprimindo o sinus frontal. Aconselhei a intervenção, e a ressecção do referido corneto trouxe a cura quasi immediata dos males de dez annos, com a surpreendente felicidade de não estar suppurado o sinus alludido.

Innumeros outros doentes da especialidade conseguiram o restabelecimento, até que um dia me veio ás mãos um cliente de certa evidencia, queixando-se de anosmia, rhinorrhéa, raras epistaxis, obstrução unilateral do nariz, dôres vagas, parecendo-lhe ver qualquer coisa extranha na narina affectada.

A' rhinoscopia anterior, vi facilmente no septo nasal um pequeno tumor sessil, accessivel quasi á inspecção desarmada, do volume de uma grão de milho, vermelho, não ulcerado, mas sangrando ao menor contacto do estilete.

O diagnostico dos tumores nazaes não é sempre facil; e não dispondo de laboratorio para um exame anatomo-pathologico, julguei suspeito de malignidade

o neoplasma, apenas pela circumstancia de sua séde e por sua friabilidade, si não quizesse levar em conta os caracteres anatomo-clinicos. Ora, o perigo desses tumores está na sua tendencia á invasão rapida, podendo o doente morrer bruscamente pelo comprometimento do cerebro.

Nesse tempo não existia a electro-therapia penetrante, nem o radium fazia parte da nossa famosa therapeutica; e sabendo-se que o exito do tratamento destes tumores está na precocidade do diagnostico e immediata intervenção, não vacillei em aconselhar a operação, tanto mais quanto era pequenino o neoplasma, enucleavel facilmente e accessivel pela narina. Em taes condições a indicação foi acceita pelo doente, conseguindo eu facilmente a exérese com a pinça de Schaeffer, sustando a hemorrhagia á compressão e á adrenalina. Nos dias immediatos completei o tratamento pelas cauterizações repetidas, deixando o doente tão satisfeito que, além do honorario do nosso contracto, recebi mais uma gratificação pelo exito operatorio.

Alguns tempo depois a reproducção do tumor, *in loco*, tirou o socego do meu operado, que sem perder tempo foi ao Rio de Janeiro, onde um operador afamado submetteu o doente á operação de Ollier, para jugular a invasão do processo morbido ás fossas nazaes posteriores, vindo o desditoso a fallecer poucos dias depois, em consequencia do shock operatorio e hemorrhagias secundarias.

A repercussão de sua morte arrastou commen-

tarios desfavoraveis a meu respeito, attribuindo-se á reproducção do tumor á minha impericia, operando mal, ou operando sem indicação.

Não sei si deva inferir dessa difamação alguma responsabilidade do medico que operou na “recidiva”, porque é improbidade profissional attribuir ao collega o que é intrinseco á incurabilidade das molestias, principalmente aquellas das quaes o homem ainda não pode penetrar os segredos, havendo além do mais a vantagem illicita de affastar o concorrente; ou si por taes coisas responsabilizar os que aqui procuravam, naquelle tempo, cercear o meu raio de acção.

Faz muitos annos que isso foi, e ainda conservo a minha consciencia tranquilla, e certo de que o exito do tratamento do cancer continúa firmado na precocidade do diagnostico e immediata exerése; e tanto o caso era operavel que o festejado cirurgião carioca não hesitou na segunda operação; ou, então, erramos ambos, sendo mais acertado deixar o tumor evoluir e chegar ao mesmo resultado. Mas a offensa mais grave não foi essa de se propalar a minha responsabilidade naquella morte, coisa tão commum aos medicos quando lhes morrem os doentes, e sim ter eu ouvido de um caxeiro de “venda”, viajando certa vez num vagon da Great Western, que eu matára aquelle operado.

Isso foi nos meus primeiros tempos de clinica, quando me bloqueiavam o caminho até os proprios collegas.

Esqueceu-se o Dr. Fróes de relatar aos seus

discipulos, no seu memoravel discurso, a gana de que se enche a alma dos veteranos quando um philisteu invade as hostes privilegiadas.

Lembro-me ainda, nesse mesmo tempo, quando chamado para acudir a um cliente de outro medico, que não fôra encontrado na occasião, fui ter com o pobre enfermo luctando numa crise de uremia convulsiva e a familia do moribundo numa afflicção terrivel; e quando examinava o paciente, o esculapio assistente entrou e ouviu de mim as razões de estar á cabeceira do pobre rapaz, recebendo eu do collega doestos que a compustura mando não repetir, e aos quaes nada respondi pelo respeito que devia ao moribundo e a mim mesmo.

Tambem esqueceu ao illustre professor bahiano preceituar aos seus alumnos umas regras de ethica medica, si não umas lições de educação.

Certa vez tratava eu de um amigo e compadre, seriamente atacado de typho, em cuja casa salvára dois filhinhos seus.

A despeito do meu interesse pelo restabelecimento do querido enfermo, fazendo-lhe diariamente as visitas que julgava necessarias á bôa orientação do tratamento, convocando até conferencia, quando uma manhã, ao penetrar no sitio do meu pranteado cliente, fui “esbarrado” por um seu parente, que me intimou a não penetrar nos aposentos do enfermo, porque, haviam, elle e não sei mais quem, convidado outro medico “para salvar” o desditoso môço.

Fazendo sentir ao impetuoso cavalheiro que fa-

ria apenas uma visita de amigo, entrei, dirigi, por coisas, a palavra ao novo assistente, e sem lhe ouvir a resposta, retirei-me, desejando o bem estar daquela gente, que ia perder o chefe de numerosa familia.

Convém concertar esta historia para ficarem destacados dois procedimentos.

Si fosse coisa que valesse a pena, eu revolveria os meus alfarrabios e lá encontraria, precisamente anotado, o dia em que aquelle cavalheiro gentil, o mesmo que me despediu da assistencia do meu compadre, entrou quasi cachetico no meu consultorio, banhado em lagrimas, cheio de soffrimentos, vindo já das mãos do medico que me substituiu á cabeceira do seu parente.

Contou-me elle que havia dois annos vinha arrastando uma vida de padecimentos: dôres lancinantes e continuas no estomago torturavam-n'o sem treguas; de começo conseguia ingerir frugal alimentação liquida, e á medida que se passavam os dias de impaciencia e as noites de vigilia, a intolerancia gastrica foi-se accentuando de tal modo que a propria agua regurgitava, causando-lhe maiores dôres; e era aquelle o seu estado, o de uma mumia falante, extenuado e quasi morto, vivendo apenas o espirito do homem acostumado a muitas luctas, num organismo de grandes resistencias. Passou-me em seguida ás mãos umas cem formulas de doutores e charlatães, todas com a mesma finalidade, catalogando-se no tratamento da ulcera gastrica.

Colhidas as informações que entendi necessa-

rias, fiz-lhe o exame que me pareceu essencial e prescrevi-lhe a therapeutica que em caso identico salvou um cliente de Miguel Couto.

Não quero allegar aqui razões scientificas para justificar o meu criterio no tratamento que estabeleci; basta dizer que não tinha ulcera nem cancer, nem era um tabido o mal agradecido cliente, e após as primeiras injecções que lhe prescrevi cessaram por uma vez os seus soffrimentos, até agora. Pois bem; foi esse beneficiado pela minha prescrição que promoveu a minha substituição no tratamento do meu infortunado compadre, por modos tão fidalgos que já-mais esquecerei essa generosa retribuição aos meus serviços.

O outro procedimento. E' muito corrente em deontologia a inteira liberdade do cliente na escolha do seu medico, como é muito da ethica medica o dever do collega de não se intrometter clandestinamente no tratamento de um doente assistido.

E' bem verdade tambem que o medico não adquire nenhum direito de propriedade na sua clientela domiciliaria; mas a tradição criou uma especie de privilegio, mantido e respeitado por toda a classe e em todos os tempos, salvo vontade expressa do doente, sendo do consenso universal exigir-se dos medicos esse tratado de respeito á clientela de cada um, pelas razões firmadas no uso de ser a mesma pessoal e duravel.

Ainda não confessei os meus peccados, mas devo affirmar já-mais ter-me intromettido clandestinamen-

te ou me insinuado no tratamento de qualquer clinico, sendo aliás notorio que não visito doentes de outro medico sem sua licença, ou por vontade expressa do enfermo.

Por uma deferencia especial a certa ordem religiosa, prestei meus serviços a um educandario durante muitos annos, com muita dedicação e nenhum interesse, porque sempre recusei remuneração.

Certo dia fui convidado a ver uma doente, que havia mais de uma semana se prostrara e tratava-se com outro clinico, sem que eu soubesse, nem fosse de minha visita informado o assistente.

Até hoje, e faz muitos annos tambem, nunca mais voltei áquella casa, por minha exclusiva deliberação, apesar de ter sido convidado varias vezes a reassumir a direcção dos tratamentos naquelle estabelecimento. Não sei trahir, e estou contente com a minha attitude, fiel aos principios de deontologia.

Ao iniciar estas considerações, disse que o medico assume com a sociedade compromissos, que são reciprocos, e cujas obrigações obedecem a regras de conducta da propria moral profissional.

Não ha realmente nenhum codigo escripto, traçando o caminho por onde cada um de nós trilhe a recta do dever, se não aquelle bem trabalhado pelo character, coisa que se não compra nas mercearias e nem se adquire nas Faculdades, constituindo uma honra para quem o possúa, porque nobilita ainda mais o lar que o formou.

A tradição é que consagrou esse respeito que de-

vemos uns aos outros, como uma necessidade de viver, e a moral social o defende como um principio de ordem e disciplina mental, exigindo apenas de cada um de nós honestidade e trabalho.

Trabalhar, porém, pela organização da sua clientela, honestamente, conquistal-a á custa do esforço, do estudo, da abnegação e da observação constante, não equivale a esse assalto á credulidade publica, com reclamos de curas milagrosas, communicações ás academias de famosos processos de tratamento; rebaixamento de honorarios e receitas a prestação; convites á imprensa, de casa em casa, para experimentar os processos de exames modernos, em cujos gabinetes se fazem applicações deapparelhos que registam as menores differenças do rythmo cardiaco; annuncios de regressos da Europa, onde cursaram toda as clinicas havidas e por haver, caracterizando perfeitamente o embuste, a charlatanice, a deshonestidade medica, falseando o principio moral da livre escolha.

Infelizmente a elite, por toda parte, escabuja na mesma esterqueira moral, e a gana pelo dinheiro suplantam os mais rudimentares deveres e apaga do bom senso os mais comesinhos principios de honestidade, porque a livre escolha é reciproca, cabendo mais ao medico, pela sua provavel cultura, não se deixar ludibriar, mantendo elevada a dignidade profissional, recusando o desprestigio á sua classe, sem faltar todavia ao dever de acudir sempre á urgencia dos chamados, quando a sua abstenção possa trazer graves

consequencias, a despeito da assistencia de outrem; e não nivelar-se á ignorancia, acudindo aos acenos do vendelhão da esquina, servindo de joguete ás picuinhas de algum falsario, estando mentalmente preparado para guiar essa mesma gente, chamando-a ao cumprimento do dever e organizando destarte a defeza profissional. E' que o vil metal tem a sonoridade dos cantos da sereia, ferindo a emotividade dos vencidos moraes..

Moliére foi talvez o maior inimigo dos medicos. O seu espirito apurava no verso a satyra mais fina, ou a zombaria mais causticante. Muitos vicios mereceram-lhe ruidosas gargalhadas; mas a medicina foi sempre o thema favorito a suas criticas. E ainda quando ás portas da morte, instantes mesmo antes de morrer, falando aos que lhe ministravam a theriága, dizia rindo: "Tout ce qui n'entre point dans le corps je l'éprouve volontiers, mais les rémedes qu'il faut prendre me font peur".

Dir-se-ia que a sua visão genial lobrigava na incerteza da epocha todos os defeitos de que se eivava a sciencia medica de então, falha de experimentação e assentada sobre carcomidos dogmas e o empirismo do seculo.

Presentemente, quasi na culminancia da civilização, professando-se novos credos á luz do ultramicroscopio, do sraios X, da potencialidade do radium e da revitalização endocrinica, vencendo quasi todas as incertezas a logica dos factos e a razão das provas, si Moliére vivesse ainda continuaria achando muita

graça nos senhores medicos actuaes, e talvez descobrisse analogia com os dos tempos de Luiz XIV, sem todavia negar um certo progresso na sciencia de Esculapio e metade do empirismo dos tempos de Hippocrate.

A' parte a encenação dos consultorios cheios de esqueletos envidraçados, installações de raios violeta e quejandos caça-nickeis, o ar grave, as attitudes estudadas, o accacionismo rabujento, de par com um dogmatismo ridiculo, não escondem a figura de certos doutores, que outr'ora fariam o riso bulhento do grande comico.

E' é curioso vel-os á bordo d'um leito; inquirem, uns, coisas de pouca monta, percutem, simulam auscultar e garatujam, por fim, o nome de umas drogas perigosas, cuja posologia ignoram, e tornam mais tarde, pela noite, inquietos pela indifferença da molestia á sua medicação. Outros, mais cheios de si, tomam o pulso e o relógio, como si sob os dedos falasse a molestia e fosse facil interpretar a natureza morbida pelo simples bater da radial, cujo estuar polymorpho esconde o universo da pathologia; tiram o thermometro de uma caixa de ouro, tomam o calor axillar do cliente e, calados, mysteriosos, seguem a pratica dos primeiros, transportando para o domicilio do seu assistido as pharmacias da provincia. E o diagnostico? Talvez depois da morte, ou da cura.

Ha, entretanto, nas provincias cultores apaixonados da grande arte de curar, que, sem os meios de investigação aperfeiçoados, aguçam todos os seus

sentidos, apreendem no emmaranhado da symptomatologia a subtilidade das manifestações morbidas e vencem algumas vezes a gravidade do mal.

E' a esse "saber" que se refere o Dr. Fróes, ignorado de quasi toda gente e ridicularizado pelos pontifices da côrte.

Vem a proposito contar que um luminar da sciencia medica no Rio, prescrevendo uma serie de injeccões a uma sua consulente e residente numa provincia do Norte, aconselhou a demora na grande cidade para tomar as referidas injeccões, porque na sua terra ninguem saberia fazer, coisa tão generalizada nos Estados pela Prophylaxia Rural, que dispõe de numerosas enfermeiras, sem curso nem apprendizado algum, e que outro serviço não fazem além daquelle.

O interesse que o medico honesto deve ter pelo seu cliente não inclúe disprestigio ao collega, nem o açambarcamento da clinica por gratuidade, e aquelle se distingue do aventureiro pelos processos que a miseria moral e a vaidade estulta imprimem nos seus actos, sendo-lhe impossivel justificar a sua conducta perante qualquer tribunal. O medico digno da sua profissão só tem uma finalidade superior; o bem estar do cliente.

Quando o medico prescreve, presume-se naturalmente que elle tenha ficado com o prognostico, si não teve necessidade de o transmittir ao cliente ou á sua familia, tal seja a gravidade do caso, ou a natureza da molestia.

A' parte a fatuidade de alguns, o profissional consciente da sua responsabilidade sabe quão difficil é a arte que cultiva, que, mesmo á luz de todos os elementos de investigação, falham as suas previsões; e si no meio da mais alta cultura o medico tacteia num labyrintho de difficuldades, o que se não dá com o medico de provincia, cujos recursos se limitam ás suas proprias observações?

Deante desta premencia fica-se pasmo como certos doutores garantem aos seus clientes a cura de innumerables molestias até agora incuraveis, e levam menses a fio sugando-lhes as ultimas patacas, até que o desgraçado percebe a "mordedura" e bate a outra porta, ás vezes já pedindo esmola.

Nos centros da grande civilização a miseria tem proporções muito maiores. Conta-se que na metropole um medico effectuava no seu proprio consultorio, ás vistas do cliente, a reacção de Wassermann, instantaneamente, fazendo "reagir" um centimetro cubico de agua oxygenada no sangue colhido naquelle momento, quando a reacção tivesse de ser positiva, ou a mesma quantidade dagua commum si devesse ser negativa.

Um illustre chronista do "Jornal dos Clinicos", G.. de E., uma vez por outra abria campanha contra esses malfeitores diplomados, contando a historia ignobil das suas habilidades, citando, entre outros o caso de um novel operador que trabalhava ás vistas do publico carioca, apenasmente para reclamo das

suas aptidões, em detrimento do segredo medico e da honra profissional. E' a "camelotagem"..

Não faz muito tempo que por uma aldeia do norte andou mascateando um pobre diabo, diplomado em medicina como qualquer, e para attrahir freguezia, mandou "grudar" em todas as paredes da cidade a sua carantonha, e vimol-a até na caixa dos graxeiros; e annunciando a inauguração do seu gabinete, convidou pela imprensa toda a população, prometendo "musica, bebida e danças". E será menos desonesto aquelle que no Rio de Janeiro offerece banquete á imprensa, faz-se retratar com um crescido numero de comediantes pagos para trombetearem a cura da tuberculose pelo seu processo?

A coragem ou a desfaçatez de certos individuos excede a tudo.

Proíbem as nossas disposições de Saúde Publica annunciar-se a cura das molestias julgadas incuráveis; mas os expertos fazem-se manifestados pela multidão dos "curados", dão entrevistas aos jornaes e têm o displante de pedir ao Departamento de Saúde uma comissão de medicos para acompanhar os seus trabalhos.

E enquanto se não desmascaram os tartufos, enchem-se-lhes as arcas de ouro para as festas do "nú" em Paris.

Quando no começo destes commentarios lamentei o ridiculo paterno pela ancia de ter um filho doutor, havia no meu pensamento motivos de responsabilizar egualmente os paes pelos desastres desses mô-

ços, não lhes tendo preparado convenientemente os predicaos para a nobilitação, qualidades essas que só se aprendem entre as paredes do lar, ouvindo-se nos serões a linguagem que os bem intencionados sabem ensinar aos seus descendentes.

Continuando a estudar a ethica do medico entre os seus pares e os seus deveres para com os clientes, todos sabem que uma das obrigações é dar os seus cuidados ao enfermo tão longamente quanto forem necessarios. Disto se não infere, porém, que por ser rico o doente e sem gravidade a molestia, fique o medico o dia todo entretendo o seu rico cliente, ministrando-lhe as “meizinhas”, tanto mais quanto é sabido que si pobre fosse o cujo talvez lá não fosse o festejado doutor.

Corollario daquella obrigação, decorre outra de maior monta, que vem a ser o dever profissional de não abandonar o seu cliente, seja qual fôr a gravidade do caso, ou a responsabilidade a assumir, excluindo-se, entretanto, a desconfiança que se anteponha á sua acção junto á familia do assistido, si não respeitaveis motivos de saúde do proprio medico, ou molestia chronica, transmissivel e incuravel do paciente.

Em geral, nunca estará abandonado o doente quando se tem outro medico para quem recorrer; mas quando um medico assume a responsabilidade de certas molestias agudas, de um typho, por exemplo, ou de um uremico, commette, além de uma falta de certa gravidade para o doente, cujas consequencias podem lhe comprometter a vida, mas tambem um atten-

tado ao compromisso legal, si o abandona sem um aviso previo, ou si o deixa alguns dias sem assistencia.

Confesso ignorar si a nossa legislação cogita do assumpto, e creio que não, e só assim se explica não haver no paiz um presidio para medicos.

Um dos bons camaradas que tive levou a sua senhora ao Rio e foi com ella tambem se receitar. A dama recolheu-se a uma Casa de Saúde e submetteu-se a uma hysterectomy por myoma e annexite; o cavalheiro, dias depois, soffreu na mesma Casa, uma prostatotomia com anesthesia racheana. A senhora teve ordem de embarcar ainda com suppuração da parede do ventre, vindo a fallecer pouco tempo depois, no seio de sua familia; e o marido sobreviveu-lhe ainda um anno e foi victima dos soffrimentos que lhe ficaram de lesão medullar, post-operatoria.

Os tribunaes da França não poupariam semelhante attentado á segurança individual, e por muito menos Doyen respondeu a processo pela morte chloroformica de uma operanda.

Contou-me um collega que certa madrugada fôra acordado por um amigo para acudir a um doente gravemente acamado. Era, ao que dizia, um uremico; deixara-o o seu medico assistente de muitos dias para ir a 120 kilometros "ver" outro doente. Tratava desde o começo por grippe, e a medicação concordava com o seu diagnostico; e quando avisou á familia do moribundo que se ia ausentar, deixando o padecente em optimas condições, nada significando aquella somnolencia, attribuindo a anuria á falta de

liquido alimentar, foi encontral-o o outro collega com visiveis contracturas das extremidades, torpor, indifferença e delirio.

A muito custo conseguiu o medico uma colher de sôpa de urina, que revelou $3/4$ partes de albumina; e os tres dias seguintes foram de agonia, não surtindo effeito a medicação empregada, o concurso de medicos de outro Estado, nem as supplicas a Deus pelo restabelecimento do querido chefe de familia. Um ataque de uremia de forma gastrica, desde o começo, processado num systema renal miopragico, menses antes esboçada por um edema maleolar e retenção chlorurica, tratada por grippe, apenas.

Paginas atraz ficou qualificado pela ethica medica, o uso, entre certos medicos, de attribuirem a morte de um determinado cliente á incapacidade do seu assistente, fazendo côro á difamação dos profanos, que são apenas o porta-voz dos taes doutores. Mas a regra soffre excepção, e a de mais, os factos que aqui relato não se passaram entre os profissionais da provincia onde trabalho, e são de todos os lugares onde a capacidade dos taes facultativos encontra meio efficiente de consolidação; e sirvo-me destes exemplos para especializar a natureza das transgressões, que mereciam a punição legal.

Ainda outro caso. Adoecera em certa aldeia, de um pequeno Estado do Norte, um rico senhor, tendo á sua cabeceira, quasi diariamente, o medico da sua confiança. Velho, de multiplas taras, obezo, sentiu um dia grossura nas pernas, orthopnéa, cardialgia,

fadiga geral, dysuria, perturbações circulatorias que o alarmavam, sentindo o seu coração descompassado, insomnia e inappetencia.

Chegou-lhe a medicação prescripta pelo seu assistente; e os dias traziam as novas do fazendeiro, cujo estado se aggravava minuto a minuto. Por fim, a familia convocou uma conferencia, e os medicos da redondeza fizeram uma assembléa. Pediram a urina do enfermo, que até então não tinha sido examinada. O infeliz não governava mais a vontade; procuraram extrahir o liquido desejado, mas a sonda não o trouxe. Decidiram, então, a punção vesical, e por sete vezes o ferro atravessou o ventre do martyr e nas sete vezes só veio o sangue das feridas. Concluíram, afinal, que não havia urina, e... o rico senhor entregou a alma a Deus, e os jornaes, noticiando a sua morte, disseram que, para o salvar, exgottaram-se todos os recursos medicos...

Referiu-me certa vez um collega, que, num dos hospitaes que frequentava, apresentou-se um pobre homem que, em luta, recebera uma facada no 6º espaço inter-costal esquerdo, cujo golpe, dado de cima para baixo, provocou defeza e nesta occasião, partindo-se a arma, ficou parte da lamina da faca entre a pleura e a parede costal.

Fazia já doze dias e os signaes objectivos como os subjectivos indicavam uma tolerancia perfeita do organismo pelo corpo extranho, pois o ferido, afóra a preocupação da arma no seu corpo, executava todos os movimentos, andava com absoluta facilidade,

e no logar do ferimento havia apenas a pelle em cicatrização. Inquirindo-se do paciente as sequencias do ferimento, chegou-se á conclusão de que não houve perfuração do pulmão, pois não teve hemoptise e nem apresentou o ferido signaes de hemorrhagia interna, pois a percussão não revelou massicêz da base, nem se observaram phenomenos de compressão, donde se poudo concluir tratar-se de um ferimento de nenhuma indicação operatoria, baseado no criterio de que os ferimentos em thorax fechado, quando não acarretam compressão, nem determinam phenomenos alarmantes não justificam intervenção immediata, pois o padecente, em seguida ao ferimento, não apresentou pneumothorax, nem hemothorax, e muito menos depois, tendo apenas na occasião do exame uma ferida linear, de 1 centimetro de extensão. Assim, deu-lhe “alta”; e constou-lhe que, não sabe em que Hospital, foi-lhe retirado o corpo extranho, em cujo local nada se encontrou que justificasse a thoracotomia, sobrevivendo ao operado uma tremenda infecção pleuro-pulmonar, vindo o infeliz a fallecer dias depois. Mas... ficou o trophéo.

Para trocar impressões e retribuir a lição exemplificada naquelle caso, contei-lhe que, numa luta que se travou no interior do meu Estado, uma senhora recebeu um ferimento de bala na occasião em que prestava soccorros ao seu pae, ferido mortalmente. Conduzida para a sua residencia, chocada pela morte do seu progenitor e pelo terror que lhe causaram a luta e a possivel gravidade do seu ferimento,

internou-se no Hospital "Jovino Barreto". Pela inspecção verificou-se um unico orificio de entrada, de bordos regulares, escuros e por onde não soprava o ar, nem escorria sangue, entre as linhas para-axillar posterior e a escapular. Feita a radioscopia, constatou-se a bala quasi exactamente no mesmo lugar opposto, tendo o projectil descripto no seu trajecto um arco de circulo por entre o tecido sub-pleural, coisa que se não extranha no percurso curioso dos projectis. E lá ficou o inoffensivo corpo extranho, não aconselhando eu a intervenção por inoportuna e talvez desastrosa, continuando a sua portadora a se não queixar de nenhum incommodo.

Não faz muito tempo um brigão recebeu um tiro na bocca, cujo projectil quebrou-lhe dois incisivos superiores, e dirigindo-se obliquamente de cima para baixo, e de fóra para dentro, atravessou-lhe a lingua, arrancou-lhe dois grossos molares, e apanhando a face interna do ramo direito do maxilar inferior deslisou de cima para baixo, atravessando os tecidos molles e alojou-se entre o feixe vasculo-nervoso e o sternocleido-mastoideo. O edema da lingua e do pescoço, difficultando-lhe a respiração e a deglutição, quasi-victimou o turbulento, aggravando-lhe o estado serias epistaxis posteriores, abundantes e repetidas. O exame radioscopico confirmou a localização do projectil no sitio acima referido, e antes de trinta dias tudo cedeu, sahindo do Hospltal o paciente com os ferimentos cicatrizados e levando o projectil encystado no lugar onde se alojou, não lhe difficultando nenhum

movimento, nem lhe causando o menor incommodo, até que se rompa a tolerancia e seja indicada a intervenção.

Innumeros outros casos eu poderia citar e por mim observados durante dezoito annos de clinica hospitalar; e mencionando aquelles quero apenas deixar claro que sou opportunistta, confiando muito na expectação e reservando as intervenções para os casos de indicação evidente.

Para mostrar quanto é tolerante o organismo e quão formidaveis são as resistencias humanas, devo commentar um caso passado ha muitos annos, no início da minha clinica hospitalar.

Um trabalhador fôra ferido de faca no ventre, em lucta, muito distante de recursos medicos. Como o seu estado fosse assustador, os seus companheiros levaram-n'ô em rêde, numa desoladora peregrinação por algumas cidades do interior, a procura de um medico que lhe prestasse os cuidados necessarios, vindo por fim, nove dias depois, para o Hospital, onde entrou em estado desesperador.

Pelo orificio da ferida herniava grande massa epiploico-intestinal, escura, exhalando cheiro nauseante e molhando as roupas uma serosidade esverdeada e fetida. Ventre destendido, doloroso, com todos os signaes de peritonite, de par com um pulso filiforme e tachpnéa. Como um recurso extremo, não demorei a intervenção, encontrando o peritoneo adherente á massa estrangulada, azul-escuro, a cavidade cheia de sangue e fezes e transfixado o cecum.

Lavada a cavidade com sôro physiologico e ether, fiz a sutura de Lambert, e abandonei o intestino no ventre, drenando o peritoneo.

Ainda assim, com toda essa infecção, tendo resistido á etherificação, levou o infeliz mais tres dias de soffrimentos, fallecendo num grande collapso.

Com este exemplo eu quero apenas destacar as resistencias naturaes oppondo barreiras a tremendas infecções, e não justificar a abstenção nas feridas penetrantes do abdomen, que requerem immediata intervenção. E si a morte foi o desenlace, ao acto operatorio se não deve attribuir, mas á violencia da infecção e á demora dos recursos scientificos.

Resta para a defeza destes casos a legitimidade da intervenção e não o objectivo inferior da propaganda.

Para mostrar mais uma vez que nem sempre os mais reputados profissionaes têm presente a ethica medica, e o interesse pelo seu cliente anda muito longe da sua preocupação, vou contar um caso typico, sem entretanto escurecer o alto valor scientifico do clinico alvejado. Foi em 1918. Uma senhora, acompanhada do seu marido, que era medico na provincia, quiz ouvir a opinião de um dos luminares da sciencia de Esculapio, sobre os seus males; e á hora da consulta do reputado cientista, lá estava o casal, com o cartão-ingresso, quando, duas horas depois, entrou, sorridente e affavel, o grande clinico.

Pela ordem era o quinto o cartão adquirido de vespera e por trinta dinheiros; e presumin-

do sahir muito tarde, o marido da consulente, sujando a mão do empregado do consultorio com um papel moeda, conseguiu preterir os de mais, passando ao compartimento do numero 2. O medico da roça entrou no gabinete do notavel clinico carioca com a preocupação de occultar a sua profissão e assim apprehender das palavras do mestre alguma coisa de grave na molestia de sua senhora; e para não se trahir, voltou a esmeralda do seu anel para a palma da mão, prevenindo-se ainda contra qualquer palavra technica que pudesse proferir, quando, de subito, surgiu o festejado clinico. Feitos os cumprimentos e apresentada a doente, começou o facultativo um questionario ôco, despresando todo e qualquer esclarecimento que o marido procurava fornecer, e sem delongas, pedindo á senhora para desabotoar o casaco, passou a uma percussão e a uma escuta tão rapidas e tão inconcebiveis que jámais nenhum medico de aldeia seria capaz de fazer. Dando-se logo por satisfeito, foi ter a um outro compartimento, enquanto a senhora recompunha a sua toilette, e de volta, quando se assentou de penna em punho e inquiria o nome da cliente desilludida do medico, deu com o marido da consulente tragando um cigarro e á mostra a esmeralda que desafiavo o olhar do notavel esculapio.

Não foi comico, mas quasi dramatico: o grande medico descansou a penna na escrivaninha, comprehendendo ter sido pilhado na pressa de attender a todos, e pediu ao casal que fosse á sua casa, onde queria fazer novo exame da lograda senhora.

Sobrou-lhe consciencia e confessou tacitamente, em attendendo a todos, o canção da profissão.

A divulgação destes factos não visa diminuir o prestigio desses facultativos, mas provar que na provincia, como na capital do paiz, não cuidam sempre os senhores medicos dessa parte essencial á profissão e que os tempos, os costumes ou a tradição incluíram na deontologia; e taes commentarios sobre a attitude de certos doutores, cujo alcance clinico cifra-se nos lucros materiaes e interesse exclusivo da sua fortuna, não modificarão o criterio seguido em toda parte, porque em todos os centros ha crise de probidade.

Si a norma estabelecida pela tradição e pelo respeito reciproco entre os profissionaes do mesmo officio, criou entre os medicos um direito de posse de cada um na clinica domiciliaria, a clinica de consultorio, porém, é terreno neutro, onde todos podem penetrar livremente, não assumindo o medico nenhum compromisso com o cliente, nem este com aquelle. Entretanto, tem-se ampliado tanto quanto possivel a acção transitoria da consulta, que se deveria limitar a uma indicação, a um conselho, attrahindo-se diariamente o cliente para as rendosas injeções dos innumerous productos pharmaceuticos, de mil nomes e composição igual, como para o submeter ás applicações electrotherapicas.

Na clinica domiciliaria o pobre medico consome-se de canceiras e desattenções, servindo como criado, a toda hora sujeito ás exigencias dos seus clientes, que lhe não respeitam o somno, nem a fadi-

ga da vespera; na de consultorio vinga a compensação da menor responsabilidade, de relativo conforto e descanso, tendo, entretanto, de ignobil, ser o pasto da entriga, onde os consulentes de todos os medicos tecem a desunião da classe.

E estou certo de que por toda parte a desavença entre os medicos tem duas origens: a inveja daquelles que ainda não estão em evidencia e a maledicencia do cliente, tramando uma inimizade para todo sempre.

A industria tem feito a fortuna de muitos medicos, pondo a serviço da credulidade humana um arsenal de aparelhos para a cura de todas as molestias, que as drogas não conseguiram debellar.

Assim está a electricidade, installada de mil modos, produzindo raios de sol em luz azul ou violeta, servindo para o tratamento de todos os males, inclusive das plasmodioses, sendo de efficacia absoluta para quantos se desesperam da pharmacotherapie e confiam de mais nas taes "guitarras".

Longe de mim negar o valor da electrotherapia, do radium, da physiotherapia, emfim, quando applicados por especialista idoneo. Mas recommendar os possuidores de taes installações, sem a pratica essencial, faz-me lembrar a observação do chronista do "Jornal dos Clinicos", que a este respeito se referira a certos medicos que recentemente chegados da Europa, onde cursaram as clinicas do *Bois de Boulogne*, "*Le Perroquet*" e outros centros de alta cultura, dotaram o seu gabinete de installações custosas, de raios ultra-violeta e diathermia e expõem os seus clientes

em plena Avenida Central de chapéo na mão^{te} na
ça queimada pelas irradiações ultra-potentes.
ses não são medicos, e sim os *camelots* da med^{io} do

Voltando a considerar a arduissima tarefa^{se}
se reservou ao medico, no que se refere á sa^{is},
além das suas responsabilidades, o clinico tem alg.
mas vezes de acudir a convites de outros collegas para
ajudar a subir ao calvario a cruz pesada dos casos dif-
ficeis, ou levantar o conceito do medico, que já não
merece a confiança do seu cliente. E' assim que as
conferencias á cabeceira de um enfermo, solicitadas
raras vezes pelo assistente; pela familia, quasi sem-
pre, tendo por fim illuminar a situação do doente,
servem, além do mais, para se aquilatar da capacida-
de do clinico e tambem da educação de cada um.

Nas conferencias é da ethica reunirem-se os dou-
tores em sala reservada, após o exame do enfermo;
e depois que o medico assistente expõe a historia mor-
bida do seu cliente, cabe aos medicos convidados, a
começar pelo mais môço, expenderem o seu juizo a
respeito, propondo o tratamento conveniente ao caso,
servindo-se de palavras que não firam susceptibili-
dades, nem arrogancias pretenciosas.

Na aldeia ou aqui na provincia as conferencias,
graças a Deus, são tão raras que quasi não ha.

Por principio e por vaidade, os senhores medi-
cos não as pedem, porque cada um se julga com a ul-
tima palavra da sciencia; por conveniencia de certa
ordem, os proximos dos doentes não as solicitam,
principalmente pelo cuidado aos melindres do medico;

ga da o assistido entrega a alma a Deus, os jor-
da m bumbam que “foram inuteis todos os recur-
desc ipregados”.
da As pouquissimas a que compareci jámais obede-
te am aos principios deontologicos. O enfermo foi
xaminado ás vistas de todos; os medicos expuzeram
a molestia na presença dos parentes do enfermo e das
pessoas extranhas, que foram ouvir apenas os con-
ferencistas, para uns fins especiaes, e quasi sempre
houve debates, onde cada doutor pretendeu demons-
trar aos profanos ser mais sabedor do que os outros,
nunca se chegando a nenhuma conclusão feliz para
o desgraçado, que ia pagar mais cara a assistencia
do bate-bocca.

Lembro-me de haver tomado parte, ha muitos
annos, numa dessas conferencia, e na qual o medico
assistente, muito joven ainda e com dois ou tres an-
nos de clinica, depois de historiar a symptomatologia
da sua doente, e sem dar diagnostico, passou á thera-
peutica empregada, que constou tambem de uma san-
gria, que foi motivo de serio protesto de outro colle-
ga. Eu nada disse, e ainda hoje não me arrependo do
meu grande silencio.

Nunca exerci a medicina effectivamente nos
grandes centros, e quero crer que as conferencias lá
tomam o mesmo rumo, dadas as noções muito dimi-
nutas de deontologia que temos todos nós.

Não vem ao caso repetir dos livros as normas
seguidas nas conferencias, porque presumo conheci-
das de muitos e não escrevo compendio de deontolo-

gia. Basta citar factos para justificar a exatidão na das conferencias entre nós.

— Adoecera um menino de 14 annos, cujo se do inspirava cuidados, dia a dia; os paes, desespeados e descrentes da therapeutica do medico, por quem diagnostico fizera, pediram conferencia, indicando-me ao assistente, que sem recusar, furtou-se todavia a estar presente, dizendo bastar-lhe conhecer a minha opinião. Fui e dei por escripto o meu parecer, que não foi acceito pelo doutor. O pobre rapazinho morreu.

Aqui está porque se acabaram as conferencias na minha provincia: cada medico é um sabio, não admite a menor observação, que se lhe conteste a menor coisa.

Uma tarde fui “ver” com urgencia uma creança de tres annos, que morria, apesar de assistida por um pediatra, que não fôra encontrado naquella hora.

Ha molestias que se caracterizam, em certa phase, a pequena distancia.

Ao entrar proximo ao compartimento reservado á pequenina enferma, tive a certeza de ir “ver” uma “cruposa”; e de facto, a creancinha marchava para o periodo asphyxico. Mandeir vir 3000 unidades do sôro especifico e instrui á familia para dar ainda durante a noite mais 6.000 unidades. Quando o enfermeiro injectava a primeira dôse, o medico assistente entrou e protestou contra aquelle tratamento, que “a menina não tem crup, e sim gripe”. Seguiram o trata-

ga da que prescrevi e dias depois a creança fazia a da n. 1 da casa.

desc. Outra face critica das conferencias está na sua da Azação, quando a familia de um enfermo começa t. desconfiar da competencia do medico, duvidando do meu diagnostico e a convidar outros profissionaes, ás escondidas, para a contra prova. Estive certa vez em identicas condições, quando assistindo uma creança de nove annos, firmei um diagnostico de febre amarella, depois de todos os exames e observação meticulosa. O pae-avô do pequenino revirou os beiços, sacudiu os hombros e eu exigi uma conferencia, a qual compareceram tres medicos, que confirmaram o meu raciocinio clinico. E ainda assim, ficou no espirito do tal senhor uma dolorosa interrogação a respeito da nossa capacidade, aggravada com a morte do seu neto.

Acredito que lá fóra, no scenario dos expoentes da medicina, não seja muito differente o criterio adoptado pelos clinicos em conferencias medicas; si de publico, da tribuna da Academia, pela imprensa os pontifices insultam-se, injuriam-se como qualquer vendeiro, por merissima questão de se não deixarem vencer numa discordancia scientifica, suppondo cada um perder o seu valor confessando-se vencido, ou retirando-se do debate não convencido, mas até satisfeito de haver agitado mais uma discussão em torno das hypotheses scientificas que acreditamos verdadeiras, o que não acontecerá á cabeceira dos doentes ricos e

de posição social ou politica, porque os hun^{ante} na desvalidos nunca promoveram a desunião da

Contou-me um illustrado amigo que, no s^{ção} do po de representante de um Estado do Norte, tem se ta vez consultar um especialista carioca sobre cidos, que o incommodavam. O notavel recebeu-o con^{vo}vo-qualquer mortal, e, após o exame, designou outro em para o consulente tornar ao consultorio; e quando o meu prezado amigo penetrou pela segunda vez nos dominios do famoso especialista, quasi não poude falar: o esculapio soube, por acaso, que aquelle seu cliente era senador da Republica, e desculpando-se de não haver reconhecido nelle um “paredro” nacional, tornou-se amavel, discorreu sobre a molestia do seu illustre cliente, prejudicando, no tempo, os demais,, que aguardavam a consulta na sala de espera.

Parece-me estar vendo o riso e na sua expressão a ironia do philosopho que escarnece dos bajuladores e recebia de corpo presente aquellas attenções ao seu cargo e não á sua molestia.

A opinião que cada cliente faz do seu medico é reflexo da confiança que o publico lhe dispensa; e certamente o bom conceito não se extinguirá por que se deu por vencido numa polemica, ou acceitou o raciocinio de outro collega, ou ainda porque recebeu no seu consultorio um plebeu doente e lhe dispensou as mesmas attenções que teria com os nossos “imperadores constitucionaes”, si descessem em procurar os medicos nos seus gabinetes.

ga c que aidade de muitos e a fatuidade de outros tan-
da c que tambem as tecedoras da discordia, rompendo
des d de solidariedade moral de uma classe que de-
d Du fazer a felicidade collectiva, si os seus fins não
Pza m obumbrados pelo brilho do ouro, nem as se-
mesões da fama estonteassem os obreiros da saúde.

Toda essa demonstração da inferioridade huma-
na, reflectida num dos grandes elementos da estati-
ca social, que tal deve ser a classe medica, vivendo
para a collectividade, tendo no seu collega o compa-
nheiro de apostolado, professando o mesmo credo, ha
em toda parte, constituindo a grande maioria da clas-
se, vivendo nos laboratorios, nos hospitaes, nos cam-
pos de batalha, nas escolas, na imprensa, investigan-
do, curando, professando, instruindo, sem cubiça nem
inveja.

Ser medico assim, não é apenas sacrificar as
suas liberdades, mas reintegrar-se na humanidade,
prescrutando a natureza nos seus mais intimos de-
talhes, inquirindo a vida no que ella tem de mais ca-
prichoso, auscultando a organização humana nas
suas mais obscuras manifestações, em proveito do seu
semelhante, em bem da patria e da sciencia. Cultivan-
do o seu espirito no repositório dos conhecimentos
humanos e atravez dos livros entranhando-se terra a
dentro, embrenhando-se na selva, immergindo nas
aguas profundas, o medico colherá das palpitações
da natureza onnisciente seguros elementos de reacção
contra a ignorancia, o maior factor da nossa insegu-

rança na vida social, o elemento preponderante na fallencia dos destinos do homem.

A cegueira mental, ou antes, a obnubilação do raciocinio, permittam-me a expressão, tambem se mostra na diversidade dos principios controvertidos, na multiplicidade dos conceitos heterogeneos e revogados a todo instante, na pluralidade de concepções em torno de um só problema, que é a morte, prevista nos casos da mais leve contusão aos mais complicados entaves funcçionaes, desde a morte cellular, necessaria ao equilibrio do proprio protoplasma para a renovação das energias íntimas, do calor que assegura a nossa força, da mocidade incessante do nosso sangue, que renova os elementos nobres até instantes antes do “fim eterno”, vivendo o homem num paraizo, que tudo lhe dá, ignorando entretanto os segredos e as maravilhas que sobram na natureza.

Do peccado da nossa ignorancia devem se penitenciar tambem os dirigentes, que, ávidos de encomios publicos, celebram os seus feitos politico-administrativos abrindo escolas superiores, entregando os seus destinos á incapacidade de pessoas sem especialização e franqueando os cursos aos enviados da vaidade paterna, muitos dos quaes, ignáros e improductivos, dariam no final de contas optimos trintanarios.

E é curioso ver como, annualmente, lévas de doutores fabricados pela graça das recommendações, transpõem as Faculdades, “encanudados” e ôcos, feitos na pressa de um sonho de segundos,, em cujo

tempo se percorrem paizes e mundos ignorados, mas de que, ao despertar, se fica na mesma ignorancia do desconhecido.

Felizmente para esses a sociedade reserva um conceito especial, chrismando-os com epithetos que se ajustam á sua nullidade e de cuja esphera procuram sahir, illudindo ingenuos e profanos com as acquisições alheias.

Emquanto o paiz subvenciona os taes estabelecimentos de ensino superior, mingua a instrucção secundaria e vegeta a maioria dos brasileiros na escuridão do analphabetismo; e é deste modo que os governos pretendem ensinar como seria formidavel e invencivel a nossa força.

Os paizes mais adeantados em civilização triumpham pela instrucção geral e pela saúde collectiva. Emquanto a França contempla, impassivel, o estacionamento da sua população, si não a diminuição, desfortalecida cada vez mais pelo neo-malthusianismo, e limita á exiguidade dos seus recursos orçamentarios as despesas com a assistencia social, a Allemanha garante o crescimento do seu povo com uma assistencia vultuosa á mulher-mãe e á creança, fazendo subir a natalidade, mesmo sem augmentar a nupcialidade, ao tempo que por toda parte põe nas mãos dos seus filhos o livro, que os redimirá de tristezas futuras.

Si bem me expressei, quero dizer que os dois factores da alegria e da força consciente são a saúde e a instrucção. Ora, apurando-se bem, "o Brasil é um grande hospital", na phrase de Miguel Pereira,

e é o paiz dos analphabetos; e aqui está porque somos um povo sem forças e triste, vivendo-se num territorio onde 50% do obituario geral pertencem ás creanças e mais de 80% de sua população global são analphabetos. Fracos? Deixo sem commentarios; basta o exemplo diario da nossa ruina moral... E querem ver como somos tristes? Por occasião das festas da nossa Independencia, o meu espirito de provinciano teve emoções tão fortes, vendo o desfile da massa heterogenea festejando os feitos de Pedro I, que não passariam indifferentes a quantos procurassem interpretar as contracções dos meus musculos de expressão, um a um desenhando na face e na attitude aquilo que a musica, a marcha marcial e a agglomeração, numa tonalidade confusa, levavam á minha vida interior. Felizmente as atenções eram para as forças armadas, as escolas, para o povo, deixando-me muito bem com os meus nervos.

Felizmente ainda só eu pensei na tristeza que mora na alma deste povo indifferente, apathico, incapaz de uma vibração, de uma emoção mais forte que o estremeça, fazendo sentida a grandeza da patria, cem annos depois.

Entre nós não ha differença entre uma homenagem posthuma e uma festa nacional. A multidão move-se numa attitudo de quem se encaminha para o Campo Santo. O clarim, as bandas militares, a marcha dos soldados, o ruflo dos tambores, tudo, nada differe do cortejo da morte a caminho do cemiterio. E foi a impressão que eu tive quando assisti o desfi-

lar das escolas e do povo de minha terra em procura do altar que ia receber de todos nós aquella sagração de um centenario de independencia, fazendo reviver naquella hora magnifica toda a phalange dos heroes que redimiram o Brasil da servidão portugueza.

Quereis uma vibração altisonante? Espreitei uma manifestação politica.

De toda esquina apparecem oradores fluentes, gongoricos, methaphisicos, elevando o festejado ás alturas de um deus olympico, emquanto róla sobre as pedras, com resonancias de metal, o character dos louvaminheiros; e o povo, que os acompanhou nos applausos, sahiria dalli com o mesmo discernimento para depor o endeusado. Deixemos a miseria humana.

Haveria muito ainda que se commentar a respeito das attribuições do medico entre os seus pares, na sociedade, no lar, nos campos, na defeza da collectividade e nas administrações, si fosse meu intento falar só dos medicos, e não contar historias tambem, commentar costumes e defeitos nossos, dos clientes e dos curandeiros, os mais serios inimigos da saúde. Ninguem ignora o mal que o homeopatha de provincia faz todos os dias no lar dos incautos, para não dizer dos poucos cuidadosos dos seus deveres de chefes de familia. E não se comprehende que um pae amantissimo entregue aos cuidados de um ignorante, desconhecendo os mais rudimentares principios de physiologia e de pathologia, a vida de um ente querido, si não por absoluta ignorancia tambem.

Acontece frequentemente ser despedido um medico qualquer da cabeceira de um cliente, rico ou pobre, e ser substituido por um curandeiro tambem qualquer, individuo decrepito as mais das vezes, (e é condição para ser bom homeopatha, ser velho), em cujo rôl de curas diz elle ter salvo da morte centenas de doentes arrancados das mãos dos medicos da cidade, mas que se não lembra do nome de nenhum.

Com franqueza, causa-me mais pena o individuo que tomou aquellas confissões por verdades do que aquelles que, audaciosamente, fazem profissão de curar, sem o menor respeito ás leis do paiz, nem ás suas consciencias. Contou-me um esculapio que certa vez fôra despedido da assistencia de uma clientinha, acommettida de infecção intestinal de certa gravidade, durante a qual elle proprio fazia as enteroclyses, e dava os banhos, dominando por fim a molestia; e quando restavam apenas ligeiras oscillações de thermometro, não subindo a columna acima de 37°, recebeu uma carta do chefe da familia e pae da creancinha, “despachando-o” e dizendo que sua senhora pedira e elle resolvera terminar o tratamento da sua doentinha com a homeopathia de um funcionario do Estado, cidadão muito prestimoso, mas conhecendo tanto de doenças quanto eu dos mysterios do céu.

Bastaria a prohibição contida no codigo penal para toda gente ver que os mais cultos, ou melhor orientados e que condemnaram a pratica illegal da medicina, não conceberam a idéa de que sem um acurado estudo de todas as causas que nos põem do-

entes, ou sem o conhecimento perfeito de todos os recursos para debellar as molestias, não se pode admittir o exercicio da medicina, facultando-se, entretanto, o direito de se conquistar taes conhecimentos, cursando-se as nossas escolas e lá se demorando o tempo necessario para se ver com os olhos da sciencia experimental todas as faces da questão difficilima de se manter a vida e de se lutar contra as doenças.

Até para os irracionaes ha cursos tão perfeitos e completos quanto os da sciencia humana, e sob este ponto de vista aquelles seres são de mais sorte do que nós outros, porque não consta que um solipede illustre ou um nobre cão fosse bater ás portas dos senhores homeopathas para lhes pedir globulos do especifico 7 ou 32, mas bôa carne e melhor capim.

Depois dos especificos, quando o doente se prepara para o outro mundo, é que se vae chamar o medico.

Certa vez fui com urgencia visitar um doentinho de 5 annos, que viêra do interior, onde havia oito dias um homeopatha o assistia.

Não se descreve o quadro: do periodo *asphyxico* do crup cahira na phase da *anesthesia*, em plena *asystolia* respiratoria, com o seu pulso *paradoxal*. Nada fiz, e si contasse com a serenidade da lei, teria punido o culpado daquella morte terrivel, tanto mais quanto, entre nós, e naquella idade, a serotherapie eleva as curas quasi á totalidade dos casos.

Ha entre nós a convicção de que a creança só se deve medicar pela homeopathia, e si atravessa a den-

tição, cujas intercorrencias são levadas á conta do sa-
himento dos dentes, nenhum remedio de medico lhe
será prescripto ou applicado.

— Conheço innumerous individuos, alguns até
letrados, que fazem mais uso da profissão dos ou-
tros que da sua; e á sua porta batem quantos accredi-
tam mais nelles do que nos esculapios.

E' lamentavel, não ha duvida, mas continuará
tudo como está, emquanto o sapateiro escrever com-
pendio de hygiene.

Ainda que o Codigo Penal e os regulamentos de
Saúde Publica punam o exercicio illegal da medicina,
jámais vi um transgressor da lei cumprir alguma
pena, e dahi a praga do charlatanismo.

Mas, não são os homeopathas os peiores inimi-
gos da saúde, comquanto as suas aguinhas tenham o
grande inconveniente de deixar o assistido sem assis-
tencia, processando-se a evolução da molestia sem as
defezas que a therapeutica ás vezes oppõe á marcha
do mal e ás complicações possiveis.

Outra classe de charlatães perigosos é a dos
pharmaceuticos, muito boas pessoas, sim senhor, mas
ignorantes em medicina como os demais.

O curso de pharmacia, por mais longo que seja,
exije apenas o conhecimento de todas as chimicas, de
bacteriologia e hygiene. Mas o povo entende que pelo
facto dos senhores pharmaceuticos lidarem com as
formulas dos medicos se capacitaram no exercicio da
medicina; e cada um delles, devendo conhecer a legis-
lação pharmaceutica, arvora-se em clinico e faz tra-

tamento, dá injecções, etc.; e no interior, onde não ha medicos e os boticarios não são formados, mas licenciados pela repartição de hygiene do Estado, mediante provas de bôa recommendação de padrinhos poderosos, chegam esses famosos charlatães a fazer partos, com applicação de forceps e outras operações de certa monta, com approvação das autoridades e applausos unanimes.

Não faz muito tempo entrou no Hospital “Jovino Barreto” um doente operado por um pharmaceutico, sem pharmacia, mas negociante e agricultor, que nas horas vagas pratica a medicina. Consequente a estreitamento urethral, formaram-se fistulas, após um abcesso urinoso, em toda a região urethro-prostatica; e o senhor pharmaceutico, pensando resolver muito bem a situação do infeliz, golpeou cegamente o desgraçado, deixando-lhe desnuda toda a região perineal por onde se esvasiava a bexiga, e deixou a sorte terminar o resto. A irritação do *excreta* manteve uma vasta ferida, e a suppuração se encarregou de destruir toda a urethra exposta, tendo-se-lhe feito no Hospital a restauração autoplastica, com resultado parcial.

E agora, com o advento da Prophylaxia Rural (na capital), cresceu formidavelmente o numero dos charlatães, com a criação de um corpo de enfermeiras, que mal assignam o nome, indo de casa em casa injectar aquelles que solicitarem da “Séde do Serviço” uma pessoa para os fins acima referidos; tomando cada uma, por conta propria, encargos de trata-

mentos de outra ordem e augmentando-se a esteira dos infractores doCodigo Penal.

Não devo deixar sem a devida censura outra especie de malfeitoras, aquellas que se arvoram de “assistentes” e junto ao mais admiravel dos sacrificios, o da Maternidade, mutilam, inutilizam vidas, e riem da impunidade dos seus crimes.

Eu sou o espião desses delictos monstruosos, que a sociedade condemna, mas não pune, e contra os quaes os poderes publicos sacodem o hombro numa indifferença pasmosa.

Certa vez recolheram á secção de Maternidade do Hospital de Caridade uma pobre mulher, cujo producto do seu amor, ao vir ao mundo, teve a cabeça arrancada, ficando o corpo onde a natureza o criou. Denunciei á Justiça e... nada se fez. Ainda outra vez foi ter em estado de infecção gravissima, ao mesmo Hospital, uma infeliz creatura, apresentando lesões anatomicas profundas, interessando da bexiga ao recto, feitas no delivramento, em cujo trabalho foi sacrificado o fêto e infeccinada a infeliz, que falleceu dois dias depois da sua hospitlização. Denunciei tambem, mas a justiça...

Seria longo contar a historia deste martyrologio na provincia, de innumerados casos semelhantes, e contra cujos crimes venho ha dezoito annos lutando, pregando, escrevendo a carencia de uma Maternidade em Natal, e até hoje, sem que se lhe negue a necessidade palpitante, nada consegui, nada se fez e todas as promessas vôm na resonancia de uma queixa

de mãe desvalida, ficando-me a esperança de um dia poder sentir a alegria immensa de celebrar a redempção da mulher humilde, dando-se-lhe o conforto e os recursos que as sociedades lhe devem, amparando a creadora de homens, a mais eloquente e a mais viva “instituição nacional”.

Venho, pois, de muito longe propagando estas idéas sobre os fins da Maternidade, que se não limitam ao acto do nascimento, mas á educação da mulher, ensinando-lhe num curso rapido de puericultura o seu dever de entregar á patria productos capazes do engrandecimento do Brasil; venho dessa longuissima caminhada, entre os espinhos da indifferença de uns, da má vontade de outros e tropeçando no egoismo do millionario, para quem appellei; venho de uma peregrinação esperitual, convencendo pelos exemplos de povos civilizados que ninguem é forte si de origem minguaram-se-lhe as forças no seio da natureza viva; venho ainda dessa meditação civica, empenhando na felicidade collectiva todo o meu interesse patriotico; e oxalá possam todos comprehender o alcance da obra social mais efficiente para a nossa preponderancia no concerto das nações.

Deixemos com a justiça os crimes e retomemos a critica anodina sobre os nossos defeitos e costumes, contra os quaes não são remedios as farpas tangidas ao seu encontro.

DOS CLIENTES — O RICO

Falemos agora dos clientes, e para estudal-os, dividamol-os em tres classes: os ricos, os pobres e os de distincção.

Os primeiros são, de ordinario, mal educados; contam nos seus haveres com um iman, a cuja atracção ninguem deve resistir, e quando precisam de assistencia medica, mandam num recado pelo creado uma ordem para que o medico vá sem demora attendel-o; e o caro doutor vae pressuroso, mais para não perder o cliente *patacudo* do que por dever de officio. Entra, examina o padecente, prescreve, aconselha e ouve do capitalista a inoffensiva pergunta si “o doutor está mesmo certo do seu diagnostico”, e si “os remedios não irão comprometter a vida do enfermo”. Ri, pede desculpas da sua desfaçatez, e o medico ainda agradece tão poucas amabilidades. Si a molestia prolonga-se por mais algum dia, vem a desconfiança do tratamento e outro esculapio entra pelos fundos do quintal, vê o enfermo em hora differente da visita do assistente, apenas para fiscalizar as prescripções fei-

tas; e ha profissionaes, que não devendo clinicar, se insinuam no tratamento dos collegas para discordar dos diagnosticos, por mera phantasia ou vaidade.

A desconfiança do cliente rico vem da idéa de que o medico de provincia nada sabe, e dáhi as suas viagens ás capitaes para ouvir a ultima palavra dos pontifices, quando não aproveita a “feira” de um medico que, por acaso ou negocio, demôra alguns dias na provincia.

O cliente rico, com algumas excepções, entende mal dos negocios com os quaes a Fortuna o enriqueceu e coisa nenhuma de mais nada; mas procura discutir com o medico, contesta as affirmações do pobre esculapio e á sahida do cujo, faz tregeitos á sapiencia do seu assistente.

Com as prerogativas do dinheiro, entende demorar a visita do medico, roubando-lhe tempo e paciencia, dando-lhe em troca um café suspeito, passado pelas mãos, talvez, de pessoa que acabara de lidar com o doente de molestia transmissivel.

Para o doente rico todos os seus chamados são urgentes; um defluxo, uma indisposição qualquer, um hysterico mensal, assumem proporções gigantescas, e immediatamente o medico deve deixar os seus trabalhos de consultorio, o seu jantar, ou levantar-se alta noite para augmentar a desconfiança do faustoso senhor, dizendo-lhe, deante do caso, “não é nada, coisa sem importancia”.

O cliente rico afére a capacidade do profissional pela sympathia que lhe pode inspirar, principalmem-

te si o medico reduziu os seus honorarios á importancia que lhe deu o usurario.

O cliente rico crê nas benzeduras, no feitiço, nas curas milagrosas; e quando o medico não interrompe a marcha de uma “izipra” ou “mal do monte”, como chamam á erysipela, ou não corta o “fogo sarvage” ou “cobreiro”, como classificam o *zona* zoster, o curandeiro entra com os seus talinhos de carrapateira e reza e benze e faz mil cruces e num instante termina a molestia “queimadeira”.

O cliente rico tem a presumpção de que tudo na sua casa é limpo, não sendo elle proprio nenhum perigo para o proximo; e nesta certesa esquece de oferecer meios de defesa ao pobre medico que o examinou. Neste particular o descuido não é só dos ricos.

A sociedade de hoje não recebe conselhos e as lições são tomadas nos cursos e á vontade de cada individuo. Não quer isto dizer que se não escreva alguma coisa util, conquanto se não consiga tambem grande proveito. E ha motivos varios para se reclamar medidas salutaes e de natureza collectiva, no convivio da animalidade.

Poucos sabem, por exemplo, que os insectos são exclusivamente responsaveis na diffusão de certas molestias; que outros são comparsas da morbidez de innumeros doentes, e que o homem é o mais responsavel dos animaes pela propagação de todas as molestias transmissiveis; e no emtanto os nossos dirigentes esquecem de mandar ensinar no lar, nas es-

colas e pela imprensa os meios de evitar a serie de desgraças que nos levam desta para a outra vida, antes de tempo; que os mosquitos nos reduzem a condições inferiorissimas de resistencia e que o homem, apparentemente bom, doente ou convalescente de enfermidade contagiosa, não deve apertar as nossas mãos, nem tossir ás nossas barbas, bem como não devemos visitar o doente em todo o periodo contagiante.

Sem pretensões a sabedor, seja-nos licito dizer que quasi todas as molestias agudas febris são micribianas e, portanto, transmissiveis.

Por via de regra, quem assiste um desses doentes poderá ser portador de germens e assim capaz de reproduzir o caso innumeradas vezes. Ora, ahí está um grande perigo, visitar doentes; e no emtanto a nossa educação chega a ponto de se ficar melindrado porque Fulano não visitou este ou aquelle enfermo, e se dizer mal do medico que prohibiu as taes visitas.

E' obra de misericordia, não ha duvida, visitar os enfermos; mas naturalmente escapa á comprehensão dos que interpretam a Escripura que os enfermos de que ella fala são os doentes da moral, os que se insurgem contra a pureza do espirito e dos bons costumes.

Accresce mais que o enfermo, além de poder contrahir outra molestia trazida pelo visitante, tem muitas vezes a desgraça de tomar "meizinhas" aconselhadas pela comadre e levadas no bolso do respectivo marido.

E tudo isto ás escondidas, com recommendação especial para que o medico não saiba que o doente tomou umas lavagens de “batata de purga”, ou uma xaropada de “pinhão”.

Já algum dos senhores visitou um hospital em hora de serviço?

Naturalmente viu quem lá esteve que os senhores medicos não transpõem as enfermarias sem os seus aventaes. Isto quer dizer que assim como lhes cabe evitar a contaminação das suas roupas, que podem não estar fóra de perigo para os hospitalizados, nellas não irão germens para o seu lar, nem para os seus clientes domiciliados; e pena é que os medicos disponham de poucas defezas na clinica civil.

Contou-me um clinico amigo que nada o entristecia mais do que pedir agua para lavar as mãos, após o exame de um doente, não como Pilatos na condemnação do Salvador, mas para se salvar e a muitos da doença que diagnosticara; e muitas vezes fica de mãos sujas porque tem receios de melindrar, pedindo o liquido precioso, cuja falta naquella hora priva-o de limpar os olhos embaçados, de enxugar o suor que lhe molha o rosto, ficando ainda com remorso si, por acaso, estende a mão a algum camarada. E’ de facto lamentavel, e esta lição de coisas ninguem acceita, e todos juram que agua e sabão, felizmente, nunca deixaram de dar ao medico que lhes visitou os enfermos. Mas... eu não acredito.

O cliente rico exige do medico uma hora certa para as suas visitas. E em vez de estar tudo prompto

para recebê-lo na hora aprasada, quando o clinico faz soar a campainha ou lasca a mão de bater palmas á porta do ricaço, só minutos depois apparece alguem da cópa para abrir-lhe a entrada, ficando o medico ainda de pé algum tempo, á espera que o mandem entrar nos aposentos do cliente.

Recordo-me muito bem de um tratamento que iniciei, dando-me a cliente uma hora exacta para a minha visita diaria. Certa vez encontrei o portão fechado a cadeado; e depois de muito esperar, recebi uma “ordem” pela creada, para voltar mais tarde, que a dona muito illustre estava repousando. Nunca mais voltei, é claro.

O cliente rico não é generoso, compensando muito mal os trabalhos do clinico, e este por méra cortezia deixa, ás vezes, á vontade daquelle a retribuição dos seus serviços.

Jámais esquecerei a paga mesquinha que certo ricaço deu a duas intervenções cirurgicas que lhe fiz, no espaço de sessenta dias, durante os quaes o visitava pela manhã e á tarde. E quando, curado de molestia mortal, pediu-me a conta dos meus “notaveis serviços”, como classificou, dizendo-me que, si lhe faltasse dinheiro, venderia a sua propria residencia para saldar o seu debito para commigo, deixei ao seu arbitrio o pagamento dos meus honorarios, apesar de insinuações de muitos para lhe cobrar uma dezena de contos de réis. Não o fiz, e recebi uma miseria. Mas o que me entristeceu foi haver o meu rico cliente

convidado um sapateiro e um alfaiate para avaliarem os meus trabalhos.

E não ficou ahi a grandeza de sua alma. Quando algum tempo depois eu abri campanha pela imprensa contra um charlatão, foi o meu generoso cliente o mais forte advogado do “milagrento homem”.

O cliente rico attribúe sempre ás promessas a cura que se operou no seu lar, e volta o rosto ao medico si este não conseguiu restabelecer o enfermo de molestia grave. E’, emfim, mais facil obter-se uma nobre acção de um pobre do que arrancar a generosidade de um rico.

O CLIENTE POBRE

O cliente pobre e ignorante é a arma do medico novato, que inicia a clinica e procura passar por humanitario, amigo da humildade, marcando horas nos seus annuncios para os ricos e reservando uma ou duas vezes por semana alguns minutos para o pobre, a quem visita, abraça, indo no seu ardil a intenção do reclamo do cozinheiro, do “chauffeur”, da lavadeira, do caixeirinho, do empregado de poucos recursos, do funcionario de pequenos ordenados, e junto aos patrões e chefes de serviço, salientando a bondade do doutor, a sua sapiencia, as suas curas, os seus milagres.

O cliente pobre é realmente humilde, entra no consultorio de chapéo na mão, tratando o medico por “V. Exa.” e rogando graças aos céos pelo favor que se lhe faz, recompensado com a sua estima os serviços prestados aos filhos, á sua “caseira” e a si proprio.

E', pois, o cliente pobre o caminho seguro que tem o medico para a sua celebridade na clinica, e por

isso todos o querem no começo e o abandonam depois.

O cliente pobre é o campo de experimentação que a medicina escolhe para as investigações scientificas, desde a applicação dos processos therapeuticos, que tudo promette, aos estudos anatomo-necrobioticos, que esclarecem as duvidas e confirmam os diagnosticos.

O cliente pobre é o patrimonio da sciencia medica universal, de quem os povos auferem as vantagens que equilibram a estatica social; e sem elle, os governos estariam luctando com tremendas decepções na vida intima das collectividades.

O cliente pobre é o livro que só contém exemplos e havidos por verdadeiros nos compendios de pathologia.

O cliente pobre beija-nos as mãos, com lagrimas nos olhos, si lhe restituimos a saúde e a força, ou traz-nos os seus agradecimentos ainda que não tenham sido coroados de exito os nossos esforços.

O cliente pobre não cança o medico nas suas consultas, dizendo, o ignorante, na rusticidade do seu vocabulario toda a morbidez do seu suffer; conta-lhe tudo, desde quando sentiu as primeiras manifestações do mal ás “meizinhas” que tomou. Refere-se ás “rezas” que lhe fizeram, os remedios que lhe ensinaram, as “garrafadas” que comprou, a feitiçaria que o induziram a praticar, reflectindo nas superstições o duende que se irmanou á sua mentalidade.

Entre os innumerados processos de tratamento usados pelo povo rustico, um me parece interessante pela sua originalidade.

A esplenomegalia, isto é, o augmento de volume ou hyperthrophia do baço, é conhecido na classe pobre pela designação de “dureza”; e para cural-a, referiu-me um doente da clinica hospitalar que fizera, sem resultado, “o tratamento do ôvo”, que consistia em ferver-o na propria urina e o collocar na bocca de um formigueiro; e á medida que as formigas comem o referido ôvo, a molestia vae tambem desaparecendo.

Contou-me um medico em S. Salvador que nas margens do S. Francisco, entre certa gente, acreditava-se que o melhor remedio para cortar o accesso do paludismo era surprehender o doente, na crise do frio, com um tiro de revolver perto do seu leito. Com o susto abortava-se o tremor das sezões e baixava a temperatura.

O cliente pobre, que assigna o nome e tem a infelicidade de ler jornal, cata nos annuncios a nomenclatura dos remedios em voga e as suas applicações, e compra o que lhe convém, certo da cura que lhe promette o industrial.

Conta-se que uma vez uma senhora leu num jornal de certa provincia o attestado do seu medico, recommendando uma droga pharmaceutica, muito “vantajosa” para incommodos femininos. Comprou um vidro, e o resultado foi negativo. Dirigiu-se, então, ao medico e narrou os males que lhe advieram

com o tal preparado, respondendo-lhe o esculapio que “attestado de jornal é receita para o droguista”.

O cliente pobre, esse que abarrota os mercados e enche as repartições, cujos ganhos chegam só para as suas necessidades prementes, é o nosso consulente habitual; conquista elle quasi sempre a nossa sympathia e procura bondosamente retribuir as atenções que lhe dispensamos. Mas, como entre os demais, ha ingratos e, peor que tudo, refinados intrigantes, coisa muito commum no espirito aldeão e levado, pelo medico, á conta de habito de origem.

O cliente pobre, esse mesmo que consegue do medico constantes obsequios, alguns dos quaes com a quebra dos seus melindres, esquecendo, por um sentimento de piedade, offensas graves, tem alguma vez oportunidade de mostrar de quanto é capaz o seu espirito malsão, escouceando o compadre, o amigo ou camarada, quando tal ou qual situação lhe parece prometter vantagens sociaes.

O cliente pobre, medianamente cultivado, ledor de Chernoviz e collecionador de receitas de almanques, desconfia sempre do medico quando o diagnostico do clinico não concorda com o seu; e logo mais, ao anoitecer, quando os vizinhos estão mais desattentos, leva á sua casa outro medico para a salvadora elucidação.

O cliente pobre, dado ao jornalismo, versejador de “infamias” rimadas, ou proseando um futurismo pulha, como retribuição aos serviços do medico, que no caso fica um “bemfeitor da humanidade”, porque

lhe salvou talvez a sogra, tece louvores á extrema bondade do esculapio, offendendo todavia á pobre grammatica e a certas modestias engarrafadas, para na primeira occasião, quando o medico não conseguir egual resultado, salvando-lhe outro doente, cortar caminho para não lhe tirar o chapéo. Outros esvurmam a peçonha de su'alma, quando não dispõem do medico como de um creado, a toda hora prompto aos seus caprichos.

A' noite, certa vez, em minha casa, conversava com alguns amigos, quando batem á porta. Era um mocinho que, dando "bôas noites", referiu que seu pae não estava passando bem, isto é, estava nervoso e desejava que eu o fosse "ver". Sim, respondi-lhe; mas como vê, tenho visita agora e logo que se retirem os meus amigos, irei "ver" seu pae. "Mas, doutor, retorquiu o rapaz, eu desejava que fosse agora mesmo". "Sim, disse-lhe eu, si seu pae tem apenas "nervoso", não é tão urgente a minha visita".

Nisto, o môço empertigou-se e olhando-me com certa dureza, disse-me, rispido e forte: "Imprestavel, Imprestavel". Cruzei os braços, e a amavel creatura foi descendo a escada, repetindo o dôce adjectivo.

Desappareceu na esquina proxima, e o toc-toc dos seus passos, rua á fóra, parecia trazer-me aos tympanos o som das mesmas gentilezas.

Nada respondi; tive medo de mim e do mal que me poderia fazer o mocinho, pelas consequencias que traria o menor gesto que eu tivesse, e cuja repercussão na sociedade seria fatalmente contra o medico,

ainda que a razão sobrasse do seu lado. Foi melhor assim.

O cliente pobre, com algumas honrosas exceções, differe do rico, talvez, porque lhe falta dinheiro.

O CLIENTE DE DISTINCÇÃO

Pobre ou rico, a compensação do medico está no cliente de distincção. Este vae em pessoa á casa do medico, ou escreve attenciosamente pedindo desculpas do incommodo, e convida-o, todo delicadeza, para visitar um seu enfermo; dá-lhe transporte ou acompanha-o até o domicilio, e cumpre fielmente as prescripções do medico.

O cliente de distincção é amigo do seu medico, defende-o de accusações insensatas, acceita os seus conselhos, não sabe trahir, não crê nas mézinhas dos curandeiros e entrega á responsabilidade exclusiva do medico a sorte do seu doente.

O cliente de distincção acompanha com interesse e intelligencia a marcha da molestia, méde as difficuldades do tratamento, justifica o inexistente e vê na morte a incurabilidade do caso e não a cegueira do profissional, que tudo fez e nada conseguiu.

De maneiras sempre apuradas, o cliente de distincção é sincero, deve gratidão ao medico solícito, esforçado e digno, e não expõe o seu reconhecimento

nos “a pedidos” dos jornaes, em agradecimentoslouvaminheiros e ridiculos.

Emfim, o medico honesto e o cliente de distincção criam uma afinidade espiritual honrosa para ambos, não prescindindo este dos conselhos daquelle, que é o depositario da historia morbida da familia, nas decisões que devam influir no bem estar do lar, nem o medico se afasta do cliente que o ataca, considera e presa, ouvindo tambem o amigo nas questões sociaes que, por vezes, empolgam a vida afanosa do clinico. E dessa espiritualidade tira o medico o melhor proveito para a sua satisfação intima, podendo contar na sociedade com os melhores elementos de reacção contra a ingratitude e a má fé da maioria dos clientes

Quando volverdes a ultima pagina deste trabalho, leitor amigo, traçai, então, a vossa critica, pondo em linha de conta que o auctor não é um vaidoso, nem um caçador de elogios.

A feição que dei ás minhas notas, colhidas no convivio de todos os clientes e entre os medicos, parecerá a muitos reflectir uma intolerancia maior do que a observação real dos costumes e defeitos na provincia, e quiça no paiz inteiro.

Mas si fosse dado inverter as profissões, estariam todos os profanos desilludidos da sinceridade que simulam muitos medicos e quasi todos os clientes, promettendo estes aquillo que não têm, e aquelles

prenunciando vantagens que só a Deus é dado repar-
tir com os viventes da terra.

Serei, por outros, acoimado de demolidor; mas
tenho certeza de que na consciencia de todos estou
com a verdade, faltando-lhes apenas essa franqueza
de contar o que todos sabem e ninguém quer dizer.

.....
.....
.....

GRANDES MALES

I

ALCOOLOSE

Deus me livre de modificar costumes.

A sociedade de todos os tempos não differe da dos nossos dias; e hontem, como agora, houve em todos os meios gritos que malsinavam e vozes que applaudiam os mesmos desatinos humanos.

A observação de todos os dias chegou á dolorosa verdade de que “l' homme ne meurt pas, il se tue”.

Quem do alto espreitar a humanidade nos seus delirios e nas suas paixões, descera, após rapida contemplação, si não chorando, pelo menos desilludido do futuro da raça, que estriba a sua força na inconsciencia dos seus actos.

Os povos mais adeantados em civilização procuram de certo modo oppor algumas resistencias ao

desequilíbrio social, sem entretanto travarem a engrenagem da machina que tudo leva ao precipício.

Uma leitura sobre a legislação sanitaria dos paizes alcunhados de civilizados, dissipa depressa a nossa incredulidade referente aos males de que somos os unicos responsaveis.

Ninguém vê, na proclamação dos poderes sanitarios, medidas de salvação publica; mas a caturrice de funcionarios que precisam deitar manifesto para justificação dos cargos que occupam.

As disposições de lei prohibindo o uso dos toxicos, parecem mais um estimulo a negocios vantajosos do que um rebate contra a degeneração e morte das sociedades.

A prophylaxia da syphilis, que se vem fazendo no mundo inteiro, como um dos remedios salvadores da humanidade, tambem merece o descaso de todos, por indisciplina mental, escondendo-se a chaga que afeia rudemente a historia das nacionalidades.

A seu tempo direi algo sobre este problema social, até agora insolúvel, e o quanto fizemos contra o *Schaudinnismo* brasileiro.

Antes d'elle, ha outro mal que nos degrada, avilta e amesquinha, preparando a seu turno a degeneração e a morte antecipada das gerações.

A sciencia experimental chegou á triste verdade de que as molestias do figado, dos rins e do coração, isto é, dos orgãos mais essenciaes á vida, têm como factores o alcool, a syphilis e o fumo, sem incluir as psychoses engendradas pela trindade negra; e com-

quanto multi-millenarias estas affirmações, não cança o homem de encurtar os seus dias, sorvendo o liquido mortal, apoucando-se nos disturbios da syphilis e embotando a cerebralidade nas amarguras da nicotina.

A vida, cujo rythmo por si só basta para cançar os systemas da physiologia, gasta-se aos poucos pela autotoxicose, resultante dessa mechanica admiravel, cuja rodagem pára depressa, si lhe desconcertamos a marcha, quer apressando-lhe os movimentos, quer diminuido a cadencia do seu trabalho.

Tão delicado nas suas funções, o organismo se desembaraça normalmente pelos seus emunctorios, das cinzas havidas das combustões intraplasmaticas, e assim anda até o gasto final das suas ultimas energias; e enferrujados os tubos, insufficiente a bomba, obstruidos os filtros, apagado o calor que se irradia das trocas endocrinicas,ahi está a senescencia e a morte. Mas si lhe travamos a engrenagem, elevando a pressão, obliterando-lhe os escoadouros, congestionando os seus tecidos, espessando as suas paredes, a desarmonia do conjuncto traz a queda do colosso, fragorosamente cahido na apparencia de esplendor.

Esses entraves á normalidade são obra do proprio homem, o mais irracional dos animaes, que, dotado de tanta intelligencia, não vê o precipicio cavado por suas proprias mãos, enquanto os seres inferiores fugindo da cicuta, e entre o joio escolhendo o trigo, só se não defendem da furia humana.

Tudo está demonstrando que o índice de civilização actual se méde pela maior somma de vícios e degradação; e chega-se a ter a impressão dos tempos romanos, quando as orgias dos imperadores obrigavam as côrtes á impudicicia dos excessos e as bacchanaes nivelavam regulos e dirigentes.

Não sei que povos sensatos conheceram esta hygiene, em nome da qual as sociedades se desnudam, os individuos se confundem numa liberdade compromettedora e se desintoxicam dançando e ingerindo alcool. O que se sabe é que o exercicio é uma necessidade inadiavel para o homem, ajudando o organismo a se desembaraçar dos venenos endogenos, conservando promptas as defesas organicas, mantendo a esbelteza do corpo, a elegancia das formas, desenvolvendo a attenção, apurando a intelligencia, banhando o espirito numa caudal de alegria constante; porque o salto, a esgrima, a natação, o tennis, o golf, o remo, a equitação e demais exercicios innocentes são executados ao ar livre, e têm a propriedade de não deixar nenhum musculo sem a participação intelligente do esforço medido, regulado, abrindo as portas de eliminação para a vida dos órgãos profundos; mas a sarabanda tangida pelo desconcerto instrumentado e entretida pelo alcool, lembra o estado morbido de uma raça em avançada decadencia moral, nadando em ouro e ávida de sensações novas.

Uma nevrose, entretida pelos excitantes que embotam a ideação, tornando o homem contemporaneo

incapaz de pensar um só instante na ruína do seu caracter e no aniquilamento da especie.

E por que não? O alcool absorve-se em natureza; neste estado circula no sangue, impregna-se nos elementos nobres e, modificando o seu meio, altera-lhe egualmente as propriedades hysto-physiologicas.

Todos os paizes têm procurado eliminar do rôl de suas inferioridades esse elemento de decadencia social; e para que lembrar que o alcool remonta ao berço da propria humanidade? cuja invenção os Hindús attribuem a Brahma, os Hebreus a Noé, os Egypcios a Osiris, os Gregos a Bacchus, mas que em todos os tempos foi reputado um toxico, cujas consequencias os poetas e moralistas dantanho exalçaram até nos monumentos egypticos, em muitos dos quaes escreveram que “vinum multum potatum irritationem et ruinas multas fecit”, em latim antigo, advertindo assim os perigos das bebidas alcoolicas? E por que não lembrar que a sobriedade christã procurou desde os primeiros dias desviar do máo caminho os barbaros que submeteram Roma imperial á corrupção que a destruiu?

Recordem-se dos anathemas de Santo Agostinho e Santo Ambrosio, condemnando os costumes de se solemnizarem os feitos nacionaes com o rito selvagem de afogar a memoria dos martyres da patria no vinho generoso, festejando-se com o deboche os dias civicos, e terão ainda agora os mesmos pretextos as comemorações dos feitos patrioticos.

Quando o governo da Republica ou os Presidentes dos Estados, ou embaixadores, celebram as suas festas, recepcionando por um evento historico ou politico, não sabem dizer fementidos protestos de união, sem erguerem a sua taça em homenagem ou em honra a esse ou áquelle, isto é, sem “beber á saúde”, sendo, pois, protocollar beber alcool, que é o sello da pureza das intenções.

Assim, dos tempos mais recuados da historia aos nossos dias, scientistas, moralistas e legisladores têm suscitado medidas de repressão ao uso de bebidas alcoolicas, e por mais que se demonstrem os seus perigos e se prohiba o seu fabrico, não cessam os homens de violentar a razão, incentivando o vicio e diminuindo a vida.

Em 530, anno da peste em Athenas, Hippocrate, nas suas notas clinicas apparecidas com o nome de “Epidemias”, dando-nos as suas observações, deixa ver no meio dos seus commentos muitos casos de delirio alcoolico. Lycurgo costumava embriagar escravos para despertar nos cidadãos o desgosto pela embriaguez; e em Athenas, Dracon condemnava á morte aquelle que se embriagava.

Assim, pois, justificado que em todos os tempos a humanidade viveu de exemplificações sobre a nocividade do alcool, resta concluir que continuamos obstinados no erro, dando grande exemplo de rudez, enchendo-se os codigos sanitarios de penas disciplinares para as suas infracções, mas os azylos e hospitaes

andam cheios de doentes de molestias varias, cuja etio-pathogenia assenta os seus alicerces no ethilismo.

Não tem faltado a certos representantes e dirigentes do povo vontade segura na extincção desse grande mal social, e a classe medica não cessa de gritar contra as miserias que delle advêm; e não deixo passar sem os meus louvores o esforço do Dr. Hermeto Lima, encarregado do Gabinete de Identificação na Capital Federal, escrevendo sobre "O alcoolismo no Rio de Janeiro", em 1914, apontando aos poderes competentes as graves consequencias do ethilismo.

Não sei si o Brasil supportaria os rigores da "lei secca", que tanta celeuma fez nos Estados Unidos da America do Norte, e onde, dizem, se bébe mais do que no regimen da liberdade.

Quero crêr, entretanto, que mais tarde os fructos daquella prohibição compensarão o immenso trabalho das auctoridades pela observancia da lei.

Entre nós, parece, porém, que se burlaria tambem uma medida daquella natureza, mas viria depois o tempo das vantagens com a fortaleza da raça e o aproveitamento do trabalho.

O calculo de consumo diario de bebidas alcoolicas no Rio de Janeiro, feito por Hermeto Lima, é approximativo, tomando elle por base o numero de casas que negociam com o veneno.

Adoptei o mesmo criterio aqui e cheguei á conclusão de que em Natal, em 1926, guiando-me pelas notas que me forneceram os importadores de bebi-

das alcoolicas, se consumiram 437..596 litros, que divididos pelos habitantes adultos desta provinvia, cabe a cada um por anno 50 litros 546 grammas, e por dia perto de 139 grammas

E' pouco, dirão; é muito digo eu, porque, além dos males que aquella dóse, diariamente ingerida, vae promovendo na intimidade dos orgãos, o habito pre-dispõe a beber muito mais e a durar menos a vida.

A importancia gasta com o consumo de bebidas alcoolicas em Natal, em 1926, montou a 1..375:750\$000. E a quanto não montaria a fortuna particular, no fim de um decennio, si cada consumidor depositasse numa caixa economica a quantia reservada ás bebidas alcoolicas?

A' parte as alegrias da saúde, as vantagens das reservas para os dias máos e a garantia para a subsistencia da familia, si lhe faltasse o braço forte da prosperidade do lar, bastam para uma meditação sobre os males sociaes que fazem a nossa pobreza e a nossa infelicidade.

Todos os paizes têm demonstrado por estatisticas um alto coefficiente de lethalidade e de mortinatalidade nas cidades onde mais se bébe. Assim, na França, nas Landes, onde se consome pouco alcool, a mortalidade é de 18 por 1000, habitantes; no Sena-Inferior, onde se bébe muito, a mortalidade é de 27 por 100, e é egualmente onde morrem mais crianças abaixo de um anno, o que se attribue á acção do alcoolismo sobre a herança.

Infelizmente as nossas questões sociaes não são levadas a serio, e dahi esquecerem-se desse grande factor da nossa decadencia, trabalhando o alcool, á socapa, a completa ruina de um paiz novo e rico, arrastado pela decadencia dos que nada mais darão, afogando os seus loiros no vicio, na orgia e no lôdo da concupiscencia.

Para illustração dos factos a que alludo poder-se-ia evocar a Edade-Media, a Renascença e os tempos modernos na luta pela extincção do uso do alcool; mas para se provar quanto mal elle nos faz, basta ler diariamente o noticiario dos jornaes e meditar nos crimes, nas prisões e nos desastres por elles pormenorizados, si se não quizer attentar para essa enormidade de degenerados, surdo-mudos, epilepticos, cegos e loucos, que nos pedem assistencia diaria, nem olhar para a valla commum, que se abre nos cemiterios para guardar os mortos na edade infantil, cujo numero ameaça o despovoamento desta immensa patria. Nem preciso se torna trazer á baila os factos muito divulgados de felicidades se acabarem sob os impulsos do alcool, nem tão pouco historiar a genealogia de alcoolosos, cujos descendentes revestem todos os typos de degeneração physio-psychica.

O que nos cumpre fazer não é appellar, mas forçar os poderes da Republica a legislar rigorosamente sobre a fabricação das bebidas alcoolicas,, fazendo principalmente a sua prophylaxia nas escolas, ensinando ás creanças o perigo imminente a que se exporão si se deixarem seduzir pelos attractivos do máo

exemplo de um homem que, a titulo de festejar um anniversario, um baptizado, um casamento, um acontecimento politico, levanta a sua taça e bébe “á saúde”, e mata as suas energias, encurtando assim os seus dias, degenerando a descendencia e empobrecendo o seu paiz; de um pae que entra exhalando o cheiro do veneno e expõe-se aos seus filhs com os olhos turgidos, cambaleante, loquaz ou taciturno, e deixa-os á mesa e vae modorrar, cabeceando num divan proximo, inappetente e rispido.

Essa prophylaxia multifaria que se tem adoptado em todos os paizes, com resultados pouco vultuosos, não fez escola, nem estabeleceu systema; todos os meios empregados surtiram affeito relativo, e da utilização de todas as forças num mesmo sentido é que depende o exito da campanha.

Não devo referir onde mais se bébe, nem condemnar a “lei secca”, que de um golpe feriu a costumagem de um povo; para arremetter-se alguem contra os habitos que matam, basta impor medidas coercitivas e apregoar os meios que parecem mais efficazes para a derrocada do inimigo soez, que se esconde embuçado na artimanha dos defraudadores da honra nacional e consegue burlar a vigilancia e ferir de morte uma sociedade inteira.

Os taes recursos extremos surtirão os seus effeitos, embora possam estimular a fraude até áquelles que talvez não se solidarizassem com o crime.

Além da educação escolar, das sociedades de temperança, onde os abstemios encontrarão todos os

recursos para o desenvolvimento physico e cultura do espirito, os governos taxariam de tal modo as bebidas alcoolicas, que fosse difficil o seu uso á população operaria, a mais volumosa columna de homens uteis á patria, os incumbidos da riqueza nacional. O resto, essa gente que enche os theatros, os bars, dirige o commercio, regula o cambio e habita palacios e passa a vinho e todas as bebidas condemnaveis, si teimasse em viver passando os copos da bocca do amante aos labios da bacchante, que morresse de uma vez, porque só assim o paiz se livraria da ruindade de homens que pretendem justificar não valer a pena privar-se dos vicios, quando a morte é certa tambem para os abstemios, como si a sua vida não fosse uma parcella do corpo nacional que deve ser respeitado e amado, e não houvesse peiores desgraças antes da morte.

Quando cada um de nós attingir a cultura civica de se não pertencer, voltando as suas actividades para a patria, nella repousando todas as aspirações de grandeza, na mais pura accepção do vocabulario, então não serão inuteis os esforços empenhados no aperfeiçoamento da raça. Por emquanto os dirigentes se avenham com a casta dos perdidos, contraria ás medidas salutaes, infensa á disciplina do bom senso, incapaz de uma meditação sobre os males que degradam e annullam.

E' universal o habito de, quando se quer justificar uma medida attentar, repetir e citar outras gentes que já conseguiram vantagens praticas com a adopção de meios para taes fins; e então, na aldeia nin-

guem escreve na imprensa sobre qualquer assumpto sem copiar uma relação de auctores que se pronunciaram pró ou contra este ou aquelle; e si é um trabalho mais vultuoso, no fim da obra vem uma bibliotheca de escriptores autorizados, cujos livros diz o publicista ter consultado, si não para fazer illustração, pelo menos para apoiar as suas affirmações no sentenciar dos taes paranymphos. E' commodo, talvez, mas confesso ser pobre de vantagens o raciocinio que não crea e mais não faz do que transmittir mal algumas theorias e exemplos.

Para que assignalar que os Estados Unidos da America do Norte, si decretaram a "lei secca" foi porque viram no alcool o maior inimigo da sua hegemonia?

Não falemos da velha França, paiz em plena decadencia e degeneração social, onde o enolinismo é um dos factores da ruina nacional, de parceria com o neo-malthusianismo.

E si tudo isto não bastar para impor aos governos a repressão dessa liberdade de se vender venenos, fazendo, dest'arte, a prophylaxia da alcoolose (permittam-me o neologismo, que pode definir a intoxicação, em todos os grãos, pelas bebidas alcoolicas), interrogue-se á nati-mortalidade a sua historia e acharão os poderes dirigentes o caminho mais proximo á superpopulação e longevidade...

GRANDES MALES

II

SYPHILOSE

Si o descaso dos poderes publicos pelo futuro da raça é tão evidente, no que se refere ao despovoamento pela alcoolose, não menos seria é a questão da syphilis, descurada em toda parte, principalmente no Brasil, onde, por imitação a certos paizes, se vem ultimamente simulando um arremedo de prophylaxia, a cargo nos Estados de pessoas sem tirocinio, nem especialização, misturando-se alhos com bugalhos, fazendo ao mesmo tempo a prophylaxia do paludismo, da lepra, da verminose, da peste, dando-se a tudo isto o nome pomposo de Prophylaxia Rural, com séde e função exclusiva nas capitaes, não havendo no interior nenhum posto da famigerada "Rural".

Assim, está no mesmo caso da alcoolose a defesa da collectividade contra as desgraças do *Schaudinismo*.

Quem pretender estudar de perto a grande questão social da syphilis como causa de regressão, verá sem difficuldades quantos embaraços os governos têm vencido e quantas locubrações despenderam para a relativa conquista.

A regulamentação do meretrício, condemnada por improficua e escandalosa; a systematização de dispensarios, ambulatorios e hospitaes de isolamento para os contagiantes; penas disciplinares e a gratuidade dos serviços têm valido quasi nada nos paizes onde a balda de "syphilitico" invalida para as relações de sociedade, escondendo os avariados as desgraças que lhes minam a existencia, e transmittindo á descendencia os travos de uma ignorancia criminosa.

Audrain, no seu livro "*La Syphilis Obscure*" commenta com muito criterio a obstinação desastrosa de certos povos, principalmente do francez, de negar e esconder do proprio medico a sua possivel herança syphilitica, ou a lues contrahida por imprevidencia e infelicidade, expondo-se ao terciarismo fatal, ou á perpetuação de degenerados. E louva alguns paizes da America do Sul, principalmnte o Brasil e a Argentina, porque os seus filhos não coram si lhes chamam avariados, isto é, consideram a lues uma molestia egual ás outras, tratavel e curavel, preferindo exporem-se ás censuras de quem as fizer a perpetuarem typos incapazes da felicidade terrena. E eu lhe diria

ao ouvido, a Audrain, que muitos dos de cá ostentam as suas qualidades de syphiliticos como padrão de gloria e conquista nas luctas de Venus, lamentando não lhes poder offerecer a leitura do “Le Problème de la Chasteté Masculine”, do Dr. Frank Escande, como si não fosse muito do seu dever evitar todas as molestias transmissiveis, procurando conhecer todos os meios de fugir da sua ruina e poupar da desgraça os que os cercam.

Não me parece necessario descrever de que é capaz a syphilis; chego a pensar que todo mundo a conhece e as suas consequencias, porque a litteratura medica, as bullas dos seus especificos, os reclamistas de remedios varios e o exemplo vivo que perambula pelas ruas da cidade, enchendo ainda os azylos e hospitaes, bastam sobejamente para justificar o criterio dos governos instituindo a sua prophylaxia.

Mas sejamos justos; nenhum povo, nem mesmo o inglez, que traçou melhor o combate a esse flagello universal, por um programma longamente meditado pelos especialistas e sabios australianos, fez mais do que o allemão, aproveitando-se de todas as conquistas e impondo, como medida radical á segurança da sua raça, o attestado medico do laboratorio official para a primeira habilitação do casamento.

Isso é tudo, e só isso bastará daqui a alguns annos para todos fugirem da molestia de Schaudinn, porque a comprehensão dos deveres de cada um na função social de dar á patria filhos limpos de sangue, ou condemnados á pena humilhante, importa na

mais elevada conquista de hygiene racial, arrastando os infractores das medidas de selecção á pena de cretinos e vencidos.

Infelizmente estamos muito longe de attingir aquella civilização, nós latinos, e principalmente nós brasileiros, em cujo territorio vivem alguns milhões de analphabetos, tendo por legisladores cegos mentaes que, por vaidade ôca, procuram na legislação sanitaria o que se vem fazendo em outras partes do mundo, sem o desejo real de fazer coisa util, mas com a preocupação de crear logares para os predestinados.

Não é que falte aos nossos scientists capacidade para elevar bem alto o nome do Brasil; é que os governos, simples politicos, quando attingem as alturas do poder, como que recebem de Minerva todas as luzes e sabem tudo e ninguem lhes impede de commetter todos os attentados em nome da Sciencia e do Direito.

Quem attentar para a officialização da prophylaxia da syphilis, cuja organização está traçada no Regulamento do D. N. S. P., sentirá a deficiencia de meios para o objectivo em mira, propondo-se o governo a lutar contra a terrivel molestia sem as bases essenciaes do grande apprehendimento; e si o observador sahir a analysar a execução do programma prophylactico em cada cidade, terá a dolorosa certeza da imprestabilidade do serviço, confiado a pessoas que desviam as attenções do plano sanitario.

No Rio Grande do Norte, querendo o seu governador de 1921 contribuir para essa hygidez que se procura, o Dr. Antonio de Souza, estudando previamente o plano executado hoje por todos os paizes, decretou a officialização da prophylaxia da syphilis e molestias venereas no Estado, de accordo com as suas possibilidades economicas, e abriu os primeiros postos no Hospital de Caridade “Jovino Barreto” e Batalhão de Segurança Publica.

O que foi essa campanha reza o registo daquelle primeiro serviço e consta dos relatorios dirigidos ao então governador e, por ultimo, ao presidente do Estado Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, cuja publicação devo fazer aqui para a devida critica e complemento necessario á demonstração do quanto se praticou de util á collectividade. E' louvavel tambem dizer que o referido decreto foi transcripto no *Office International D' Hygiène Publique*, que é o órgão de 43 paizes que celebraram o convenio de 9 de Dezembro de 1907, em Paris, e onde se publicam as decisões de alta cultura e incontestavel valor scientifico; e vale a pena transcrevel-o aqui tambem, para melhor justificação do que affirmo.

No seu numero 9, Tome XIII, Septembre 1921, o “Office International” assim transcreve o alludido decreto:

“Brésil. (Etat de Rio Grande do Norte). — Décret n. 137 du 28 Mars 1921 relatif á la prophylaxie de la syphilis.

“Le Gouverneur de l’Etat de Rio Grande do Norte, faisant usage de ses attributions constitutionnelles qui l’autorisent à promouvoir, par tous moyens en sa possession, le progrès général, fondé sur le bien-être individuel, et attendu que parmi tous les maux qui affligent les hommes, les maladies vénériennes constituent celles qui, probablement, provoquent les conséquences les plus désastreuses, car outre qu’elles rendent inutile l’individu victime de souffrances variées et douloureuses, lorsqu’il n’est pas traité à temps et systématiquement, elles débilitent et ruinent plusieurs générations consécutives, par une hérédité fatale, qui se manifeste en elles sous les formes tristes et les plus douloureuses;

Considérant qu’en combattant ces maladies c’est la vitalité même de la race que l’on défend et que sans la santé et l’énergie physique, l’instruction, le progrès économique et toutes conquêtes de la civilisation deviennent inutiles;

Considérant que malgré les difficultés de la situation financière, aucun sacrifice n’est excessif pour arriver à un but aussi élevé; et faisant usage de l’autorisation à lui conféré par l’art. 9, de la loi n. 449 du 10 Décembre 1920, — Décrète:

Article premier. — Il est créé dans l’Etat de Rio Grande do Norte un service spécial de prophylaxie des maladies vénériennes, service qui fonctionnera conformément aux dispositions inscrites dans les articles suivants et qui pourront subir les modifications résultant de l’expérience.

Art. 2 — Le service aura à s'occuper essentiellement :

1°, d'effectuer la propagande, au moyen de publications dans les journaux, de tracts, de conférences et de conseils individuels, proclamant la nécessité absolue de prévenir et de traiter méthodiquement ces maladies ;

2°, de divulguer les moyens modernes de prévention pour éviter la contagion ;

3°, de lutter vigoureusement, par moyens légaux, contre le charlatanisme de certains médecins et pharmaciens qui présentent dans les annonces des journaux de prétendues spécialités pour la cure rapide et complète de ces maladies, éloignent de la sorte les malades du traitement scientifique et, fréquemment, aggravent l'état de ceux-ci, en leur faisant employer les drogues en question ;

4°, d'établir des postes de prophylaxie, où seront fournis gratuitement, aux personnes suspectes de contamination, les antiseptiques les plus efficaces en même temps qu'on indiquera à ces personnes le mode d'emploi immédiat ; les malades nécessitent y recevront les médicaments spécifiques pour le traitement de ces affections.

Art. 3 — Le Gouverneur de l'Etat achètera, pour le compte du Trésor, les médicaments spéciaux que l'expérience conseille d'employer pour la prophylaxie et le traitement des maladies vénériennes, afin que ces médicaments soient administrés dans les postes de prophylaxie par les médecins officiels.

Ces médicaments seront répartis en deux séries : dont la première, destinée à prévenir l'invasion du mal et à combattre les états contagieux (protargol, permanganate de potasse, etc., et maintenant "néo-salvarsan" et ses équivalents légitimes) sera délivrée gratuitement à ceux qui la demanderont dans les postes prophylactiques ; la seconde série, comprenant les médicaments à base de mercure et d'iode, qui conviennent pour la lutte contre les manifestations consécutives de la maladie et pour son traitement systématique, sera aussi administrée gratuitement aux malades nécessiteux et aux personnes comprises dans la "disposition transitoire", lettre e), du règlement de l'Hôpital "Jovino Barreto" et, au prix coûtant, aux autres personnes.

Art. 4 — Est absolument interdite l'application du "néo-salvarsan", 914, par les pharmaciens et par les personnes non diplômées.

Toute violation de cette prescription, dûment vérifiée, rendra le contrevenant passible d'une amende de 1:000\$000, en outre des peines sous le coup desquelles il peut tomber pour infraction au Liv. II, Tit. III, du Code Pénal et à d'autres lois du pays.

Art. 5 — Le service de prophylaxie s'effectuera dans la capitale de l'Etat au moyen de deux postes prophylactiques, dont le premier fonctionnera comme annexe de l'Hôpital "Jovino Barreto" et le second, spécialement destiné aux militaires de la force publique de l'Etat, dans la caserne du Bataillon de la Sûreté publique.

Art. 6 — Le poste de l'Hôpital "Jovino Barreto" ne comportera aucune indication extérieure de son but, la plus grande discrétion devant y être de règle, tant en ce qui concerne les noms et les qualités des personnes qui y consultent, qu'en ce qui se rapporte à la nature de la maladie à prévenir ou à traiter.

Art. 7 — Ces postes seront desservis par des infirmiers qui leur seront propres, chargés de donner aux personnes venant consulter les instructions précises pour l'application immédiate sur place des remèdes préventifs ou de procéder eux-mêmes à l'application des ces remèdes quand le malade ne sait ou ne peut le faire.

Art. 8 — Le service de prophylaxie fonctionnera tous les jours et le service des traitements spécifiques une fois la semaine. Le chef des cliniques de l'Hôpital "Jovino Barreto" déterminera le règlement intérieur des postes, de façon que l'horaire de la première visite soit commode pour les personnes venant consulter. Il pourra y avoir dans la soirée des heures d'ouverture pour les personnes que leurs occupations empêchent de venir consulter pendant la journée.

Art. 9 — Le poste annexé à l'Hôpital "Jovino Barreto" comprendra une petite infirmeria, où devront être réunis les sujets dont l'état exige qu'ils gardent la chambre. Cette infirmerie, dirigée personnellement par le chef des cliniques ou par son adjoint,

sera divisée en deux sections, une pour chaque sexe, desservies par un infirmier et par une infirmière.

§ unique — Le poste du Bataillon de la Sûreté publique, dont sera chargé le médecin du Bataillon, comprendra, en outre du matériel nécessaire, une infirmerie pour les soldats, ne pouvant être traités convenablement ailleurs pendant la période de contagion.

Art. 10 — Tous les soldats du Bataillon de la Sûreté publique et de l'Escadron de Cavalerie doivent venir se faire examiner à ce poste dès qu'ils ressentent les premiers symptomes ou qu'ils craignent d'avoir contracté quelque maladie vénérienne.

Ceux qui négligent de recourir en temps utile au service du poste et qui, ultérieurement, seront reconnus de ce fait atteints de maladie, seront consignés au quartier ou envoyés à l'infirmerie pendant la période contagion de leur solde pendant, puis seront punis par la retenue de la moitié de leur période d'indisponibilité.

Art. 11 — Le médecin du Bataillon de la Sûreté publique viendra chaque jour, à une heure déterminée, au poste et fera distribuer par l'infirmier à toute heure les médicaments préventifs et les instructions nécessaires demandés par les soldats.

Art. 12 — Quand des prévenus seront dirigés sur la "Maison de Détention", le médecin de la prison les examinera pour savoir s'ils sont de ces maladies et, dans l'affirmative, il prescrira immédiatement le traitement précis à suivre.

outros casos, sem se esquecer da doutrinação sobre os males de que é capaz a spirilose de Schaudinn.

O que nem todos sabem é que a syphilis e as molestias venereas se transmittem por modos e meios differentes, e dahi o perigo a que se expõem quantos convivam com pessoas attingidas pelas molestias referidas. Assim, os nossos auxiliares de serviço, a vida de sociedade, a promiscuidade nos cafés, bars, hotéis, etc., poderão transmittir todas as molestias, como a propria syphilis.

E' de observação diaria a assistencia a creanças portadoras de ophtalmias purulentas, keratites medias, e mesmo gonococcias, contrahidas por meio de pannos e objectos de uso commum, inquinados de coccus de Neisser.

Consta do registro da Prophylaxia official de que me occupo, um caso dos mais interessantes, referentemente á transmissão.

Foi ao Posto do Hospital "Jovino Barreto" uma senhora de 62 annos de idade, casada, mãe de muitos filhos e apresentando na commissura labial esquerda um cancro duro, leucoplasias na bocca e garganta, bem como syphilides papulo-maculosas na face, thorax e braços.

Contando a sua historia disse que havia dois mezes lhe apparecera aquella ferida "no canto da bocca" e havia poucos dias encheu-se-lhe o corpo daquellas manchas, a ponto de não poder comer nem dormir, taes as dôres que sentia.

Interrogada sobre a origem da sua molestia, contou ainda que tratava de um filho, que ficára em casa entrevado e cheio tambem daquella "feridagem", acreditando que apanhara tudo aquillo, porque costumava fumar o resto do cigarro que o filho deixava.

Desta observação resaltam a transmissão da syphilis pelo contacto mediato da bocca, e a concomitancia das manifestações secundarias com a lesão inicial, e admira-se o facto de ainda se encontrar quem não seja luetico.

A medicação arsenobenzoica fez o milagre da cicatrização rapida das lesões da pelle, e a pobre senhora voltou ao lar e ao trabalho, certa de estar curada, e sem saber que o terciarismo virá mais tarde terminar os seus dias...

Ninguém ignora as difficuldades de que se cerca a prophylaxia da syphilis. Os trabalhos de propaganda, de par com as verdades que se ensinam por todos os meios ao alcance dos poderes sanitarios, estão ainda longe de colher os fructos da peleja.

A dissolução social oppõe embaraços cada vez maiores e contribúe de modo incontestavel para o descredito das campanhas sanitarias, como a falta de comprehensão dos deveres civicos annulla as medidas de saneamento e educação.

Ha em toda parte sociedades de continencia arregimentando elementos para o aperfeiçoamento da especie, provado que está serem a castidade e os exercicios physicos os elementos mais nobres para a saúde do espirito e fortaleza corporal.

“A Conferencia Internacional de Prophylaxia Sanitaria e Moral”, no seu segundo Congresso Geral realizado em Bruxellas, de 1 a 6 de Setembro de 1902, declarou por unanimidade de votos” que o meio mais efficaz a empregar para combater a diffusão das molestias venereas consiste na divulgação ou vulgarização das noções relativas aos graves perigos e a importancia destas molestias”.

Ainda esta parte não esqueceu o legislador que estabeleceu a prophylaxia da syphilis no Rio Grande do Norte, comprehendendo quão tardios são os resultados deste trabalho sanitario, não medindo esforços para isolar da collectividade o contagiante, dando-lhe prompta e immediata assistencia.

Para se ajuizar dos resultados colhidos no Posto de Prophylaxia de Syphilis e Molestias Venereas no Hospital “Jovino Barreto”, transcrevo os relatorios apresentados aos Srs. Governador Dr. Antonio José de Mello e Souza e Presidente Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, em Outubro de 1922, Setembro de 1923 e 1 de Outubro de 1924.

“Exmo. Sr. Dr. Governador do Rio Grande do Norte:

“O decreto n. 137 de 28 de Março de 1921, dando attribuições ao chefe das clinicas do Hospital de Caridade “Jovino Barreto”, de superintender os serviços de Prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas, junto áquelle estabelecimento, implicitamente o obriga a dar a esse Go-

verno contas da marcha dos trabalhos até agora executados.

Sem outra regulamentação mais do que a constante das disposições do referido decreto, desde a sua promulgação foi iniciado o serviço, de accordo com os planos limitados pelo governo do Estado, se dividindo em prophylaxia da syphilis propriamente dita, e das molestias venereas.

A primeira, tendo por objectivo tratar com efficiencia os contagiantes, empregando-se para taes fins tudo ao alcance dos principios scientificos e da bôa razão, constituiu o ponto culminante da lucta social contra a avariose, impedindo de varios modos a propagação do terrivel mal, aproveitando o Posto a efficacia da propaganda, falando no consultorio do Hospital aos consulentes da Sala do Banco, como em conferencias publicas, chamando a attenção para os males de que a lues é capaz, e de como o alcool e os excessos de toda ordem engendram tendencias morbidas, por deficiencias nas resistencias organicas.

Comquanto a razão delles, doentes, veja pouco o beneficio dos conselhos, a prophylaxia anti-contagante vae aos poucos consolidando o trabalho de regeneração da especie; e quando todos, em epocha ainda remota, souberem ler, terá o Rio Grande do Norte contribuido, na medida de suas forças, para a maior garantia vital de uma raça forte.

Convém, porém, dizer que os outros meios de propaganda, como conselhos á população pela imprensa e outros, não têm sido constantes, o que é de lastimar, porque é obvio o seu valor na pratica dos ensinamentos. Ao seu lado, parece não haver interesse do corpo medico na defesa collectiva, referente ás molestias de que se occupa o decreto n. 137, porque raramente vão ao Posto doentes encaminhados pelos clinicos da cidade. Por sua vez, os senhores pharmaceuticos dão consultas nos seus estabelecimentos, fazem curativos e applicam injeccões de diversas substancias, injeccões até endovenosas, attentando contra o Codigo Penal e desviando do criterio scientifico o tratamento efficiente das molestias combatidas pelos poderes publicos. E' bem de ver que si uma medida energica se não tentar contra esses desmandos do charlatanismo, a ignorancia preferirá o embuste dos vendilhões.

Mercê de constantes affirmações, o corpo medico do Hospital vae attrahindo para o Posto quantos doentes encontre explorados pela sabugice pharmaceutica. E' lamentavel, porém, que o Posto fique tão fóra de mão, impossibilitando os doentes de procural-o muitas vezes, dadas as condições precarias de saúde e meios da maioria delles.

Não pedirei transferir o Posto para ponto mais proximo, nem mesmo a creação de outro no centro da cidade, porque seria augmentar

despesa, e mesmo proximamente meios de transporte facilitarão as necessidades; ainda assim nem todos poderão custear viagens diarias á séde do Posto e dahi as vantagens de se centralizar o serviço, onde ficasse ao alcance de toda gente, convindo salientar que, talvez devido á falta de transporte, nem uma vez funcionou o Posto á noite, para medicar um supposto infectado.

A' parte estas considerações de ordem publica, o serviço propriamente de prophylaxia curativa vae-se fazendo a contento do corpo medico.

Diariamente, na Sala do Banco, são examinads doentes de todas as clinicas e a maioria delles offerece meios de se prescrever o tratamento especifico, por se tratar quasi sempre de lues, nas suas manifestações polymorphas, salientando-se a modalidade terciaria.

Não quero deixar sem um detalhe precioso para a obra de elucidação das causas de mortalidade, me esquecendo de affirmar que na clinica civil e grandemnte na hospitalar a causa que se me afigura responsavel pela nati-mortalidade é tambem a syphilis, não se contando o numero de gestações seguidas de insuccesso e evitadas outras pela medicação especifica, empregada antes, como no curso de gestações posteriores.

Sem os esclarecimentos que nos poderia fornecer o laboratorio, com os seus resultados anatomico-pathologicos, sobre autopsias reiteiradas, a clinica, de par com os seus seguros recursos experimentaes, nesta questão vital de despopulação, por si só é bastante e soberana para pedir aos governos a multiplicação de garantias em prol da vitalidade nacional, diffundindo a pratica de preceitos de prophylaxia anti-luetica, reduzindo ao minimo a mortalidade infantil, curando quasi sempre, ao mesmo tempo regenerando a especie e creando forças vivas para o aperfeiçoamento indefinido do homem energia.

Em 17 meses de trabalho constante em prol da saúde collectiva, no que se refere ao tratamento da lues, o serviço de prophylaxia vae auferindo os lucros do capital sobre os beneficios levados a milhares de individuos, creando novas fontes de receita publica, reintegrando á gleba o homem sadio e o braço colhedor. A eloquencia dos algarismos fala bem alto para se louvar o gesto de quem soube auscultar as necessidades publicas, remediando muitos males com um só recurso.

A estatistica que hoje apresenta o Posto é das mais animadoras, contando-se inscriptas 1.510 pessoas, assim descriminadas: 1.164 homens e 346 mulheres, sendo 320 homens casados, 747 solteiros e 25 viuvos; e 151 mulheres casadas, 195 solteiras, 20 viuvos e 52 menores

de ambos os sexos. Quanto á idade, são: 24 de 1 a 15 annos; 204 de 15 a 20 annos; 455 de 20 a 30 annos; 360 de 30 a 40 annos; 95 de 40 a 50 annos; e 26 de 50 a 60 annos, para o sexo masculino; e 28 de 1 a 15 annos; 104 de 15 a 25 annos; 115 de 25 a 30 annos; 83 de 30 a 40 annos e 16 de 40 a 50 annos, para o sexo feminino. Quanto á profissão ha 60 ignoradas; 96 empregados publicos; 79 militares; 336 operarios; 59 maritimos; 89 commerciantes; 274 jornaleiros; 171 agricultores e 346 mulheres de profissão domestica, de cujo numero, 1.510, apenas 72 pessoas continuam na medicação arseno-benzoica, tendo 1.438 recebido os beneficios do Posto, levando uma cura relativa, tornando-se aptos para um trabalho remunerador. Nos 1.510 inscriptos foram applicadas 4.172 injeccões de 914, que é justo salientar, nunca determinou se não ligeiros phenomenos nitritoides em rarissimos doentes, com a aggravante do percurso de mais de um kilometro, muitas vezes sob aguaceiros de pesado inverno. De conjuncto, é macabra a procição de tantos doentes, trazendo elles desde a syphilis inicial ás mais terriveis manifestações do terciarismo, com escala pelo systema neuro-medullar, com localizações visceraes importantes, alterações somaticas da rêde arterial, funcionaes do apparelho gastro-intestinal, e soffrimentos do systema locomotor, privando todos da actividade util. A modalidade secundaria é

em muito menor numero, o que é deveras extraordinario na população inculta; mas talvez por isso mesmo tenham os seus portadores pressa de acudir a taes incommodos, que os tornam de subito invalidos para os seus affazeres.

Desde, pois, as manifestações cutaneas e mucosas ás alterações mais profundas, processadas na intimidade de órgãos e aparelhos até a heredo-lues, invalidando para o progresso legiões de surdo-mudos, epilepticos e uma serie innumeravel de eternos doentes, têm sido observados pelo Posto, que distribúe a todos o especifico e os conselhos de perseverante tratamento.

Commentando a syphilis no estado civil, é para notar que os solteiros estejam duas vezes mais sujeitos á infecção do que os casados; no entretanto foi impossivel ao questionario resolver si os casados e viuvos contrahiram a molestia depois do casamento; e a julgar pelo numero de mulheres casadas e viuvvas syphiliticas, fica á mercê de confissões dubias a historia da infecção no estado civil, sendo todavia logico que o casamento ampare maior numero de individuos contra a nefasta spirochetose de Schaudinn.

Seria curioso o inquerito sobre a syphilis referente á raça, ou propriamente á côr. Estudos modernos vêm affirmando que na syphilis secundaria as reacções ganglionares são mais accentuadas nas pessoas de côr, como as dôres, as papulas humidas, os condylomas, a syphilide pa-

pulo-annular e pustulosa, sendo no branco em proporção muito menor o apparecimento de maculas; verificando-se que no homem de côr a lesão mais frequente é a "gomma", como a syphilis cardio-vascular. Em compensação a neurosyphilis é frequentissima no branco, podendo-se, por fim, considerar que no negro ha reacções cutaneas e osseas mais accentuadas, mas a tabes e a paralysisia geral são frequentes no branco.

A falta de pessoal bastante para os diversos deveres do Posto e da clinica hospitalar impede a pesquisa segura dessas observações, curiosas sob o ponto de vista ethnologico, promettedoras de proveitos prophylacticos.

Voltando ás considerações praticas que vimos abordando sobre os doentes assistidos pelo Posto de Prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas no Hospital, portadores de todas as modalidades clinicas, apenas 396 apresentaram-se com a syphilis inicial.

O que é altamente promettedor é a cura apparente e prompta das formas primaria e secundaria, sob a acção do 914, cicatrizando e removendo difficuldades de marcha e movimentos dos pseudo-paralyticos, dando-lhes a impressão de curados, o que não é um grande bem porque, parte delles, não volta á conclusão do tratamento, deixando-se processar o terciarismo. E aqui está porque os 1.438 individuos que se submeteram á medicação arseno-benzoica e não mais

voltaram ao Posto correm serios perigos, com a possivel aggravação do seu estado; e neste ponto peza-nos a responsabilidade de não irmos em seu auxilio, procurando na reacção de Bordet-Wassermann a negatividade ou o positivo de cada caso, para lhes acenar impondo a continuidade do tratamento ou a licença de um repouso. E é, pois, com o maior interesse que encareço a providencia de se dotar o Hospital de um laboratorio de analyses, cujas vantagens são innumeras e de imprescindivel utilidade para o serviço de prophylaxia.

Quanto ao preço por que são cada doente ao Estado, vale bem dizer que não é dos mais custosos, pois despende-se apenas por doente 8\$000 com uma serie de 914; e aquelles que fazem em seguida a serie mercurial custam réis 20\$000, incluindo-se pessoal e material necessario á pratica do serviço. De tudo isto resalta cada vez mais a utilidade do laboratorio de analyses, ainda para a fabricação de empôlas de saes mercuriaes, dagua distillada, barateando sensivelmente o custo das applicações.

O serviço de molestias venereas, com o seu registro especial, dá tambem oportunidade de attestar os beneficios espalhados a quantos d'elle se têm utilizado, contando-se 686 pessoas dos dois sexos, portadoras de cancos molles, blennorrhagia, adenite suppurada, metrite, cystites, annexite, etc., nas quaes foram feitos 2.744

curativos, além da distribuição de meios preventivos e conselhos referentes á defesa individual.

Este serviço é dos mais simples e de menor custo, sahindo, em media, cada doente por 5\$000 ao Posto de Prophylaxia.

Concluindo, pois, a demonstração dos trabalhos do Posto de Prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas, congratulo-me com o Estado pelos relevantes serviços que essa medida de ordem publica leva á população do Rio Grande do Norte, encarecendo ainda uma vez a necessidade da sua diffusão, para maiores vantagens sanitarias". Outubro de 1922.

A demonstração contida no primeiro relatorio acima, fala bem alto quanto aos fins do serviço, e não esconde o interesse que despertou no corpo medico incumbido da sua execução pelo commettimento altamente patriotico e humano.

Em seguida dou o segundo relatorio, tambem dirigido ao Dr. Antonio José de Mello e Souza, no qual se encontrarão as vantagens da salvadora defesa, nos termos que se seguem.

"Os trabalhos que me foram confiados pelo decreto n. 137 de 28 de Março de 1921, relativos á defesa collectiva contra a syphilis e molestias venereas, tiveram o desenvolvimento que as necessidades reclamaram, bem como foi digna de louvores a solicitude dos medicos e auxiliares no desempenho dos seus deveres.

Assim, pois, o Posto de Prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas junto ao Hospital "Jovino Barreto", funcionando com toda regularidade, teve entretanto, como verá V. Exa., diminuido o seu serviço, não tanto pela falta de inscripção de novos avariados, como pela cooperação da Prophylaxia Rural que, apesar de não estar ainda funcionando o seu respectivo posto, antecipou os seus trabalhos fazendo o tratamento da syphilis e deste modo auxiliando-nos na luta contra a avariose de Schaudinn.

Comquanto o nosso registro deste anno, em confronto com o anterior, offereça a supposição de arrefecimento na luta a que nos entregamos, o contingente de serviços da prophylaxia rural, neste particular, sommado aos nossos, dará provavelmente a equivalencia de beneficios colhidos no anno passado.

Conforme os dados extrahidos do respectivo registro, montou a 408 o numero dos novos inscriptos no serviço de Prophylaxia da Syphilis, propriamente dito, sendo 230 homens, 175 mulheres e 3 creanças. Quanto ao estado civil são 159 solteiros, 65 casados, 6 viuvos e 1 menino; e 100 mulheres solteiras, 68 casadas, 7 viúvas e 2 meninas. Quanto á profissão, ha 174 domesticos, 47 empregados publicos, 12 commerciantes, 3 militares, 86 operarios, 3 maritimos, 80 jornaleiros e 3 creanças. Quando á

idade contam-se: de 8 a 20 annos, 103; de 20 a 40 annos, 200; de 40 a 50 annos, 74; e de 50 a 60 annos, 4.

Os doentes acima apresentavam: manifestações primarias, 15; secundarias, 12; terciarias, 376; e hereditaria, 15. Em todos elles foram applicadas 848 injeccões de 914. Na secção competente foram dadas 1.218 injeccões de saes mercuriaes, como complemento á cura de muitos doentes dos acima referidos, como em diversos matriculados no anno anterior. Dos inscriptos neste anno continuam em tratamento 86 doentes recebendo a medicação arsenobenzoica e 109 a mercurial, dando-se a conclusão de que nem todos os assistidos pelo Posta fazem regularmente o seu tratamento.

Na secção de Molestias Venereas matricularam-se 111 doentes, sendo 75 homens e 36 mulheres, dos quaes 37 solteiros, 33 casados e 5 viuvos; e 12 mulheres solteiras, 18 casadas e 6 viuvos, cujos curativos subiram a 7.608, concernentes á blenorrhagia, cancos molle e phagedenico, vegetações, adenites suppuradas, bartholinite, orchi-epididymite, granuloma, vulvite e metrites. Parte deste serviço, a cargo dos enfermeiros do Hospital, por cujo trabalho percebem a gratificação expressa no decreto que fundamentou a Prophylaxia, merece a justiça de estar produzindo grandes proveitos, não só pela cura de quasi todos os casos, como pelo

ensinamento de medidas relativas á defesa individual. Neste particular, outro tanto não se poderia dizer a respeito do tratamento da syphilis, que reclama um trabalho de propaganda intensa e continua, não tendo este Posto podido propagar as suas instrucções á população por motivos extranhos á responsabilidade dos executores do serviço, sendo, entretanto, indispensavel que se não esqueça das vantagens da propaganda escripta, se inteirando o povo dos maleficios da syphilis e molestias venereas, porque é corrente não haver senão relativo perigo social nos doentes que procuram tratamento, mas absoluto naquelles que, por ignorarem o mal que lhes mina a existencia, ficam á sombra de morte proxima, espalhando a todos o germen das lesões iniciaes ou, numa prole infeliz, os stygmata que anniquilam a especie.

Muito de proposito deixei para o fim desta exposição um commentario digno de nota, que diz respeito ao facto de serem nesta estatistica as casadas, proporcionalmente, em maior numero victimas das molestias venereas. Não ha como se acreditar em que os senhores maridos são os “unicos” responsaveis pelas molestias de suas esposas; fica-se assim mais á vontade. Entretanto sabe-se que a clandestinidade dá em todos os paizes margem a que se lhe attribua relativa cooparticipação na diffusão das molestias venereas, sabendo-se todavia que o adulte-

ro é muitas vezes o portador da infelicidade conjugal, sob o ponto de vista venerealogico.

Não é opportuno professar aqui todos os perigos sociaes emanentes desse regimen de "liberdade" conjugal, e nem tão pouco considerar arguições philosophicas sobre a formação eugénica de novas gerações, si á frente de toda e qualquer medida salvadora não se organizar a grande resistencia pela formação do psychismo da castidade. Ainda agora muitos paizes contam exercitos de verdadeiros puros; e mais tarde, pelas conquistas da hygiene, nas suas relações com a moral social, talvez se realize o sonho eugenico".

O prestamento de dados ao poder competente para julgar da continuidade dos serviços e aproveitamento dos esforços empregados no bem colectivo, dá ainda a quem ler as notas acima a convicção de que cada um dos obreiros deste trabalho de reconstrucção hygida da familia nacional, não mediu difficuldades para auxiliar o governo nessa luta pela maior das conquistas, que é a saúde humana.

Três annos a fio levou o Estado preparando-se para dizer bem alto o seu valor como causa de prosperidade e alegria de viver, e não estaria muito longe o tempo de se premiar quem dos primeiros houvesse propugnado pela defesa collectiva e felicidade do homem, liberto das agruras da avariose.

Dou, por fim, o ultimo relatorio, dirigido ao Presidente do Estado, Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, para demonstrar ainda que, pela mesma directriz andaram todos os que tomaram a si a responsabilidade da magna incumbencia, do teor seguinte:

“Consta do decreto n. 137 de 28 de Março de 1921 a minha responsabilidade na execução dos trabalhos do Posto de Prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas, e venho me desobrigar dos deveres que me deu o referido decreto, pedindo a vossa attenção para considerações de ordem pratica, que estabeleço em torno das vantagens socio-economicas do serviço. O periodo que terminou a 30 de Setembro proximo findo, marcou mais um anno de efficientes serviços á causa publica, prestados por aquelle Posto a quantos necessitaram de medicação immediata, como divulgando conhecimentos geraes sobre os males de que são capazes as molestias da prophylaxia official. As considerações de ordem social se reflectem nos resultados obtidos, convido notar a efficacia da propaganda, como a medicação opportuna em todos os doentes. Durante o anno foram matriculados 491 syphiliticos, e, conforme as suas manifestações, 66 são portadores de syphilis primaria, 124 secundaria, 220 terciaria e 81 de heredo-lues. Os do primeiro e segundo grupos apresentavam perigo imminente á collectividade, e os três primeiros, com

o tratamento a que se submeteram, ainda oferecem margem a possibilidades funestas si, por qualquer motivo, se descuidarem dos conselhos que recebem do corpo medico. Isto quer dizer que a nossa activação deve redobrar de esforços e ainda mais para forçar o desaparecimento do quarto grupo, com todas as suas manifestações polymorphas, favorecendo a natalidade com florescentes gerações, e possamos acariciar o sonho da longevidade feliz, dando ao mesmo tempo maiores possibilidades aos governos de despendem menos com a manutenção das penitenciarías e dos asylos. No total dos matriculados ha 260 homens, 150 mulheres e 81 creanças, sendo 71 homens casados, 186 solteiros e 3 viuvos; 47 mulheres casadas, 103 solteiras e 2 viuvvas, e 50 creanças do sexo masculino e 31 do feminino. Quanto á nacionalidade são 488 brasileiros e 3 estrangeiros. Em todos estes doentes foram applicadas 1.426 injeccões de 914 e 2.175 de saes mercuriaes, equivalendo dizer que a media mensal de injeccões de 914 foi de 118 e a de saes mercuriaes 175, ou sejam 37 injeccões de 914 por dezena e, 5 e fracções de saes mercuriaes por dia. No mesmo periodo o registro de molestias venereas accusa uma somma de 368 matriculados, nos quaes foram feitos 4.090 curativos, sendo 1.020 por caneros de Ducrey e 3.070 por blennorrhéa e suas consequencias.

E' bem de ver a utilidade da campanha pro-

phylactica que o Estado empreheudeu, que se não limita ao tratamento de quantos precisam dos seus serviços, mas a esterilização dos contagiantes, medida capital na defesa collectiva contra os maiores tormentos da syphilis e molestias venereas, ao mesmo tempo evitando a degeneração da especie, commettendo meios de dar ao paiz elementos de prosperidade, preparando assim gerações sem as tãras morbidas que minguam as nossas resistencias.

Com as 1.426 injeccões de novarsenobenzol nos 491 doentes, foram consumidas 699 empôlas do referido arsenical, no valor de 4:893\$000 e 1.200 injeccões de saes mercuriaes, ou sejam 175 caixas no valor de 1:060\$000. A secção de molestias venereas fez 4.100 curativos no valor 2:050\$000, dando logar a despesa de material se elevar a 8:003\$000; e accrescidos de 7:200\$000, referentes a pessoal, o total das despesas monta a 15:203\$000, preço real do serviço de Prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas, no exercicio de Setembro de 1923 a egual mês de 1924. Pondo de parte as vantagens e beneficios que resultam desta campanha salvadora, devo salientar o custo de cada matriculado, sahindo cada doente medicado pelo 914 por 308\$610 por anno, ou 25\$717 por mês, e accrescentando-se-lhe 2\$158 por anno, ou 179 réis por mês, despesa correspondente ao gasto de cada doente com os saes

mercuriaes, fica ao Estado um syphilitico por 310\$768 réis por anno, ou 25\$897 réis por mês.

A demonstração apresentada ao governo antecessor de V. Exa., accusava uma despesa bem infreior á que submetto ao seu criterioso julgamento. Accresce, entretanto, que não houve desvantagens para o serviço, porque os beneficios distribuidos valem somma muitas vezes superior ás despendidas; e a principal razão do maior custo está na coadjuvação do governo federal fazendo a mesma prophylaxia, convergindo para os mesmos fins humanos e patrioticos todo esse trabalho a que nos entregamos, dividindo assim a matricula nos referidos postos. E esse facto representa para o Estado grande economia de material, que se teria gasto, si fossemos unicos nessa defesa utilitarissima, e o que justifica o barateamento do serviço, por cada doente, é o crescido numero de matriculados. De qualquer modo a utilidade da Prophylaxia vale mais do que a somma empregada, e o esclarecido espirito de V. Exa., verá nas conquistas do trabalho a que o Estado poz hombros a vontade de acertar e o desejo de collocar o brasileiro de amanhã numa esphera de capacidade mais digna da nossa patria. A estatistica que ora apresento, offerece margens a multiplas considerações.

Commentando a syphilis no estado civil, não é extranhavel que o numero de casados con-

taminados pela avariose attinja áquella somma, pela falta imperdoavel do nosso Codigo permittir o casamento sem o exame medico dos nubentes; mas o que chega ás raias da deshumanidade é haver entre aquelles doentes alguns portadores de syphilis primaria, tendo contagiado a esposa!

Reportando-me de novo aos dados referentes ás molestias venereas, para salientar outras vantagens da prophylaxia official, chamo a attenção para os proveitos indirectos que o Posto offerece a todos, indistinctamente, e é evidente o valor que isto representa na salvaguarda dos incautos.

Na sua maioria de operarios e profissão domestica, sem meios de tratamento, aquelles contagiantes se expõem a uma serie de longos padecimentos, pelas complicações que lhes podem advir, comprometendo-lhes a saúde, ás vezes para sempre, e expondo quantos tenham a infelicidade de participar das suas misérias.

Assim, o Posto se me afigura uma providencia eminentemente necessaria á vigilancia de todos, precavendo a nós proprios contra o contagio indirecto por meio de objectos de uso corrente, inquinados pelos portadores de germens.

Quando não bastassem as allegações a que acima me refiro, só por si a assistencia a essas creaturas vale a conquista de muitos meritos para os governos que a crearam, mantêm e desenvolvem.

Como ficou demonstrado linhas atraz, a secção de Molestias Venereas é a mais economica e a mais trabalhosa. Com os 4.090 curativos foram despendidos 2:050\$000, custando cada doente 5\$573 réis por annos, sem se lhe accrescentar a despesa de pessoal, que por ser o mesmo, está incluído no custo do tratamento da syphilis. Infelizmente a presente estatística se recente de uma falta sensível, quanto á prova dos resultados obtidos.

Por motivos extranhos á direcção do serviço, ainda não poudes funcionar o Laboratorio de Analyses do Hospital, que tantas luzes deramaria sobre as demonstrações que acabo de expor, dando, pelos varios processos de investigação scientifica o coefficiente de curas effectuadas desde o inicio dos nossos trabalhos e ao mesmo tempo contrastando o diagnostico clinico; e comquanto clinicamente as lesões dos varios syphiliticos possam ceder sob a influencia da medicação, nem assim se affirmará hoje a cura sob nenhum pretexto, e muito menos se deverá atirar aquelles doentes á sua sorte, sem a prova de repetidos Wassermann.

Uma das preoccupações do serviço de Prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas do Estado foi obter o maximo de proveitos com o minimo de despesas; e o facto da verba orçamentaria destinada ao respectivo serviço ter sido utilizada em menos de um terço, vem apoiar o que

affirmo. Não quer isto dizer, entretanto, que seja desnecessario o credito de 50:000\$000 destinado á Prophylaxia, porque amanhã as necessidades poderão exigir maiores despesas, e na prevenção de eventualidades e para a bôa marcha dos trabalhos, peço a V. Exa. a renovação do mesmo credito.”

Como se vê, o serviço não está isento de falhas; mas para um Estado de poucos haveres é demais até, sendo extranhavel que nenhum outro tenha tomado a si a magna questão social da syphilis, confiando na que a União estabeleceu, deficiente também e feita na concorrência de outros serviços, sem a finalidade que se procura, quando a raça é que se objectiva.

E' que está no espirito de todos a obrigação exclusiva do governo central de olhar para os interesses da collectividade, quando cada nucleo dirigido por forças constitucionaes deveria terçar armas no mesmo sentido para a realização mais proxima do fim collimado.

Si me não engano, S. Paulo faz hoje por conta propria esse serviço, e o Rio Grande do Norte, que o fez em primeiro lugar, teve a desventura de ver supprimida a Prophylaxia da Syphilis no seu territorio pela maioria dos representantes dos municipios do Estado, por proposta do seu “leader” no Congresso Legislativo, em 1925; e para contraste, acaba o governo francez de corôar os meritos da Instituição

Gaffrée-Guinle com a "Legião de Honra", porque faz no Districto Federal a prophylaxia da syphilose, sem se preocupar que a esteja fazendo o Governo da União.

D U V I D A S

Sinto que a felicidade está, muitas vezes, na ignorancia de certas particularidades da vida.

O homem que assigna o nome e sabe lêr, apenas, as cartas que lhe manda o filho, e por hygiene moral não lê jornaes, nem annuncios ou reclamos de bebidas alcoolicas e cigarros, é infinitamente mais feliz do que aquelles que procuram orientar as multidões, estudando as coisas da vida, as causas de morte, os meios de prolongar aquella, de sustar esta, a todo instante perecendo de descrença na mais florescente cultura espiritual.

O septicismo empolga o homem no instante primeiro em que se abstrae dos dogmas, e a experiencia fal-o ver á luz nova que foram hypotheses as affirmações de hontem, ou que não foram definitivas as razões que calcaram as sentenças sobre esta ou aquella theoria scientifica.

A menor modificação no interpretar dos phenomenos importa, muitas vezes, na demolição de grandes edificios construidos por muitas actividades.

e tudo rúe e tudo se transforma, sendo fallaz a orientação divulgada pelas sociedades scientificas, promovendo-se novas attitudes, talvez ainda provisórias.

Quando se pensa, por exemplo, que a tuberculose estava definitivamente estudada, a sua prophylaxia conhecida, continuando a ser a molestia mais universalmente espalhada e ainda agora sem um tratamento seguro, nem cura certa; determinados os seus meios de propagação, com a heredo-predisposição firmada, e nesta hora tudo quasi se dissipou com as novas idéas dependentes do ultra-virus, ultra-microbio, do infra-visível, isto é, o germen de Koch, por exemplo, dando uma forma invisível de organismos visíveis, demonstrados pela reproducção do mal a custa dos filtrados, então, estereis, provando as experiencias de Cardoso Fontes que o bacillo tuberculoso possúe, entre suas numerosas modalidades morphologicas uma fórmula, não só filtravel mas invisível, reproduzindo em seguida uma forma visível, fica-se nenhumamente admirado da evolução scientifica, mas descrente da sabedoria de quantos justificam medidas de defesa collectiva, baseadas numa argumentação que, de momento, parece verdadeira...

E acceitando por definitivas as novas sobre o infra-visível, o mundo dos infinitamente pequenos anda actualmente em sobresaltos, porque as molestias, cuja etio-pathogenia escapa á luz das lentes e passa através das velas, terão de se haver com a locubração do homem para impedir a morte. E dahi virá abaixo toda a legislação contra o bacillo de Koch,

por exemplo, que é o germen de sahida, como a que combatia as outras molestias microbianas, cujos germens eram nossos conhecidos velhos e timidos á acção dos nossos meios de combate prophylactico, e agora encarados por três phases, a de entrada, a de sahida, separadas por uma invisivel e causal..

O meu professor de bacteriologia costumava dizer em aula que a tuberculose se transmittia “por todos os meios conhecidos e por conhecer”, e elle tinha razão; como nos affirmava que a transmissão da mãe ao fêto, por via placentaria, era impossivel, o que acabam de desmentir diversos experimentalistas, entre os quaes Calmette e Dufourt.

Dadas as semelhanças do bacillo de Koch com o Hansen, quem extranhará si amanhã vierem nos afirmar que um e outro são modalidades morphologica do de sahida, com localização especial e lesões differentes? Não duvidamos de taes possibilidades, mas lamenta-se que desse chaos não saia o especifico para livrar as sociedades de tantos flagellos, luctando-se com efficiencia contra molestias, cujos germens, alguns ainda ignorados, e outros agora com formas invisiveis e filtraveis, tenham as mesmas prerogativas daquelles, isto é, desmoronem “prophylacticamente” todo o edificio da defesa até hontem empregada contra os elementos visiveis, porque os que andam fóra das luzes da microscopia continuarão, com a vaccinação e o archaico expurgo, zombando do nosso adeantamento; donde se enfere que o perigo recrudesce, dados os exiguos recursos da collectividade contra as

pestes de que se suppunha garantida no communismo da luta pela vida.

O alcance scientifico dos nossos conhecimentos actuaes põe á margem questões que pesam demasiado na vida intima das sociedades. O mal que a parasitose intestinal faz ao homem, arruinando-o e lhe modificando a physiologia, seria menos nocivo si os vermes, que lhe sugam as energias, não trabalhassem uma toxina que tem tambem a propriedade de perverter o appetite, arrastando o homem a agravar o seu estado com a ingestão de substancias que o ajudam a morrer. E essa faculdade da toxina verminosa será exclusiva dos taes parasitos? E por que razão a toxina dos vermes tem electividade sobre o systema cortical e modifica a gustação, a ponto de ingirirem os ancylostomosos coisas horripilantes? Toxinas outras, além do seu effeito sobre a economia geral, arrastando o individuo á inanição, exaltando o centro thermico, deprimindo as forças, esclerosando o systema arterial, etc., não agirão sobre o psychismo, modificando a emotividade e transformando o "Eu" do paciente? Creio-o, e nisto está, talvez, uma questão de grande interesse social na luta contra a tuberculose, molestia disfarçavel e negada por todos os contagiantes, possivelmente com o proposito de contaminarem a quantos se approximarem.

Ha como que uma perversão do sentimento de humanidade e da affectividade, mesmo entre individuos de certa cultura, escondendo dos intimos a sua tortura, os seus soffrimentos physico-moraes, para

attrahil-os e com elles beber e lhes transmittir a “se-
nha da morte”.

Não vale a pena citar exemplos. Recordem-se os leitores de factos e justificarão a minha hypothese. Isto posto, que providencias tomarão as sociedades para a lucta efficienté contra a tuberculose? O isolamento systematico? Mas si o ultra-virus escapa á nossa sagacidade? Por outro lado, com o isolamento obrigatorio, as cidades ficariam deshabitadas, porque dizem os sabios que toda gente foi, é, ou será tuberculosa.

Talqualmente poderá acontecer com a lepra, parente proxima da tuberculose, apenas mais execrada porque deforma, afeia e ninguém acode aos seus accenos; e verifica-se, entretanto, que tendo um periodo longuissimo de incubação, provavelmente de vinte annos, ninguém poderá assegurar que nessa phase a lepra não seja transmissivel, e no caso, evoluindo o germen no cyclo de infra-visivel, um leproso em latencia poderá contaminar milhares de individuos, segregando-se quando já houver inconscientemente arruinado uma sociedade inteira; e a forma nervosa, disfarçavel como a tuberculose, poderá constituir um meio de contagio seguro, contra o qual ninguém terá razão para oppor defesa justa.

Recebi certa vez no consultorio do Hospital uma mocinha pobre, amparada por uma communitade, que durante dois annos accusava grande insensibilidade no pé direito, e por isto quiz ouvir a minha opinião a respeito daquella “dormencia”, tamanha que

havia poucos dias tirára do calcanhar um prego, que se fincára todo na carne, e nada sentira. Examinando-a bem, notei apenas uma insensibilidade na metade do referido pé. Mandeí-a ao laboratorio, e o exame do muco nazal foi negativo. Continuei pensando em lepra, pela circumstancia de haver a doente residido 18 mēses no Pará; e seis mēses mais tarde lepromas se manifestaram na face da pobre moça, sendo hoje uma das internadas no leprosario do Recife.

Si se não conhecem ainda os meios de transmissão do bacillo de Hansen, muito menos se sabe a respeito do seu ultra-virus, isto é, a phase invisivel do bacillo da lepra, quando apenas as manifestações indagnosticaveis não despertam esse horror ao doente e com elle vivemos numa cordialidade de irmãos.

Não faz muito tempo veio-me ao consultorio N. M. portador de uma pequena ulcera perfurante na face plantar do dedo grande do pé. Vinha para eu operar-o, porque não havia remedio que lhe sarasse a ferida. Contou-me que uma brocha da bötina ferira-lhe o dedo, e naquelle ponto se fizéra uma ulcera indolor, com uma zona insensivel, attingindo a metade do metatarso. Mandeí-o ao laboratorio, e o muco nazal deu três “frottis” positivos de Hansen.

Em nenhuma parte do seu corpo havia nada que suspeitasse a molestia terrivel, e o portador era dono de estabulo, examinado pela repartição de Hygiene do Estado e della tendo auctorização para negociar leite!

Outra vez foi á consulta da Sala do Banco do Hospital "Jovino Barreto" um serralheiro e operario das obras do porto de Natal, para ouvir o meu parecer a respeito de uma ulcera que trazia na face antero-interna da perna, logo acima do tornozello, e feita por um cascalho em ignição, que saltára da bigorna e lhe cahira na dobra da calça, queimando-a e á meia e á bota, sem que elle sentisse, quando um seu auxiliar, sentindo cheiro de carne queimada, o acudira, vendo-se, então, que a braza queimára-lhe a pelle e o tecido subjacente, ficando aquella ferida que não doía, mas não sarava.

O laboratorio positivou o Hansen, e o pobre homem continua no seu officio, com a mesma ulcera, até agora sem outra manifestação. Isto posto, que vantagens sociaes trará o isolamento systematico, si a symptomatologia proteiforme da lepra esconde por tantos annos a molestia, e si não sabe de que modos e por que meios ella se transmite? Que o leprosario sirva para a assistencia que as sociedades devem aos desafortunados, ou para aquelles que o procurarem livremente, não só se admite, mas se impõe como uma necessidade imperiosa de impedir a possível diffusão do mal e acudir o soffrimento dos condemnados á mutilação, á cegueira e á morte infalllivel: mas encarcerar a todos numa prisão, pela culpa de serem infelizes, sem se lhes dar a cura, apenas para satisfação dos que se suppõem livres do mal, quando no seu sangue esteja, talvez, o infra-visivel completando a sua evolução para encaminhal-os ao fatidico isolamento,

onde irão esperar a morte no convívio de chagas, no abandono dos assistentes e na execração das sociedades, é, além de tudo, deshumano e anti-científico.

Disse o Dr. Rabello, numa contestação a distincto profissional, mas apaixonado crente da nossa ruína sanitária, o Dr. Belisario Penna, que das molestias transmissíveis é a lepra a menos contagiosa. Na celebração das festas que se fizeram pelo centenario da morte de S. Francisco de Assis, tive occasião de dizer que, beijando no sangue a ferida dos leprosos, nem por isso consta haver o cantor incomparavel das bellezas do céu morrido de lepra, si não por milagre nem pela resistencia individual, talvez pela pequena contagiosidade na forma terminal da molestia.

Para se não ver o milagre na "immunidade" de S. Francisco, basta lembrar que entre as Irmãs de Sant'Anna, que fazem o serviço do Hospital dos Lazaros em Recife, ha muitos annos, não se conta um caso de lepra, sabendo-se que as suas installações não as garantem sufficientemente.

Os casos autoctonos, porém, fazem a confusão, pondo os nossos conhecimentos a respeito da molestia de Lazaro em collisão com a "immunidade" de alguns tratadores de leprosos, vivendo no mesmo aposento, mudando-lhes as roupas, lavando-lhes as chagas e a elles sobrevivendo mais de vinte annos, sem a menor manifestação do mal. Amigos meus conheceraem em Messoró uma senhora que se isolou com o seu filho leproso, e durante alguns annos levou estancando lhe o sangue das feridas, ameigando-o, dormindo ao seu

lado, e depois da morte do seu querido, viveu ainda vinte e poucos annos, fallecendo senil e sem nenhuma manifestação de lepra.

Serão excepções, que se notam em todas as molestias infecto-contagiosas, immunidades desconhecidas, uma vaccinação ainda não estudada, o que quizerem, mas serão tambem provas de que a lepra reclama tanto o isolamento incondicional quanto as outras molestias de notificação compulsoria, e talvez menos do que a tuberculose. Admitto que me chamem ignorante, pleiteando o isolamento facultativo desses infelizes, cuja culpa attesta uma grande intolerancia daquelles que veem luctando contra a lepra desde os começos da humanidade, e até agora se nivelam ao empirismo dos Vedas, exhortando os deuses e queimando essencias para a cura da molestia terrivel, ou unctando os doentes com essencias, ou lhes injectando o oleo de chaulmoogra, emquanto se não desagregam os membros e se lhes não fecham os olhos para todo sempre.

Prefiro esta minha ignorancia, dizendo a todos que se não sabe nada a respeito da lepra, a condemnar á prisão perpetua por um sentimento de horror, milhares de creaturas, cuja culpa está na sabedoria daquelles que legislam para os outros, sem remedio para as suas proprias misérias.

Ouvi certa vez de um exaltado defensor do segregamento do leproso que na Australia quasi não ha lepra, pelas medidas de isolamento impostas pelo go-

verno; e em muitos paizes haverá poucos, apesar da legislação universal a respeito; mas o que não me poudes responder o alludido senhor foi si a medida vexatoria conseguiu extinguir até agora a molestia, usando-se a mesma providencia, desde que se tem noção do homem na terra, nem si a raridade dos casos em certos logares está dependente da inadaptação do germen. Tenho lido a legislação sanitaria de alguns paizes, e no tocante á lepra não me julgo dos mais ignorantes; e se não extranhe que as medidas de defesa actuaes não diffiram muito da dos Vedas, como não é de bom quilate citar aquillo que se não conhece. Differe, entretanto, o nosso caso, isto é, quando se tem um paiz inteiro ferido pela praga e já não é possível arrancar de Minas, do Pará, de S. Paulo. e da Bahia a fonte de disseminação da lepra pelos outros Estados do Brasil, nem mesmo constituindo-se, como aventou o Dr. Belisario Penna, um Municipio de leprosos, com administração e direcção autonomas, pela impraticabilidade do isolamento com o resto do Estado a que pertencesse, si se não quizesse ilhar o numero elevado de taes doentes, que tanto pesam na consciencia dos responsaveis pelo estado actual da questão.

Sinto que o governo do paiz seja obrigado o despende sommas consideraveis com o sustento de odios, com a vaidade e com a politica, mantendo com a representação do povo gastos extraordinarios e desnecessarios, e se tenha esquecido de trabalhar pela

cura da lepra, cuja conquista valeria ao mundo por
todas as honras e victorias.

.
.
.

G R I P P E

Si o homem não fosse atormentado pelo mundo dos infinitamente pequenos, que o transfere facilmente deste para sitios ignorados, e põe os governos na contingencia de escravos á premencia de situações angustiosas, restavam-lhe para a morte antecipada todos os vícios que lhe inutilizam a physiologia.

Sente-se a pequenez do homem em face do micro-invisivel, ceifando ás cegas, deshabitando cidades, parando exercitos, sem que os povos reunidos possam conter a furia de tão pequeninos seres.

Tenho viva a impressão da pandemia grippal, que ainda hoje me aflora á imaginação, com os seus horrores e lagrimas alheias. Quíz nesse tempo a sorte proteger-me, e fui dos clinicos da cidade o unico que teve de acudir a todos, até o fim immune, assistindo a morte de muitos, preparando "tizanas" para outros, levando o proprio receituário ás pharmacias, abrindo as portas de algumas casas, cujas chaves ficavam na soleira, trabalhando até alta madrugada no consultorio, para onde levei uma ambulancia aviada na

pharmacia do Hospital, com auctorização do governo de então, para distribuição de recursos á pobreza; e o unico premio que recebi foi o que Deus me deu, não permittindo que ninguem de minha familia fosse accommettido do mal.

Entre as emoções que tive, a que mais feriu a minha emotividade foi a que experimentei assistindo a morte do superintendente da E. de F. C. do R. G. do Norte.

Foi num^adaquelles dias terriveis de Novembro de 1918.

Chamado á tarde para um soccorro urgente, fui encontrar o enfermo com febre de 41°; uma cephaléa atroz partia-lhe a cabeça, dizia elle. Face congesta, photophobo, tachypneico, delirava intermittenemente; os vomitos exacerbavam-lhe as dôres; tinha a lingua branca e não urinava desde a manhã.

Mediquei-o, e á noite tornei a vel-o, encontrando-o indifferente aos amigos que o cercavam, cahindo no dia seguinte em coma, com respiração de Cheyne-Stokes classica, e assim permaneceu durante dois dias, quando no quarto dia de molestia, ás 4 horas da manhã despertou e pediu com urgencia a minha presença. Fui sem demora, e encontrei-o de pé, á borda do leito, hirtto, frio, livido, de olhos immensamente abertos, e ao fitar-me falou pedindo com doçura que não o deixasse morrer, que se estava liquidando, que era meu amigo; e cahiu de chofre, morto de uma vez!!

Foi o unico caso de gripe cerebro-bulbar que observei, com syndroma vago-hypercinetico typico; mas foi tambem a emoção mais forte que já senti, não sabendo eu como se pudesse sahir daquella forma de um coma de três dias e morrer daquelle modo!

Um dos capitulos mais interessantes da medicina clinica é o que se refere á gripe.

Durante vinte e um annos de profissão tenho assistido o perpassar de todas as suas incursões, inclusive a pandemia que enlutou o mundo.

O seu apparecimento ubiquitario e as suas manifestações bruscas, entre nós e a benignidade das suas formas, a molestia de diagnostico algumas vezes difficil, a ponto de muito raramente ser aqui combatida pelos facultativos.

Quando se a estuda através dos compendios de pathologia e consulta-se a sua therapeutica nos formularios francezes, a gravidade das complicações lembra providencias que estão longe das observações de todos os dias.

Precaria como é a sua pathogenia, cujos meios de transmissão fazem lembrar os da variola, sem a celebridade daquella, a gripe nostra, que precede os verões e invernos, fez excepção quando se revestiu do character fatidico na pandemia de 1918-1919. E as delongas que se processaram em torno da sua especificidade, as discussões que se fizeram sobre as suas localizações, as estatisticas que registraram o numero de victimas em cada cidade ou logarejo, as ob-

servações, que pretenderam esclarecer demais, não trouxeram nenhuma luz sobre a invasão simultanea em todo o orbe, nem arrancaram dos laboratorios outra conclusão além da repetida desde 1880, e tão falada por quantos conhecem a sua historia funebre.

Causada por um germen filtravel, que Pffeifer pretende haver isolado das secreções das vias respiratorias, as suas manifestações vão do simples coryza á pneumonia lobar, com escala algumas vezes pelo systema cerebro-medullar.

De regra, entre nós, pelo menos, a arvore bronchica é a séde de todo o ataque grippal, ahi se processando uma tracheo-bronchite catarrhal febril, cedendo em poucos dias, sem as consequencias incriminadas pelos observadores de revistas e das litteraturas de medicamentos anti-grippaes.

Sendo, pois, uma molestia contagiosa, é logicissimo que as suas toxinas elevem a temperatura, causem delirio, promovam a insomnia, deprimam as forças, extenuem o myocardio, e se localizando no aparelho respiratorio, façam os germens a irritação da mucosa, por hyperemia reaccionaria, dependente do processo morbido em si; causem o coryza, provoquem a tosse, irrite o larynge, a trachéa, inflammem os bronchios, congestionem os pulmões e deem, por fim, a pneumonia grippal ou lobar, podendo ocasionar a morte, como qualquer molestia, dependendo do gráo de virulencia do germen e sempre que o individuo não disponha de resistencias innatas ou de immunidades adquiridas, ou ainda tenha miopragias

ou lesões somaticas de órgãos nobres. E limitemol-a
ahi, isto é, ao aparelho respiratorio, e muito excep-
cionalmente ao systema nervoso. E' verdade que a
grippe tem sido calumniada demais e servido de ro-
tulo á nossa ignorancia, quando nos achamos deante
de casos de interpretação difficil, por mal esboçados
os symptomas, na phase de inicio.

Sinto que a minha irreverencia pretenda, ape-
nas, excluir do quadro nosologico a forma gastro-in-
testinal da grippe; sinto, de facto, mas não me peni-
tenciarei deste peccado de lesa-ciencia, porque estou
convencido da sua inexistencia, emquanto se não pro-
varem as lesões anatomo-pathologicas do intestino,
peculiares ao germen de Pffeifer, com um complexo
de manifestações exclusivas ao menor dos bacillos.

Dada a evidente associação dos infinitamente
pequenos nas varias infecções, a sua frequente pullu-
lação, ou a effração do organismo nas infecções e af-
fecções, e as condições optimas em que se encontram
os germens da flora intestinal, o clinico que observa
com inteireza de raciocinio e vontade de acertar, tem
difficuldade de levar á conta de uma grippe certas
manifestações que se traduzem por febre, diarrhêa,
fezes escuras ou amarellas e fetidas, dôres e empas-
tamento na região ileo-cecal; gargarejo na fossa ilia-
ca direita, vomitos e, ás vezes, catarrho tracheo-
bronchico, tendo a molestia começado por coryza e
dôres generalizadas.

A escuta das bases nada descobre (como si a sua
macicêz fosse exclusividade da grippe), a medicação

anti-grippal não surte effeito e a molestia caminha para um cyclo, ou ultrapassa os dias communs á infecção grippal, mantendo-se o estado máo da lingua, a dysuria, o dichrotismo, o hepatalgismo, fazendo a febre remissão matinal, tudo evoluindo egualmente ás infecções do grupo typho-paratyphico.

Sendo tão precaria a historia do bacillo de Pffeifer, as novas idéas sobre a infra-visivel pondô em plano inferior os elementos visiveis, para dar ao ultra-virus a notavel função causal, os processos de laboratorio esclarecem o poder infectuoso dos filtratos das secreções nazaes, sendo inoffensivo o bacillo de Pffeifer puro, reproduzindo, porém, a molestia si se o associa aos germens de sahida, isto é, ao pneumococcus ou ao streptococcus, não sendo raro os casos de encephalite no curso das epidemias grippaes; mas não nos falam as continuas experiencias de associações do bacillo de Pffeifer ao enterococcus, ao proteus vulgaris, e muito menos aos responsaveis pelo typho-paratypho.

Em todo o paiz, si não no mundo inteiro, as incursões da grippe se fazem nas epochas em que se notificam tambem casos frequentes de coli-bacillose e typho, de dysenteria, entero-colite e entero-pathias outras, e não será extranhavel que grippados tenham intercorrentemente outra infecção que justifique as lesões intestinaes, comquanto a hemocultura se nega-tive por varias vezes e em muitos casos, mesmo que essa negatividade corra por conta da extemporaneidade da colheita do material para a hemo-diagnose,

ainda que tambem se não tenha encontrado o bacillo de Pffeifer nas lesões anatomo-pathologicas do intestino. Sendo assim, limita-se o raio de acção do bacillo de Pffeifer, ou o seu ultra-virus ao aparelho respiratorio e systema nervoso, não sendo crível que o menor dos bacillos conhecidos penetre pelas vias aereas, devaste os bronchios, esphacele os pulmões, e por via lymphatica ou sanguinea, vá tecer nos intestinos a trama de um complexo morbido que se identifique com as lesões Ebertheanas, cedendo constantemente as manifestações e lesões iniciaes.

Tem-se escripto que o bacillo de Eberth pode ter acesso pelas vias aereas, e até pelas conjunctivas (?), determinando uma pneumonia atypica, enquanto se não assesta nas placas de Peyer. Mas aqui a excepção não justifica a regra, e a uniformidade do ataque na grippe creou peculiaridade ao pretenso bacillo de Pffeifer ao aparelho respiratorio, como as amebas ao grosso intestino.

Ainda que essa viagem do referido bacillo se pudesse fazer das vias aereas ao intestino delgado, não menos longo é o percurso do ancylostomo, e a sua passagem pela arvore broncho-pulmonar não cria lesões especificas do parasito no systema respiratorio.

Já em 1775, na epidemia que percorreu a Europa, fez-se referencia á forma gastrica da grippe, como em 1788 foi assignalada uma concomitancia de phenomenos dysentericos e typhicos; mas em 1837, afóra umas manifestações ataxo-adynamicas, de formas nervosas, nenhuma referencia se fez sobre a

grippe intestinal, quando, nessa ocasião, em Londres, morriam diariamente mil pessoas, accusando, porém, a historia que em 1843, na invasão brusca que fez a grippe nos Estados da Nova-Inglaterra, a forma gastrica dominou o scenario morbido das manifestações grippaes, curando-se, entretanto, com ipeca, calomelanos e purgativos salinos. E, coisa notavel, nas lesões encontradas no intestino verificou-se por toda parte o coli-bacillo e nunca o de Pffeifer.

Uma face importante da questão da forma gastro-intestinal da grippe é a da incubação. Enquanto que para o typho, por exemplo, o periodo de incubação importa no tempo necessario para o caminhar do germen atravez o organismo, visitando o figado, os rins, para depois se hospedar nas placas de Peyer, levando assim dias nesse percurso, a grippe evolúe em poucas horas, 48 no maximo; e dahi a sua celeridade.

A forma nervosa, com uma encenação gastrica, dando vomitos, diarrhéa, cephaléa intensa, com manifestações vago-paralyticas ou vago-hypercineticas, vem talvez justificar melhor o criterio de se excluir a localização intestinal, preferindo-se contar com as associações, com a asthenia e miopragias varias, facilitando a exaltação e virulencia dos germens de localização intestinal, a esse polymorphismo hypothetico e caduco do bacillo de Pffeifer.

Entre as minhas observações na pandemia de 1918-1919, confesso não contar nenhum caso de grippe intestinal, mas alguns de typho, associados á grip-

pe inicial; e lamento ainda agora a morte de um moço distincto, promotor publico em C. M., que acommettido de typho e tratado por grippe, naquelles dias terribes, succumbiu ao tratamento pela gaiarsina, quando os seus rins, retendo os productos de eliminação, accusando na urina quantidade consideravel de albumina, viram-se aggravados pela medicação arsenical; e só á ultima hora houve quem o privasse da tranca que lhe fechava o filtro renal, tarde de mais para o collapso que o matou.

Os commemorativos deste caso, a febre de 40°, a cephaléa, o frio, as roseolas, o empastamento na região ileo-cecal, a lingua saburrosa, secca, quasi preta, e o dichrotismo falam mais em favor de uma infecção ebertheana do que da de Pffeifer; e foi no terceiro septenario de molestia que o infeliz moço desapareceu. Sinto que me censurem a coragem de contestar as hypotheses de localização da grippe no intestino sem trazer á luz novas idéas, provas de laboratorio, estatisticas e tudo mais que tem servido para as confirmações scientificas; mas é que são hypotheticas as minhas deducções, como o são as conclusões escritas até agora nos livros didacticos. E não sei porque um provinciano humilde, vivendo exclusivamente de clinica, acostumado a tratar de grippados durante tantos annos, não possa ter o desassombro de pedir que se estude melhor a molestia de Pffeifer, e não se continue a affirmar aquillo que os proprios professores teem medo de negar. Andamos tacteando na escuridão de falsas interpretações, e a titulo de

sciencia, blasphemamos mentiras sancionadas em seu nome, divulgadas para gaudio de vaidades ôcas.

Ha em tudo uma verdadeira estagnação intellectual, preferindo-se viver com a velha medicina dos tempos que precederam os gregos na civilização indo-européa, cerca de 1800 annos antes de Christo, seguindo-se o seu empirismo, a melhorar os meios de investigações actuaes.

De quanta ignorancia se enche ainda a clinica medica? Que sabemos realmente de definitivo sobre a lepra, a febre amarella, a variola, o sarampão e quasi todas as molestias infecto-contagiosas?

Um chaos, apenas, do qual ninguem pode arrancar a verdade, que se promete desde o primeiro dia do homem.

Confesso-me dos mais ignorantes, e a mim mesmo pergunto a significação de tantos phenomenos morbidos não commentados pelos tratados, sem encontrar uma sahida por onde escape á curiosidade do meu espirito. No afan de todos os dias esbarro-me com o que não sei, mas interrogo os sabios, consulto os livros e fico como elles: sem nada saber.

Pondo de parte as desconfianças sobre o agente causal da grippe, limitemo-nos a questionar a sua localização intestinal.

Acompanhando os estudos que se fizeram a tal respeito, li uma communição de Von Angerer demonstrando haver este auctor encontrado nos filtratos de sangue e de succos pulmonares de individuos que succumbiram de grippe, micro-organismos extre-

mamente pequenos, ausentes, porém, no proprio esputo.

B. Roussy, estudando a acção do agente infectuoso da gripe, dá dez especies de microbios responsáveis pela molestia, sendo quatro para as complicações pulmonares e seis especificas, sendo estas ultimas contestadas por todo o mundo.

Nicolle e Lebailly reproduziram experimentalmente a gripe no homem e no macaco, inoculando a mucosidade das vias respiratorias e sangue provindo de doentes.

R. Massini cuidando do tratamento da gripe, estudou-lhe toda a therapeutica, para todas as complicações e pneumonia consequente, mas "nunca observou obitos por complicações intestinaes".

A. Grigaut e Fr. Moutier consideram a gripe uma molestia cyclica de sete dias, quer as complicações pulmonares sejam ou não a causa; e tratando o grippado pela plasmotherapia, jamais se referiram á forma gastro-intestinal.

A "Presse Médicale" de 24 de Outubro de 1918, reproduzindo as conclusões praticas da conferencia feita em 23 de Setembro daquelle anno, pelo Dr. Louis Martin, sobre o contagio inter-humano, termina provando que o virus grippal adquire virulencia passando de um individuo a outro e se associando a outros germens habitualmente inoffensivos, que se tornam virulentos.

Teissonnière, Beguet e Jolly, observando a gripe na armada do Oriente, notaram que de começo a

grippe se confundiu com uma febre por phlebotomos, sendo logo conhecida pelas complicações broncho-pulmonares graves; e a constancia dos signaes respiratorios determinou collocar a maior parte dos casos na "forma thoracica".

O "Memorandum" sobre a influenza, elaborado pelo "Royal College of Physicians of London", publicado no "The Lancet" de 16 de Novembro de 1918, estuda as pandemias de 1803, 1833, 1843, 1847 e 1890, e a sua identidade com a grippe de 1919, tanto por suas manifestações proprias, como por suas complicações pulmonares, parecendo que o pneumococcus e o streptococcus são os agentes responsaveis pelas complicações mortaes da influenza, pondo em duvida a especificidade do bacillo de Pffeifer.

Seria enfadonho trasladar para aqui toda a litteratura medica em torno da grippe, as discussões e communicações sobre a sua etiopathogenia e localização; e tudo quanto conheço neste sentido não cuida de contestar a grippe gastro-intestinal, mas não lhe faz a menor referencia, se não como intercorrença possivel, pela exaltação dos germens da flora intestinal, ou infecção superajuntada, salvo o Dr. G. André, no seu livro "La Grippe ou Influenza", editado em 1908, que se occupando da forma gastro-intestinal, cita a anorexia absoluta, perversões do gosto, vomitos, diarrhéa, enteralgia, que tambem são peculiares á grippe nervosa e varias outras infecções, trazendo uma demonstração de casos confusos, tão proximos da dothienenteria que ninguem os discernirá.

Diz ainda o Dr. G. André que o Dr. G. Moine viu no serviço do Prof. Picot, em Bordeaux, um doente de grippé de forma typhoide e apresentando adeante e atraz do thorax uma duzia de manchas roseas lenticulares. Feita a autopsia, o intestino estava são e as placas de Peyer absolutamente normaes; mas não disse o auctor si foi encontrado o elemento causal da grippe, nem o bacillo de Eberth, como nenhum outro germen, dizendo, entretanto, Le Gendre que “as perturbações nutritivas, que acompanham e seguem a infecção grippal, favorecem a infecção pelo bacillo de Eberth”, podendo os phenomenos grippaes dominar a scena, na associação, até a explosão do symptoma demonstrativo.

As perturbações gastricas, levadas á conta da grippe intestinal, não teem nada de caracteristico e não comportam autopsia, como diz o Dr. André. Entretanto as lesões anatomo-pathologicas, comquanto ligeiras, superficiaes, congestivas ou ulcerosas, processadas em todo o tubo gastro-intestinal, são excepcionaes; e afora uma observação ou outra, interpretada sem a firmeza das confirmações de laboratorio, não elucida, affirmando o Dr. André, no seu livro citado, á pag. 112, que “na forma typhoide da grippe com diarrhéa, estupor, etc., se encontrou por todo o intestino o coli-bacillo e nunca o de Eberth”, como não faz a menor referencia ao de Pffeifer. E’ curioso. As observações medicas no mundo inteiro a respeito da pandemia de 1918-1919, estudando a influencia, occupam-se tão largamente da forma pneumo-

nica que, parece, nenhuma preocupou e dominou tanto o scenario morbido.

O “Resumo dos Trabalhos da Quarta Sessão Plenaria da Comissão Sanitaria dos Paizes Allia-dos”, commentado pelo seu presidente, R. Santoliquido, após considerações multiplas em torno da gripe pandemica, sob o ponto de vista epidemiologico e clinico, demora os seus commentarios sobre as pneumo-septicemias, mostrando como a “invasão é brusca, sem prodromos”, começando por uma febre intensa, apresentando “symptomas de uma asphyxia aguda, com expectoração sanguinea”, encontrando-se, na autopsia, edema hemorrhagico generalizado. Traz á prova a documentação de M. M. White e Greigh mostrando que “nos três ultimos menses de 1918 cerca de cinco milhões de pessoas succumbiram na epidemia, só nas Indias Inglezas”, sendo incontestavel que as complicações pulmonares levaram de vencida as outras modalidades da influenza, justificando os exames de laboratorio a presença do pneumococcus e do streptococcus nas secreções dos grippados.

B. Galli-Valerio publicou na “Revue Médicale de la Suisse romande” as suas notas sobre a pandemia de 1889-1890, com as localizações, a mesma mortalidade e complicações, sobretudo pneumococcicas, eguaes ás de 1918-1919.

F. Moutier publicou na “Gazette des Hôpitaux” um estudo geral sobre a gripe, suas formas pulmonares, insistindo sobre a broncho-pneumonia.

O professor S. Belfanti, director do Instituto de Serologia de Milão, escreveu no "Il Policlinico", de 4 de Maio de 1919 as suas conclusões sobre a gripe, e disse que "si se quer resumir as opiniões actuaes sobre a pathogenia da gripe, deve-se, com a maioria dos observadores, admittir que o virus primitivo, qualquer que elle seja, filtravel ou não, exerce uma acção inicial sobre as vias respiratorias superiores, (conjunctivas, nariz, garganta, pharynge), com uma tendencia nulla ou fraca a penetrar na circulação e com uma symptomatologia nitidamente especifica".

"Esse virus, continúa Belfanti, não só provoca a adynamia geral, mas exerce ainda acção especial sobre as mucosas das vias respiratorias, tirando-lhes as propriedades defensivas normaes; isso permite á flora buccal e nazo-pharyngeana, ordinariamente rica em pneumococcus e streptococcus, emigrar nas regiões mais profundas, para attingir os bronchios e alveolos pulmonares, provocando a phlogose, assim como outras lesões particulares ás differentes especies bacterianas que ahi penetram. Esta emigração dos germens no aparelho respiratorio marca a segunda phase, a phase grave da gripe, pela natureza do processo pulmonar".

A. Levinson, escrevendo no "The Journal of Infectious Diseases", de Chicago, em Julho de 1919, descreve a evolução da gripe, que se annuncia por "dôres de cabeça, na região lombar, frio e febre; a maior parte dos doentes tem egualmente uma sensibilidade da trachea".

Passando a estudar a pressão sanguínea e a comentar a cytodiagnose, conclúe “que os casos estudados não justificam uma classificação em typos respiratorio, gastro-intestinal e nervoso, porque todos são essencialmente do primeiro typo”.

De modo que, diz ainda Levinson, “o diagnostico da molestia póde se estabelecer com o auxilio dos symptomas seguintes: apparição brusca, cephaléa, dôres nos rins e nos membros, febre, leucopenia, lymphocytose, pulso lento e baixa de pressão sanguínea. Esses symptomas, accrescenta o publicista, devem bastar para differenciar a influenza das infecções respiratorias ordinarias, acompanhadas de conjunctivite, sensibilidade da garganta, coryza e leucocytose”.

Eu poderia transcrever innumeras paginas de muitos trabalhos commentando ou citando a observação dos mais acreditados scientistas, a proposito da grippe que assolou o mundo em 1918-1919, demonstrando claramente que, se houve rarissimos auctores que fizeram vagas referencias á forma gastrica, nenhum contestou as associações microbianas, a committancia de infecções intestinaes, sem especificidade grippal, ainda porque os anatomo-pathologistas não firmaram exclusividade de lesões intestinaes dependentes do processo grippal, ou outro qualquer responsavel pela molestia, que ainda agora ninguém lhe determinou definitivamente o elemento causal.

Não me disponho a mais. Com as citações acima penso levar aos estudiosos uma contribuição de argumentos contra a forma gastro-intestinal da grippe,

que de ha muito exclui da nosologia para a elucidação dos meus casos clinicos; e posso asseverar não haver norteado desfavoravelmente os meus assistidos.

Não estou convencido de haver elucidado a questão, mas contribuo com o meu pequeno esforço para que se faça uma revisão mais seria na etio-pathogenia da molestia que periodicamente ceifa como nenhuma peste, e se não continúe a affirmar a mesmice de muitos seculos passados, sem conclusões nem defesas.

CASOS CLINICOS

I

CIRRHOSES

Abrindo outra serie de commentarios referentes á medicina clinico-social, com a epigraphe acima, parecerá aos que me lerem que se vae tratar aqui de observações talqualmente eguaes ás que enchem de detalhes as communicações ás Academias, obtentoras de premios e honrarias trombeteantes, daquellas observações que acompanham os communicados de celebres professores, quando pelo apparecimento de qualquer producto pharmaceutico, 15 ou 20 dias depois, mandam aos medicos do Brasil, com as taes notas clinicas, milhares de curas definitivas com a applicação dos preparados arsenicaes, mercuriaes, e de outros terminados em on, ol, ina, etc. Não; não vae ser isso o que pretendo trazer á baila, mesmo porque

seriam incompletas as minhas observações, pela carencia das deduições do laboratorio, coisa que aqui não ha, graças a Deus, para menor difficuldade nas conclusões diagnosticas. Linhas atraz fiz referencias a pesquisas de laboratorios, chegando-se a conclusões de certa importancia; mas os taes são pequenos recursos dos proprios medicos que, com um microscopio,, alguns reactivos e bôa vontade tiram as “teimas” de certos casos.

Não sei si os meus leitores têm á mão o “Quelques Erreurs et Tromperies” de Bourget, de Lausanne, e, si o leram, concordam ou não com o exaggero das suas affirmações, ou si acceitam a possivel atrapalhação do analysta.

Em toda parte ha bons e máos elementos, e longe de mim pôr duvidas á honestidade dos especialistas. Mas convenhamos que o mercantilismo e o charlatão assoberbam de falsas interpretações as pretensas analyses, de tal modo que o clinico prefere concluir o seu raciocinio com a propria symptomatologia, ainda que mal esboçada e demorando o tratamento do paciente.

Contou-me um collega que certa vez colheram o sangue de um doente de enfermaria de certa Santa Casa de Misericordia de notavel cidade do Sul, puzeram-n’o em dois tubos de ensaio e em cada um numero differente, remetendo-os em seguida a certo instituto celebre para uma pesquisa de Wassermann. No dia seguinte veio o resultado: um foi positivo e o outro negativo.

Falleceu de molestia “mal definida”, num asylo de certa provincia uma das suas internadas. Feita a necropsia, verificaram os medicos uma particularidade exquisita no baço, que intrigou a ignorancia dos esculapios, fazendo os necropsiantes um “esfregaço” da glandula, mandando-o a certo anatomo-pathologista, muito afamado tambem em toda a medicina clinica, dizendo-se-lhe previamente que era “esfregaço” de baço. O analysta, dias depois, mandou o resultado: Tecido Normal de BRAÇO!

Conheço em certa cidade do nordeste um laboratorio muito procurado por toda gente, porque trabalha de graça, e onde todo exame de urina revela albumina, todo puz tem gonococcus e o Wassermann é positivo, ou negativo, de accordo com a historia do doente. E para “controle” abriu-se no mesmo logar outro laboratorio dirigido por um profissional que tambem faz gynecologia, obstetricia, operações, applicações de electricidade medica, e onde se faz diagnostico exacto de cardiopathias pela medição da tensão arterial, curam-se o cancer, a tuberculose, a syphilis, surdo-mudos, aleijados, etc., etc.

Deante, pois, da verdade de taes exames e de semelhantes laboratorios, chegou-se á evidencia de que si o analysta occupa outras horas com a medicina clinica, os seus exames não valem nada, ou causam um grande mal aos doentes; e si o medico não está prevenido do “bluff”, acabará matando o seu cliente, seguindo as indicações do embusteiro arvorado em analysta.

Por motivos semelhantes não serão assim completas as minhas observações.

Não me occuparei aqui da dysenteria, colibacillose, typho, malária, febre amarella, verminose etc., deixando ás auctoridades sanitarias o goso de se aprazerem com esse estado de coisas, que lhes rendem longas commissões, a despeito do clamor pela conservação da saúde e tranquillidade publicas, além de que estariam esses assumptos fóra dos limites destas notas.

Conhecem os meus leitores a correspondencia do Dr. Gourgey, d'Yvry, medico do campo, a seu filho Jacques, quando este começou a cuidar da carreira que deveria abraçar, consultando assim as suas aptidões e a seu pae? E' muito curiosa sob o ponto de vista medico-social, e na sua linguagem se descobre a alma palpitante do verdadeiro medico falando do idéal das abnegações, e modelando a profissão na ternura humana. Conta-lhe que penetrando o medico em todos os meios, no seio de todos os lares, cuidando de doenças e de doentes de variedades infinitas, assiste a scenas de toda especie, sempre novas, mas o que não muda nunca é a miseria, a triste miseria humana.

O medico do campo, de que tão bem nos fala Balzac, não deseja, diz Courgey, ver seu filho abraçar a mesma carreira que a sua, porque a arte medica, tal qual se exerce nos meios operarios e atrasados, não seduz a todos os espiritos; e é preciso estar duramente preso a ella, e sobretudo amar seu semelhante para exercel-a com carinho. Quem se acerca da torpesa,

dos vícios, da preguiça, de miserias repugnantes, de promiscuidades repellentes, estará compensado pelo devotamento, pelo trabalho, pela ordem, pelo asseio e pelas virtudes, quando se trata de remediar um mal pelo exemplo do bem. "Os contrastes são necessários, diz elle, e os abysmos de sombra, como as immensidades de luz, as degradações como o heroismo, elevam a alma, exaltando a piedade, como a admiração". Evoca o seu afan diuturno e mostra como o medico deve se interessar por toda a vida social, por todas as obras sociaes de educação, de instrucção, de beneficencia, de mutualidade, de previdencia, agindo nas collectividades, instruindo sempre, numa propaganda incessante de hygiene e moral, até o fim da sua actividade util, guiando as suas intenções no amor do seu semelhante, pela doçura alliada á firmeza, pela compaixão e piedade sem pieguice; entregando-se á familiaridade com dignidade, á simplicidade sem ingenuidade e á cordialidade sem baixeza; respeitando a saúde e a vida dos seus semelhantes, dando-lhes assistencia consciente e eximida de inferioridades que aleijam a moral social. E exhorta-o, caso escolha a profissão de medico, a se especializar e clinicar nos grandes centros, onde terá satisfações, sobretudo pecuniarias, menos fadigas physicas, porém menores alegrias moraes.

O sonho e conselho do grande medico chegam a ultrapassar os limites actuaes da bondade humana, vendo ainda, num futuro proximo, pelo adeantamento da cultura scientifica, uma sociedade profundamente

renovada; as molestias epidemicas desaparecidas e as ultimas contagiosas com a sua vaccina efficaz e a impossibilidade de se propagarem; a educação moral do povo seguindo o movimento geral da evolução, desenvolverá as idéas de altruismo, solidariedade e fraternidade; aproximará os homens e os collocará no caminho do aperfeiçoamento; tendo cada um uma alta idéa de si mesmo e a perfeita consciencia de seus deveres, tudo marchará para uma finalidade social elevada. Não se terá outra liberdade senão a do bem publico. E si a felicidade humana consiste no trabalho, na tranquillidade da consciencia, na vida simples, honesta, a sociedade vindoura não terá de se haver com a miseria material e a vida humana será prolongada. E termina dizendo “que o bem mais precioso que o homem pode conquistar no exercicio de sua profissão e na utilização de sua vida, como a impressão mais duravel e a mais doce na memoria dos homens é a desta virtude soberana, que resume as virtudes: a bondade”. O apostolo eguala, pois, a profissão de medico á de um sacerdote que leva a sua existencia ministrando a therapeutica espiritual para as alegrias da materia, condensando ou crystalizando na sua bondade uma consciencia redimida de todas as impurezas, incapaz do mais recondito pensamento que vicie a finalidade de ser util á collectividade, olhando sempre para o bem.

Jacques talvez tenha seguido outra profissão, ainda que a do seu pae, exercida nos moldes que lhe traçou, seja a mais pura, a mais perfeita e tão proxi-

ma do impossivel, que a bem poucos será dado attingir a perfeição daquelle virtude capaz de uma santificação. E para o tempo em que foram dados taes conselhos, si o filho do grande medico do campo tiver seguido a mesma profissão de Courgey, a esta hora anda talvez descrente do aperfeiçoamento dos costumes sociaes, e mais ainda porque entre os seus collegas e entre as gentes a miseria humana continúa quebrando lanças para não sahir da arena, de parceria com a ambição embuçada na falsa modestia, e com a presumpção mascarada de popularidade.

Que differença! E como os medicos de hoje e os analyistas de agora comprehendem os seus deveres de defensores da saúde dos seus clientes?!

A Revolução Franceza foi, ao que parece, quem “poz termo á velha verve epigrammatica contra os medicos; e esta modificação de costumes foi devida á destruição das corporações, cujas rivalidades açuladas suscitaram tantos odios e forneceram á malignidade publica muitas occasiões de exercel-as”; e hoje acostumou-se a gente a respeitar a profissão de cada um e a se fazer valer apenas pela sua actividade util, constructora e san. Mas a ostentação, o orgulho, a pretensão de muito saber, como a affectação de popularidade importam no ridiculo que não escapa ao velho publico de todos os tempos; e a esperteza do famosissimo Knoch, creação de Jules Romain Fari-goule, conhecendo o aphorismo que “a saúde é um estado provisorio que nada presagia de bom”, estabeleceu a pratica de que “o homem sadio é um doente

que se ignora". E chamou a seu consultorio toda a população da cidade e foi notavel e enriqueceu. Mas Knochs ha por toda parte, e têm o mesmo publico para os applaudir e louvar a operosidade, a intelligencia, a benemerencia e a popularidade; e por isso á farandula se juntam outros ávidos de celebridade esteril de bondade, mas dinheirosa.

Não terão, pois, esse cunho, isto é, as notas destes "casos clinicos" não serão acompanhadas das testemunhas do laboratrio, comquanto Ravaut considere o exame de laboratorio uma sondagem que se faz no organismo de um doente para descobrir o que a clinica não consegue verificar, e cuja sentença está no consenso de todos os medicos, quando esses laboratorios inspiram a devida confiança. Mas é tambem que os "Casos Clinicos" deste capitulo não precisam do laboratorio dos verdadeiros especialistas e muito menos das provas dos chantagistas que fazem tudo, inclusive Wassermann com agua oxygenada.

O presente trabalho é de costumes medico-sociaes, passivel de critica maior do que a que faço, o que espero com satisfação, principalmente escrevendo para uma grande parte dos mortaes esmeraldados, cuja mentalidade não pede meças á dos Knochs. No conceito destes "Casos Clinicos" não se vae estudar a pathogenese de algumas molestias trataveis, mas rever a curabilidade de males tão velhos quanto o homem, e ainda agora sem a segurança de reintegrações physiologicas; commentar o regimen de casos taes, lembrando factos que se não ajustam ás indicações da

dietetica. Assim, por exemplo, as molestias do figado, escleroses, principalmente, as lithiases biliares, conhecidas desde os tempos hippocraticos, vendo os antigos na ictericia simples e benigna, como na grave, no cancer e abcesso, e como nas suas relações com a hydropisia, o soffrimento da glandula, merecem nesta parte commentarios que entendi justos a seu respeito.

Sabendo-se, preliminarmente, do complexo de funcções da glandula hepatica, conhecida mais ou menos a sua histo-physiologia, sabe-se igualmente que as suas alterações funcçionaes modificam sensivelmente o determinismo hepatico, alterando assim o synchronismo organico.

E aqui está porque Richet diz que “o figado é o grande chimico do organismo, intervindo, de facto, em todos os desvios pathologicos do metabolismo”. Mas para se chegar á parte final das molestias do figado, á esclerose atrophica, ou hypertrophica, vale a pena rever o valor do hepatismo na genese dos processos pathologicos acima, com os seus reflexos, na biochimica.

Hepatismo, consoante o que se vem definindo, é uma affecção chronica do figado, de evolução lenta, com accessos repetidos, mas separados por intervallos mais ou menos longos de estado silencioso, e cujo diagnostico se consegue firmar tanto nas formas ligeiras, como quando a miopragia se esconde num relativo bem estar do organismo.

Li, a proposito, um trabalho do Dr. Frantz Glénard sobre o assumpto, e ficaram-me as noções prin-

cipaes que procurarei transmittir mais ou menos fielmente.

Os fundamentos para o diagnostico precoce do hepatismo se fazem valer por quatro elementos fundamentaes, isto é, pela periodicidade dos accessos no curso das refeições, pela perturbação gastrica propriamente dita, pelas perturbações intestinaes e pela perturbação do somno. Assim, si um individuo, por exemplo, de apparencia sadia, desperta todas as noites ás 2 horas, tem 2 dejecções diarias, ou uma apóz a refeição do meio dia; sente-se menos disposto quando se alimenta desta ou daquella substancia, desta ou daquella bebida alcoolica; de pão ou dos farinaceos, póde ser considerado suspeito de hepatismo; como um dispeptico gastrico ou intestinal, ou um nevropatha mal determinado, ou ainda si tal ou qual individuo apresenta symptomas de pathogenia discutivel, como enxaqueca, pseudoangor, eczema, urticaria, lithiase, obesidade, herpes, pruridos, insidindo nos caracteres de periodicidade, na relação da eclosão ou exarcerbação dos symptomas com a hora, a qualidade e a quantidade dos alimentos, com a funcção gastrica ou intestinal e com o somno. E cabe, então, ao clinico notar as modalidades dos caracteres mais especiaes, si ligados á cholemia ou á uricemia; si o portador das manifestações é palido ou corado, gordo ou magro, procurando certificar-se da periodicidade das crises ás 15 horas, 2 da manhã, ou 17 e 5 horas; da necessidade de refeições frequentes ou espaçadas; si a alimentação é carnea ou vegetariana; si ha tolerancia mediocre ou per-

feita do leite, etc., etc.; e então, si esses caracteres existem, uma pathogenia hepatica preside a disposição morbida, tanto mais si se chegar á evidencia, pelo inquerito, de antecedentes hepaticos incontestaveis, ou si a esse hepatismo se filiar uma etiologia propria, com o uso das bebidas alcoolicas, ou outros toxicos do figado; ou por ultimo, si o observado tiver na sua historia pregressa pago tributo á febre typhoide, paludismo, syphilis, etc. Que restará, pois, para a elucidação? O estado objectivo normal do figado, cuja verificação constitúe a primeira prova diagnostica, e o exame urologico confirmando em seguida as deduções preestabelecidas.

No exame objectivo, o figado tráe-se pela patção classica, pelo augmento do seu volume, pela sua resistencia, pelas anomalias de forma, pela sensibilidade e determinação lobar.

As pesquisas urologicas na insufficiencia hepatica demonstram hyperacidez, na urina; essa insufficiencia arrasta um vicio de nutrição, que se traduz por outro vicio da excreção urinaria, determinando por sua vez uma insufficiencia das combustões, a synthese da insufficiencia hepatica.

Uma cadeia de insufficiencias, como se vê, a principio funccional e depois lesional, trabalhada pela actividade que se exige do figado com a qualidade e a quantidade dos alimentos, no primeiro caso, determinando uma insufficiencia relativa, e no segundo o trabalho da glandula, embora normal; mas o figado, por molestias anteriores, por herança ou por miopra-

gia, estabeleceu a insufficiencia radical, marchando esse estado de coisas para as escleroses, deixando como signaes directos das insufficiencias a peptonuria e a urobilinuria, revelando o estado geral as lesões somaticas da cellula nobre do figado nesse cortejo de achaques, desde aquella periodicidade acima referida ás perturbações gastro-intestinaes e epiphenomenos, creando o hypo ou hyperhepatismo, travando ou exaltando a funcção biliar, que preside o metabolismo hemato-biliar dos pigmentos, e a funcção urica, que regula o metabolismo xantho-urico das nucleinas; donde se infere a relevancia da glandula hepatica, a cuja morbidez inicial se chamou hepatismo.

Entretanto as manifestações acima podem evoluir na concomitancia de um processo humoral, por exemplo, de natureza e séde diferentes, passando despercebidas a vida inteira sem determinar nenhuma perturbação physiologica, e a nenhum clinico será dado prever a coexistencia do hepatismo, ou simulando molestias diferentes, entretendo estados morbidos diversos, no que está de accordo Chauffard quando nos ensina que “todo terreno organico se encontra modificado na sua receptividade morbida desde que a glandula hepatica se torne por sua deficiencia, causa de toxemia mais ou menos grave e prolongada”.

A doutrina do hepatismo, conquanto razoavel até certo ponto, tem contra si a precipua observação do cliente, nunca se podendo verificar o quadro da insufficiencia, moldada talqualmente estuda Glénard,

porque nenhum doente dá conta de sua historia morbida, nem nenhum apresenta symptomatologia precisamente igual, e nenhuma molestia se revela igualmente em todos os individuos, principalmente as effecções do figado, insidiosas, que podem explodir até pouco tempo antes da morte, sorrateiramente, enganando o doente e o medico. E a clinica hospitalar, que recebe, ordinariamente, individuos quasi na ultima phase da vida, emmagrecidos e asciticos, pouco contribue para as provas do hepatismo, aproveitando-se taes enfermos para a curiosidade scientifica, perquirindo-se qual das funcções hepaticas a menos apagada, para oppor-lhe pequenos recursos, atrasando a terminação, que não demóra.

Passando agora á verdadeira insufficiencia hepatica, o laboratorio pode falar com mais segurança e autoridade do que o clinico, e este não deve prescindir do concurso do analysta para dar conta das combustões e transformações havidas na grande fornalha, que é o figado, de cujas cinzas a uréa representa na quantidade eliminada o contingente de vitalidade da cellula nobre da glandula hepatica, ou o fim proximo de suas funcções.

Sabe-se, diz o Dr. Teyrac, “que as albuminas alimentares são transformadas no estomago em albumoses, depois em peptonas, e que esta transformação se completa no intestino para se terminar em estado de acidos aminados. A esse trabalho de deslocação faz seguimento um processo de synthese, graças ao qual o organismo reconstróe suas albuminas; e, como a troca

de substancias proteicas em acidos aminados é superior ás necessidades do organismo, a maior parte é retida pelo figado e por elle decomposta directamente em uréa, ou dissolvida em acidos graxos e em ammonia, que é por fim transformada em uréa”.

Assim incontestavel a funcção ureopoiética do figado, a quantidade de uréa na urina diz do funcionamento da cellula hepatica, dando indicações preciosas sobre o seu destino, e cuja diminuição dá á hypozoturia a consequencia mais importante da insufficiencia hepatica; si é que o rim, por sua deficiencia eliminatória, não deva ser responsabilizado de algum modo pela retenção da uréa, cabendo ao clinico investigar sobre a permeabilidade renal, como sobre a dietetica.

“Brodin considera de grande valor a taxa do azoto residual no sangue para a apreciação da insufficiencia hepatica; e si, sob a influencia das lesões da glandula, o metabolismo das substancias azotadas sofre perturbações, que os methodos de laboratorios podem demonstrar de modo mais ou menos rigoroso, verifica-se a acção do figado sobre os hydratos de carbono e notadamente sobre os assucares. Assim é que “emquanto que normalmente o assucar ingerido é retido e transformado em glycogenio pela glandula hepatica, e este orgão se comportando como “um filtro furado”, deixa-o passar em quantidade mais ou menos grande na circulação geral, donde o seu apparecimento na urina; e assim se explica esta glycogenia que, em certos hepaticos sobrevem durante as diges-

tões, trahindo a diminuição do poder fixador do figado para os assucares”. Esta glycogenia pode ser experimental, fazendo-se o hepatico ingerir, em jejum, 100 ou 150 grammas de glycose dissolvida em 300 ou 500 cc. dagua, e examinar-se em seguida as urinas, de hora em hora; e si o figado é insufficiente, observa-se dentro de um certo tempo a glycose no excreta”.

A indicanuria e a urobilinuria são tidos como manifestações de insufficiencia hepatica, comquanto certos pesquisadores lhes attribuem procedencia de outra natureza, parecendo que a indicanuria tem origem mais segura nas fermentações intestinaes, e a urobilinuria uma interpretação mais complexa, não sendo só a insufficiencia hepatica a causa do seu apparecimento. Do exposto se deve inferir que, embora numerosos os processos para a pesquisa da insufficiencia do figado, só alguns têm valor real, como por exemplo o que se refere ao azoto residual no sangue, a melhor prova e o mais seguro elemento de insufficiencia hepatica.

“Deve-se ao Prof. Gilbert os trabalhos sobre as variações da eliminação da urina nas molestias do figado, dando-se á observação phenomenos curiosos, como a opsiuria, ou demora da eliminação da urina apóz as refeições; a diminuição da eliminação da urina em seguida a absorpção massica de agua; e a oliguria orthostatica. E estas modificações se observam principalmente nas alterações da glandula pela sclerose peri-portal, ou nas congestões activas ou passivas

do figado, creando obstaculos á circulação venosa". E os meios de verificação dessa deficiência eliminadora estão ao alcance de todos os clinicos, e acredito que os medicos conhecem a importancia relativa dessa eliminação, sabendo egualmente ligal-a a outras affecções, como as do coração, rins e intoxicações varias, sem se esquecerem da advertencia de Chauffard de que "não só as insufficiencias hepaticas têm em clinica sua personalidade autonoma, como podem ter sobre outros estados morbidos reacções que apenas começamos a entrever".

Na genese destas insufficiencias não quero me reportar á etiologia multifaria que engendra estados morbidos, de preferencia sobre o figado, porque desejo limitar a critica de minhas observações á glandula em si, e mesmo porque seria estudar toda a pathologia si fôssemos notar que molestias incidiriam sobre aquella glandula, por si e por suas toxinas. Assim, si fôssemos historiar a etio-pathogenia das hepatoses teriamos de rever o estudo de todas as molestias e causas que se reflectem na physio-pathogenia do figado, quando o nosso objectivo é salientar a nossa ignorancia ou precipitação no elucidar a physiognose e a pathogenia dos estados morbidos do figado.

Sem voltar a repetir que os antigos tinham certo conhecimento de varias modalidades morbidas da glandula hepatica, Bichat foi talvez dos primeiros que se referiram á atrophia do figado, á degeneração granulosa, sem entretanto demonstrarem os seus portadores nenhuma "desorganização aparente". Mas é

a Laennec que se deve o estudo das cirrheses, ainda que Bright tenha contribuido valiosamente para os resultados acima, referentemente ás perturbações da circulação porta, na genese das ascites de origem hepatica, do mesmo modo que Requin e Todd estabeleceram os limites da cirrhose hypertrophica; e desde então se firmaram novas idéas sobre a independencia das escleroses do figado, e estudos outros vieram servir de guia ás conclusões de Hanot, classificando-se, por fim, a cirrhose que tomou o nome deste ultimo hepatologo, com os caracteristicos essenciaes á sua autonomia morbida, como se estabeleceu ainda uma esclerose mixta para acudir a todos os casos.

E' certo que as alterações do parenchyma a pouco e pouco se manifestam, a principio, sem predominancia para a atrophia ou hepertrophia, quer a cellula nobre se degenere no processo de esclerose atrophica, quer obedeça a degeneração á marcha da hypertrophia, cujos processos são degenerativos em todo ataque á glandula, difficultando o raciocinio clinico pela uniformidade das manifestações dos diversos processos de effração do figado, como pela semelhança da encenação morbida com as gastropathias.

Assim, do hepatismo ás escleroses atrophica, hypertrophica, biliar, mixta; da tuberculose do figado aos kystos, dos neoplasmas á syphilis hepatica, das degenerações gordurosa e amyloide á lithiase, da simples congestão ás anomalias, da hepatite toxica ás congestões hypostaticas, um infinito de trevas escond-

de o estado morbido da glandula, dispondo a sciencia de raros elementos para a elucidação das hepatoses.

A' parte os esclarecimentos que nos dão a palpação, a percussão e a dor, ainda assim sujeitos a enganos constantes, os caracteres differenciaes das varias modalidades dos soffrimentos do figado podem induzir o medico a erros irreparaveis, si, por exemplo, uma ascite não lhe deixa meios de pesquisar o volume das visceras abdominaes e a historia do paciente fôr de tal modo falha de esclarecimentos sobre a syndrome alarmente.

Não é, pois, tão simples o diagnostico das molestias do figado. A sua semiotica não prevê os casos em que a massicez alta não denuncia uma atrophia, faltando os elementos de collaboração, isto é, ausentes os pequenos signaes do hepatismo, e a historia do doente de nenhum modo deixa duvidas sobre a integridade da glandula; do mesmo modo que a lithiase pode evoluir sem as consequencias da cholemia, si a cholecystite concomitante não interrompe o curso do "fel", ou um calculo não obstrúe as vias de eliminação.

Faz muitos annos tive um caso raro na clinica hospitalar...

Uma senhorinha de 23 annos, branca, heredo-luetica, gorda, sanguinea, internou-se na secção de pensionistas do Hospital "Jovino Barreto", apresentando um tumor no hypocondrio direito, ao nivel do rebordo das falsas costellas, e para fóra do recto do abdomen; vermelho, quente, doloroso, notando-se-lhe

no centro uma placa de amollecimento, algo macerada, denotando um processo de mortificação de tecidos subdermicos, em via de erupção: um phleumão. A' palpação delicada, sentia-se fluctuar uma collecção liquida, sob a qual crepitavam corpos duros. Aplicado um emoliente, no dia seguinte um liquido amarello-esverdeado, pegajoso, de cheiro acre, escorria da ferida, por onde sahiram, após ligeira dilatação a thermo, nove calculos de varios tamanhos, sendo o maior semelhante, em forma e volume, a uma cajá. Eliminados os calculos, a moça voltou á sua familia, levando uma fistula biliar cutanea, e por onde, uma vez por outra, elimina, ainda hoje, pequenas pedras, gozando, á parte os soffrimentos que lhe causam a sahida dos calculos, uma relativa saúde.

A semiotica hepatica nada elucidou neste caso, mantendo o figado os seus limites normaes, jámais tendo a paciente soffrido de ictericia, e a sua historia nada esclareceu sobre o hepatismo; e não fosse a sua "pedreira" tortural-a na eliminação dos cholelithos, de nada se queixaria, pois todas as suas funcções correm parelha com a possivel integridade da glandula.

Li ultimamente uma operação praticada pelo Dr. Augusto Brandão Filho, sobre a vesicula, dentro da qual o notavel cirurgião retirou 1445 calculos, e a portadora não fôra icterica e o figado mantinha o seu logar anatomico.

Sei que as cholecystites, como a lithiase, podem ser processos independentes da glandula, sendo com-

patíveis até com a normalidade do figado, levando o clinico a raciocinios temerosos sobre a vida do parenchyma hepatico, a ponto de aggravar o seu estado com uma medicação que lhe estorva a physiogenese, do mesmo modo que a calculose pode passar indifferente, não se revelando por nenhuma manifestação; como sei que as proprias escleroses do figado podem acompanhar o individuo em toda a sua existencia sem o menor signal de alarme.

Assim, as cirrroses atrophica, hypertrophica, biliar ou mixta, bem como as diversas molestias do figado escondem-se sob um complexo morbido semelhante, quando a ascite não se manifesta, passando despercebidas pelos doentes, que se queixam de perturbações communs ás gastropathias e induzindo o medico a seguir sua orientação, porque as manifestações anatomo-clinicas não adverteem da má interpretação que se dá á historia habilmente contada pelo doente, traçando-se dest'arte caminho tortuoso ao diagnostico; e ainda que a precisão dos commemorativos e a exacta confissão do hepatico possam guiar o medico no diagnostico precoce de qualquer hepatopathia, a symptomatologia commum a varias gastro-enteroses poria o medico em confusão, mesmo porque topologicamente, em certos casos, nada auxilia a diagnose. O cancer primitivo do figado, as degenerações gordurosa e amyloide, os kystos hydaticos e ainda o figado syphilitico, inicialmente, são indidiagnosticaveis, e mesmo em certo estado de adeantamento os seus pontos de contacto com as varias molestias da glan-

dula são de modo a impor muita prudencia no criterio a seguir.

Não cabem nestas “Notas” considerações ou detalhes de maior monta sobre a differenciação de cada caso, si em muitos, si não em todos, os caracteres essenciaes para a diagnose repousam na anatomia pathologica, prova que só aproveita á medicina experimental.

Não sei que autor comparou o figado ao cerebro, quanto ao complexo de sua pathogenia, e á difficuldade de interpretação de suas manifestações morbidas.

As doenças da glandula hepatica mal se esboçam por phenomenos autonomos, peculiares aos seus soffrimentos; e só quando a ascite se estabelece ou a ictericia amarellece o individuo é que se põe o medico na pista de uma hepatose, e ainda assim vacilla o diagnostico da enfermidade, que a syndrome mascarou, porque a ictericia, como a ascite, não são manifestações exclusivas das hepatoses; e num circulo de ferro fica o medico, que nem ao laboratorio pode pedir luzes, porque elle tambem não conta com irrefutaveis elementos de prova.

Só a necropsia dará por fim a ultima palavra, cujos esclarecimentos não serão elucidativos para outros casos aparentemente semelhantes. Em face, pois, de tanta difficuldade, admiro a facilidade de se diagnosticar uma hepatose qualquer, á simples palpação e porque o examinando adverte o medico de que lhe dóe um ponto no hypocondrio direito, e o clinico

suppõe ouvir uma massicez, um ou dois dedos abaixo do rebordo costal, sem inquerir do trabalho digestivo os vagos epiphenomenos do hepatismo, nem consultar da urina os elementos que poderiam algo dizer sobre o funcionamento do figado.

Occupou um dos leitos do Hospital "Jovino Barreto" uma sertaneja, casada, multipara, branca, sem antecedentes lueticos, não contando na sua historia nenhuma das molestias que ordinariamente atacam a glandula hepatica, nem constando no rôl das suas declarações phenomenos de intoxicação intestinal, que podessem orientar um raciocinio sobre uma hepatose incipiente.

O emmagrecimento da hospitalizada, contrastando com um ventre enorme e apparencia de relativa saúde, por sua vivacidade e côr rosea das faces, davam nenhuma idéa de cirrhose, tanto mais quanto o volume do abdomen excedera a todos os limites até então por nós conhecidos, e de tal modo que tambem a face posterior do tronco deixou-se distender pelo liquido que se collectára no peritoneo, durante nove annos, sem que ninguem minorasse o peso, nem os soffrimentos da infeliz senhora. Fez-se a paracentese, e quarenta litros de um liquido claro, espumoso, foram retirados de uma assentada, sem que a paciente mudasse de attitude nem accusasse o menor incommodo. Procedido o exame da cavidade abdominal, o baço occupava o seu logar anatomico, o figado mantinha os seus limites normaes; a urina não revelou albumina; os órgãos genitales nada accusavam; o cora-

ção tinha o seu rythmo normal, e apesar daquelle volume de liquido tomando todos os logares distensiveis, a ponta batia no quarto espaço, para dentro da linha mamillar.

Não se fez exame do liquido ascitico. Quinze dias depois, nova punção retirou 24 litros de liquido, da mesma côr do da primeira, e seis dias mais tarde a doente pediu alta, por não querer ser mais "furada". E a observada, que se prestou a todos os exames e tratamento, voltou para o seu lar soffrendo do mesmo mal e deixando os medicos que a trataram ainda mais ignorantes. E' facto: não havia ictericia, o figado occupava os seus limites normaes, não se tratava de tuberculose, nem de syphilis hepatica; falharam os signaes de cancer, de degeneração amyloide, cysto, etc., etc. Nada ficou apurado mais do que a nossa ignorancia.

Poderia trazer novos casos, nos quaes o possivel soffrimento do figado deixa os observadores sem uma conclusão séria, sem todavia se poder negar a coparticipação da glandula em todo o processo morbido, porque innegavelmente, entre os órgãos, nenhum mais importante, mais delicado, nem mais exposto a alterações pathologicas do que o figado, complexo nas suas funções e interessante na sua pathogenia, pela difficuldade de se manifestar com caracteres proprios em todos os casos dos seus soffrimentos.

Si os exames clinicos propriamente ditos não revelam uma modificação de volume e forma do figado,

nem a historia morbida prevê o hepatismo, o laboratorio poderia descobrir pelo exame nycthemeral da urina algo de anormal nos productos de eliminação. Assim, a diminuição ou augmento da uréa marcaria uma alteração na funcção ureopoietica, como a glycosuria indica uma alteração importante na glycogenia, como ainda a modificação na eliminação da bilis prevê uma cholemia, cuja extensão pode ir até a morte. E o confronto com o exame do sangue, isto é, a pesquisa dos productos de eliminação accidentalmente retidos na circulação, dará indicação mais precisa, porque si a diminuição na eliminação não elevar a cifra dos toxicos no sangue, que significação morbida poderá apreciar a deficiencia? Isto posto, não basta para cotejar a normalidade das funcções do figado pedir exame de urina,mas conhecer onde se encontram os venenos que não constam no total da excreção urinaria.

Nos meus primeiros dias de clinica, tive no meu serviço hospitalar uma menina de onze annos de idade, extremamente pallida, filha de paes syphiliticos, residente no interior do meu Estado, apresentando ligeiro edema dos membros inferiores e sobre tudo um ventre enorme.

A verminose foi excluida por negativo o exame coprológico. A' escuta, percebia-se uma hyperphonose systolica; digestão facil, dejecções normaes, dysuria; densidade da urina: 1002. Feita a punccção exploradora, a agulha trouxe um liquido sem côr e transparente; não havia ascite. Sem elementos para

a diagnose, procedeu-se o exame da urina, cuja densidade alarmou, não se tendo encontrado albumina, pouquissimo chloreto de sodio e uréa indosavel; não havia glycose. Que seria? Uma degeneração polycystica do rim? A unica hypothese viavel, mas não tive elementos para dissipar as minhas duvidas, e foi-se a menina, para morrer em casa, livre das torturas dos inquiridores do nada.

O caso presente só tem que ver nestas “Notas” porque venho repetindo o que os sabios contam, que si as portas de eliminação se fecham por muito tempo aos dejectos organicos, a auto-intoxicação termina depressa os dias do desgraçado. Pois aquella menina vivia naquelle estado desde os oito annos, e ignoro se continúa viva.

Mas uma urina com 1002 de densidade, sendo indosaveis os seus elementos normaes, de uma creatura que se alimentava de carne, pão, leite, manteiga, asucar, etc. etc., vem demonstrar a nossa precipitação em prognosticar estados que depedem de condições especialissimas e que dizem com a natureza.

Os nossos exames de consultorio deixam muito a desejar. Os notaveis no Sul do paiz e nos grandes centros, depois de uma anamnese sem importancia e de um exame superficialissimo, pedem exame de urina (sem indicação do que desejam conhecer), uma radiographia deste ou daquelle orgão e mandam o doente em paz, até á segunda consulta, quando volta o pobre diabo trazendo uma pagina de urologia, com a inscripção dos elementos normaes da urina numa

columna, e na outra os anormaes, com a graphia do empregado do famoso laboratorio, alguns dados microscopicos communs a todos os casos, e sobre aquella farça o pontifice prevê a morte do pobre ingenuo, ou termina promettendo remover todos os obstaculos á vida do seu cliente, e entrega-lhe uma nota de remedios, muito uteis aos industriaes da doença e fabricantes dos enos, inas, il, etc., e da-lhe um regimen impraticavel.

Si os processos de exame medico, no consultorio, volitam em torno de conjecturas, da palpação e percussão, e consegue o esculapio firmar uma hepatose, ou melhor, uma atrophia ou hypertrophia, cuja causa, confusa ou indeterminada, não importa mais para o fim de se remover a lesão, de que elementos dispõe o medico para saber qual das funcções do fígado está travada e qual a medicação capaz de remediar a deficiencia da glandula? O laboratorio até certo ponto poderá guiar o raciocinio clinico, mas a therapeutica cruza os braços e lembra uma infinidade de drogas que ajudam a intoxicação. Só a dietetica poderá salvar o desgraçado, mas acontece que os famosos analyistas recebem 50\$000 e mais por um futuro exame, e, no dia seguinte, logo pela manhã, já os boletins ficam cheios daquelles dizeres communs a todas as pesquisas urologicas, contendo ou não albumina, assucar, dando-se mais ou menos uréa e chloreto de sodio, accusando fracção de indican, etc., conforme a sorte do doente para um regimen contraproducente e o supplicio para ingerir 24 doses de substancias

horríveis de gosto e durante as 12 horas do dia. E o pobre diabo sáe por ahi afóra espalhando que sofre do figado (cuja molestia não lhe diagnosticou o medico), que o seu assistente lhe aconselhou uma estação dagua em Carlsbaden, ou em Minas, certissimo de que a radioactividade de aguas milagrosas completará a sua cura.

Eu tenho commigo uma duvida: si todos os medicos acreditam na efficacia das aguas thermaes para as molestias em que elles as aconselham, ou si não é a litteratice de ouvir dizer que A. ou B. curou o seu hepatismo se encharcando dagua alcalino-magnesianna, no meio da qual acreditam andar o radium promovendo a regeneração dos tecidos esclerosados ou mortos para a bio-dynamica intraplasmatica.

Dado que o laboratorio decida sobre a deficiencia do figado, precisando a funcção que se acha travando as attribuições da glandula, pelo conhecimento mais ou menos exacto do destino dos toxicos elaborados pelas combustões, cotejando-se a eliminação com a alimentação, que criterio se deverá ter para a problematica reintegração physiologica? A suppressão da causa dos venenos do figado e o regimen alimentar: é a prophylaxia.

Ora, quando o medico chega a precisar uma esclerose hypertrophica, por exemplo, já as lesões avultam de modo a se apanhar o figado muito abaixo do rebordo costal e o baço descer até perto do umbigo, e esta hepato-splenomegalia difficilmente se remedeia com a suppressão de causas, que muitas vezes não in-

cidem mais, deixando apenas na alteração do volume daquellas glandulas o sinete indelevel de sua passagem e a anarchia do metabolismo. Si, porém, é uma atrophia que se verifica, descoberta pela ascite, que começa, e os pequenos signaes do hepatismo, tambem a suppressão da causa, que se conseguir apanhar vale quasi nada, porque a cellula nobre do figado só tem poder regenerador em certa phase da hypertrophia. Sem ir além, porque considero intrataveis, ou melhor incuraveis, o cancer, a tuberculose, o cysto hydatico do figado, etc., a prophylaxia racional das hepatoses não me parece aquella de que nos falam os livros, mas a educação sanitaria do povo, ensinando-se-lhe a fugir das causas immediatas de taes molestias, isto é, do alcool, da syphilis, do paludismo, etc. e das mediatas, como a alimentação má, excessiva e muito azotada..

Aqui está um dos misteres da Saúde Publica: pregar o regimen alimentar, a vida ao ar livre, o perigo do alcool, os horrores da syphilis, os males da vida sedentaria, as vantagens do exercicio physico e o cultivo da alegria, porque dizem que o riso “desopila o figado”, indo nessa expressão popular o preconceito de que as tristezas levam o organismo á intoxicação, sendo notorio que sob o influxo do “máu humor” até o somno é agitado.

Quando essa educação sanitaria começar no jardim da infancia, nas escolas primarias, nos Lyceus, e cada professor fôr um hygienista, e onde se não ensine a lêr versos chinfrins, nem prosa bolorenta, mas

lições de coisas que nos afastem da morte, as repartições de hygiene serão os timoneiros dos governos na solução dos grandes problemas da vida collectiva, e não a tortura do povo; o que equivale dizer que emquanto os hygienistas officiaes entenderem que hygiene é isso que se contém nos regulamentos sanitarios, a mentalidade do povo desce na razão directa da conservação do regimen.

Ainda tão remota essa defesa de cada um, pelo conhecimento do que lhe é nocivo, continuará a velha humanidade indagando da sciencia como se explica definitivamente a ascite, e porque se não consegue com mais facilidade precisar das funcções do figado aquella que se perturbou primeiro, porque as attribuições synergicas da glandula rolam todas para a mesma finalidade, e o desequilibrio da ureopoiesia fére a relatividade da glycogenia hepato-pancreatica, como a funcção hemato-biliar.

Mas contentemo-nos com a promessa das vantagens da dietetica, ainda que só os individuos medianamente cultivados possam comprehendel-a, porque o povo rude, o operario dos campos e cidades não concebe que o leite seja um alimento completo e a carne um veneno para os cirrhoticos.

Quem moireja nas enfermarias dos hospitaes e se acostumou a observar o doente e o homem, guarda de certo a convicção de que a besta-féra escabuja como um côrvo sobre a carniça, e nada a demove do proposito que lhe morde o bestunto. A convicção de todo doente hospitalizado é que o querem matar de

fome, e dahi o insuccesso do seu tratamento; e mais lamentavel é que a familia do enfermo, nos dias de visita, consiga levar-lhe “jabá” e farinha, e algumas vezes um vidrinho de cachaça, sem que a vigilancia possa obstar a quebra de regimen do cirrhotico ou do brigthico. Mas deixemos a miseria.

O regimen alimentar para qualquer molestia é um dos problemas mais serios que o medico tem a resolver.

Quando o clinico termina os seus exames e toma a penna para prescrever a medicação que convém ao caso, muitas vezes mesmo antes das indicações therapeuticas, a familia do doente pergunta logo “o que elle pode comer”? A esta ou aquella dieta, conforme a natureza da infecção ou affecção, as pessoas interessadas pelo enfermo objectam o regimen prescripto, dizendo que o doente não gosta de tal alimento, de qual massa, vomita os caldos, não supporta o leite, e indagam com azedume “si faria mal um bifezinho feito na manteiga fresca, sem banha nem pimenta do reino”?

Ordinariamente o regimen é seguido, ainda que a toda hora o pobre medico esteja no telephone respondendo que “sim, pode dar succo de uvas, com agua de lima, Vichy ou Caxambú, como queira”; “sim, tambem pode dar laranjada, não faz mal”; ou desperta assustado, ás 2 da madrugada, ao tilintar da campainha, pelos latidos do cão de guarda e aos gritos do mensageiro, chamando o Dr. para perguntar

si a tal senhora que o medico deixou muito bem, á tarde, “pode tomar um “chá” de canella”?

No regimen alimentar é que está a base do tratamento das hepatoses, ainda que o velho salicylato de sodio, o calomelanos e a organotherapia constituam prescripções em voga, cujos resultados deixam duvidas sobre o exito da medicação universalmente indicada.

Fossemos catalogar a nomenclatura dos productos pharmaceuticos aconselhados para a cura radical das molestias do figado, sem exaggero se poderia organizar um volume de dezenas de paginas.

Os industriaes da molestia sabem por experiencia propria que a humanidade crê em tudo, mas essa fé não cura. Assim, na alimentação e na modificação dos habitos do doente é que é preciso confiar.

O Dr. Alfredo Antonio de Andrade, estudando o “Valor nutritivo dos alimentos brasileiros”, magnifico trabalho publicado nos “Annaes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, An. IV, 1922, conta que “as rações muito azotadas e principalmente as carnes, promovem a atonia intestinal, incidem sobre o rim e, por maior, sobre o figado, lesando-os; concorrem para a formação de acidos abundantes e substancias toxicas que abalam a saúde e facilitam a instalação da uricemia, com o seu conhecido cortejo de effeitos pleomorphicos”. “Os hydrocarbonados, factores energeticos, produzindo o trabalho da machina humana, si copiosos, levam á glycosuria alimentar; as gorduras quando avultam, conduzem á acidose; e to-

dos abundantes, abrem o organismo aos males da obesidade, auxiliando predisposições mais ou menos accentuadas”.

Dá o valor em calorias de cada elemento de que se compõe a alimentação dos brasileiros, e os distribue de accordo com a formula de Von Pirquet; estabelece o numero de calorias de pouquissimos fructos brasileiros, aponta aqui e alli as molestias entretidas pela avitaminose e sobre tudo abre margem a estudos posteriores quanto á possibilidade de se adoptar scientificamente os alimentos brasileiros nos estados pathologicos.

Por emquanto, a contribuição que o Dr. Alfredo de Andrade trouxe ao regimen univerval, consta nos compendios de physiologia, onde se vê quantas, ou qual a quantidade de calorias se precisa para um individuo levar a bom termo os seus dias; e quanto aos maleficios da alimentação azotada, já Louis Lémery, em 1702, no seu “Traité des aliments”, dizia que “os alimentos que nos fornecem as plantas são, de algum modo, preferiveis a todos os outros, porque são mais ligeiros e mais faceis de digerir. Eis porque nosso primeiros paes, que não viviam se não desses alimentos, se conduziam melhor do que nós; e eis porque não nos devemos admirar si, desde que nos demos ao trabalho de procurar esse numero consideravel de differentes alimentos desconhecidos aos nossos paes, vimos surgir uma multidão de molestias que lhes eram desconhecidas”.

E Huchard, no seu "Consultations Médicales", quartrième edition, 1906, tratando do "Valeur Nutritive et digestive des aliments", ás pags. 62 e seguintes, dá a razão alimentar para o homem, de accordo com a sua actividade e capacidade de trabalho.

A noção de que as carnes e outras substancias azotadas levam o organismo a vexames funcçionaes, si não a alterações anatomicas definitivas, não é de nossos dias, e todo mundo sabe que o jejum foi uma instituição de Moisés, quando privou o seu povo de comer carne num determinado dia da semana, pelos males que essa alimentação exclusiva causava á sua gente; e a moral religiosa delle se apropriou como um "castigo" de se privar a materia dos desastres da gula.

Ora, o que se esperava dos scientistas, dos especialistas do laboratorio não era a velharia de que as carnes matam ou ajudam a morrer o homem, promovendo alterações somaticas de órgãos leaderes, precipitando assim a vida num ruidoso soffrimento. O que eu, pelo menos, provinciano ignorante, desejava conhecer era de que se poderá alimentar um hepatico, um nephritico, tirando da natureza brasileira os elementos de resistencia nutritiva, servindo ao mesmo tempo para abrir os órgãos lesados á descarga das toxinas, promovendo a reintegração physiologica, si possivel ainda. O que o medico da roça precisa saber e o que tambem não sabe o sabio das grandes cidades é como alimentar um doente de esclerose atrophica, por exemplo, de tão poucos recursos que lhe não bas-

tando os feculentos para a manutenção de suas forças, se vê obrigado a comer ovos, carne salgada e carangueijo?

Uma garrafa de leite no Brasil custa uma fortuna, e o pobre nem se abalança a desejar uma xícara, ao menos, para matar o capricho do paladar!

As fructas? Não ha; laranjas acidas, mangas, limas, a peso de ouro, e em certas epochas do anno.

A nossa flora opulenta e grandiosa, das mais ricas que ensombram a terra, contem, de certo, fructos do tropico brasileiro, seivados dos mesmos saes de que nos nutrem os outros, talvez mais uteis porque recebem o mesmo sol que nos cria e nos infiltra esse amor ás “palmeiras onde canta o sabiá”, em cujas mattas ninguem foi buscar o segredo da alimentação do rico, nem a fortuna do pobre.

A medicina brasileira é uma nebulosa: tem a refulgencia de luzes coadas atravez de um scenario distante.

O livro que prepara o medico nas nossas escolas é estrangeiro; a therapeutica que se ensina, vem do velho mundo; a dietetica que se aconselha aos nossos doentes é a da Europa, cujo clima, meio, habitos, alimentos, tudo differe das nossas condições.

Qual o regimen, pois, do cirrhotico? Para o pobre, a aggravação do seu mal com uma liberdade de alimentação conforme ás suas posses; e para o rico, o leite e o empirismo medico, aconselhando tudo que lhe apraz, porque elle ignora a composição dos fructos brasileiros e não tem observação para estabele-

cer um methodo de regimen alimentar para cada caso especial.

Contou-me um cliente que perdera um filho em certa capital do Norte, porque, sob os cuidados de certo clinico, lá afamado, o pequenino de 3 annos, durante a sua gastro-enterose febril, se alimentára de manga, goiaba, banana, abacaxi, abacate, mamão, sapoty e outras fructas que encontrava. Terá razão o infortunado pae?

Em Hawai as mães substituem o leite materno pelo de côco, que tem as mesmas propriedades nutritivas e a vantagem da abundancia.

E' corrente entre nós dar-se agua de côco vermelho aos hydropicos, accusando os doentes uma diurese abundante e um bem estar geral.

Que sabemos a respeito? Deante de tantas difficuldades para soccorrer o pobre como o rico nas suas crises de inappetencia e severidade dietica, em 1923 fui á metropole com o objectivo de tentar um ensaio de analyses dos nossos fructos, para remediar os transees da alimentação nas doenças. Procurei um bromatologista; disse-lhe a minha idéa; comprometti-me a lhe fornecer todos os fructos do Norte e Sul do Paiz, e escreveriamos de collaboração um trabalho, elle a parte analytica e eu as conclusões praticas, colhidas nas clinicas civil e hospitalar. Ficou tudo resolvido, e três menses depois desfez-se a promessa aos meus doentes e aos seus e aos de todos os medicos. O brasileiro é mesmo assim... Essa queixa da alimentação superabundantemente azotada na supposta hygidez

do homem, vem da infancia da humanidade; e á parte os males que todos lhe conhecem, lesando órgãos, alterando funcções, a decadencia moral parece se reflectir na intoxicação da corticalidade, creando instinctos de fêra, amollecendo o character até a decomposição, cujos effeitos andam por ahi no riso do bajulador profissional, nas conveniencias politicas, na lama dos vicios elegantes e na crise de honestidade.

E já “J. J. Rousseau dizia que os grandes comedores de carne são em geral mais crueis e ferozes do que os outros homens”; “Bossuet attribuia a decadencia moral e physica do homem ás suas refeições mortaes”.

Tolstoi diz que a carne só serve para desenvolver instinctos bestiaes”. E “o homem é o que elle come, diz Kant”.

E quando o organismo cêde á sanha dos infinitamente pequenos, um órgão ou uma viscera reflecte no todo a desharmonia do conjuncto, de que especies de calorias dispõe a medicina para amparar a marcha do processo morbido, attenuar os effeitos dos venenos na circulação e manter o organismo supprido das energias de que elle carece para a luta constante?

As carnes? Não; os feculentos não bastam; os fructos, não conhecemos a composição de todos, não figuram na pratica da dietetica brasileira e não os temos. E de que dispomos para oppor barreiras, na saúde e nas molestias, á ininterrupta intoxicação do organismo?

Como levantar o povo dessa vertigem do desconhecido, si ainda pésa nos nossos defeitos os mesmos habitos, os mesmos vicios; si a mentalidade da nossa gente ainda não pode comprehender que a nossa morte está no abuso de todos os alimentos?

MODICUS CIBI, MEDICUS SIBI.

.....

C A N C E R

O Egypto, ao que se diz, berço da mais antiga civilização, foi onde o homem começou a ver-se dentro da pathologia; e seguindo as deduções de Armand Ruffer, Jules Guiard, Cabanès e outros historiadores pensam que a sciencia medica actual teve os seus principios com a exposição dos enfermos na praça publica, para que os transeuntes, attingidos e curados dos mesmos males, aconselhassem aos que soffriam as mezinhas que lhes serviram na doença.

As observações se succederam e compendiadas mais tarde num livro que se acreditou de origem divina, serviu tanto para as consultas, como de código para a regularização do exercicio da arte de curar, sendo vedado aos sacerdotes medicos modificarem a medicação prescripta no "Embre".

Assim, a medicina teria, talvez, perdido a sua origem, si os papyros não conservassem a escripta hieratica para os nossos dias decifrarem a sciencia sacerdotal dos tempos pharaonicos. Mas, nem só nos papyros, tambem nos templos, tumulos, obras d'arte e

até nas proprias mumias, podendo revelar o segredo de sua molestia, encontra-se a civilização de epochas millenarias, servida pelo credo de deuses variaveis, entre os quaes Ynhetep, que curava todos os doentes quando adormecidos no seu templo.

O espirito medico contemporaneo, para perquirir do passado as verdades que se ignoram, como á cata de um rastilho de novidade sensacional, esmiuçando numa paciente investigação a paleopathologia, vem apenas provando que a medicina de outr'ora, si não tinha as luzes da radiodiagnose, da ultramicroscopia e não contava com as affirmações irrefutaveis da chimica nos processos de analyse, nem com as deducções empolgantes dos laboratorios, possuia uma sciencia ainda mal comprehendida nos nossos dias, não se lhe tendo imitado, entretanto, a arte, nem desvendado até agora o processo do embalsamento quasi eterno.

Tirante segredos taes, dos tempos dynasticos do Egypto multi-millenario, a historia coteja as molestias desse hontem longinquo com as da era de Oswaldo Cruz, e, diga-se de passagem, a ignorancia de todos esses seculos perdura em muitas entidades morbidas, chegando a sciencia dos sacerdotes de Isis, em algumas molestias, a se confundir com a dos tempos que correm, não só quanto á natureza do mal, mas tambem no que se refere á curabilidade, confiando-se mais nos amuletos e exorcismos do que nos preceitos da therapeutica, vencendo-se até a obstinação do proprio scientista, que vê no indecifravel, no mysterio,

no incognoscivel e no além-tumulo uma tranca á ideação do homem sobre a possibilidade da omnis-ciencia.

Aos nossos olhos, a distancia que vae desta civilização aos dias do filho de Phtah é invencivel, não tendo o homem de hoje conhecimento de maiores progressos scientificos.

O trabalho da evolução tem sido lento, é facto, mas as conquistas da humanidade dia a dia se solidificam sobre bases definitivas, e ainda não houve historiador que pretendesse confrontar os meios de investigação scientifica actuaes com os do empirismo orthodoxo dos povos do Mediterraneo, 2000 annos antes de Christo.

Talvez seja cêdo ainda para se satisfazer a cubiça do homem, que tanto peleja pela potencia de tudo ver e tudo evitar, dispondo de um sol palpavel para descer a todas as trevas, e ensinar aquillo que hoje todos procuram: a saúde até a morte.

Si a sciencia hieratica dispunha de meios para reconhecer a lepra, a tuberculose, a variola, as cardiopathias, a epilepsia, o cancer, etc., molestias havidas por incuraveis e ainda sob o influxo das graças do Inhetep, a medicina de hoje envida todas as suas forças numa tensão de vontade superior para quebrar os laços de resistencia occulta; e não custará muito a aurora de redempção desse dia, porque são gigantes-cos os passos que a sciencia contemporanea vem dando em torno desse immenso circulo de difficuldades, dentro do qual a razão humana, cercada de todos os

elementos de pesquisa, espreita a ultima hora da ignorancia universal.

Mas a lepra e a tuberculose têm hoje os seus caracteristicos inconfundiveis e a sua especificidade de germens determinada; a variola, uma symptomatologia typica e uma prophylaxia segura; as cardiopathias, uma etiologia precisa e uma defesa na abstinencia e na sanidade do espirito; a epilepsia, tem a sua causa removivel ou não, porém o cancer continúa uma figura ageometrica, mudando de nome a cada passo, pegando-se-lhe de todo modo, estudando-se-lhe as hypotheses, desorganizando-se-lhe a trama cellular, promovendo-se a sua feitura experimental, a sua transplantação, emigração, metastase, ensaiando-se os seus productos de elaboração, inoculando-se os seus tecidos, injectando-se em animaes reactivos substancias cancerigenas, submettendo-os a provas reiteradas de verificação á luz de todos os processos de elucidação, e a mesma ignorancia esmaga a razão humana na concepção da causa de inevitavel desgraça, si em tempo o organismo se não desembaraçar do mal que lhe substitue as alegrias de viver pelos venenos de morte delorosa; e cada vez que a lucta accende, menos fica do rescaldo das fogueiras apagadas.

Que é o cancer? O resultado de um crescimento desordenado do epithelio. Como isto é vago! Não é tão pouco uma molestia especifica, devida á acção de um parasito, mas parece provocado nos tecidos por um elemento physico, chimico, ou ainda por microorganismos variados (?), agindo por suas toxinas. Um

cháos. Para A. Paine “o cancer é precedido frequentemente, de um processo inflammatorio chronico, e a relação que existe entre o cancer e a inflammação chronica esclarece o estudo dos tumores do seio, cujos processos inflammatorios promovem todas as modificações do tecido, indo da simples inflammação á transformação maligna da glandula”. Diz ainda Paine que “a origem do cancer está na degeneração do elemento nobre da cellula; repousa por consequencia sobre a alteração de sua estructura. “O resultado desta alteração é a perturbação do metabolismo, devido a alteração de funcções especiaes da cellula e por si mesma causando um hypercrescimento persistente”.

Outros factores, porém, fóra da inflammação predispoem ao cancer: a idade e a herança.

Já A. Robin “considera que a cancerização resulta da acção de um fermento proteolytico dissociando as albuminas do tecido no qual o cancer se desenvolveu, sendo construido com elementos dessas albuminas, possuindo o fermento proteolytico por acção principal o poder de transformar em azoto soluvel uma parte do azoto albuminoide do tecido, no qual o fermento se desenvolveu”.

Delbet pensa que “o problema do cancer continúa insolúvel, que nada sabemos sobre a sua pathogenia, e lembra factos experimentaes conhecidos, os differentes meios pelos quaes se consegue cancer, por assim dizer, á vontade, com os agentes chimicos: alcatrão, breu, paraffina, lanolina, soluções arsenicaes,

agentes physicos como os raios X, agentes parasitarios, como os spiropteros, tenias e agentes mechanicos”.

Aquelle auctor censura a bom numero de cancerologistas por entenderem que todas as causas invocadas acima são simples, imaginando um virus como se fluidos fossem, e procura provar que nos mostramos mais exigentes com a pathogenia do cancer do que com a das molestias infectuosas.

Confessa Delbet que “a theoria infectuosa do cancer está abandonada, é contesta os trabalhos de M.. Slye sobre a herança cancerosa, não deixando subsistir nenhuma crença sobre o contagio”. Entende elle que as causas de cancerização são multiplas, algumas conhecidas, e espera que os trabalhos de laboratorio venham precisar as outras, sendo que as causas exogenas do cancer conduzem á prophylaxia.

Para Teutschaender “o cancer não é infectuoso, contagioso, nem hereditario. A apparição endemica ou familiar de formações cancerosas se explica pelo facto de que as molestias que precedem a formação cancerosa, podem ser de natureza infecto-contagiosa e que a predisposição ao cancer pode ser transmittida por herança. Nem malformações, nem infecção são condições previas necessarias á producção do cancer. As proliferações anormaes e mal regenerações mais ou menos semelhantes, ora num orgão, ora nos tecidos, e que se englobam sob o nome de cancer, são em relação á sua etiologia e á sua histopathogenese grosseiras, apensa formações heterogeneas. O ele-

mento especifico commum a todas as formações cancerosas deve ser procurado na cellula, respectivamente no organismo.

O problema do cancer se refere, pois, ás funcções reguladoras do estado cellular”. Os dados fornecidos pelo estudo do cancer experimental nos animaes, notadamente no coelho e no rato, contribuíram para apoiar a noção da multiplicidade do cancer.

As pesquisas mostram, de facto, que, por processos differentes, por acção de parasitos, de agentes physicos e chimicos, pode-se fazer apparecer com grande facilidade o cancer nos animaes de laboratorio. São estas, mais ou menos, as palavras de G. Roussy, publicadas na “La Presse Médicale” de 17 de Junho de 1922; e depois de numerosas demonstrações, dá as seguintes conclusões: “1ª, Uma mesma causa (refere-se ao alcatrão), agindo em condições identicas não provoca em todos os animaes os mesmos effeitos no mesmo tempo, ainda que as condições da experiencia sejam exactamente as mesmas, o que põe em destaque o factor “terreno”. Na producção experimental do cancer, como para o enxerto, ha uma immuniidade natural propria a certos individuos; 2ª, fóra dos animaes refractarios, as experiencias mostram differenças no modo de reacções neoplasticas, pois certos animaes teem reacções inflammatorias; outros, tumores benignos; alguns, malignos, e esses differentes estados não se succedem necessariamente; 3ª, dois factores merecem ser assignalados: a frequencia dos tumores de começos multiplos e o facto que no ponto de

vista histologico todos os tumores se apresentam do typo epithelial. Em summa, da serie de experiencias sobre o cancer experimental conclúe-se que si mui diversas causas podem produzir o cancer, as mesmas agindo em identicas condições não a provocam sempre; e isto sublinha a importancia do papel desempenhado pelo “terreno” no cancer experimental pelo alcatrão”.

Gye e Barnard, seguindo as experiencias de Rous, feitas de 1911 a 1914, transmittindo o sarcoma da gallinha á gallinha, não só pela inoculação do tumor original, mas por um filtrato desse tumor, em três tentativas, verificaram que “cada sarcoma se reproduziu com seus caracteres morphologicos especificos”.

Rous invoca a acção de um agente filtrante, mas não poudo continuar as provas e abandonou as pesquisas. “Depois de algumas indicações technicas sobre o filtrato dos tumores, o meio empregado e as medidas tomadas para evitar a contaminação, Gye faz o estudo experimental do sarcoma de Rous, e verifica a principio que a “infectividade” é proporcional á quantidade de filtrato injectado e que se pode obter culturas de virus collocando um fragmento de tumor no caldo de Hartley, modificado, cujo producto passa por fim a ser uma cultura de virus, que por si só não pode agir, sendo necessario um segundo factor especifico provindo dos extractos do tumor, para romper as defesas cellulares e permittir ao virus reproduzir a infecção”. Por outro lado, Barnard “empregou no es-

tudo dos virus do cancer cultivados por Gye os methodos opticos e o ultra microscopio; e por esses methodos o auctor conseguiu tornar visivel o virus do cancer e photographal-o, encontrando um spheroide semelhante aos spheroides tambem photographados pelo auctor na pleuro-pneumonia dos bovideos". Em quanto isso, H. Aldershoff diz que a theoria parasitaria pura, dia a dia tem menos partidarios. "Admitte-se com mais certeza o papel da cellula extraviada, podendo o deslocamento ser ou não accidental, pondo a cellula fóra de sua posição e de sua "entourage" normaes; mas nem assim esse deslocamento tem sempre por consequencia a transformação num germen creador de neoplasias. Um "excitante" deve intervir do exterior, sem todavia se saber si esse excitante agirá sobre uma cellula em situação normal, podendo ser o "excitante" de natureza muito diversa. Pode-se, pois, suppor, ou que a excitação modifica a cellula a tal ponto que a torna susceptivel ao parasito do cancer, ou que a perturbação levada á vida cellular seja directamente provocadora da neoformação maligna. O cancer do alcatrão, do raio X, etc., não provam que esses diversos factores estejam sós na producção do mal. Virus ou parasito eventual do cancer, tem sido procurado de todos os lados e de muitas maneiras. A inoculação, ou mais exactamente, a transplantação dos tumores não tem tido exito senão com partes de tumor, e ainda quasi exclusivamente nos animaes da mesma especie. E' natural pensar que o imponderavel agente pathogeno seja um virus filtrante; mas as pes-

quisas neste particular não deram resultados conclusivos, mesmos as de Gye e Barnard”.

A segunda conclusão de M. Slye refere que a theoria de um germen especifico do cancer parece estar annullada, pelo facto de que o cancer não é contagioso, e porque pode ser provocado experimentalmente por um grande numero de methods muito diversos.

P. Lecène e A. Lacassagne citam que “um estudante de medicina praticando a punctão de um derramamento lymphatico collectado sob a cicatriz de uma amputação do seio, feita quinze dias antes, por cancer já extenso, se picou profundamente na palma da mão, com a agulha que escapára da seringa. Dois annos depois, dôres diffusas na mão, tumefacção dura e compromettimento da cadeia ganglionar da axilla. Feita a ablação dos ganglios, três meses mais tarde a tumefacção palmar apresentou uma zona vermelha, dolorosa á pressão; a pelle se adelgaçou e ameaçou ulceração. Fez-se um diagnostico provavel de mycose. Um mês mais tarde verificou-se que um nodule cutaneo, que persistia na cicatriz palmar se ulcerou e quatro outros nodulos semelhantes, adherentes á pelle, appareceram no ante-braço e no braço. O diagnostico de tumor maligno foi confirmado pelos exames histologicos, o que levou a se praticar a desarticulação da espadua. Os fragmentos dos primeiros ganglios da axilla, do tumor palmar, dos nodulos sub-cutaneos do braço, tinham todos os caracteres histologicos de um sarcoma fuso-cellular. Ora, o

cancer do seio que o rapaz operou era um epithelioma encephaloide atypico. Como explicar essa mudança? As cellulas cancerosas, inoculadas pela picada, teriam se transformado sob a influencia da adaptação no novo hospede, phenomeno analogo ao que evidenciaram Ehrlich e Apolant, em certos tumores enxertados no rato? ou a transformação do tumor se fez sómente por inoculação de um virus filtrante, analogo ao de Gye, ou ainda de um liquido infectante semelhante ao que admitte Carrel? Não é verisimil que se trate de um sarcoma originario de uma cicatriz, sem relação com os productos inoculados?"

Ainda Teutschlaeder, commentando o sarcoma de Rous e os trabalhos de Carrel, diz que "as experiencias de Gye e Barnard deram um novo apoio á theoria segundo a qual o sarcoma da gallinha seria produzido por um filtrante de natureza parasitaria. Carrel e seus collaboradores, ao contrario, parecem excluir definitivamente esta hypothese, consagrando outra lembrada por Doerr, mas sem provas, lembrando um principio transmissivel e promovendo a malignidade, analogo ao principio lytico invocado por Bordet no phenomeno de Twort-d'Herelle. Lyse cellular de um lado, proliferação de outro dependem de causas da mesma ordem.

Nas experiencias fundamentaes de Carrel, quando se junta a uma cultura "in vitro" de macrophagos um pouco de extracto filtrado de sarcoma de Rous, o numero de macrophagos mortos augmenta progressivamente na cultura, que adquire o poder de digerir

a fibrina, e apresenta centros de liquefação cercados de tecido necrosado. Essas culturas inoculadas na gallinha provocam sempre a formação de sarcoma.

O principio de Rous será uma substancia chimica que intoxica os macrophagos, e nenhuma outra especie de cellulas.

Os macrophagos mortos libertam em quantidade os “trephonas”, que estimulam a proliferação celular e a substancia toxica. Os macrophagos que se multiplicarem serão destruidos por esta substancia, e o cyclo continúa.

De outro lado, Carrel poudé produzir na gallinha os taes tumores, inoculando nos peitoraes um pouco de tecido embryonario (que contem “trephonas”), ao mesmo tempo que injectava nas veias pequeninas quantidades de substancias irritantes, como alcatrão, arsenico, indol. Uma parte desses tumores é reabsorvida; outras ficam, e no fim de cinco menses ha sarcoma de Rous. Emfim, o filtrato de um tumor de gallinha obtido por acção combinada de tecido embryonario e arsenico, juntou-se a uma cultura “in vitro” de leucocyts, e no fim de cinco dias tomou o todo o aspecto de uma cultura de sarcoma; inoculado numa gallinha, produziu um sarcoma de Rous mortal.

A unica reserva de Teutschlaeder é que é preciso estar certo de que o filtrato do tumor junto á cultura, não contenha cellulas. Todos os factos que suggeriram anteriormente a idéa de um virus parasitario invizivel, ou de uma transplantação de cellulas, se explicam segundo as experiencias de Carrel.

O principio de malignidade tem certos caracteres de uma natureza viva, pois que se reproduz nas células.

Trata-se agora de saber si o sarcoma de Rous constitúe um caso particular, ou si a mesma interpretação vale para os carcinomas, o cancroide do alcatrão no coelho”.

A hypothese de uma origem parasitaria dos tumores malignos tem os seus adeptos e conta actualmente tambem um crescido numero de contrarios á especificidade de microseres na pathogenia dos neoplasmas.

Blumenthal, por exemplo, não levou a serio as deducções que Gye e Barnard tiraram de suas experiencias, tanto mais quanto elles não conseguiram produzir na cobaia ou no rato um tumor do typo dos espontaneos naquelles animaes.

Não parece a Blumenthal que a producção de tumores malignos por inoculação de uma substancia chimica, que se reformará indefinidamente pela desintegração das cellulas cancerosas, exclua a hypothese de um virus parasitario invisivel.

Até aqui Blumenthal e seus discipulos foram os unicos que conseguiram transmittir ao rato e á cobaia carcinomas humanos, isolando destes muitos microbios, pertencentes ao mesmo grupo, inteiramente differentes das bacterias usuaes.

O isolamento se obteve depois da dissolução das cellulas cancerosas, como si o parasito fosse intracellular.

A inoculação desses parasitos com addição de um pouco de terra de infuzorios e de extracto de carcinomas humanos, de liquido de edema canceroso, produziu tumores na cobaia e no rato. O tumor primitivo poudeser transplantado para outro animal da mesma especie. Os microbios originaes não se encontraram nem no tumor primitivo, nem nos de passagem. A' medida que as passagens se succediam, o tumor se desenvolvia mais rapidamente, tomava de mais a mais os caracteres histologicos de um tumor maligno, e uma tendencia formidavel ás metastases, cujas localizações se faziam nos ganglios lymphaticos, nos pulmões e no figado. Chegou-se a discutir a natureza real desses tumores, dizendo-se que eram granulomas infectuosos.

E' preciso convir tambem que actualmente não ha definição histologica do tumor maligno. Os taes microbios não são, de resto, talvez senão os vectores do verdadeiro virus. Mas Blumenthal pensa que elles são um agente irritante, equivalente ao alcatrão ou á spiroptera neoplastica de Fibiger.

Emfim, a genese dos tumores malignos implica provavelmente a collaboração de outros factores: substancias levadas pelos extractos de tecidos cancerosos, participação do tecido endothelial, perturbações do metabolismo geral.

O "The Journal of the American Medical Association", commentando a observação de Lecène e Lacassagne sobre aquella inoculação accidental de um tumor maligno no homem, referente á observação do

estudante que se feriu com a agulha, quando punccionava um exsudato canceroso, diz que “não é convincente que se trate de um caso verdadeiro de inoculação de cancer do homem ao homem, porque o cancer do peito do primeiro doente era um sarcoma de solidas massas de epithelio de disposição atypica, emquanto que o tumor nascido na mão do estudante era um sarcoma fuso-cellular, dissemelhante em tudo do cancer do peito.

Si o tumor do estudante fosse um sarcoma, não restaria nenhuma duvida sobre a transplantação, o que seria tambem se contentar com pouco. “Todavia, o tumor sarcomatoso talvez se originasse do traumatismo occasionado pela agulha”. Entretanto, “o facto de ter sido um sarcoma o tumor da mão não exclúe a possibilidade do contagio, porque, nas transplantações experimentaes de tumores de animaes, tem-se accidentalmente observado que uma transplantação de tumor carcinomatoso pode dar nascimento a elementos sarcomatosos”.

E’ o caso da observação de Lecène e Lacassagne, mas que não pode constituir uma prova de transplantação ou de inoculação do cancer de uma pessoa a outra, porque não se tem meios de determinar si o sarcoma da mão teve como origem o traumatismo da agulha, ou si cellulas tumoraes por ella transplantadas. Pela exposição que transcrevo, quasi textualmente, dos instruidos em cancerologia, dando a opinião dos pontifices para melhor aproveitar o raciocinio de cada um, se vê a insegurança das theorias emit-

tidas pelos partidarios da especificidade parasitaria, e a das que insistem na autonomia dos canceres como producto da degeneração cellular, cujo trabalho se processa no stroma do epithelio.

Não ha argucia deductiva que escolha o melhor caminho a seguir no dedalo desse labyrintho de hypotheses.

As predisposições morbidas, as perturbações do metabolismo, a dystrophia, a idade, a natureza do terreno, tanto abrem vagas á formação dos neoplasmas, como tecem degenerações de toda ordem, incidindo indeterminadamente sobre a economia.

Sob a influencia de processos inflammatorios, traumaticos ou não, não será extranhavel que o tecido sobre o qual se assentou a modificação cellular ou a sua degeneração se affecte de hyperplasia, e a phlogose estimulando a vida de cellulas embryonarias sirva de base á degeneração e decida sobre a formação do stroma que mais tarde definirá o tecido de que se formar o neoplasma; o que quer dizer que a alteração structural do elemento nobre dos tecidos, dando lugar a modificações inherentes á vida intima da cellula, arrasta o parenchyma cellular a um desvio metabolico e "hypercrescimento persistente".

Todo esse arranjo de logica parece mais uma deducção de metaphysica do que uma conclusão de sciencia experimental.

Traumatismos ás vezes violentos, seguidos de perda de substancia e suppuração prolongada, arrasando o organismo á decadencia, pela infecção que se

processou, deixam communmente apenas vestigios nas cicatrizes. E' que faltaram as condições personalissimas, isto é, o terreno baldio de predisposições morbidas, agiu na esphera de suas attribuições, mantendo-se o metabolismo dentro da normalidade.

Os traumatismos e attritos a que se expõe o homem, diariamente, si só isto bastasse para a germinação das neoplasias, fariam o mundo habitado por cancerosos, porque ninguem ha que se furete ás contusões constantes.

Na historia dos tumores contam-se factos attribuindo o apparecimento de um nódulo canceroso menses depois de um traumatismo sobre o seio, por exemplo, cuja confissão importa quasi nada na genese daquelle cancer, porque carece de sinceridade, muitas vezes, o relato da enferma, ainda que o traumatismo fosse causa de neoplasias. Os tumores da hypophyse, o sarcoma do rim, na infancia, cifram-se na eventualidade de uma desgraça, escondendo-se sob uma symptomatologia de phenomenos compressivos e negando a interferencia traumatica na proliferação de células gigantes, como a acção de corpos irritantes e quejandas causas apontadas como geratrizes do cancer, ficando apenas o "terreno" aberto ás melhores hypotheses. Assim como assim, deve-se concluir: quando a inflammação, irritação e traumatismo agirem sobre um terreno cancerigeno farão um sarcoma fuso-cellular, semelhante ao do estudante que se picou na mão com uma agulha, um epithelioma sobre o labio dos fumantes de cachimbo, cujo cabo promove a

lesão inicial, entretendo uma irritação constante de parceria com a nicotina, como um carcinoma após uma mastite.

Entre os numerosos casos de cancer observados na Clinica do "Jovino Barreto", ha 56 epitheliomas do labio inferior.

Comquanto conhecida a sua frequencia e preferencia neste sitio, que segundo Loos é 17 vêzes mais frequente, e cuja razão de ser explique quem argumentos serios possuir neste sentido, só um observei localizado no labio superior, e em tal estado de generalização que foi de todo impossivel parar ou modificar a evolução do processo morbido.

O cancer do labio é, por assim dizer, apanagio da meia idade, e ahi está esse "factor" apparecendo como adjuvante etio-pathogenico das neoplasias malignas.

Os 56 observados por mim na clinica hospitalar não estavam na media estabelecida pelo professor Rauzier, isto é, limitando a idade de 60 a 70 annos para a propiciação do cancer, mas contavam elles de 45 a 68 annos.

Seja como fôr, é na metade da vida que mais se notam os tumores do labio.

A idade, porém, como causa degenerativa, dependente das perturbações do metabolismo, dessa biodynamica que rége a vida intima da cellula, por si só não affecta a estrutura dos elementos até aquelle hypercrescimento de Paine, ainda que a cellula velha,

morosa nos seus processos de renovação, tarde as defesas contra a substituição dos elementos nobres.

Entre aquelles doentes, todos por mim operados, notaram-se quatro reproducções, conhecidas, sendo que um dos doentes foi reoperado pelo Dr. José de Mendonça, no Rio, fazendo-se-lhe a extirpação dos ganglios infra-maxillares, trabalho que não vingou proveito, pois o pobre homem teve morte rapida e sob lancinantes dôres.

A historia desses doentes nada esclarece quanto á etio-pathogenia do cancer, á herança e á preferencia sobre o labio inferior, excepto o “uso do cachimbo que tambem faz a bocca torta”.

Entre os carcinomas do seio, contam-se no registro do mesmo Hospital 28 casos, um dos quaes, três mêses após a sua exeresse seguida do esvaziamento axillar, deu uma metastase gastrica e morte rapida.

O cancer do collo uterino, tão frequentemente observado na clinica de indigentes, orça, ainda no mesmo registro, em 68 casos, e num apenas pude fazer a respectiva amputação, cujo resultado não posso precisar, porque a doente obteve alta antes da cicatrização completa e nunca mais tive suas noticias. As demais morreram, e o estado de destruição do orgão e a cachexia contraindicavam qualquer intervenção.

Estou bem lembrado de uma senhora que, vindo ao meu consultorio se queixar de regras abundantes e prolongadas, levou ao seu marido a triste nova de que eu lhe diagnosticára um epithelioma do collo, aconselhando-lhe apenas a radiumtherapia.

Recolheu-se a infeliz dama á Pró-Matre, no Rio, e de lá sahiu para morrer dias depois, tal foi a devastação que lhe fez o cancer.

No grupo dos sarcomas, conto um da região inguino-crural, cuja extirpação não logrou effeito, porque a reproducção attingiu o peritoneo e a morte, mēses depois, foi a consequencia inevitavel do processo morbido

Os epithelionias da verga, cujo numero sobe a 35, deram um obituario elevado, contando-se apenas 9 casos felizes após a emasculação. Um osteo-sarcoma da tibia e um chondro-sarcoma do pé, até agora deixaram os seus portadores em paz, após a amputação do terço medio da coxa, no primeiro, e do terço inferior da perna, no segundo. Um sarcoma da face anterior do braço, logo depois da exereze, reproduziu-se violentamente, numa moça de 18 annos, escapando o caso da minha observação porque a doente foi á Recife procurar outros recursos e eu não. quize operar na recidiva.

Uma creança de 6 annos apresentou-se no Hospital "Jovino Barreto" com um sarcoma do globo ocular, de cuja enucleação resultou a morte por meningite, tres dias depois.

Seis cancers da bexiga, quatro osteo-sarcomas do maxillar superior, um osteo-sarcoma de myeloblastos da extremidade inferior do radio, (operado pelo Dr. Castro Silva, com optimo resultado), constituem ainda o acervo do serviço clinico do Hospital de Natal, e onde os observei, perquirindo de todos as

causas provaveis e possiveis do contagio, da herança, contando quasi todos os doentes a velha historia dos traumatismos mais ou menos violentos, antigos ou recentes, “in loco”, ou distantes do tumor; e nenhum delles trabalhou com alcatrão, nem com substancias irritantes e acoimadas de cancerigenas, como nenhum delles conviveu com cancerosos.

Conta-se que os sarcomas evoluem preferentemente nos “terrenos” lueticos, e o caso do osteo-sarcoma da tibia, aqui referido, foi tido por uma “goma”, porque o rapaz teve um Wassermann positivo, ainda que faltassem os seus caracteristicos, os signaes dos processos de suppuração, excepto o “tumor”, que era descorado. Neste caso, as investigações a que procedi esclareceram apenas que um irmão do doente teve beijo de lebre; outro é francamente degenerado e a genitora dos observados é louca; do que se evidencia uma tára morbida assignalando, para alguns cancerologistas, até certo ponto, a pretensa etiologia daquelle osteo-sarcoma.

Entre os portadores de epithelioma do labio, apenas dois eram primos, em cujas familias não se conta nenhum caso de molestia “feia”; mas uma particularidade exquisita, curiosa e interessante é que em todos aquelles 56 casos de epithelioma do labio, a séde era no inferior, todos os observados eram do sexo masculino, localizaram-se os tumores sempre entre a commissura e o mento, e mais ainda, todos os cancerosos eram sertanejos, vivendo ao sol, nos campos resequeidos pelos verões ardentes do nordeste, ca-

vando o solo pedregoso para haurir da terra a agua salitrosa que regala o gado sedento, nas horas amargas da secca e ainda nas noites de luar galgam as serras e vão leguas adeante levar saudades ao “bem” que móra distante. Aqui está a minha contribuição ao estudo do cancer: foi tudo que vi, observei e registrei nos livros do meu serviço hospitalar. Mas até hoje nenhum facto prendeu a minha attenção quanto á transmissibilidade do cancer, nem á sua herança. Entretanto, uma corrente de observadores envida esforços indagando nos laboratorios a sua origem microbiana; e á medida que outros trabalham em torno da demonstração de que o cancer é de origem irritativa, não me sinto inclinado a nenhuma escola, porque cada vez augmenta a confusão de todos, e ninguem poudé provar e comprovar irrefutavelmente as conclusões dos laboratorios.

E para não alongar demais estes commentarios, permittam os mestres que um provinciano ousado e ignorante em coisas transcendentés, traga á baila os trabalhos da Doutora Carlota Pereira de Queiroz, contidos na sua these de doutoramento, apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1926, referentes aos “Estudos sobre o Cancer”, em cujo teor a escriptora expõe todas as theorias até agora concebidas para a explicação da causa do cancer; e convencida da natureza microbiana dos tumores malignos, contribúe com algumas experiencias em torno do sarcoma de Rous, e, só por isto, conclue affirmando acreditar sinceramente na theoria parazitaria do

cancer, ainda que no correr da sua exposição illustre o seu trabalho com observações de varios casos que se oppõem á sua theoria preferencial. A' pagina 84, por exemplo, da sua these doutoral, D. Carlota diz que "ha mucosas revestidas de epithelios cylindricos, cujas cellulas podem proliferar e dar origem a um cancer". Mais adeante accrescenta a novel doutora: "Chamamos epitheliomas glandulares, de um modo geral, todos os tumores que derivam do tecido glandular, quer elles resultem (atenção) da proliferação de mucosas glandulares, quer do proprio parenchyma"; e ainda á pag. 86 a illustre doutora affirma que "todo tecido conjunctivo commum, como os tecidos mesenchymatosos podem dar origem a neoplasmas malignos, e todos elles recebem o nome generico de sarcoma e se distinguem juntando a essa denominação o tecido de que derivam".

As affirmações acima, fóra da interferencia de microseres na genese dos tumores malignos, falam decididamente da alteração cellular.

Ainda não é tudo; á pag. 87 diz a estudiosa escriptora: "Um dos caracteristicos dos fibro-sarcomas é que elles parecem encerrar vasos neoformados, cujas paredes são as proprias cellulas tumoraes, sendo por isso muito vascularizados e sangrando facilmente".

Não parece á illustre collega que essa vascularização não é peculiar aos processos microbianos, que são destructivos e não constructivos? Os embryomas, ou epitheliomas naevicos, os "branchiomas quando

resultam de vicio no desenvolvimento do embrião com a permanencia de cellulas das glandulas sexuaes”, justificarão por ventura a natureza infecciosa dos tumores? E pergunta a distincta collega, á pag. 101: “São ellas (as toxinas) productos das proprias cellulas ou serão simplesmente resultantes dos phenomenos degenerativos e necroticos que ellas sofrem?”

Ainda que experiencias diversas tenham sido tentadas no sentido de esclarecer-se a origem da intoxicação pelos neoplasmas, sem nenhuma bastar para convencer a todos, nas molestias microbianas são sempre as toxinas o factor da intoxicação geral; e si a illustre doutora indaga a fonte das toxinas cancerosas, não está de nenhum modo convencida da natureza infecciosa das neoplasias malignas, restando-lhe seguir o caminho por onde vamos todos, tomando veredas, entrando em atalhos, que dão no mesmo ponto de partida, rolando num circulo vicioso e marcando passo no mesmo terreno, ainda porque as experiencias citadas pela doutora Carlota, feitas por Teutschlaeder e Kronenberger, surtiram resultados negativos.

Si Jansen conseguiu o cancer experimental, enxertando tecido canceroso vivo de rato a rato, provou-se apenas tudo quanto se sabe hoje sobre a transplantação de tecidos, e fujo de exemplificar os casos de insuccesso nos enxertos quando o “greffon” morreu antes da sua implantação, e nem citarei a reabsorção de tecidos transplantados, como acontece mesmo

com o tecido neoplasico e muito communmente com o tecido são.

O tumor ora é um sarcoma, um epithelioma, um osteoma, um myoma, e o que é mais interessante é que o pretenso germen do cancer escolhe o tecido sobre o qual deseja se assentar, adaptando-se facilmente, com a propriedade de transformar as neoplasias, quando se pretende transplantar o tumor de um animal de laboratorio para outro de especie differente.

Como e porque o germen tem a faculdade de promover a degeneração e hypercrescimento da cellula, dando logar á formação de um tumor? Qual molestia microbiana com essa autonomia de transformar este ou aquelle tecido, attingindo o volume da neoplasia tamanhos consideraveis?

Si o supposto germen está no meio circulatorio, a tentativa cirurgica erradicando o neoplasma não teria razão de ser; e as metastases falam em favor de outro principio, não sei qual seja, menos a parazitaria.

Definindo os tumores benignos, D. Carlota diz que os taes “não passam de uma proliferação de cellulas, detidas na sua exhuberancia por uma reacção dos tecidos visinhos, os quaes chegam a envolvê-los, dotando-os de uma capsula, que os impede de se espalhar e apresentar tendencias invasoras”. Isto tudo para separar os benignos dos tumores malignos, sem contar que aquelles se transformam muitas vezes, ficando suspenso todo raciocinio em torno da especificidade de ambos, pois si o benigno com “cara-

cteristicos especiaes”, encapsulado, em dado momento muda de origem e começa a matar aos poucos o seu hospedeiro, quebrando o jugo do seu envolucro e dardejando veneno pela economia, que contas se prestará á bôa logica, achando que tal exhuberancia neoplastica não mata porque é encapsulada, ainda que nutrida pela efferencia circulatoria da parte lesada, e aquella outra mata porque não é encapsulada e pode invadir o organismo pelos seus productos de elaboração propria, ou fabricados pela alteração do metabolismo organico? Felizmente D. Carlota, á pag. 187 da sua these, diz que “emquanto não se conhecer a causa da infecção cancerosa” o problema do cancer, digo eu com a maioria dos que lidam com os casos clinicos, continúa o enigma multimillenario, não sendo justo que por “crença” apenas se chegue a affirmar a natureza de uma molestia falha de symptomatologia precisa no seu inicio, e de tratamento deficiente na sua evolução.

O trabalho da distincta doutora Carlota é, entretanto, digno de louvores. Representa um esforço na solução do grande problema do cancer, collige estudos de experimentalistas que muito sabem e honram a sciencia universal; abre logares á discussão sobre a etiopathogenia do mal, cujas “raizes” a humanidade talvez maior de cinco mil annos, não conseguiu ver, prever, nem matar; revela-se estudiosa e de larga visão, sonhadora de um bem colectivo, quando a sciencia que abraçou descobrir o que mata no cancer. Felicito-a, e não escondo o prazer de trazer-lhe

aqui as minhas homenagens ao seu valor intellectual, demonstrando ainda o seu trabalho que entre nós tambem se cuida do problema do cancer, ainda que se repetindo experiencias que falharam.

O professor Otto Warburg, na exposição feita na assembléa da Sociedade dos Chímicos Allemães, em Kiel, entre outras affirmações, disse que “não existe um bacillo especifico do cancer, como tambem não existe o bacillo da diabetes ou da arteriosclerose; e que o cancer é um producto da physiologia cellular, no sentido mais restricto da palavra e limitado ás células do corpo”. E’ o que a maioria pensa, e cada um explica a seu modo o processo tumoral: das perturbações endocrínicas ao hypercrescimento cellular, por alterações do metabolismo organico; desvios embryonarios, factores nervosos, interferencia do blastema; causas geraes e locaes, substancias chímicas, factores physicos, tudo tem servido ás hypotheses do cancer, e ninguem, até agora, poudé levar aos laboratorios as provas reaes da verdadeira causa do cancer; e enquanto a critica excita os experimentalistas, e as discussões põem á prova as deducções dos observadores, o mundo espera, soffrendo, o remedio salvador, si não ao menos a euthanasia.

O nosso patricio Dr. Carlos Botelho Junior, chefe do Laboratorio do Cancer do Hotel Dieu, em Paris, longe de se preoccupar com a etiopathogenia do cancer, viu, com a clarividencia dos privilegiados mentaes, que, dadas as difficuldades de elucidação da causa dos neoplasmas, urgia remediar o mal; e par-

tindo do principio scientifico de que o exito do tratamento se firmava na precocidade diagnostica, tentou e conseguiu a sero-reacção que lhe tomou o nome, sendo positiva em 90% dos casos de cancer.

Os resultados da reacção de Botelho partem do preestabelecido por Brault, de que nos elementos tumoraes circulantes no sangue se encontra glycogenio; e o aperfeiçoamento de technica, que ora dava positivo, ora negativo, conforme a hydremia ou a hyperalbuminose nos sôros normaes, estabeleceu um coefferiente de percentagem optima de tal relevancia, que nenhuma ha que se lhe compare, em equivalencia, aos seus algarismos, podendo a reacção reduzir o obituario pelo cancer a numero limitadissimo, si o criterio prophylactico estimar-se na reacção de Botelho. Mas, os trabalhos do notavel brasileiro foram adeante. A sua clarividencia conseguiu, e foi o primeiro, por processo seu, o enxerto heterogeneo dos tumores malignos, obtendo transplantar no cavallo o cancer humano, ainda que transitoriamente. E enquanto vive o tumor transplantado, o sôro preparado com o sangue do cavallo hospedeiro do neoplasma abriu luminosos horizontes á sero-therapia do cancer, cujos resultados acabam de ser lembrados pelo Dr. Belmiro Valverde, quando de volta de Paris, dando a nós outros a nova promissora de que um medico brasileiro, naquella cidade, começava a experimentar a serotherapie anti-cancerosa, com excellentes resultados, permitindo "antever o triumpho definitivo da lucha contra o cancer".

Não pára, porém, ahí o raciocinio sobre os neoplasmas malignos. Os trabalhos do eminente scien-
tista patricio fundam-se, os primeiros, sobre uma re-
acção chimica, com a presença do glycogenio no san-
gue, e a serotherapie diz com a formação de ante-
corpos, activando as defesas e conduzindo o metabo-
lismo cellular á reintegração physiologica. Si tal fôr,
a theoria microbiana deixará de preoccupar o espi-
rito de tantos investigadores, e a diligencia dos scien-
tistas montará sentinella á suspeitas de cancerização,
com a reacção de Botelho, ao mesmo tempo que a
serotherapie terminará a evolução do tumor, promo-
vendo o seu desaparecimento. E a humanidade eri-
girá, por certo, um altar onde se apporá o vulto do
salvador de tantas vidas, para ser endeusado pelas
gerações de todos os seculos.

U L C E R A S

Quando, no começo destas paginas, lamentei que alguns professores das nossas escolas consumissem, no curso lectivo, o anno inteiro ensinado a raridade dos casos clinicos, ornando as suas lições com figuras de rhetorica e imagens poeticas, para dizerem de si qualidades de litteratos e não attributos de scien-
tistas, estava, como estou, convencido da fallencia da medicina pratica, tal qual se faz hoje.

Outr'ora a interpretação da symptomatologia despertava no medico um interesse capital; e ainda que lhe fosse impossivel elucidar todos os casos, porque as modalidades clinicas das molestias e as condições individuaes escondem sob aspectos differentes a mesma entidade morbida, o medico perquiria de tudo a razão das coisas e jogava com um raciocinio quasi invencivel.

E' verdade que o homem ainda não poudé ver atravez da sua physio-pathologia aquillo que se passa na sociedade cellular, surprehendendo a bio-dynamica, quando o complexo travou a sua normalidade, por

qualquer das causas que lhe affectam o rythmo. Ainda assim conseguiu muito, porque o laboratorio apenas confirma as deducções do raciocinio clinico.

No esplendor da civilização actual a cultura medica vem se reduzindo de tal modo que a pathologia passou ao dominio dos laboratorios, annullando dest' arte o esforço do medico na destrinça das difficuldades diagnosticas, orientando-se tão sómente pelas conclusões do analysta. Isto quer dizer que a maioria dos clinicos destes dias é incapaz de pensar como medico, si lhe não derem os laboratorios as luzes que precisa para orientar um tratamento, sendo por outro lado duvidosa a diagnose estabelecida pelo laboratorio. E de tal modo se arraigou no espirito publico a idéa de que sem as analyses dos gabinetes não se pode estabelecer juizo definitvo sobre tal ou qual enfermidade, que se preparou uma mentalidade nova no cliente actual, só acreditando no mal que o domina si o laboratorio o confirmar.

Que o analysta venha em auxilio do clinico, não só se admite, como até certo ponto e determinadas condições é necessario, principalmente si o radiologista, o microbiologista, o anatomo-pathologista e os demais profissionaes da analyse são reconhecidamente capazes e honestos, tendo taes exames por principio afastar duvidas sobre a molestia em questão, por confusos os seus symptomas ou por indifferente á therapeutica; mas cingir-se o medico ás deducções dos famosos gabinetes de falsos analystas, vale por uma confissão de nullidade pessoal e desprestigio á escola,

que titulou invalidos mentaes para o grande exercicio da medicina, chegando-se á facil conclusão de que toda gente será medica si o analysta lhe entregar o diagnostico, porque a therapeutica de cada caso anda catalogada ahi pelos formularios. Felizmente isso não é sciencia, mas um mercado de pareceres. A sciencia medica verdadeira paira acima da miseria humana, e lá do alto espreita a maldade dos seus falsos prophe-tas, sem meios, é verdade, de lhes castigar a injuria. Por outro lado, o officialismo cria abysmos intermi-naveis, facultando o commercio de drogas e produ-ctos pharmaceuticos aos industriaes da molestia, bas-tando-lhes um requerimento ás auctoridades da Saú-de Publica para a licença de “traficar” a morte. E assim se vende nas boticas do paiz tudo aquillo que o medico não receita e tudo que elle prescreve, sem conhecimento das substancias componentes, mas ape-nas porque as bullas o recommendam. Do exposto se affirma que a therapeutica tambem falliu, porque o clinico, limitando-se a prescrever os productos offi-cinaes, já não precisa saber a dosimetria, nem formu-lar os elementos de que dispõe a therapeutica para a lucha contra todos os casos clinicos. Por sua vez, o Codigo Penal criou uma justiça particular para o exercicio illegal, punindo severamente o attentado ás incursões na arte de curar, e por todo este paiz o nu-mero de charlatães não formados avulta de tal modo, que já se não sabe qual o verdadeiro medico.

Andou por estas paragens, certa vez, um moço que se dizia chamar Dr. Manoel Portugal Ramalho,

e assentou a sua tenda na cidade de Canguaretama. Correu mundo a fama das suas curas; uma romaria de todo o Estado se fez em procura do famigerado medico, e eu, que fui companheiro de formatura do festejado doutor, extranhei apenas que, vindo o notavel esculapio á capital, a convite de alguns avarentos ignorantes, não me tivesse visitado; até que, viajando a Recife, pela Great Western, encontrei-me casualmente na estação de Canguaretama com um moço de 20 e poucos annos, sympathico e cynico, a quem me apresentaram, dizendo-se o Dr. Manoel Portugal Ramalho.

Ao ouvir este nome, protestei contra o roubo do titulo e a usurpação do nome do collega que se doutorou na minha turma, e obriguei o falso medico a baixar os olhos, empallidecer e... sorrir tambem; e de volta, consegui saber das auctoridades de Alagoas que o verdadeiro Dr. Manoel Portugal Ramalho, medico do Laboratorio de Analyses daquelle Estado, fallecera em consequencia de peste, contrahida accidentalmente numa inoculação experimental, e esse alguem, que se não soube nunca como se chamava, adoptára o nome do inditoso medico alagoano, e andava por estes brasis clenicando, com as habilitações de um pratico de pharmacia, ou de enfermeiro de quinta ordem. Foi preso; confessou em depoimento que não era coisa alguma; quiz me subornar, offerecendo-me o seu arsenal cirurgico (forceps, caixa de amputação, etc.). Deram-lhe, por fim, um *habeas-corpus*, o drastico da Justiça, e quando tornou ao seu arraial

foi recebido festivamente, ouvindo-se pelas ruas da-
quella civilizado cidade “vivas” ao Dr. Manoel Por-
tugal Ramalho e “morras” ao auctor destes cavacos.

E na capital da Republica, quantos proliferam
na esterqueira dessa ignorancia e liberdade, vendo-se
no embusteiro o salvador de todos os doentes? E a
Justiça? Entregalhes um *habeas-corpus*, em nome da
“egualdade republicana”.

E' que tambem falliram os direitos do medico,
muito por sua conta, dando vaga á ignorancia dos
clientes firmar o conceito de que o curandeiro possúe
uma força occulta, curando apenas pela imposição das
mãos, ou propinando drogas desconhecidas dos me-
dicos, já que a sciencia official não offerece vanta-
gens, e o charlatanismo legal anda de parceria com os
falsos doutores.

Mas, perguntarão, a que vem tudo isto, sob a
epigraphe de ULCERAS? São as chagas moraes da
sociedade, que precisam de ferro em braza, e as feri-
das na alma do medico, cujas dôres carecem de cor-
forto e tranquillidade, porejando aquellas a triste mal-
dade humana, e as ultimas gottejando as desillusões
da vida

.. . . .
.. . . .
.. . . .
.. . . .

Dizem que a critica, quando não ensina o remedio
dos males de que trata, aviva apenas aos nossos olhos
as chagas que deveria esconder, até o advento de uma
therapeutica efficiente

Si em sociologia a lucta contra os habitos que afeiam a moral, cifra-se numa simples e demorada medicação, ainda que a educação pése demasiado na actuação dos principios restauradores, carecendo-se apenas da pertinacia dos dirigentes para o exito da conquista, em medicina os tratamentos passam por estados successivos de construcção e demolição; e ainda que estes ultimos fiquem desmoronados por muito tempo e vivam os obreiros da sciencia medica do desfeito para o feito, a critica que tudo deseja e pouco pode dar, açula, entretanto, os trabalhadores á conquista de maior patrimonio para o engrandecimento da sciencia universal. E isto representa um contingente de esforço que não equivale á nullidade das criticas improductivas; e as paginas que venho abrindo aos olhos de quantos luctam pela perfeição, dizem que não é destrucitvo o criterio que tracei para os assumptos destas "notas".

Entendem philosophos que a perfeição é qualidade abstracta daquillo que só existe na relatividade da concepção. Assim, quando desejo para o meu Brasil um todo trabalhado pela força de uma grandesa superiormente cultivada, tudo farei para elevar o meu paiz ás alturas do inegualavel; e não duvido mesmo que todo brasileiro deseje para a sua patria tudo quanto de bello lhe reserva o meu pensamento, admirando a immensidade das suas terras, os seus ares e os seus mares; o Cruzeiro que nos aponta a mãesinha querida, ensinando psalmos e orações á patria; as suas florestas e as suas aves; as suas cordilheiras e

os seus valles e tudo mais que tanto nos orgulha e não sabemos prezar, porque o obandonamos com uma população de 85% de analphabetos e de “bichados”, na expressão do Dr. Belizario Penna.

Ora, o analphabetismo parece o complemento da verminose, si não uma molestia nacional, de afinidade estreita com a parazitose intestinal.

A ignorancia que eterniza a noite do raciocinio, arrastando o homem a uma existencia material apenas, revivendo a vida primitiva, é o mais feio peccado das administrações centraes. E essa instrucção elementarissima que se propinasse a quantos habitam o solo patrio, por si só bastaria para esclarecer a razão das coisas inás, teria o valor de um remedio miraculoso na prevenção de quasi todas as nossas nosomias, poupando, além do mais, ao paiz as despesas consideraveis e infructiferas com o saneamento rural.

Assim, pois, num paiz immenso, como o nosso, de população esparsa, ignorante e sem idéal, vale nada o esforço que os governos despendem com ministrar-lhe cuidados temporarios, mandando para os Estados commissões de prophylaxia rural, armadas de raios X e de um corpo de enfermeiras sem preparo, nem tirocinio, apenas “pour épater le bourgeois”, localizando-se nas capitaes, ao em vez de agirem nos nucleos operarios e nos povoados, onde o homem cava a terra e dá ao senhorio todo o seu esforço, vindo-lhe de recompensa um máo bocado e as molestias de que deveria cuidar a tal prophylaxia. Dest’arte, si a me-

tade da somma despendida com aquelle serviço fosse empregada na diffusão da instrucção obrigatoria, servindo de cartilha um compendio de principios salutaes, já grande parte da nossa gente saberia aquillo que lhe faz mal na lucta pela vida, não só no que se refere ás molestias, mas tambem quanto á sua funcção como elemento de prosperidade collectiva, pondo um paradeiro no egoismo do patrão, salientando-se, em primeira linha, a educação sanitaria decorrente da instrucção recebida. Mas isso de se dar cheno-podio ou necatorina ao verminoso, perdurando-lhe as mesmas causas de molestia e as mesmissimas condições de miseria organica; ministrar quinina ao impaludado, sem sanear os logares, nem isolar os contagiantes, talvez a mais segura medida de defesa collectiva, vale tudo isso como agua em cêsta, e serve exclusivamente para armar effeito lá fóra, quando se publicam algarismos phantasticos de serviços prestados apenas nas estatisticas e nas capitaes.

Ainda que fosse necessaria a assistencia da prophylaxia rural na capital (?), onde ha hospitaes e medicos que sempre acudiram pobres e ricos, seria lamentavel o excesso de assistencia tão sómente na zona urbana, quando lá fóra, para onde mandou o governo as mirificas commissões, continuam os nossos homens, a força efficiente da riqueza nacional, sem o menor auxilio, porque para lá não querem ir os profissionaes da famosa rural.

Estou convencido de que o problema sanitario no Brasil cinge-se na diffusão da instrucção primaria,

na ampla assistencia hospitalar e nos trabalhos de hydrographia sanitaria.

A verminose, o paludismo, a febre amarella, a leishmaniose, para só fallar nas morbosos que mais avultam nos meios agricolas, incapacitando o homem para a vida fecunda do trabalho remunerador, continuam ceifando e inutilizando energias aproveitaveis, sem recursos para se desprenderem das malhas da molestia, porque ninguem acode e nem ha quem olhe com patriotismo para milhares de creaturas deformadas, exangues e inermes, vivendo em charcos, emquanto que nas cidades os dinheiros publicos custeiam tratamentos de quem os poderia pagar, organizando-se clientela gratuita de altos funcionarios, chefian-do-se enfermeiras para curamentos em domicilios de abastados, creando-se serviços de gynecologia para quem poderia fazer face ás despesas, emquanto a pobre não é cuidada, porque não constitúe a côrte que poderia bater palmas, banquetear, nem vir a publico agradecer "relevantes serviços".

Ao lado de tudo isto, espera a ingenuidade dos governos preparar a hegemonia nacional, fiando-se nos processos da burocracia officializada.

O hypoemico, o impaludado, ventrudos e envenenados, entraram na lenda, espalhada por todo o continente sul-americano, de que o brasileiro é indolente, covarde, preguiçoso, quando, de facto, essas qualidades negativas são a syndrome subjectiva de males que lhe sugam as energias, obrigando-o a tiritar de frio ao sol, porque lhe faltou a lã, que o aque-

ceria, o especifico que o curaria, ou recostar-se á tipoi humilde, porque lhe dobra as pernas a canceira da molestia. E é elle o Jéca, o sovado pela critica mal-sã, o abandonado pelos poderes publicos, e quem, ainda assim, reanimando-se-lhe uns restos de amor á terra, quando a providencia de um cuidado qualquer lhe renova um ceitel de potencial, abre clareiras na matta, perfura a rocha das serras, estira pelas estradas á fóra o caminho das machinas civilizadoras, constróe cidades, semeia e colhe, e depois de lutar com a propria morte, lucta com a natureza inteira, investindo contra todas as inclemencias, pisando o solo combusto, quebrando espinhos para o gado faminto, galgando chapadas para ajudar o visinho na aguada salobra, e minorar a sêde que estala na garganta. E mais do que tudo isso: quando um rebate patriotico transpõe montes e valles, é no peito generoso dessa gente abandonada que rebôa o grito de guerra; e agora, transformado em soldado, na trincheira ou no campo raso da peleja, a fronte pendida sobre a arma, o olhar acceso no inimigo, desfraldada a bandeira verde-oiro, o nosso caboclo avança, vence e perdôa.

E' assim o nosso homem, o agresteiro, ou o filho rustico das serras, onde o aboio é a oração que encoraja o sertanejo na peregrinação pelos oiteiros e chapadas, quando a vagarosa rez tarda á ração, ao pôr do sol; é esse o mesmo homem que, depois de vencer a todos os inimigos, desbrava florestas tenebrosas, e

é o extractor dessa riqueza formidavel banhada pelas caudaes do Amazonas.

Não ficam, porém, ahi os males que abatem essas energias do Norte; ao lado daquellas molestias, a houbá e, principalmente, as ulceras invalidam milhares de creaturas, que passam a mendigar a migalha de outros mendigos.

Quem, de perto, assiste essa pobre gente, dando-lhe abrigo, ouvindo-lhe a historia, examinando-lhe o organismo exaustó e quasi fallido, cujas visceras, tocadas pelo alcool, degeneradas por intoxicações varias, de baço enorme, com uma taxa de hemoglobina seis vezes inferior á normal, maltrapilha, arrastando uma vida de soffrimentos, gemendo ou contendo as dôres das chagas que sangram a perna, fica, de certo, com o olhar parado sobre a materia e, numa abstracção indefinivel, como que viaja ás portas dos thesouros publicos e vê montes de oiro partirem, celeres, para as festas da egolatria feudal da Republica; e depois, como sahindo de um sonho, o pensamento torna á ferida sangrenta e suja, e tem-se vontade de chorar a miseria dos ricos e a sorte dos desgraçados.

Entre os 19000 doentes que se internaram nas clinicas do "Jovino Barreto", num periodo de 19 annos, ha 2800 portadores de ulceras. A classificação por grupos de doentes demonstra que as ulceras phagedencias são em maior numero, vindo em seguida as varicosas, em terceiro logar as atonicas e, por fim, as syphiliticas, sem contar algumas mycoticas, as

provocadas pela leishmaniose cutanea e ulcerações de outras especies.

A nomenclatura acima, baseada na configuração e séde das diversas ulceras, é falha de ensinamentos, porque todas as ulcerações dermo-epidermicas podem descrever formas ou disposições variaveis, não havendo signaes pathognomonicos capazes de um criterio seguro.

Assim, as primeiras, isto é, as ulceras phagedenicas, causadas por uma associação fuso-spirillar, de bordos irregulares, vermelhas, luzidias, anatomicamente não têm nada de caracteristico, porque as mycoticas e as syphiliticas podem revestir os mesmos detalhes, e o diagnostico differencial só o laboratorio poderá determinar.

As ulceras atonicas, frequentemente observadas nos chloro-anemicos, por dyscrasias, nos verminosos, impaludados, etc., prestam-se igualmente á confusão, si, por exemplo, o “suinismo” lhes emprestar caracteres peculiares a outras modalidades clinicas. As varicosas têm tal semelhança com as syphiliticas, cuja concomitancia é tão frequente, que, ás vezes, nada as separa; e quando os signaes effectivos de syphilis não bastam á clareza do diagnostico, um Wassermann deverá ser tentado para a elucidação. Neste caso a medicação especifica modificará o estado das lesões cutaneas, mas de modo nenhum determinará a cicatrização, si varizes coincidirem no processo syphilitico.

Na ulcera de Baurú, causada pela "Leishmania donovani", é de tal modo difficil a differenciação com as demais, principalmente si a sua localização se fez na perna ou no pé, que ordinariamente passa sem a medicação especifica.

Sem fallar, pois, nas ulcerações de outras naturezas, as ulceras phagedenicas tropicaes não têm caracteres constantes que as façam sempre conhecidas.

A. L. Dantec descreve uma ulcera phagedenica com tal simplicidade e com caracteres tão seus que, a julgar pelas observações da clinica hospitalar, tenho duvidas sobre a sua authenticidade.

Diz L. Dantec que a ulcera "é phagedenica quando vem coberta de um exsudato cinzento, especie de falsa membrana que se continúa com os tecidos subjacentes e os esphacela á medida que se infiltra". E só. Ora, todas as ulceras que apresentam os nossos trabalhadores do campo, habituados a andar descalços e pernas expostas, sem cuidados de limpeza, cobrindo as suas chagas com folhas de plantas diversas e unguentos compostos de sêbo de carneiro, banha de jacaré ou de cobra cascavel e varias outras composições equivalentes, apresentam-se de aspecto escuro, cinzento, roxo, amarello, sangrando ao menor contacto, e exalam cheiro nauseante, quer a ulcera seja atonica, mycotica, syphilitica, varicosa ou phagedenica. E ainda que muitos curativos ponham a descoberto a superficie e os seus bordos, o máo trato, a acção irritante da suppuração, a demora dos cui-

dados preliminares, mudam a forma, que talvez caracterizasse a ulcera.

Após a eliminação de todas as hypotheses, por processos de laboratório e exame geral, ha ainda a ulcera simples que poderá crivar as pesquisas de serias difficuldades, sabendo-se previamente que o estado actual dos nossos conhecimentos não permite firmar a natureza de todos os casos.

A dôr é commum a todas as ulceras, e é preciso desconfiar daquellas que não doem, procurando-se num Hansen a insensibilidade da lesão. O reconhecimento de uma ulcera é coisa simplissima, e basta vel-a para de prompto affirmar-se a sua autonomia; o que é difficil é classifical-a, conforme a sua etio-pathogenia, e nisto é que está a importancia diagnostica, dando logar ao tratamento que convém a cada variedade.

O exame cuidadoso do paciente, o auxilio do laboratório nem sempre esclarecem a natureza da ulcera, mas são o caminho mais curto á bôa diagnose; e uma vez estabelecida a etio-genese da enfermidade, o tratamento geral e os cuidados locaes se completam. Si, pois, o diagnostico de uma ulcera é tarefa difficilima, mesmo para os medicos que diariamente a encontram no seu serviço, não menos difficil é o tratamento de cada variedade, e nisto está a expressão contida nos compendios de que "ulcera é uma ferida que não tem tendencia á cicatrização".

Isto posto, os varios methodos de tratamento das ulceras são a expressão da morosidade cicatricial

de taes enfermidades. As ulceras leishmanioticas têm o seu especifico no tartaro emetico, ainda que, algumas vezes, a curetagem e a thermocauterização sejam necessarias á destruição do tecido vegetante.

As syphiliticas encontram o seu remedio no neo-salvarsan, nos mercuriaes e no bismutho, com alguma demora, si o processo necrotico interessou os tecidos molles e attingiu os ossos, sendo imprescindivel uma raspagem, e algumas vezes uma amputação.

Lembro-me de um caso muito interessante, passado ha alguns annos, de uma ulcera que destruiu a tibia, da sua extremidade inferior ao terço superior, cuja circumvisinhança fôra invadida por um processo de suppuração fetida e tão propagado a todo membro que lembrei a amputação da perna, como medida de defesa á vida do seu portador. O pae da creança negou permissão a qualquer intervenção cirurgica, mesmo a raspagem; e nada tendo a fazer, deixei o doentinho com uma medicação mercurial e cuidados topicos, e nunca mais tive noticias do caso. Annos depois, recebi no meu consultorio um rapaz robusto, corado, já casado, vindo consultar-me sobre incommodos gastricos; e contou-me que fôra elle o doente de quem eu quiz amputar a perna, por necrose da tibia, narrando, então, que o osso cahira, largando-se “das suas amarras”, e vivendo agora com o peroneo, sem claudicar, nem sentir qualquer differença na marcha. Examinei-o, e, de facto, a perna era muito mais fina do que a outra e sensivelmente arqueada para fóra.

Casos semelhantes tenho observado na clinica hospitalar, de ulceras gommosas da perna.

Queiram permittir esta nova classe de ulcera, para definir aquella que se succede á gomma, com suppuração quasi interminavel, acompanhada de febre, congestão intensa do membro, calefrios, pelo avançamento do processo necrobiótico e signaes graves de septicemia. A causa das ulceras escapa, de certo modo, a um criterio seguro. Ora, a ulcera phagedenica tropical, como as demais, ataca frequentemente o homem, o trabalhador dos campos, cujo habito de andar descalço e pernas expostas, colloca-o nos riscos das contusões e escoriações constantes, e dahi a inoculação fuso-spirillar; e, possivelmente, a protecção que as mulheres oppõem aos traumatismos, pelo uso de vestidos longos, contribúe para ser menos frequente a ulcera neste sexo, ou quasi rara, ainda mesmo naquellas que apresentam extensas varizes, por gestações repetidas.

Algumas tentativas de justificação da localização da ulcera na perna têm sido lembradas, não parecendo, entretanto, razoaveis, acreditando alguns auctores que tal predilecção é a resultante das trocas nutritivas insufficientes no membro inferior, contra as leis do peso, ou na parte onde o traumatismo, a escoriação, uma dermatite agiu como causa occassional.

E' muito commodo responsabilizar assim, sem perceber que as causas geraes que justificassem a deficiencia de irrigação, tanto se poderiam localizar no

membro inferior, como na face, ou em outra qualquer parte do corpo. Entretanto, exceptuando as mycosis, a leishmaniose e as gommias, as úlceras phagedénicas e atônicas têm séde frequentemente no membro inferior, ora no pé, ora na perna, sendo até diferencial a úlcera que assesta na parte postero-inferior da coxa, como de natureza leishmaniotica.

Nas varizes, que poderiam justificar perturbações de nutrição, afogando os tecidos irrigados numa estase permanente, podendo até produzir alterações trophicas, por uma nevrite intersticial ligada á dilatação dos “*vasa-vasorum*” dos filetes nervosos, nem assim são constantes as úlceras nas portadoras de dilatação da saphena e suas tributarias.

Mesmo quando a úlcera é uma complicação de processo dyscrasico, não se explica a demora na restauração da perda de substancia, quando em outros casos, nas queimaduras de 2º e 3º grãos, poucos extensas, o renascimento dos tecidos se opera quasi que de repente e definitivamente, ao passo que nas úlceras, quando a cicatrização se faz, qualquer nada recidiva a lesão cutanea.

Annotam alguns pathologistas que a úlcera prefere a perna esquerda, e dão-lhe uma razão de ser muito fóra de linhas. Assim, por exemplo, houve quem escrevesse que a preferencia da úlcera na perna esquerda estava ligada a uma fraqueza congenita desse lado, e outros lhe attribuiam á pressão que o S ilíaco distendido exercia nas veias correspondentes, ocasionando embaraço na circulação de retorno.

Talvez por este fundamento anatomico ha ainda hoje quem seja partidario da saphenectomy como capaz de curar as ulceras varicosas.

As razões acima não parecem definir o processo morbido que entretem as ulceras, porque, de ordinario, ellas acommettem o trabalhador dos campos, cuja profissão o obriga a ficar muito tempo de pé e, principalmente, exposto a traumatismos. A preferencia sobre a perna esquerda parece mais se conciliar com a posição que o operario lhe dá, pondo-a na avançada e sobre a qual faz resistencia nos trabalhos da gleba, expondo-a ás contusões e golpes.

Entre tantas razões insufficientes para a elucidacão das causas occasionaes das ulceras, não é demais a que ahi fica, tanto mais quanto todas se circumscrevem nos limites da hypothese. Pelas rapidas considerações que tentei sobre a genese das ulceras, sua localizacão e causas, nada ficou resolvido para mim, e é tempo de ver, apezar da minha ignorancia sobre a natureza de tão feias chagas, os tratamentos scientificos de molestias que invalidam por tanto tempo, e ás vezes por toda a vida, milhares de brasileiros uteis, muitos dos quaes se aproveitam desse estado de lastima para explorar a caridade publica, e, até alimentam as suas ulceras para a manutençao do seu facil ganhão.

A' parte os tratamentos ordinarios, constantes de raspagem, cauterizacão ignea, cauterios chimicos, applicações de substancias anti-septicas, seccativas, adstringentes, etc., tenho experimentado todas as me-

dicações sahidas dos grandes serviços, inclusive o enxerto, com limitadissimas applicações e constante insuccesso, sem poder recommendar nenhum tratamento efficaz para a cura definitiva da ulcera.

Entre os 2800 casos de ulcera do serviço clinico do Hospital "Jovino Barreto", ha 500 com a nota de "alta curado", e os demais "melhorado" e no "mesmo estado", isto é, 17,8% no total das curas.

Para elevar o coeffericiente de resultados na luta contra a ulcera, no nosso meio hospitalar, tenho envidado todos os recursos ao alcance dos conhecimentos scientificos actuaes, procurando em toda a litteratura medica um processo que modifique a percentagem ridicula de curas de ulcera, molestia á primeira vista banal, e por isso mesmo dispendiosa e rebelde aos meios communs de tratamento.

Certa vez li algures uma cura prompta de ulceras pela applicação *in loco* do reactivo de Ziehl, e conforme as instrucções do "grande descobridor" do tratamento, pinteí de vermelho todas as ulceras dos doentes do meu serviço, durante 8 dias, e quando fui observar o effeito da medicação, santo Deus, todas tinham augmentado em extensão e suppuração.

Quando leio hoje qualquer novidade em therapeutica, ou antes, um novo methodo de cura com a velha therapeutica, não me contenho de tanto rir, porque esses senhores boticarios, socios ou apinaguados de medicos afamados, sabem ageitar umas noticias pelos jornaes, apregoando miraculosas propriedades de umas tantas "infamias" enlatadas, enbisnagadas,

ou mesmo enfrascadas, que é pena a liberdade não ter limites neste paiz.

Quando não são elles directamente, os grandes scientistas começam a escrever nas revistas-orgãos dos productos annunciados, que as ulceras se curam pela insulina, naturalmente porque algum diabetico portador de uma ulcera atonica, melhorando o estado geral com o hormonio, viu a sua ferida cicatrizar depressa, e dahi a indicação preciosa da hormotherapia pancreatica no tratamento das ulceras. Vejamos: "Le Moniteur Thérapeutique" um dos mais antigos órgãos de propaganda pharmaceutica, editado ha 53 annos pelos laboratorios do Dr. Coirre, transcreve numa edição de Maio de 1925 umas notas da Réunion Dermatologique, de Strasburg, de Janeiro daquelle anno, mais ou menos assim: "Num doente que viu recidivar a sua ulcera da perna, no espaço de um anno, e apresentando uma glycemia de 2,80%, sem glycosuria, as picadas de insulina (sem tratamento local) modificaram a glycemia para 1,56, determinando a cicatrização perfeita da ulcera". Depois uma mulher de 48 annos de idade, portadora de uma ulcera varicosa, havia 6 annos, curou-se com algumas picadas de insulina, apenas em 10 dias, sendo de notar que a paciente tinha glycemia normal.

Na mesma revistasinha, edição de Novembro daquelle anno, ha precisamente 10 linhas com a noticia de que M. M. Chabanier, Lumière et Lebert empregaram a insulina em applicações locaes nas ulceras dos diabeticos e não diabeticos. E só... Não é verdade que

a therapeutica assim vae de vento em pôpa? Pois conheço um caso de diabetes, numa senhora de 42 annos, tratada pela insulina que, por motivo de uma intercorrencia, foi obrigada a demorar deitada alguns dias, e de cuja posição se levantou com uma formidavel eschara, contra a qual a propria insulina não serviu.

E' verdade que a minha observada é uma só; mas, em compensação as da "Réunion Dermatologique" são apenas duas, e este numero em observação scientifica tem o valor que lhe quizermos dar.

Vamos adiante. "Le Monde Médicale", revista internacional de medicina e therapeutica, órgão livre da casa Astier, em Paris, recommendando a insulina no tratamento da diabetes e das ulceras varicosas, cita os nomes daquelles que annunciaram os milagres da insulinotherapia, mesmo localmente, conta um facto narrado pelos auctores acima citados, de "um diabetico de 14 annos, que vinha, fazia dois annos, sendo cuidado pela insulina em altas doses. Um dia, notou-se na face plantar de cada pé umas phlyctenas, que foram abertas e sob as quaes percebeu-se que os tecidos estavam esphacelados. Sem mudança de tratamento geral, applicou-se, então, pomada de insulina sobre as lesões, e em menos de um mês deu-se a cicatrização completa.

O que é admiravel é que o diabetico submettido ao tratamento intensivo pela insulina, que por sua vez cura as ulceras varicosas e atonicas, tenha sido acommettido de ulcerações.

M. M. Faure-Beaulieu et M. David tentaram o mesmo tratamento acima em 10 portadores de ulceras varicosas, apresentando uma taxa de glycemia acima da normal, facto este que lhes causou certa estranheza, tanto mais quanto a cicatrização das feridas se fez rapidamente, e deixaram transparecer a hypothese de uma constante glycemica nos portadores de ulceras daquella natureza, e dahi o beneficio rapido pela insulinothérapie.

Por sua vez o inexistencia da insulina na cura definitiva da diabetes, o insuccesso verificado entre nós do seu emprego nas ulceras e o perigo a que se expõem os seus tomadores, não encorajam o proseguimento das experiencias, ainda porque nas proprias communições de Leriche et Fontaine, na "Réunion Dermatologique", elles affirmam que ao lado das ulceras syphiliticas, que reclamam um tratamento especifico, e as variedades varicosas, que se curam pela sapphenectomia, ha ainda um grupo de ulcerações chronicas que, mesmo quando pareçam devidas a arterites lueticas, não são curaveis tambem pelos tratamentos anti-syphiliticos; e então, só a sympathectomia perifemoral esterilizará rapidamente as feridas infectadas, e, em 10 dias desce a zero o indice microbiano, o numero de leucocytos augmenta, a ulcera se transforma em tecido propicio ás transplantações cutaneas, as quaes, no fim de 25 dias, darão a cura duravel das ulceras. Em ultima analyse, o processo de tratamento das ulceras pela sympathectomia chega até ao enxerto, pretendendo esterilizar o campo con-

tra os germens, mantendo a integridade do terreno para a cicatrização definitiva. E' a autoplastia complicada de nevrectomia, de pratica difficil e resultados pouco animadores.

Donde se vê que, mesmo na reunião dos taes doutores, passada a bisbilhotice commercial da insulinothérapie, a therapeutica das ulceras tomou rumo mais honesto.

Os methodos de tratamento das ulceras, succedendo-se numa confusão de coisa insatisfeita, não fizeram escola, e dahi essa diversidade heteroclita de processos; e ainda agora Jeanselme refere que não ha lesão cuja pathogenia seja mais complexa do que a das ulceras, pois, "não só os tegumentos são attingidos, mas a perna inteira é atacada de deficiencia tissular, de uma diminuição de vitalidade, cuja causa está longe de se evidenciar sempre", pois a infecção secundaria, entretida indefinidamente, modificando o terreno, contribúe assim para o trabalho de desorganização lenta dos tecidos e comprehende-se como os effeitos therapeuticos sejam variaveis, conforme a importancia desses diversos factores etiologicos.

A syphilis, por exemplo, encontra-se com tamanha frequencia na genese das ulceras, que o Prof. Jeanselme, prevendo-a, estabelece um inquerito rigoroso e exige uma pesquisa serologica severa, quaesquer que sejam os caracteres clinicos e topographicos das ulceras; e ás vezes, quando os resultados não são convincentes, apresentando a lesão localização alta, ulceração do typo "circinado", de bordos nitidos e

verticalmente talhados, ulcerações multiplas, o inquerito, pensa elle, deve coincidir com o exame serologico positivo; e entretanto, o tratamento especifico não cura taes ulceras, sendo-lhes necessarios os recursos de todos os tempos, para a epidermização definitiva.

Não ha, pois, tratamento de escolha para as diversas variedades de ulceras; todos os processos dão resultados relativos, ainda que a ulceração tenha caracteres essenciaes de molestia sabida.

As associações microbianas mascaram as ulceras de falsos detalhes, quaesquer que ellas sejam, e por isso mesmo a therapeutica é vacillante e inseguros os resultados.

Tome-se um doente portador de uma ulcera, no qual se conseguiu uma prova negativa pela tuberculina, sem antecedentes lueticos, sem leishmaniose, sem Hansen, com uma taxa glycemica normal e sem glycosuria, com um systema venoso irreprehensivel, mas cuja ulcera não cicatriza, apezar de todas as tentativas, e ainda assim não se definiram certas particularidades exquisitas que param a germinação tissular, ás vezes uma pequena superficie que não avança para a cicatrização, eternizando-se o processo morbido numa ilhota de tecido esclerosado, fibroso, de bordos salientes, sem se conseguir meios de epidermização; e compare-se a outro, por mim observado num serviçal de um amigo meu, numa fazenda proxima, com vasta ulcera, suja, que a simples limpeza e ligeiros cuidados preparam á defesa, luetico, mal passado,

mas no qual um repouso de poucos dias e a applicação de um topico anti-septico terminaram de prompto a cicatrização da grande ferida, e ver-se-á como é differente e caprichosa a natureza humana, escondendo de nós as surpresas que brincam nas mãos do Creador, e quão formidaveis são a nossa ignorancia e a nossa pretensão.

Infelizmente as ulceras “não têm tendencia á cicatrização”, e a excepção acima pouco nos vale na lucta de todos os dias para integrar no pobre a saúde, que a molestia desalojou do concerto dynamico.

A propria heliotherapia tentei, a conselho das revistas medicas, num ulceroso da minha clinica civil, expondo a ulceração ao sol, durante 20 minutos, depois dos cuidados preliminares de limpeza e lavagem da ulcera; e cheguei mesmo a acreditar, nos primeiros dias, num avançamento de processo cicatricial, notando mesmo uma hyperemia salutar em toda a zona affectada; mas a inconstancia do tratamento e a indisciplina do rapazinho não levaram ao fim a minha unica observação sobre a heliocura.

A applicação dos raios-violeta, nas numerosas ulceras da clinica hospitalar, foi igualmente tentada, sem resultado animador.

Nos meios provincianos, e quiçá nos mais cultos do paiz, é raro o estudioso que se preoccupa com essas pequeninas coisas; todos procuram esmiuçar molestias de nomes difficeis, arrevezados, capazes de esbugalhar os olhos dos ouvintes, e custa pouco, nos consultorios, ou nas clinicas hospitalares, ir despa-

chando os ulcerosos, á medida que entram ou sahem. Ou então, pensam como Chaput, que não admite senão a syphilis como causa unica de todas as ulceras, e deste modo não ha como prescrever os especificos, qualquer raspagem ou pomada, facilitando trabalho e poupando preocupações de ordem technica. Mas a nós outros, que dirigimos um serviço hospitalar, pequeno embora, em cujas enfermarias se enfileiram dezenas de ulcerosos, sem lhes podermos ser uteis, preterindo-se creaturas outras que choram por um leito de hospital, para se refazerem de molestias curaveis, pesa-nos sobremodo essa indifferença pela sorte dos ulcerosos, porque, de ordinario, esses doentes ganham pouquissimo, apenas quando trabalham e, assim, carecem de quem lhes valha com um tratamento efficiente, ou de meios de subsistencia, enquanto esperam longamente a cura num ambulatorio.

Para não andar muito pelas citações, basta referir que na Inglaterra os ulcerosos se tratam nos ambulatorios, e um leito de hospital é disputado por aquelles, cuja molestia, ainda que de evolução e tratamento lentos, é curavel, dando vantagens pela volta do individuo á actividade productora.

Os invalidos têm o seu destino; os isolamentos são para aquelles que se afastam, provisoria ou definitivamente, da collectividade. Mas os Hospitaes são instituições donde o homem, penetrando enfermo, deve sahir curado para a vida e para o Bem, e outro alcance social não poderia ter o Hospital, porque além de ser a unica escola do medico, o meio onde se põem

em actividade todos os recursos da sciencia, para a elucidação dos problemas difficeis da vida em perigo, não póde nem deve ter os seus leitos cheios de invalidos e á mercê de uma infinidade de doentes, que não offerecem mais vantagens á cultura medica universal.

.... .

ARTE DE CURAR

A therapeutica não é bem uma sciencia, posto que se utilize de principios scientificos.

Os elementos de que dispõe, tirados dos reinos da natureza, agem tão differentemente sobre o nosso organismo que “a priori”, pode-se dizer falham todos os seus objectivos.

A condição essencial á efficiencia do principio medicador está na propria vida: si os órgãos trabalham synchronos, isto é, si a vida cellular emite defesas contra a effração do órgão attingido no seu funcionamento, por elementos extranhos á sua normalidade, ou por alteração funccional, tropeçando assim a physiologia, o simples repouso do systema bloqueado muitas vezes basta para a regularização do trabalho regenerador. *Natura sanat, medicus curat.*

Li algures que o remedio da syncope está na propria syncope, quando o myocardio ainda é bom; pela demôra rapida da estáse venosa, o acido carbonico contido no sangue age como um excitante sobre o bolbo e objectivamente sobre o coração, determinan-

do-lhe a contracção. E li tambem, e é corrente hoje, que ha um ganglio na coronaria esquerda com a funcção adrenalinigena, por cuja acção a cardiotonia se faz; e delle é que depende o primeiro impulso no coração fetal, meio pelo qual se inicia a vida vegetativa, sem intercessão de espiritos, que, segundo os kardecistas, entram pela pelle num dado momento critico da physiologia sexual.

Mas si o processo degenerativo compromette a cellula mater, em cuja coparticipação se solidarizam as cellulas visinhas, levando o todo á hypo ou á hyperfuncção; si uma lesão feriu o parenchyma na sua essencia, ou um systema electivo perdeu a cadencia do seu trabalho, começa o organismo a claudicar no seu rythmo e, a principio, a natureza fórça uma regularização compensadora, acabando, por fim, pela quéda fragarosa do complexo, si causas extranhas não conseguirem reparar, de qualquer modo, o des-equilibrio sobrevindo. Visando, pois, a regularização do organismo humano, quando a physiologia perdeu a sua autonomia, pondo-se o animal em condições de não sentir a si mesmo, e apenas preocupado com a vaidade, a ambição e a inveja, foi que o homem cuidou de reparar os desvios da sua sensibilidade, catando na natureza tudo aquillo que lhe pudesse, si não prolongar os dias, encurtar ou extinguir o soffrimento.

A dôr physica, que levou a humanidade aos laboratorios, impelliu a descer a todas as profundezas para arrancar de lá o remedio contra os martyrios da

carne; essa parada que se sente na alegria de viver, quando o organismo entrava esse jogo de forças, cujo desconcerto se descobre nos traços, movimentos e acções do homem, que já não sente a harmonia dos sentidos, foi e será a preocupação da vida no planeta.

A carne, ou melhor, a materia viva perderia os seus attributos si lhe faltassem, um dia, os sentidos, e é por elles que se amam os individuos, e as aves tecem enrêdos de amor incomparavel e o resto da animalidade sente, a seu modo, os resaibos da preferencia, e todos reflectem na morbidez feições tão oppostas ás graças da saúde.

Ninguem se engana quando o cão domestico não festeja o dono, recusa alimento e anda pelos capinzaes escolhendo o remedio para as suas tristezas, reconhecendo-se-lhe nos "olhos quebrados", na marcha preguiçosa, no medo de tudo, nos sustos frequentes, nas paradas bruscas, alguma coisa que lhe substituiu as diabruras da hygidez.

Contemporanea do homem, a therapeutica surgiu com o primeiro grito da reproducção, grito de liberdade de um prisioneiro sem culpa, que se esgueirou, devagar, para o sol, saudando a vida nova na expressão de uma dôr que elle não sentiu, abafando-lhe o chôro o remedio contido num seio turgido de seiva creadora, producto mirifico da renovação da especie.

Quando os conhecimentos humanos, em materia medica, abrolhavam do cháos, e o empirismo dava-lhes forma erudita, a concepção da biodinamica interpretada no hybridismo do "sopro, da biles e do san-

gue”, cuja harmonia representava a saúde, e o seu desequilíbrio a molestia, para o restabelecimento do organismo enfermo se utilizavam os Vedas de remédios extrahidos de 107 especies de “plantas terrestres e aquaticas”, cujas virtudes vinham do sol e dos seus raios, das tempestades e das chuvas, sendo, por fim, objecto de culto, por nascerem dos deuses, viverem três estações e prevenirem as molestias.

Desse hontem millenario aos dias de Miguel Couto, a humanidade, revendo os seculos, irá encontrar, si não a forma scientifica. dantanho, preceitos que se vincularam na mentalidade de todos os povos com tal agudeza, que o tempo só não basta para extinguir.

A sciencia hieratica de outr’ora, attribuindo a um agente vivo, mysterioso e malefico, a origem das molestias, “provindo da colera dos deuses”, e contra a qual se invocava Agni ou Indra, por meios de exorcismos, em cuja pratica as mezinhas eram administradas pelos brahmanes, não está muito longe da concepção que a classe infima da nossa gente ainda tem guardando restos dessa ancestralidade ignára, que o tempo não conseguiu apagar ainda da herança psychica. O enfeitiçamento de pessoas, por exorcismos e sortilegios, em meio de ritos macabros, evocações funambulescas, immolações de gallos negros, ao fumo de incenso e myrrha; o curamento por meio de “benzeduras” e promessas; o maleficio pelas ossadas humanas, “a mão de anjo”, a areia dos cemiterios, a vela acêsa na encruzilhada dos caminhos, onde Satan vae ler a promessa de sangue num bilhete escripto

pelo interessado, vendendo a alma em troca da miseria alheia; a cartomancia, o espiritismo, que representa hoje a forma ecletica do obscurantismo universal, e tudo mais que deriva da ignorancia, perduram na estrutura moral dos povos como um stygma indelevel dos átavos que, primeiro, malfizeram na terra, e laivos polychromaticos dessa mentalidade informe que fecundou a credence.

Não ha offensa affirmando-se que no Brasil inteiro a pratica da bruxaria vive dos palacios ás choupanas.

O espirito nacional dorme na alfombra de um mysticismos doce. Reparem nos seus homens, nos mais cultos, ouçam os seus pareceres, sintam a sua vontade, escutem as suas affirmações, pezem os seus actos, leiam aquillo que elles escrevem, penetrem-lhe no pensamento, e ver-se-á que psychismo abrolhante de ignorancia está alli presidindo solemnidades, deliberando o destino das massas, resolvendo a vida de muitas gerações, semi-deuses aberrantes, tufados de lisonjas, cujo reinado dura o tempo de colher o odio merecido pelos desmandos que praticaram. Acompanhem-lhe os passos, e na volta da primeira esquina, galguem com elles as escadas do “templo”, onde uma “oriental” brasileira ou extrangira prediz, desvenda situações politicas, resolve mexidos de amor barato e suggestiona o consulente com o prenuncio de grande fortuna, isto é, satisfazendo, assim, as tres condições vitaes do nacional: a politica, o amor facil e o dinheiro.

Lembram-se dos “fakires” da “Noite”, que durante quasi um mês estiveram em contacto com o “set” da metropole, rindo da bôbice da gente civilizada da “côrte”, ouvindo a consulta de generaes, doutores, poetas, senhoras riquissimas e tambem do bicheiro, dos conductores de bonds e de homens, do padeiro, da lavadeira, da ralé, enfim, alli nas barbas da policia e da Saúde Publica, ferindo o Codigo Penal, cuja figura de rhetorica já não tem por onde se lhe pegue?

Quando um “magico” de outras terras pisa aqui os nossos palcos, superlotam-se os theatros, os “cambistas” enriquecem e a imprensa, pela penna dos seus eruditos criticos, tece dithyrambos, adjectiva enthusiasmos a bruxedos, illusionismos, trucs e suggestões hypnoticas, alimentando a nossa chatice e dando de si a melhor demonstração do que lhe serve. Aqui está o meio onde prolifera a ignorancia e se requinta de tanto saber a nossa gente.

O mysterio da criação foi e será a cortina de aço que esconde a omnisciencia.

Posto que as sciencias encontrem a origem da terra na queda da nebulosa, e a dos seus habitantes venha-lhes dessa fragmentação cellular que, evoluindo, deu todos os seres, o homem achou-se um dia só na immensidade das selvas, bruto e formidavel, assustando-se com as tempestades, vencendo as outras feras e morrendo ao acaso, sem vestigio da praga que o levou.

A ferocidade das suas acções e a inconsciencia das suas resoluções só se abatiam com a molestia, contrahida não se sabia como, mas attribuida mais tarde á colera dos deuses imponderaveis, á vista no infinito das distancias, nos astros e noutras divindades vingadoras da maldade humana.

Foi, talvez, quando nasceu a fé, do mêdo e da ignorancia; e as crenças rumaram direcções diversas, seguindo cada povo credos differentes, adorando-se animaes e plantas, monstros e figuras sideraes, numa egualdade de obscurantismo proprio da origem dos seres.

O homem é o eterno insatisfeito. Luctando em vão contra o soffrimento, continúa investigando as causas de morte, o remedio contra os males que a sciencia ainda não curou; e porque nada conseguiu, tentou muito mais: a longevidade. Ainda que Cagliostro tivesse rumado a longevidade com os seus elixires, não será com o engarrafamento de drogas que se irá ao sol-posto de Mathusalém.

Perquirindo da historia os habitos de quantos venceram um seculo e mais de existencia, e estudando-se as circumstancias da adaptação, do clima, da alimentação e de factores multiplos coexistentes nas raças humanas, ainda assim continúa obscuro e mysterioso o meio dentro do qual evoluimos; e a morte, para manter a vida, faz sem parar o seu cyclo de renovação.

Os Vedas pensavam que “a vida residia no so-

pro que anima os corpos” e a saúde “consistia na harmonia daquelle sopro com a biles e o sangue”.

Comparativamente, quasi não ha differenças de interpretação. Os physiologistas de hoje contam que a vida é tambem uma harmonia funccional de systemas, representando o “sopro” vedico a integridade da respiração, a “biles” a synchronia das funções hepato-biliares e o “sangue” a cadencia do trabalho cardiaco.

Evoluimos muito, é facto, porque juntamos áquella triplice verdade physiologica, funções outras de notavel preponderancia na vida de todos os órgãos, vendo-se na assimilação e no metabolismo condições essenciaes á vida cellular, cuja harmonia parece ser presidida por um systema de glandulas, regulando o processo intimo das defesas e a vida dos órgãos de trabalhos complexos.

A medicina experimental enriquece de provas as deduições acima e nisto está a superioridade dos conhecimentos actuaes, comparados com os dos tempos da sciencia hieratica, não se lhe negando, entretanto, grande merito na interpretação dos seus conhecimentos, sem os meios que só a evolução poderia dispor.

Mas essa função glandular não é assim tão nova, pois muito antes de Brown Séquard, Sextus Empiricus aconselhava contra a impotencia a glandula sexual do veado; para curar as affecções pulmonares, prescrevia-se o pulmão da raposa; contra a calculose receitava-se o rim daquelle animal. O sangue do pombo tinha a faculdade de absorver todos os ve-

nenos, e, naquelle tempo, na França, usava-se pôr na cabeça de um menino attingido de meningite um pombo aberto vivo e sangrento. O chifre do veado era dado como adstringente, nas affecções oculares e entericas.

Entre os Egypcios, cerca de 800 annos antes de Christo, faziam parte da therapeutica o coração e o sangue de differentes animaes.

Por simples indução, a organotherapia vem de millenios, passando pelo raciocinio de charlatães e sabios, continuando a mesmice de outr'ora, com a falha gravissima de não corresponder ás suas indicações, pela impossibilidade de se lhe dar o substracto vivo capaz da sua finalidade.

Em compensação, a humanidade continúa ingerindo todos os opos, faltando-lhe completar a serie com a therapeutica das substancias corneas, das unhas, por exemplo.

Quem se demôra na leitura da historia da therapeutica, observando a lentidão dos seus progressos, tem, por força, de notar que a conquista não corresponde á utilização das energias empenhadas, e ainda que farta mèsse de auxilios eleve a therapeutica actual, muito de empirismo continúa dominando os nossos conhecimentos, e não fossem a Hygiene e a Cirurgia triumpharem quasi sempre, demorando a vida no planeta, pouquissimo se teria conquistado no terreno da sobrevivencia.

Deixemos á margem os primeiros dias da medicina, quando a therapeutica se esboçava apenas na ne-

cessidade de resistir ás molestias, para só falar da epocha em que Hippocrate e Galeno appareceram no scenario da sciencia, professando novos ensinamentos na physiopathologia, orientando os vindoiros na trilha do aperfeiçoamento, que tanto nos enche de orgulho, conta-se quasi nada de evolução, porque ainda se não conseguiu extinguir do caminho melhor illuminado a sombra que abriga os adivinhos e bruxas, cuja herança se estendeu a todos os seculos, apurada na somma formidavel de remedios, passes e superstições, para a cura de velhas e novas entidades morbidas.

Nem Paracelso, já na Renascença, poudé extirpar do organismo social a credence picaresca reinante no seculo XVII, dando a Malière o renome que o eternizou na historia da medicina, synthetizando a sciencia do seu tempo nos seus celebres epigrammas contra a sangria e os purgantes.

Era a medicina official daquelle seculo, no qual, segundo Guy de la Brosse, "os medicos mataram mais, com as sangrias repetidas do que as guerras de Luiz XIV". Mas convenhamos na certeza de que tudo quanto se affirma hoje como principio scientifico, é a resultante dessa ignorancia, que se veio crystallizando na experimentação; e entretanto, nem assim se pôde affirmar a nossa independencia do empirismo, e muito menos lisonjear a civilização contemporanea com essa ignorancia de 70% da população universal, cheia ainda das mesmas abusões, acreditando mais nos bruxedos e feitiços, forças occultas e nos espiri-

tos, do que na famosa sciencia medica dos dias de João Garcêz Fróes.

Passou-se assim da medicina hieratica á sciencia medica philosophica, sem experimentação, sendo Pythagoras o precursor do novo systema, creando o regimen vegetariano, sob o fundamento de que “a alma humana tinha a sua continuação no corpo dos animaes, advindo desse periodeutismo a matempsychose, e prohibia o uso das favas porque eram muito ventosas e participavam da natureza da alma, que era um simples sopra”.

Da escola de Cós vem o fundamento basico de todo o edificio da pathologia, attribuindo á força medicatriz mais virtudes que as de toda a pharmacopéa; com ella nasceu a balneotherapia nas pyrexias, e muitos dos seus preceitos continuam desafiando melhores conhecimentos medicos.

Do seu tempo conta-se que as abelhas foram se installar no tumulto de Hippocrate e o mel daquelle enxame tinha a virtude de curar as aphtas, e ainda hoje a melite de rosas é um dos remedios do “sapinho”.

Galeno e seus discipulos acreditavam em sonhos, não desdenhavam os augurios, nem as praticas astrologicas, e certamente, como hoje, ao espirito humano, cansado de esperar a saúde, e a sciencia sem elementos para expor a verdade, tudo servia de conforto.

Conta-se tambem que, nesse tempo, a urina era um remedio admiravel. “Pheron, rei do Egypto, para

curar a sua cegueira, teve indicação de lavar os olhos com a urina de uma mulher fiel a seu marido. Por todo o paiz não se encontrou nenhuma que satisfizesse aquella condição, nem a da propria rainha, quando a esposa de um jardineiro poudo offerecer o remedio salvador”. “O rei curou-se, desposou a sua salvadora e mandou queimar algumas damas.

Dava-se o verbasco para curar os tumores, mas era preciso que o remedio fosse “dado ao doente, em jejum, por uma donzella núa, que proferiria com o paciente esta formula: “Apollo, não permittas que este mal apagado por uma donzella núa, volte outra vez ainda”.

O dente de lobo, como amuleto, livra as creanças de sustos e convulsões. Para se evitar um corysa, beijavam-se as ventas de um macho.

Esta pratica de hontem vem apenas affirmando que o homem, descrente de remedios, apella para todos os meios imaginaveis. “O pó de craneo humano, as aparas de unhas, o serumen, e até o excremento humano, sob o nome de *enxofre occidental*, tiveram larga applicação”, e este ultimo ainda agora seria capaz de restabelecer os seus fóros, tal é ainda a ignorancia da nossa gente.

Era assim hontem; e hoje? Entre certa gente ha ainda a convicção de que o “chá” de perna de grillo, ou barata, é infallivel contra a retenção de urina; e para talhos não ha como a urina recentemente emit-tida.

Contou-me um cliente hospitalizado, portador de um sarcoma da face, que logo no inicio da sua molestia, passára sobre o tumor o ventre de um sapo vivo, na persuasão de cura prompta.

Menino ainda, ouvi o conselho de uma cosinheira velha, ensinando a um sacerdote, acommetido de odontalgia, passar sobre o dente doente uma perna de "gia" (ran).

Contra a erysipela, ata-se um courinho de veado em torno do membro affectado; para se preservar de mordeduras de cobra, traz-se ao pescoço um saquinho com azougue, ou um dente esquerdo de jacaré. Para surdez não ha como coçar a orelha esquerda com o rabo de tatú, numa sexta-feira...

Para illustrar a nomenclatura dos remedios populares, transcrevo o *modus faciendi* de uma "droga" muito usada no sertão, cuja descripção foi feita por um intelligente cliente a seu medico, dando-lhe conta do seu estado de neurasthenia.

"Comecei, diz o rapaz, ha poticos dias, a tomar uma "garrafada" preparada por Manoel Honorato, vaqueiro do coronel Zé Firmino, da Volta do Rio. E' uma "meizinha" de grande valor, preparada com ante-casco de jurema, mulungú, raiz de carnahuba, cabeça de negro "relada", raiz de cardeiro da banda que o sol nasce, "bassoura" de capim santo e tres gottas de "Criulin". "Não é só isso. A maneira pela qual ella é preparada é que justifica em grande parte a força da "meizinha". "A garrafada passa 3 dias enterrada num munturo e é de lá retirada numa sexta-

feira, á meia-noite. Eu creio muito nestas coisas, continúa o moço, e depois que vi um morador daqui ficar bom de uma dôr “damnada” que havia se socado debaixo das costellas, não duvida de nada. “Quando tomei a primeira dóse vomitei muito; tanto que tive medo de tomar o banho da praxe. Mas, Manoel Honorato me disse que era assim mesmo, que aquillo fôra o “sacco” que botei pr’a fóra”.

Ora, confrontando-se a credence e o empirismo dos tempos idos com os de hoje, e não fossem as luzes que, por outra face, illuminam os conhecimentos humanos, reflectidos pela sciencia experimental, teriamos andado quasi nada em materia de civilização, porque, convenhamos numa triste verdade, 70% da população do universo continuam ignorantes das verdades que lhes offerecem as organizações sanitarias.

A medicina é, de facto, producto da observação; mas, essa parte que se refere á therapeutica tem contra si o terreno experimental, incerto, desigual, exquisto, impenetravel, que é a natureza humana; e dahi essa incerteza e as dolorosas suspresas dos seus resultados. Pois si assim é, nem tudo saberá o homem, e muito menos como agirão os remedios.

Por isso e por aquillo é que todos se sentem capacitados na therapeutica; as mezinhas, as promessas e todos os processos de tratamentos adoptados pelo povo incidem na mesma finalidade, que é a procura da saúde, invocando-se os conselhos das velhas “aparadeiras”, que tambem sabem de “segredos” que curam os males da carne e doenças de amor.

Seria interminavel a citação de tudo que se inclúe na therapeutica para a cura das mazellas humanas; entretanto, referirei ainda alguns dos nossos costumes, para o confronto das civilizações, desde os Vedas á Edade Media, e da Renascença ás horas que passam.

Na therapeutica hippocratica já se referem os livros ao tratamento dietetico, cirurgico e therapeutico, propriamente dito. Assim, nas molestias causadas pela plenitude, evacuava-se; si havia depleção, empregava-se a repleção; si fadiga, dava-se o repouso. Era a doutrina dos contrastes. "*Quod quaescumque morbos repletio parit, evacuando sanat, et quicumque evacuatione fiunt morbi, repletio sanat, quicumque a labore fiunt, quis sanat*".

E' a nossa allopathia: si um doente se apresenta diarrheico, dá-se-lhe um constipante; si hemorrhagico, um hemostatico; si excitado, um calmante; si febril, um anti-thermico, e por sua conta a familia do doente vae fazendo as suas promessas, ouvindo os conselhos do visinho, dando um "chá" de olhos de goiabeira, de herva-cidreira, capim-santo e inhalações diversas.

..... Pensava-se outr'ora que as emanações humanas tinham virtudes therapeuticas; e assim como a essencia de certas plantas pode produzir effeitos varios, do entorpecimento á morte, o halito, que é o ar expirado, "impregnado das particulas de corpos que soffreram transformações no seu percurso pelo san-

gue”, deveria influir como força medicatriz, agir como saes volateis.

Os odores humanos têm tonalidades exquísitas, indo do acre horrivel á carniça.

Nos estados pathologicos tenho sentido taes e tão differentes que alguns me guiam na pista da molestia.

Assim, na febre typhoide encontro um cheiro, ao meu olfacto, tão sensivel e tão proprio, que algumas vezes as minhas suspeitas são confirmadas pela hemocultura. Uma tuberculosa de côr preta, recolhida ao Hospital para tratamento de outra affecção, quando á tarde a sua temperatura subia, na phase de sudação, cheirava a violetas. Si a essencia das plantas é capaz de produzir effeitos varios sobre o homem, que lhe aspira as emanações, pensa Roeser que os corpos animados talvez sejam capazes de coisas ainda ignoradas.

Cohausen attribúe ás virgens emanações de materias subtis, cheias de propriedades altamente vitalizadoras, irradiadas pela pelle e pulmões.

Na Sociedade de Psychiatria, na sessão de 17 de Maio de 1923, conta “La Presse Médicale” de 26 daquelle mês e anno, que Mr. Brochet referiu, reportando-se á communicação de Mr. Briand, na sessão anterior, “um novo caso, no qual os accidentes commiciaes eram annunciados por um cheiro exhalado pelo doente. Tratava-se de um velho epileptico que, de dois ou de tres em tres meses tinha uma grande crise. O paroxismo era annunciado algumas horas,

ou mesmo um dia antes, por diversos symptomas característicos: certas manias, sempre as mesmas, tal como limpar continuamente as unhas, e por um odor especial, desprendido pelo paciente, que Mr. Brochet não poudé comparar melhor que ao cheiro de nabos cosidos”.

Este odor, que persistia até a crise, desaparecia depois della, “para reaparecer antes da crise seguinte, não exhalando o doente nenhum cheiro particular.

“O cheiro era sempre o mesmo e muito nitido para permittir prever a approximação do paroxismo”.

Na mesma sessão, Mr. Hartemberg poudé observar que “esses dois phenomenos, desprendimento de um odor “objectivo” e percepção “subjectiva” de um odor, são de natureza e de significação muito diferentes. O primeiro deve ser considerado como um prodromo, si se entende por esta palavra todas as manifestações do organismo, nutritivas, circulatorias, visceraes, affectivas etc, que annunciam a proximidade de um accesso, emquanto que é preciso reservar ao segundo o termo “aura”, que não é senão o symptoma inicial do processo cerebral que condiciona o accidente comicial”.

Ora, o desprendimento de um cheiro especial, prenunciando uma crise epileptica, no terreno da psychoneurose, vale talvez pela actuação do systema cortical na genese do odor, imprimindo ao metabolismo reacções biochimicas extranhas á vida cellular, ces-

sando quando o systema da nevroglia cáe na sua normalidade.

Nas molestias infectuosas, porém, ha a considerar a autonomia das toxinas, cuja eliminação, que se faz por todas as “portas e brechas”, póde se revelar por um cheiro proprio, como se verifica na febre amarella, ou a independencia da toxina eliminada em natureza, agindo directamente sobre o systema nervoso e provocando reacções sobre a biodynamica, de cujas cinzas indeterminadas substancias caracterizam a odorização que se observa nos typhicos, por exemplo.

O que é interessante é que os cheiros não são constantes, mas differentes em cada molestia. Mas como se explicaria o cheiro de nabos, da observação de Mr. Brochet?

No seculo XVI, “o cerebro que recebia das arterias o espirito vital, o transformava em espirito animal nos seus ventriculos, e este espirito era transmitido pelo canal dos nervos a todo o corpo; este espirito contido nas arterias, chamado vital, e que no cerebro se chamava animal, não era a substancia da alma, nem seu domicilio, sómente seu instrumento”...

A essencia da vida e os phenomenos que a materia exterioriza têm sido interpretados de mil e um modos.

A localização da alma no cerebro, cuja investigação jámais passará da esphera de hypotheses, ainda que Georges Surbled, no seu bello livro “L’ame et le Cerveau”, assegure a sua localização no systema

cerebral, corre parelhas com a nossa ignorancia sobre os mysterios que se passam na vida intima das sociedades cellulares.

Assim, o hontem longinquo e o seculo XX irradiam sobre as coisas transcendentas da vida a mesma vontade insatisfeita de transpor os obstaculos á luz interior, vendo de perto o trabalho que se confiou á natureza.

Quanto á origem dos odores nos estados pathologicos, estamos tambem na dependencia de factores mal conhecidos. Os odores humanos, aquelles que se desprendem pela pelle, são expressados na eliminação do acido valerico alcalinizando-se pela evaporação, dando um cheiro inconfundivel; como a presença do acido caproico denuncia á distancia, volatil que elle é, o portador de suffocante essencia. Dizem os compendios que o suor é uma mistura de liquidos, em cujo meio se dissolvem substancias diversas, contrahindo combinações e soffrendo transformações na sua eliminação, dando cheiros variaveis, entrando como factor odorizante a alimentação.

Ainda que presidida a função das glandulas sudoriparas por grupos de nervos, a alimentação, não ha duvida, actua fortemente na genese do odor humano.

Mas como explicariam os physiologistas a origem do cheiro de nabos cosidos daquelle doente de Brochet, o de violetas da minha observação, o de palha velha de certos typhicos, o de maresia de alguns amarillicos, com a aggravante de se não encontrarem

esses odores em todos os doentes? As toxinas dos germens terão cheiro? E o cheiro de nabos cosidos?

A sciencia experimental ainda é de incertezas; convém estacar e, mudo, deixar passar a nuvem que esconde o brilho da medicina, e confiar nas affirmações compendiadas pelos doutos da nossa geração, que representam o maximo da nossa actividade cerebral.

Alcansei um tempo em que a puerpera não podia receber visita que uzasse perfumes, porque a essencia tinha a propriedade de “quebrar o resguardo” e fazer febre, e no interior ainda conservam a mesma credence, seguida de um regimen isento de condimentos.

A therapeutica, ainda que de posse de innumeradas substancias que atravessaram todos os seculos, e á parte os esclarecimentos da chimica, que modernamente enriqueceram a sciencia de verdades inconfundiveis, continúa a tecer sonhos de hygidez a quantos apellam para as suas virtudes, falhando bastas vezes a promessa que os seus elementos fazem á erradicação do mal, para os quaes são prescriptos.

Quando, por exemplo, a taxa de hemoglobina desce e os phenomenos de desnutrição acompanham o cortejo da miseria physiologica, ainda que se tenha conseguido debellar a dyscrasia, os antigos já aconselhavam substancias fixadoras, entre as quaes o “cascalho” e prescreviam o banho e a ingestão de sangue, de cuja pratica nasceu mais tarde a transfusão. Ainda entre nós ha quem beba sangue de boi,

indo ao matadouro recebel-o, quando o animal é sangrado depois da queda. Cotejando-se a therapeutica de todos os tempos, tem-se a desillusão de ser uma só, apenas a dos nossos dias illuminada de provas experimentaes, no que se refere ás dóses toleraveis pela maioria dos individuos.

A opotherapia, por exemplo, cujo emprego fez escola nos dias de Empiricus, atravessou todas as epochas e anda agora, depois de notavel barulho na seára das academias, um tanto desprestigiada, repetindo-se o phenomeno que se observa nos falsos louvores ás drogas de novidade, perdendo aos poucos o seu valor, pela indiferença dos resultados; e a lucta commercial que se estabelece entre os competidores do melhor producto justifica mais as virtudes dos taes medicamentos do que os seus effeitos nos estados morbidos.

Conta o Dr. Bourget que “um especialista allemão preparou com o crystallino de mammiferos uma substancia capaz de curar a catarata, com a condição de ser usado durante muito tempo o seu remedio”.

Ja me referi á malariatherapia, usada na Edade Media para a cura do mal comicial, e hoje empregada com “excellente” resultado na paralysia geral e no tabes.

Lamentam os fabricantes de drogas e novidades therapeuticas que a sciencia dos laboratorios não tenha até agora conseguido cultivar para fins commerciaes a plasmodia da terçã benigna, lançando-se mão da inoculação do sangue do paludico num tabido, ou

num paralytico geral, sem *lucros* para o primeiro doente, o que não é justo, porque isso de se andar á cata de um doente para se lhe tirar um pouco de sangue e injectar noutro, sem lucro nem despesa, está fóra das praxes...

Mas, como agirá a malariatherapia no tratamento da tabes, ou da paralyisia geral? Mr. Schaeffer, na "Presse Médicale", conta que tentou a associação do tratamento especifico á pyretotherapia, sob a forma da malariatherapia, ao tratamento da tabes, a semelhança do que se vem fazendo com a paralyisia geral; e acredita que aquella associação dará melhores resultados, superiores mesmo ao tratamento isolado, parecendo particularmente efficaz sobre as dôres lancinantes, as crises gastricas e a incoordenação motora, isto é, quasi a cura. Age por choque, cuja reacção intra-globular tem acção resolutiva sobre as lesões inflammatorias, como sobre as degenerativas das bainhas de myelina, favorecendo a sua regeneração.

Houve um tempo em que se prohibia a vaccinação de braço a braço, por muitas razões ponderaveis e serriissimas; hoje transfunde-se á vontade...

E é com o hematozoaria que a sciencia dos prophetas universitarios pretende reintegrar as faculdades physico-psychicas do paralytico ou dos tabidos, embaraçando a Hygiene na prophylaxia do paludismo, vendo-se agora na contingencia de conservar a plasmodiose, ou deixar que se acabem os paralyticos geraes.

Não menos interessante é a maneira de agir da plasmodia, que segundo Fleigner actua provocando a eclosão de uma reacção preferentemente no systema nervoso central, cuja deflagração interessa as lesões organizadas e a sua reabsorpção, do que resulta o restabelecimento ou a melhora do individuo, quando tardia a malariatherapia. A interpretação da sciencia antiga tem um sabor especial, causando ao leitor dos alfarrabios de Paracelso momentos de prazer espiritual, no que se refere á physiologia e á therapeutica. Entretanto a estagnação intellectual deslustra a mentalidade hodierna, indo arrancar do passado a pratica de renegados methodos therapeuticos, dando-lhes concepção nova, interpretação differente, ainda que com a mesma finalidade.

A transfusão, hoje elevada á primeira grandeza, servindo de prompto allivio a diversos estados morbidos, não affusca o brilho da sangria resurgida das cinzas e dos apodos de Moliere para se incorporar á magnificencia dos tratados da pratica medica, tão nova que já Podalire, que tomou parte na guerra de Troia, a empregou, salvando a filha de Damoethdo, sangrando-a nos dois braços.

Houve um tempo, nos dias de Hammourabi, que a pena de talião era applicada aos medicos que, cuidando da infancia, não modificassem o obituario infantil, sendo condemnados ao eunochoidismo, para não vingar a semente ruim, mas o castigo não medrou na Idade Media, quando a sangria cobriu de crimes toda a medicina da epocha.

Em torno do tratamento do cancer, conhecido desde os começos da vida, é que se não tem conseguido muito mais do que nos primeiros tempos, andando ainda agora a sciencia numa barafunda interminavel, inquirindo dos laboratorios a etiopathogenia dos neoplasmas, sem directriz, quasi, e a mercê de varias hypotheses, cada qual mais interessante e falha de provas documentaes.

Dizem os doutores que o arthritismo é uma garantia contra a tuberculose, cujas defesas se assentam na hypercholesterinimia; mas ao mesmo tempo affirmam os pontifices que o cancer evolúe preferentemente nos organismos onde a cholesterina superabunda; e segundo os trabalhos de Mr. Roffo, "os cancerosos são quasi todos hypercholesterinicos, cujo terreno é necessario para o desenvolvimento dos tumores".

Roffo, pelo constante excesso de cholesterina encontrada nos neoplasmas, attribue-lhes qualidades electivas para a sua producção, e dando a conhecer a dose de cholesterina no sangue e na pelle do jovem e do velho, verifica que aos 50 annos a quantidade de cholesterina cresce, sendo notavel que si os tumores são apañagio desta idade em deante, a cholesterinimia predis põe aos neoplasmas.

Sabe-se que o cancer prefere o arthritico, cujo terreno é já um estado pathologico, assentado sobre órgãos miopragicos, sendo natural que a degeneração cellular em torno da qual se elaborará o futuro tumor seja a manifestação anatomica que se seguiu ao descompasso do metabolismo.

Mas aquelle constante excesso de cholesterina verificado pelo prof. Roffo não poderá ser a expressão do organismo lutando contra aquella exhuberancia de tecidos embryonarios, de cuja intimidade sãe á circulação geral uma toxina que estimula as defesas representadas pela cholesterina?

Ora, si a prophylaxia do cancer se reflectir na dietetica, aconselhando-se o regimen vegetariano para evitar as neoplasias, abre-se a porta á tuberculose, que ceifa muito mais e cujo meio de contagio é mais ou menos conhecido.

Nesta situação, que preferirá a sciencia das universidades? Si as hypotheses de Roffo se confirmarem e a natureza do cancer não tenha outra origem que a degeneração cellular no terreno cholesterinigeno, na dietetica estará a salvação da humanidade, ainda que no cavallo se tenha reproduzido o neoplasma humano, conforme as experiencias de Botelho Junior.

Cerca de 800 annos antes de Christo já se aconselhava a abstenção das carnes e legumes, e até do leite, que fazia lepra ou sarna; do sal que tornava os homens bebedores e vorazes, acreditando-se que nesses elementos havia um superfluo que engendrava as molestias; e um evacuante methodico, ao lado da abstinencia, evitava as doenças, e foi quando nasceu a purgação prophylactica, que originou mais tarde os systemas dieteticos.

As experiencias que o Dr. Slackler fez na Clinica e sob as instrucções do Dr. Dujardin-Beaumetz, sobre a pesada dos typhicos, notando que á medida

que os febricitantes perdiam peso se avizinhavam da convalescença, e ao contrario, si o peso não descia os enfermos teriam prognostico reservado, foram a directriz do methodo que Guelpa estabeleceu para o systema que premune contra as molestias e a demóra da velhice. Si, pois, tal ou qual doente emmagrece proporcionalmente á intensidade da febre ou duração da molestia, é para prever um restabelecimento mais ou menos perfeito, pouco se inquietando com o estado de fraqueza dos doentes.

Este modo de ver comporta reservas. Naturalmente esse emmagrecimento não estará preso a molestias consumptivas febris, ou a outro processo morbido que interesse a synergia dos systemas de defesa.

Si no dominio da pathologia o Dr. Guelpa cuidou quasi nada das forças dos seus doentes, acreditando que o emmagrecimento é a expressão da desintoxicação geral do organismo, quer parecer que a falsa saúde, na qual o organismo accumula toxinas da alimentação e dos vicios elegantes, constitue um estado precario de apparencia saudavel, no qual se preparam as molestias da nutrição, com excesso de fadiga cellular, cujas manifestações se esboçam na syndromatologia de todos os sãos acommettidos de cephaléa, hypertensão, urticaria, etc.

Guelpa, para submeter o cliente ao seu methodo, pesa-o, depois de um exame tão completo quanto possivel; toma-lhe a tensão arterial, examina o sangue e procede a pesquisas coprologicas, quanto á riqueza bacteriologica; e si não ha contra-indicação,

submette o individuo ao seu regimen, purgando-o três, quatro ou mais dias seguidos, privando-o de qualquer alimento, dando-lhe, porém, bastante agua; verificando logo baixa de pressão arterial, augmento de globulos vermelhos, o que significa "intensidade de vida cellular", como de globulos brancos, sobretudo dos mononucleares, "que constituem os elementos mais caracteristicos da renovação".

Em consequencia, pois, da depleção e dessa desintoxicação, devastada a flora intestinal, o somno, a regularização do pulso, a diminuição da pressão sanguinea e um bem estar geral sommam os beneficios do methodo de Guelpa.

E' de observação corrente que as creanças gordas são menos resistentes ás molestias do que ás magras, o que se explica pela "surmenage" das defesas, pelo accumulo das toxinas na trama cellular.

Albert Robin cita a observação de um diabetico, que eliminando 720 grammas de assucar e 12 litros de urina, passou, no fim de 24 horas de jejum a eliminar 13 grammas de glycose e 2 litros de urina, desapparecendo o assucar no fim de 48 horas, reduzindo-se a urina a 600 grammas, com excellente estado geral.

Nem as observações de Guelpa, nem a citação de Robin, como nenhuma demonstração no terreno da clinica, poderão fazer escola a respeito de processos de cura; e os detratores do methodo acima, cotejando estatisticas contrarias ás affirmações dos jejuadores scientificos, não terão tambem a palma na acceitação das suas conclusões, porque acima dos co-

nhecimentos ordinarios e da pretensão dos sabios está a natureza humana, surda ás solicitações do laboratorio e indifferente ao raciocinio dos cultores da sciencia medica.

Conseguem, por exemplo, as demonstrações da chimica determinar o limite de toxidez de quasi todas as substancias medicamentosas; precisar e dosar o excesso de veneno na economia viva; subtrahir, em determinadas condições, num volume de sangue, o excedente toxico para manter a cifra normal; mas o que se não poderá jámais é medir o gráo de tolerancia, de sensibilidade, de idiosincrasia de cada individuo; auscultar essa sensibilidade aos agentes extranhos á vida cellular, determinando choques hemoclasicos, reacções diversas, arrastando á morte, algumas vezes, creaturas em plena florescencia, e quando a vida parecia encher de resistencias aquelles organismos sacrificados ao empirismo scientifico.

Sei de mim que, certa vez, fazendo uma anesthesia pela novocaina, em solução a 1/2%, para ablação da mamma, por neoplasia, quando tinha injectado apenas 10 c. c., a doente apresentou phenomeno de intoxicação tão violenta, que pouco faltou para morrer. E não admira, porque Abadie viu uma morte immediata a 4 centigrammas de cocaína, injectados na palpebra de uma operanda, ainda que as estatisticas de anesthesias superabundem em documentações favoraveis a doses maiores de substancias anestheticsas, chegando-se mesmo a injectal-as na veia e na arteria, para fins chirurgicos, e Reclus pense que a proximi-

dade do cerebro não gosa nenhum papel no apparecimento rapido dos accidentes.

O caso de Robin, curando, pelo jejum, um diabetico que eliminava perto de kilo de assucar, não logrou se repetir numa doente da minha clinica hospitalar, accusando 312 grammas de glycose com eliminação de 4600 c. c. de urina, e que submettida ao regimen de Guelpa, andou depressa para o coma, fallendo no quarto dia, num colapso unico.

E não fez escola Robin, e teve talvez pouquissimos assimiladores o seu methodo, porque tambem a insulina ainda agora falhou nos seus objectivos.

Lendo-se o Dr. Frumusan, nos seus trabalhos publicados na "Revue Mondiale", sobre "Le Jeûne guérisseur" e "Pourquoi et quand Jeûner", fica-se jejuador forçado, taes as suas razões e o brilho da sua argumentação.

Entretanto a humanidade medica continua prescrevendo uma therapeutica criminosa a seus doentes, envenenando-os cada vez mais, certa, todavia, de lhes levar a saude.

As profissões liberaes se industrializam crescentemente, e os reclamos medicos annunciando mercadoria nova, de ultima remessa, não se referem só á endocrinotherapie para a cura de todas as molestias, mas ás drogas que o D. N. S. P. sanciona e tanto mal fazem aos incautos, bem como a certos methodos de tratamento, privativos de certas summidades improvisadas por uma viagem ao velho mundo e curso nas *clinicas* do "Perroquet".

Contou-me certo amigo que num grande centro do Brasil, um celebre Guelpa-mirim prescreve receitas para engordar ou desengordar um, dois e mais kilos, ou quantos desejar a consulente.. E tudo isso ás barbas dos tribunaes.

Quando a therapeutica fallece deante da natureza humana, ou os conhecimentos actuaes periclitam em face das mais comesinhas manifestações morbidas, esgotando-se todo o arsenal dos toxicos para debellar uma cephaléa, por exemplo, e o soffrimento não céde nem assim á força de grande medicação, porque atrás daquelle epiphenomeno está, ás vezes, uma alteração somatica irreparavel, arrastando a cerebralidade á indifferença á vida de relação, apella-se para a mechanica, para a diathermia, para o proprio sol, como si a heliotherapia fosse dosavel como os elementos ponderaveis, e ainda para a lama, como si não vivessemos já enlameados demais de miseria universal.

Nem nos occupemos de como agirá o sol, nem de que modo beneficiará a lama; no terreno da concepção, o homem não limita o raciocinio, e ainda que lhe pareça demasiado ridiculo affirmar que a radioactividade da terra será capaz de curar todas as molestias, não vacilla em soterrar o cliente até ás alturas do pescoço e esperar os proventos da sua therapeutica.

Dante inflingiu aos insurrectos da moral humana a Lagôa Stygia, menos para purifical-os das chagas da alma que para castigar a villeza dos seus actos.

Si a sciencia official, ou melhor, si os doutores da lei, perpetram empirismos taes, que censuras merecem os curandeiros e bruxas?

Evocar o passado therapeutico é historiar a fallencia actual dos nossos recursos contra as molestias outr'ora mal estudadas, algumas desconhecidas e muitas ainda hoje ignoradas. Os elementos contra os males que dizimam a humanidade andam enfeixados nos compendios de therapeutica, nos formularios propriamente ditos, arrançados por celebidades que pretendem facilitar a prescripção de drogas, a troco de rendosas edições, catalogando processos e methodos de tratamentos, cada qual mais ousado, tão procurados que sobram nas estantes dos esculapios e rareiam nas livrarias editoras. Si ao menos a leitura dos taes *vade-mecum* dêsse aos esculapios a preferência das formulas magistraes, ao em vez dos productos officinaes, não seria de todo nocivo o commercio de taes livros, ainda que muito cuidado fosse preciso nos conselhos de certos tratamentos, tentados por sorte, com successo em alguns casos especiaes.

Depois que se envelhece na clinica, sabe-se o perigo decorrente dessa facilidade de se injectar nas veias, por exemplo, tudo que a industria pharmaceutica prepara, a conselho de ousados doutores, victoriosos no emprego endovenoso de certas substancias. Assim, no paludismo, nas formas graves resistindo á administração *per os*, e mesmo subcutanea, a medição endovenosa é aconselhada por quasi todos os formularios, e os exemplos enchem de observações

os communicados ás academias, tecendo-se louvores á famosa therapeutica.

Já o mesmo não posso contar. Certa vez fui acudir uma pobre mulher, que tiritava de frio, havia dias, de uma maleita continua, e que resistia a doses massicas de sulfato de quinina. Querendo agir melhor, mandei vir sôro physiologico, 40 centigrammas de chlorhydrato neutro de quinina, numa empoula autoclavada. Injectei previamente meio milligramma de adrenalina, e, minutos depois, apanhei a veia mediana e injectei o especifico; e antes de terminar, a meio da injectão, a despeito dos bellos resultados obtidos nas observações de tantos medicos, e firmado nos conselhos de diversos formularios, a desditosa mulher falleceu alli mesmo, antes que eu retirasse a agulha da veia, e foram inuteis todos os meus esforços para chamal-a á vida. Transmitti a triste lição a outros collegas, e apesar dessa advertencia dolorosa o mesmo caso se repetiu mais tarde, quando em difficuldades de tratamento, outro collega, habituado a injectar na veia saes de quinina, viu fallecer nas suas mãos uma doente hospitalizada.

Contaram-me depois que, no Rio, houve, tambem, mortes causadas pelo tratamento endovenoso de saes de quinina; e as proclamo daqui para que se retire da pratica medica a therapia endovenosa no paludismo, seguindo-se os cuidados de Marchoux, que só administra o especifico em pequenas doses e por via gastrica.

Mas... o peor mal não está nas substancias injectaveis, e sim na industria dos preparados, principalmente, contra a avariose.

Não ha novidades na therapeutica, mas no reclamo commercial dos productos medicamentosos.

A serie de elixires e xaropadas de que estão cheias as drogarias, tem a mesma composição basica: os velhos remedios da syphilis. E o grande publico, a conselho do compadre, do boticario, e soberbamente do annuncio espalhafatoso, reclamando as virtudes das mezinhas anti-lueticas, não vê que os taes preparados vão deixando as populações famintas, de luto e sem homens validos o paiz. Eu me explico. Um syphilitico secundario, solteiro, com arthropathia e o corpo aberto em maculas, corre á pharmacia proxima e adquire um vidro de famoso elixir; e ao seu uso, cicatrizam as syphilides e as dôres cedem, e dois annos mais tarde uma lesão cerebral prosta-o, hemiplegico, para nunca mais voltar á actividade productora. Outro, casado, ainda moço, portador de uma gomme naso-pharyngeana, consegue alguns vidros do "*mellaço mercurial*" e dentro de pouco tempo sente-se bem, "*curado*", quando annos adeante, os seus achaques levam-no a um medico que lhe descobre uma aorta quasi a espoucar.

Outro ainda, noivo, prepara-se para a felicidade conjugal, tomando alguns frascos de poderosa droga para um "*duro*", que, a custa de um elixir qualquer, cicatriza sem ver, no tempo proprio, as manifestações secundarias, e um bello dia, ao receber o primeiro re-

bento, nota que o seu filho trouxe os pés tortos, tem os labios leporinos e chora continuamente, e tem desejos que elle morra, porque é um monstrengo o seu descendente.

Em ultima analyse, essa liberdade de se permitir o commercio de medicamentos livres de receitas medicas, educa o povo a morrer cêdo, e aquelles que escapam á molestia terrivel, contam-se poucos, muitas vezes soffrendo as torturas das lesões em tempo evitaveis, si cuidados profissionaes tivessem guiado o tratamento.

Não ha medico que se furte de receber e receitar o pobre; e os hospitaes distribuem recursos a todos. Mas as autoridades sanitarias, insatisfeitas com a *elixiromania* antiluetica, ainda registram preparados estrangeiros, para a plethora das miserias engarrafadas *pro-syphilis*. Esse grito contra o commercio da saude, vendendo-se a preços elevados doses de substancias antes nocivas que beneficas á vida, vem de homens limpos de consciencia, e Huchard e Fiessinger, reduzindo a therapeutica a vinte medicamentos, dão de si a mais erudita demonstração de amor á humanidade, limitando todos os casos a acção de determinados agentes medicamentosos, sabendo-se, principalmente, aproveitar os seus effeitos calcados na posologia e na intensidade das molestias, e não nessa vaga indicação da symptomatologia divulgada pelos prospectos das drogas terminadas em al, el, il, ol, in, ina, etc., utilissimas para a riqueza dos seus fabricantes.

O que vale ao medico não é decorar a nomenclatura dos taes productos, mas conhecer o modo de acção dos medicamentos nos estados pathologicos, tirando dos seus effeitos physiognosticos a indicação util nos determinados casos. Si se sabe, por exemplo, que a ergotina é um hypertensor, agindo sobre as fibras lisas, a sua indicação não está, entretanto, perfeita em toda hemorrhagia.

Assim, nas metrorrhagias os seus beneficios são quasi constantes, produzindo-se a vaso-constricção electiva sobre as fibras lisas do utero, em cuja estrutura o systema venoso sujeita-se á retracção fibrillar do musculo; mas já nas hemoptyses, ainda que os vasos conttenham fibra lisa, o emprego da ergotina é perigoso pelo augmento de tensão na rêde venosa, sendo o remedio de escolha a morphina, cujo valor descongestivo da area pulmonar é conhecido desde os primeiros dias da therapeutica.

Tem-se escripto demais sobre as vantagens de certas substancias indicadas como remedio para os males humanos; e de facto, ha observações numerosas nas quaes os effeitos surprehendentes de determinados medicamentos justificam a confiança na therapeutica. Mas o factor "natureza" age tão preponderantemente sobre os resultados da medicação que, ás vezes, a propria homeopathia será capaz de resultados bons.

Em therapeutica não estou filiado a nenhuma escola, e todos os recursos devem ser tentados, tendo por principio a simplificação que os casos pathologi-

cos exigem, limitando-lhes o estrictamente indispensavel á lucta contra as molestias, aproveitando as proprias defesas do organismo, espreitando as susceptibilidades, agindo depressa, com prudencia, e sobretudo tirando das observações a lição dos factos.

Em materia de tratamentos, depois que se attinge a certa idade, e se experimentam todos os recursos, ficã-se com um patrimonio de conhecimentos proprios, limitando uma therapeutica a reduzidos elementos uteis, aproveitando da serotherapie alguns valores, da chimiotherapia certos elementos, da physiotherapia determinados agentes, calcando os seus effeitos mais sobre a electividade cellular do que sobre o agente morbido, propriamente dito; porque isso de se administrar medicamentos com o fim de esterilizar o sangue, parece um pouco prosaico, porque a spirochetose de Schaudinn supporta quantidades consideraveis de mercurio, arsenico, bismutho, e os reiteirados Wassermann continuam positivos, ou dão negativo e os doentes accusam a mesma encenação morbida do syphilitico terciario.

A filariose desafia a therapeutica, e ainda que a efficacia de uma medicação pudesse destruir as filarias no sangue, parece que certas lesões hyperplasicas, dependentes do processo morbido, seriam irreductiveis, pela extensão das hypertrophias.

A lepra, a tuberculose, para não citar outras, continuam, esta ultima, esperando alguma coisa mais do que a hygiene, a cura de altitude e a superalimentação, elementos de tratamentos dos afortunados, e

aquella, que Deus se compadeça daquelle a quem ferir, condemnado ao grilhão, ao degredo, á prisão perpetua.

São desse jaez os nossos recursos.

A longevidade e a saude não estão nas pharmacias e drogarias, mas na educação sanitaria, convindo antes preparar o espirito das novas gerações contra as molestias, abrindo-se nas escolas rudimentares cursos de hygiene, ensinando-se ás creanças os meios naturaes de fugir ás molestias, vivendo com a natureza, desenvolvendo e educando as resistencias, aprendendo a lutar contra os elementos brutaes da alimentação carnea, os venenos de todos os vicios, os peccados da sensualidade e as desgraças da avariose luetica.

Aqui está a grande therapeutica do futuro: a educação sanitaria, que por si só será capaz de limitar e reduzir a frequencia das molestias.

Firmar-se-se-ia assim a selecção de capacidades dynamicas, a serviço de uma mentalidade de escol, o apuramento racial, trabalhado só pela Hygiene, que será a therapeutica de amanhã.

Emquanto, porém, se não adquirem essas energias novas, a medicina vae rumando o esforço do potencial humano com enxertos e hormonios, na intenção de beneficios, ainda que relativos, sem, entretanto, indagar da idade, da vitalidade e do estado de hygidez do animal, si se não quizesse ainda levantar certas duvidas sobre o valimento desses recursos. Gley ousa pensar que “a doutrina das secreções in-

ternas se alarga e a base sobre a qual repousa é cada vez mais estreita”, e o affirma porque tem o senso de observar que “o verdadeiro criterio da função da secreção interna é a presença de um producto especifico no sangue venoso de uma glandula, e este producto se não encontra”.

Conta Fiessinger “que a hypophyse do boi pesa 2 grammas e 20 centigrammas, sendo 0,80 cent. para o lobulo anterior e 0,40 cent. para o posterior; e depois de prompto, pesa 0,50 cent. o lobulo anterior e 10 cent. o posterior.” “A medicação pelo lobulo posterior necessita a hypophyse de 3 bois por dia. Supponha-se que 100 bois sejam disponiveis para cada doente, cifra media precisa ao successo da medicação. Para 10 doentes seriam necessarios mil bois, e para 100 doentes 10.000 bois”.

O *estoque* de extracto hypophysario, existente nas drogarias e pharmacies do Brasil, provavelmente representa o sacrificio de muitos milhões de bois, a não ser que a substancia se tenha incorporado á bula, e immanente na inscripção, os resultados therapeuticos sejam aquelles que se obtêm com a fé, que tambem cura, algumas vezes; e ainda porque os “resultados therapeuticos, outras vezes, fundam-se na marcha espontanea da molestia para a cura e na acção emotiva creada pela confiança no remedio”.

A promessa commercial é que é lisonjeira, e ahi está porque frequentemente novos laboratorios se installam nos centros da grande cultura medica e despejam no mercado milhões de bois reduzidos a com-

primidos de 0,10 cent. de hypophyse, com a sanção do D. N. S. P., e aconselhado e prescripto na clinica de todos os medicos, ao mesmo tempo, na mesma data, como si a população destes brasis fosse toda basedo-weana, parkinsoneana, acromegalica, soffresse, emfim, de gigantismo, de infantilismo, dando a impressão de habitantes da Lua, pequeninos, chatos, deformados, cujos ossos têm a consistencia da cêra, cu de typos formidaveis, como o Cyclope que devorava um boi de uma vez e comeu dois dos companheiros de Ulysses. A descrença já vem offuscando o *brilho* da panacêa, e Deus encaminhe melhor o pensamento dos homens de responsabilidade nos destinos da collectividade, orientando-a no cultivo das defesas naturaes contra os males que a empolgam, e a alegria de viver seja a expressão luminosa de quantos sentirem a alma sadia num corpo são.

Assim como assim, vivendo o homem ao jugo de um soffrimento diuturno, as sobras dos vintens que lhe ficam das despesas com uma alimentação detestavel, com uma indumentaria horrivel, mal chegam para os remedios contra a sua dyspepsia, a chlorose dos filhos, a neurasthenia da esposa, a hepatose da sogra, a nephrite do irmão, a hysteria da cunhada, vendo-se á mesa, ao lado de cada commensal, a dyspeptina, a hemoglobina, o extracto hepatico, a renina, a ovarina, encharcando, causando nauseas, fatigando o organismo a ingestão de *venenos* do boi, da ovelha, do porco, caminhando todos, mais depressa, para a morte.

Será uma excepção surprehendente o lar, opulento, modesto ou pobre, que não tenha á mesa um vidro qualquer de remedio. Nos bailes, nos banquetes politicos, nos theatros, nas festas civicas, nos casamentos e baptisados e até no carnaval, nenhuma palestra corriqueira ou sisuda, terminá sem uma queixa de molestia, sem uma historia de doença, sem uma passagem de tristesa.

E' lamentavel e tristissimo viver-se entre duendes paramentados á ultima moda, cobertos de trapos multicores, tresandando a essencias carissimas, e sob cujas rendas movimentam-se orgãos lesados ou insufficientes, pela culpa dos nossos educadores, que não cuidaram ainda do factor essencial e por si só capaz de transformar o debil e macillento numa fortaleza de resistencias vivas — a Eugenia...

.. .. .
.. .. .
.. .. .

OBSERVAÇÕES

As resultantes da vida de relação, expressas pelo funcionamento diuturno do aparelho visual, constituem um thesouro para o espirito.

As quantidades de luz apanhadas nas impressões da retina, chegando aos centros nervosos, se decompõem em sensações proteiformes e acções polymorphas, segundo a natureza que as recebeu.

O estado d'alma será capaz de "ver" no infinito das trevas tudo quanto a imaginação possa crear no luminoso do ether.

Si o excesso de luminosidade feriu duramente as papillas retineanas, a ponto de inundar o systema da percepção, desvirtuando as impressões que se materializaram em acções diversas, plangendo ou não a nossa sensibilidade, a figura real das coisas se desvirtua de modos differentes, levando aos centros superiores, pelo centripetismo das impressões, aquillo que se não contem nos objectos e causa das sensações.

Da imagem reflectida no subconsciente ter-se-á significação aberrante, em intensidade e volume, si o

espírito que condiciona a impressão reflecte o illogismo da percepção, guardando a imagem sem lhe des-trinçar a natureza.

O raciocínio, a serviço de maior ou menor quantidade de luz, intensifica o clarão que melhor illumina a razão e apreheende a origem das sensações. “Ver”, pois, na exactidão do vocabulo, é coisa que se não define precisamente.

No homem, a funcção visual está a serviço da sua mentalidade.

O ignorante não vê no céu mais do que pontos luminosos numa noite estrellada, emquanto que o astrónomo descobre nas constellações outros mundos desconhecidos; presente e assiste as convulsões do sol, avistando pontos negros, que não irradiam mais; determina a existencia de outros soes; estuda as phases de todos os astros, presente-lhes tambem o fim, mede-lhes as distancias, a grandeza, estuda-lhes as atmosferas, como é incapaz o medico de “ver” com a precisão do astrologo aquillo que se passa na mechanica cerebral, quando o psychismo abrolhou na inconsciencia da loucura ou da ignorancia.

E’ impossivel “ver” tudo. A cultura universal compõe-se da heterogeneidade dos conhecimentos humanos, cada individuo representando uma fracção da sabedoria.

O archeologo, o musico, o mechanico, o naturalista, o caldeireiro, o pintor, o esculptor, o navegador e demais obreiros da civilização devem saber todos os segredos da sua arte ou sciencia; e, então, as suas

observações, os seus estudos, medidos, calculados, re-
ctificados, não deixarão duvidas no seu espirito e ve-
rão talqualmente concluem. Entretanto, si o medico
prevê a morte de um uremico em poucas horas, leva
o pobre homem dias infinitos numa agonia que custa
a findar; si promete a cura a um simples grippado,
acompanha, no dia seguinte, ao cemiterio o cadáver
do seu cliente; si desengana um mutilado, sem braços
e sem pernas, ferido no ventre, cujas visceras se ma-
chucaram numa contusão violenta, menses depois se
restabelece, ganhando a vida como pode.

Deu entrada no Hospital "J. B." um operario,
que demolindo um predio, foi precipitado do alto com
o desabamento de uma parede, que lhe esmagou um
pé, fracturou-lhe a clavícula e duas costellas esquer-
das, escoriando-se ainda grande parte da face pos-
terior do thorax. O accidentado entrou sem sentidos,
com 120 pulsações e 42 respirações por minuto. Pre-
parado para a intervenção, fez-se-lhe amputação, a
chloroformio, augmentando-se-lhe, assim, o choque;
aggravou-se-lhe o estado geral na intenção de sal-
val-o, e durante 24 horas o desgraçado continuou sem
esperanças de vida; e quando ninguem mais acredita-
va na sua salvação, eil-o que desperta e volta muito
mais tarde a trabalhar, arrimado, embora, numa per-
na de páu.

Outra vez occupou um dos leitos do mesmo hos-
pital um doente que recebera uma formidavel contu-
são na região fronto-parietal esquerda, cujo golpe
foi produzido pelo "olho" de uma enxada, vibrado

traíçoeiramente por um inimigo e por questão de terra. Ainda assim poudo o ferido montar a cavallo e andar tres leguas para chegar á sua casa, onde não poudo mais apear-se, nem fallar. E nove dias depois, aphasico, hemiplegico, procurou o Hospital "J. B." onde os primeiros curativos descobriram uma ferida circular, com tres centimetros de diametro, destruindo todo o couro cabelludo correspondente e afundamento da lamina ossea, nos limites da ferida. Retiradas as esquirulas, em numero de oito, ficou a duramater á flôr da ferida, sem lesão apparente, pulsando as meningéas num rythmo bradycardico, e deixando prever claramente a imminencia de uma escleromeningite.

A historia clinica do caso, expressada na aphasia, na paralysis brachial direita, ausencia do cremasteriano correspondente e na bradycardia, fallavam no interessamento da terceira circumvolução frontal, séde da lesão.

A reeducação da palavra, passando o enfermo pelas agruras da dysarthria, os vexames da dyslalia, trouxe, por fim, o restabelecimento da articulação dos sons, e mêses depois o paciente poudo voltar á sua actividade, ainda que com as resistencias diminuidas.

Este caso, que comportaria interessantes comentarios scientificos no terreno dos traumatismos cerebraes, estudando-se a sua exteriorização psychodynamica, si fosse nosso intento esmiuçar questões dessa natureza, foi tambem observado pelo Dr. Heitor Carrilho.

O que vem á prova não é a significação anatomo-clínica da lesão; mas a gravidade e a natureza do ferimento, comportando um prognostico dos mais terribéis, pelo estado septico da ferida, pela séde lesional, pelo complexo de alterações motoras, pela ensenação morbida de que se revestiu o caso, deixando duvidas sobre alterações somáticas irremovíveis do systema cerebral.

Tudo passou, e o observado voltou a cultivar os campos, onde a morte ia o colhendo, deixando os observadores das surpresas medicas intrigados com a natureza, que lhes não ensina a desvendar essa coisa transcendente, que é a resistencia de cada um, porque outros escorregam num grão de milho, cáem e morrem, quando golpes mais violentos sobre o craneo, noutros individuos, fazem apenas pequenos hematomas ou “gallos”.

O determinismo morbido é intrinseco á vida celular. As resistencias fallecem naquelles cujas defesas nasceram minguadas. A semente que é má e chega a germinar não esconde a pequenez do talhe e supporta mal os raios de luz que nutrem os outros animaes.

Contou-me um velho agricultor, conspicuo e honesto, que certa vez, á porta do seu engenho, travaram-se de razões dois trabalhadores, um dos quaes, num gesto de loucura, arremessou contra o adversario a sua foice afiada, que attingiu a cabeça do adversario, levando para traz extensa porção do couro cabelludo. O sangue cobriu a face do ferido, e os outros companheiros, “mais que depressa”, trouxeram

para frente o couro arregaçado e cobriram a calotta com excremento de boi, recentemente eliminado, parando de prompto a hemorragia. As sequencias foram admiraveis: cicatrizou a ferida "per primam", e corou de espanto a asepsia contemporanea.

A cirurgia actual amparada por uma esterilização insuperavel, abre um abdomen, arranca de lá um cysto pediculado, sem adherencia, quasi solto no ventre, de cuja ablação não houve dez gottas de sangue, refaz os planos musculares, em sutura distincta, consolida as paredes com crina, fecha a pelle com agrafe, e cinco dias depois a peritonite leva a pobre creatura, deixando o cirurgião, quando não o podem accusar, nem á asepsia, acreditando naquillo que lhe dizem os doutores, isto é, que os germens da flora intestinal immigraram até a séde dos ferimentos, sendo a causa do desastre.

Fui acudir certa vez, pela madrugada, um ferido por arma branca, que ingressára no Hospital "J. B.", apresentando um ferimento de navalha com 15 centimetros de extensão, na face anterior do thorax, interessando quatro cartilagens costaes, pleura e pulmão, e outra na face antero-interna da coxa, com 28 centimetros de comprimento, attingindo todos os tecidos molles e por milagre não ferindo o feixe vasculo-nervoso. O estado do ferido, embriagado e anemiado por profusa hemorragia, contraindicava qualquer anesthesia, e alli mesmo, no proprio leito, depois de uma ligeira pincelagem de tinctura de iodo, affastei os bordos da ferida thoracica para me orientar

sobre as condições da lesão e o caminho a seguir, quando um jorro de sangue borbulhou através da abertura, por onde soprava o ar com ruido humido, espantando a assistencia. O pulso do enfermo era incontavel, e pensando mais em recompor um cadaver do que na refecção de planos anatomicos, suturei apenas, com pontos separados, os tecidos molles e abandonei o doente ás suas proprias defesas. E quando mais tarde, de novo no hospital, abordei o leito do turbulento, quasi não o reconheci: passára a embriaguez, e agora sentia-se bem, e antes de trinta dias pediu alta, curado.

Numa explosão de gazolina, a bordo do “Chancellor”, ancorado no porto de Natal, quando se procedia o espurgo daquelle cargueiro inglez, por notificação de dois casos de febre amarella, vindos de Cabedello, tres tripulantes e o immediato foram attingidos pelo explosivo, produzindo queimaduras de 1º gráo nos tres primeiros, na face e nas mãos, e do 1º, 2º e 3º grãos no official, que foi alcançado por um jorro do liquido inflammado, nos membros inferiores.

Transportados para o Hospital “J. B...”, os tres primeiros tiveram alta dentro de oito dias; mas o immediato, da raiz das coxas aos tornozellos, perdeu em gangrena todo o tecido cellular sub-cutaneo, levando sete menses num soffrimento atroz, numa suppuração quasi invencivel, perdendo albumina, retendo muita uréa, inappetente, insomne, longe da patria, da fami-

lia, e venceu tudo, cicatrizando, sem deformação, a vasta superficie queimada.

Entretanto, uma joven, por questão de amor, ateou fogo ás vestes, e em tempo acudida, ponde o fogo queimar-lhe apenas todos os cabellos, o hombro e braço esquerdos e ligeiramente a face anterior do thorax. Recolhida ao hospital, duraram apenas tres dias o seu soffrimento e a sêde insaciavel, morrendo em delirio convulsivo.

Numa manhã, quando passava visita ás enfermarias do meu serviço, entrou, certa vez, uma mulata velha, ensanguentada e ebria. Contaram-me que a pobre creatura, atravessando uma rua, recebeu de frente a chifrada de uma vacca, arrombando-lhe a bexiga. Posta na mesa, verificou-se, de facto, que o chifre alcançara o septo vesico-vaginal, rompendo-o na circumferencia da arma do animal. Feita na mesma hora a sutura da bexiga, por afrontamento, oito dias depois retirou-se a sonda de demôra, e a cura foi definitiva. Entretanto, quem já praticou a refecção da bexiga, por fistula vesico-vaginal, por qualquer dos processos conhecidos, sabe como é ingrata essa intervenção; e sei de mim que já operei seis creaturas e só numa consegui a consolidação da sutura, e contam que um cirurgião francez praticou quatorze vezes, numa unica paciente, a mesma operação. Que sei eu dessa disparidade de resultados?

Um velho de 71 annos, portador de uma hernia inguinal, teve um dia um estrangulamento inevitavel, após um violento esforço. Convidado para soccor-

rel-o, encontrei o pobre homem tomado de dôres ter-ríveis, vomitos biliosos, febre, e localmente um enorme volume tomava toda a bolsa escrotal, que era vermelha, não supportando o velho enfermo nenhum contacto. Aconselhei a intervenção immediata, e o doente baixou ao hospital; e quando se lhe foi dizer que a operação seria naquella mesma tarde, recusou terminantemente operar-se e voltou á sua casa, levando dias inteiros de soffrimentos, limitando o seu tratamento a compressas quentes; e quando sentiu que as dôres o iam deixando, tentou elle proprio a redução, a que se acostumára a fazer, conseguindo, num dado momento, a victoriosa redução.

Outro, em identicas condições, quasi da mesma idade, foi operado na propria residencia, e... morreu.

Não se vá concluir dahi que a abstenção operatoria seja o caminho a seguir nos casos de hernia estrangulada, e sim que as resistencias individuaes ven-cem difficuldades que nos deixam boqueabertos.

E' que tambem não sabemos quem, operando-se, morre ou fica bom.

Essa serie de factos demonstrativos da força ingenita, e não somente dos recursos empregados para a cura dos doentes, vem a proposito da expressão corriqueira que se emprega com o verbo "ver", não só em medicina, mas em tudo que prende a attenção humana. Ora, "ver" para o medico não importa apenas em olhar, alcançar com a vista, e demais accepções; e bem razão tinha Garret quando dizia que "o

olho nú do homem não “vê” na terra mais que a duvida, a incerteza, a forma que engana e erra”.

Presume-se que o medico conhece as disciplinas que cursou na escola, principalmente aquellas sobre as quaes se assenta todo o edificio da clinica, bem como os meios scientificos pelos quaes pode enveredar o seu raciocinio no intrinçado da symptomatologia de todas as molestias. “Ver” para elle, pois, é rebuscar na sua cultura, na experiencia dos outros e nas suas observações tudo quanto possa elucidar o que se apresenta, orientando um tratamento firmado não só na symptomatologia e epiphenomenos, que se conduzem em determinado observado, mas tambem nas provas convincentes do laboratorio.

。 Ora, acerca-se, por exemplo, um medico de certo doente, que accusa apenas cephaléa intensa, febre alta e vomitos rebeldes. O esculapio ouve-lhe a historia pregressa, indaga das excreções, percute, palpa escuta e nada encontra que lhe explique a causa daquelle estado. Faz uma medicação symptomatica, e no dia seguinte, quando torna a “ver” o seu doente, é o proprio cliente que o vae receber, bom, curado, consultando apenas si deve ir ao emprego, trabalhar, indagando ainda do esculapio o que fôra aquillo, o que tivéra? E o pobre medico, um tanto desconcertado, diz-lhe qualquer coisa para não ser taxado de ignorante, pelo seu doente, ainda que lhe caiba muito bem o adjectivo.

Outra vez o mesmo esculapio “vê” outro enfer-

mo, que geme com uma cranealgia forte, vomita egualmente e tem febre elevada.

Sabida a sua historia, explorados os seus orgãos, fica o medico ainda sem saber a que atinar deante daquelle simples quadro, e prescreve um evacuate e um anti-nevralgico, que aggravam o estado do enfermo, que entra em coma, para morrer ao romper do dia.

Agora ninguem vae receber o medico, que volta a “ver” o cliente, entra e fica atonito, admirado daquelle desenlace, mas apparentando calma, finge ter previsto aquella morte, esboçada apenas na mesma symptomatologia que foi um nada no primeiro caso. E o attestado de obito leva um “ictus apopletico com inundação dos ventriculos cerebraes”, ou coisa mais retumbante, para justificar a violencia da morte, mesmo porque tudo que se dissesse a respeito ninguem poderia contestar, deante dos tres symptomas communs a todas as molestias febris.

Que “viu” o medico? Ainda que os seus grandes conhecimentos em clinica sobrassem em outros casos para elucidação de relevancia scientifica, nos acima citados é temerario affirmar ou negar qualquer hypothese que justifique a morte de um e a cura do outro.

Tive um doente, por longos seis annos, portador de lesões tuberculosas do pulmão, com eliminação de bacillos, verificada em successivos exames. A tosse, a bronchorrhéa, o fastio, os “resfriados” frequentes, um estado febril quasi continuo emmagreciam o pobre homem a passos largos. Certa vez, de volta do

sertão, onde ganhou alguns kilos, sentindo que as forças lhe voltaram, tentou uma viagem a Portugal, a sua patria. Foi primeiro ao Rio, e lá ouviu a um medico notavel sobre os seus males; e o clinico, ainda não sei porque motivo, depois de algumas perguntas, pediu ao consulente uma radiographia do seu estomago. Dois dias depois o meu amigo levou ao seu novo medico uma imagem muito nitida do seu estomago, em cuja pequena curvatura lá estava uma setta montada sobre um *ulcus*. E o grande medico, radiante de ter “visto” tão precisamente aquillo que os raios X estamparam no papel, poz o meu velho cliente num regime de leite e caldos, que o definiu tanto que quasi não o reconheci, tres menses depois, quando o encontrei naquella cidade.

Quiz aprender, e fui com o cliente ao radiologista, contei-lhe a historia do meu assistido de seis annos, que nunca apresentou nenhuma manifestação de ulcera gastrica e pedi-lhe outra radiographia. O tecnico, cavalheiro, solcito, attencioso, levou o “ulceroso” ao “ecran”, explicando-me a sombra do que se observava, tirou, por fim, a radiographia, levou-a ao negatoscopio, trouxe-m’a revelada e confessou que não havia ulcera, que num dado momento, numa contracção peristaltica, formára-se uma biloculação, simulando um “ulcus”. E o meu amigo não foi mais ao seu medico, e sim á “Rotisserie”, da Gonçalves Dias, onde comeu fartamente.

A perspicacia do notavel clinico valeu a leitura radiographica. E o meu velho cliente, aggravados

posteriormente os seus soffrimentos pulmonares, morreu dois annos depois.

Ora, o medico não auscultou o pobre homem, que certamente começou a sua historia fallando de males gastricos, intercorrentes nas molestias consumptivas; e na pressa de attender a outros, o esculapio, sem mais delongas, pediu uma radiographia de estomago, como pediria um exame de urina, um Wassermann, si a anamnese fosse tendente ás nephroses ou á syphilis.

Estou certissimo que a escuta não teria enganado mesmo a um noviço; mas o notavel confiou demais no “veneno”.

“Ver”, pois, para o medico é mais attributo da sua consciencia, servida por uma cultura scientifica elevada, do que função exclusiva do orgão na percepção luminosa.

Os cegos “vêm” as letras, isto é, conhecem pelo tacto todo o alphabeto, as notas de musica, tudo quanto se habituaram a pegar, ouvir e sentir, mudando apenas o caminho da percepção.

O mathematico assegura os seus calculos, o musico precisa numa onda de sons as notas que a compõem; mas o medico para determinar a natureza de uma molestia, cujo inicio se assemelha a innumeradas, precisa esperar que decorram dias, que o laboratorio o esclareça, quando a morte não suspreheende o doente antes das conclusões do clinico e do analysta.

Por via de regra, a therapeutica symptomatica combate os phenomenos alarmantes, e a natureza se

incumbe do resto. "Medicus curat, natura sanat".

A propedeutica, no que se refere á cardiologia, por exemplo, ensina os limites clinicos do coração, focaliza as vibrações do jogo valvular, classifica os tons, estuda os sopros, os ruidos, mede o rythmo, a tensão, etc.; e entretanto, num doente que falleceu no Hôspital "S. F. A.", apresentando o cortejo de uma tuberculose pulmonar, com muitos signaes estetoscopicos e febre vespéral, escarrhos hemoptoicos, a necropsia revelou a integridade dos pulmões e a existencia de um immenso aneurisma da face posterior da aorta.

Occupou, certa vez, o leito n. 24 do Hospital "J. B.", um rapaz de 19 annos, muito palido, pardo, solteiro, agricultor, cujo passado e antecedentes familiares não accusavam manifestações lueticas.

Contou que, numa limpa de roçado, fôra mordido por uma cascavel, bem no tendão de Achilles, onde se notava uma cicatriz da queimadura, que lhe fizera um curadeiro para livral-o da morte.

Disse mais que, quando menino, teve "as febres", designação generica que se prende ás infecções febris do aparelho digestivo e ao paludismo; sarampão e "papeira" ou cachumba.

A' palpação não se sentia nenhum órgão abdominal mudado de relações; a percussão limitava os logares occupados normalmente por cada órgão. A' escuta, ouvia-se nitidamente sopros por todos os focos; os apices nada revelaram, e sentia-se, de alto a baixo, claramente, a integridade dos pulmões. O

exame nyctemeral da urina, cujo volume foi de 890 c. c., accusava vestigios de albumina, baixa de uréa e do chloreto de sodio, e não havia cylindruria. As pesquisas coprológicas demonstraram apenas ovulos de tricocephalus. Que deveria ser? Nephrose? De que natureza? A baixa de hemogloblina era de 60%. Não havia ruido de galope; tudo indicava que os sopros eram anorganicos. Fiquei, entretanto, na hypothese de uma nephrite, cuja natureza escapou na historia pregressa do enfermo, que não usava bebida alcoolica e datavam de muitos annos “as febres” que contrahira. Submettido a regime lacteo e á medicação electiva da função renal, o estado do enfermo, a principio immutavel, foi-se aggravando a pouco e pouco até a morte, quando pelo nariz, bocca e anus sahiram innumerous ascaris, com surpresa do laboratorio official, que assignalou na ficha do rapaz apenas ovulos de trochocephalus. Este caso foi do tempo da primeira commissão de Prophylaxia Rural; e creio muito numa troca de material.

A medicina não conhece o organismo humano nas suas particularidades; e ainda mesmo que se faça um diagnostico exactissimo, faltariam ao medico elementos para garantir a cura dos seus doentes, e os recursos que a sciencia dá para a elucidação de todos os casos falham muitas vezes.

O laboratorio, numa pesquisa de Koch, nega, por exemplo, a presença do bacillo, ainda que os signaes clinicos concordem com uma tuberculose; e para explicar o facto dizem os doutores que o germen de

sahida pode ser só o streptococcus ou comparsas outros da suppuração, como pode acontecer não se caracterizar nenhum outro germen. O Hansen tem sido negativo em innumerous individuos suspeitos de lepra, cujas manifestações occultas chegam demais para disseminar a ruina por toda parte; mas a sciencia não tem ainda um meio infallivel de pesquisar a lepra, e aquelles de que lança mão o analysta falham constantemente. Si os elementos de diagnose são inseguros e reduzidos, precarissimos são os recursos da therapeutica que se condicionam ás indiosyncrasias e ás resistencias individuaes. E dahi essa quantidade de substancias medicamentosas, com applicações variadissimas e effeitos differentes, causando um bem relativo a uns e desastres noutros individuos, ainda que portadores dos mesmos males. Desse modo, que culpa tem o medico si não acertou o diagnostico, ou si tal ou qual medicamento, aconselhado em taes casos, não surtiu effeito, ou sacrificou o paciente? Pois não é assim a medicina, desde os começos da humanidade?

Essa heterogeneidade de principios foi que fecundou escolas, processos, methodos de tratamento; e si na Grecia antiga Chrysippe proscrevia a alimentação nos doentes febris, Dioxippe negava-lhes agua, Broussais sangrava-os até desfallecerem, e cada um dos taes procurava convencer das vantagens do seu methodo de tratamento.

Na Edade Media “dava-se contra o cancer e com “grande successo” um unguento composto de de-

jecções humanas". Era a cultura scientifica da epoca ; e si agora pouco differem os processos de cura, não caberá aos medicos responsabilidade pelo inexistência dos tratamentos, nem pelas surpresas dos desastres

Todo methodo que inicia uma phase nova no tratamento de certa molestia, cria immediatamente um numero consideravel de adeptos, e vem cada dia uma phalange propagar, pela imprensa, numerosa observação reclamando, afinal de contas, um medicamento conhecido desde os começos do mundo, ou um processo de cura já usado no passado da velha medicina.

E não é o caso da paralyisia geral com a malariatherapia, cujo poente já se vem fazendo com a substituição da plasmodia pela vaccina anti-cancrosa, por ser mais isenta de perigos, conforme dizem os doutores?... Ora, na verdade!... Vaccina anti-cancrosa para curar a paralyisia geral, a tabes e.. a epilepsia de Luiz XI. E que bella a theoria que explica o processo do choque pyretico, modificando o estado neuro-psychico, consequente á "deflagração" das suppostas lesões no systema cerebro-medullar!...

.....
.....

Um dia, faz precisamente tres annos, trabalhava no meu consultorio, pelas 16 horas, quando recebi um "chamado" urgente para "ver" uma senhora, que desde 8 horas da manhã, estava entre a vida e a morte. Fui depressa; e o quadro clinico que se apresentava era dos mais graves: vomitos incoerciveis, suores

profusos, acompanhados de gemidos e exclamações, commoviam a todos. Era uma senhora nova, forte, muito forte mesmo, da alta sociedade, casada, mãe de uma unica filhinha. Sempre deitada sobre o lado direito, tinha a coxa em flexão sobre a bacia, cuja posição era a unica que a alliviava um pouco. Banhada em suores, a sua temperatura era de $37^{\circ} 1/2$. A sua historia é curta: Pela manhã, após o café, em plena saúde, quando revia os canteiros do seu jardim, foi tomada de uma grande dôr no ventre, do lado direito. Chamado o seu medico, varios remedios foram ministrados, que não alliviavam, ao menos, mas aggravava-se o estado da illustre enferma; quando fui “ver” tambem aquelle quadro de agruras. E após ligeiro exame, porque não se podia movimentar, nem palpar a doente, a primeira coisa que me ocorreu foi um envenenamento, cuja idéa afastei logo depois do inquerito que procedi; pensando melhor, firmei o diagnostico de appendicite hypertoxica, cujo vomito negro de Dieulafoy o corroborou, uma hora antes da morte, pelas quatro da manhã, tendo a inditosa creatura soffrido vinte horas seguidas.

Não discutamos a tardança do diagnostico, para a therapeutica, que seria a cirurgica, porque mesmo que si o firmasse immediatamente, não se deveria contar com os beneficios da operação nessa forma de appendicite. E que elementos seguros teria o medico para, antes do vomito negro, se firmar num diagnostico de appendicite? E por que não uma oclusão, uma salpingite, a ruptura de um cysto tubario, etc., etc.,

etc.? No caso presente, pela historia que pude ouvir do marido da infeliz senhora, pareceu-me mais plausivel a hypothese de uma appendicite, vindo em seu auxilio o tal vomito negro. Ora, semelhante diagnostico, quando já não é mais possivel nada fazer pela doente, tem o valor de uma necropsia, isto é, ás vezes aproveita apenas á medicina experimental. Como é difficil a medicina! E todo mundo é medico...

Um meu amigo, certa vez, pediu-se para ir “ver” um seu afilhado, de dois annos de idade, que adoecera, havia dois dias, e estava para morrer. Fui. Era um doente pobre, filho de um humilde barbeiro, pae de prole numerosa. Encontrei a creança dentro de uma rêde, vivo apenas. Ardendo em febre, com 41° grãos, lavado em suores frios, tachypneico, indifferente a tudo, sem sentir ruidos nem contactos, sem reacção pupillar, com um ventre enorme, tympanico, duro e respiração estertorosa dos preagonicos. A molestia não teve prodromos: começou como estava, disseram-me os paes; e por mais que pensasse e indagasse de minucias para seguir a pista de uma doença qualquer, nada conclui, e mesmo certo de que tudo seria inutil, ainda que atinasse com a natureza daquelle estado, tal a gravidade do caso, nada receitei, dizendo francamente, ao pae do menino, que tivesse paciencia, pois sendo o caso inteiramente perdido, não valia a pena gastar dinheiro com remedios; e sahi compadecido daquelle pobre homem, que ia perder um filho. No dia seguinte, á tarde, por acaso, encontrei-me com

o “figaro” que, muito contente, foi dizendo que o seu pequeno “estava bom”...

— Bom? — Perguntei.

— Sim, doutor ; bom.

— Mas... como assim?

— Eu lhe conto. Uma das minhas comadres, madrinha do menino, sabendo do parecer de V. S. pediu-me licença para ministrar á creança um purgante de “batata de purga”. Como V. S. tinha desenganchado o doentinho, si a creança morresse era porque tinha de morrer. E então ella preparou uma “dose” e deu, ás colherinhas, porque o menino quasi não engolia mais. O que é facto, seu doutor, é que antes de amanhecer o dia o pequeno chorou, e foi tanto o effeito da “batata”, que eu já tive mêdo. E acordou hoje, cedinho, pedindo pão com leite”. E eu “vi”, então, o tamanho da nossa ignorancia, e foi quando lembrei-me do conselho popular de nunca se perder as esperanças de salvar alguém, porque as resistencias naturaes valem mais do que a sabedoria humana...

Seria interminavel a serie de factos semelhantes, em todos os ramos da medicina, si quizessemos historiar ainda as surpresas que se nos deparam, a todo instante, algumas de tristissimas consequencias e outras de comico desenlace. Para encerral-as, vou contar a que acaba de ser observada pelos clinicos do Hospital “J. B.”

Uma senhora, residente no interior do Estado do Rio G. do Norte, agora minha cliente, de compleição delicada, casada, com 27 annos de idade, morena,

sem antecedentes lueticos, nem historia morbida que interesse a anamnese, pois refere apenas que aos tres annos soffrera de ictericia, contou que fôra “môça” aos 12 annos, casou aos 17, e onze mêses depois teve o seu unico filho, que nasceu forte e continúa sadio. Disse ainda que no dia do supremo sacrificio, tres horas depois do inicio do *trabalho*, sentaram-n’a na borda de um cadeira, ao mesmo tempo que a *curiosa*, assentando-se no chão, a seus pés, “mammando” um caximbo sarrento, foi logo agindo, rompendo o “sac-co”, e arrancando a creança, a placenta e o utero!... Por entre as dôres que sentira, poudes perceber que a malvada quebrava alguma coisa, que depois lhe disseram ter sido a placenta, que a maldita descollava, fazendo em seguida uma expressão violenta, tentando repôr o órgão invertido e donde arrancára as “secundinas”. Referiu tambem que nessa hora perdeu a noção do logar, sentiu fugir-lhe a vida e o mundo rodava-lhe em torno. a hemorragia extenuou-a, e difficilmente conseguiu fallar, mais tarde, para pedir “agua, muita agua”. Levou perdendo sangue cerca de vinte dias, tendo tido febre apenas na primeira semana; e desde então nunca mais gosou saúde, sempre muito pallida, tendo perdas maiores por occasião das regras.

Examinada por mim e mais dois collegas do serviço hospitalar, nos encontramos os tres deante de um caso de inversão total do utero, causada por tracção do cordão, quando na violencia da expulsão, a “curiosa”, sem um plano proximo para deitar a creança,

recebeu-a nas proprias pernas, pouco se lhe dando a tracção do cordão sobre o fundo do utero, onde adheria ainda a placenta... Ao simples contacto do speculum, o endometrio sangrou, cujo aspecto vermelho-escuro e sujo de muco-pus denotava séria alteração tissular. Trazido o utero para o exterior, com a pinça propria de tracção, vimos precisamente o seu polo posterior formado pelo collo, cujo diametro parecia, á simples inspecção, seis vezes inferior ao globo uterino. Tratando-se, pois, de um caso affecto á cirurgia, assegurei ao marido da infeliz senhora que só uma intervenção sangrenta resolveria a situação, acreditando mesmo que o sacrificio do órgão seria condição essencial á vida da paciente. Todavia iria praticar os conselhos de Pozzi, tentando uma redução á taxis, ainda porque no "Traité Médico-Chirurgical de Gynécologie", de Labadie, Lagrave et Legueu, ha um caso de Audigé reduzido por processos compressivos, numa inversão de trinta annos. Começaria, pois, por pressão continua e persistente, aconselhada ainda por Hofmeier, que, a seu ver, nunca fallhou. O tamponamento com a gaze iodoformada, aconselhada por Pozzi, renovada de tres em tres dias, dá, segundo este mestre, resultados surprehendedes. Ora, é corrente hoje em gynecologia que as inversões agudas são de redução facil e efficaz; e a proposito li na "Revista de Gynecologia e d'Obstetricia", que se publica no Rio de Janeiro, no seu numero 8, de Agosto de 1927, um estudo muito interessante do Dr. Oliveira Mello, dando varias observações colhidas na

Maternidade das Laranjeiras e na Pró-Matre. Affirma aquelle illustre collega que as inversões, consoante vem observando nos estabelecimentos acima e o affirmam Fernando Magalhães, o principe da Obstetricia no Brasil, e outros especialistas, ainda que de redução facil, expõem á morte, por gangrena, ruptura do utero e collapso, por hemorrhagias; e commentando as inversões chronicas, entende que só a hysterectomia resolve as situações taes. Discorrendo sobre o momentoso assumpto, não se refere o Dr. Oliveira Mello ás tentativas de reversão nas inversões chronicas; e certamente conhece os estudos de Pozzi e a observação de Audigé. Dizem os sabios da “côrte” que os esculapios provincianos são rotineiros; e por isto mesmo, antes de decidir uma intervenção sangrenta, quiz tentar uma taxis, no caso que venho apreciando; e no dia seguinte, depois dos cuidados preliminares de desinfeção e asepsia, iniciei os primeiros curativos. Comecei por trazer para fóra o órgão invertido, com a pinça de tracção de Collin, fazendo tracção moderada e prudente sobre os ligamentos largos, como que para romper possiveis adherencias peritoneo-anexiaes; e em seguida repuz o órgão na cavidade que o alojava ha nove annos, tamponando-a em seguida, fortemente, com gaze iodoformada. Esses mesmos cuidados foram renovados de tres em tres dias, deixando, porém, do 3º tratamento em deante, de proceder as tracções. E á medida que o utero se descongestionava, diminuindo sensivelmente de volume, eu via

que cada vez elle se insinuava sobre o anel, deixando prever uma reduccão á taxis.

Quasi sempre assistido pelos Drs. Ernesto Fonseca e Luiz Antonio, cheguei a lhes affirmar que a solução deste caso seria semelhante a da observação de Audigé, isto é, seria remediado pela taxis, deante dos progressos do amollecimento do collo e flacidez do globo uterino. E quando uma manhã, applicando o speculum, observei o fundo da vagina, encontrei apenas o collo largamente aberto, dando passagem a um dreno de Mouchotte nº 8 e medindo o hysterometro 7 centimetros de profundidade. Chamei os medicos que acompanhavam esta observação; viram demoradamente, examinaram com cuidado e interesse, e não puderam conter exclamações de surpresa feliz.

Coisa notavel: a doente nunca teve febre, nem hemorrhagia no curso do tratamento.

Combinada a palpação com o toque rectal, no seu legitimo logar ficou o orgão integro, reduzido sem taxis, apenas pelo tamponamento serrado e bem orientado, evitando-se assim a hysterectomia preco-nizada, e provando mais uma vez a Natureza que o homem ainda não resolveu definitivamente nenhum problema vital.

Para fins estatisticos, devo accrescentar que este é o segundo caso de inversão total chronica que observe, sendo que o primeiro não quiz se sujeitar a tratamento algum, e faz quatro annos que a paciente vive no sertão daquelle Estado penando os soffri-

mentos da sua fraqueza, causada pelas hemorragias, que a extenuam.

.....

Nestas condições e no estado actual da nossa civilização, o que resta ainda ao homem é fugir das molestias, pela Hygiene, para nunca ter necessidade dos medicos, que acertam por acaso e curam com as resistencias individuaes; não esquecendo os candidatos á medicina a celebre resposta de Sydenhann a um joven clinico, que lhe perguntando “que livros aconselhava para se tornar um bom pratico”, respondeu o “Hippocrate Inglez”: meu amigo, leia Dom Quixotte; eu o leio sempre”.



9
"A medicina não consiste
em mais do que fazer ingerir
drogas que se não conhecem, n.
um corpo que se conhece ainda
menos."

Voltaire

(Rodrigo Petrar, Coração aberto
pag. 118).

INDICE

Reflexões	Pag.	5
Medicos e Charlatães	"	27
Dos Clientes. O Rico	"	71
O Cliente Pobre	"	79
O Cliente de Distincção	"	85
Grandes Males. Alcoolose	"	89
Grandes Males. Syphilose	"	101
Duvidas	"	139
Grippe	"	151
Casos Clinicos. Cirrhoses	"	169
Cancer	"	207
Ulceras	"	237
Arte de Curar	"	265
Observações	"	305